CIÊNCIAS HUMANAS E OPÇÕES IDEOLÓGICAS (NO SUPLEMENTO MESA-REDONDA)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
SEXTA-FEIRA, 17 DE ABRIL DE 1970 N.º 16 998 ANO 50.º PREÇO 1$50

luz verde nos caminhos da FORTUNA
1 X 2
TOTOBOLA

AJUSTADA A TRAJECTÓRIA da nave Apolo-13 para a amaragem

HOUSTON, 17 — (A. N. I.; F. P. e R.) — O ângulo de inclinação da Apolo-13 é demasiado baixo para a reentrada na atmosfera pelo que é preciso fazer outra correcção de trajectória cerca de cinco horas antes daquela manobra — anunciaram informadores do Centro Espacial de Houston. Isto significa que o foguetão do módulo lunar «Aquário» funcionará pela quarta vez para trazer para Terra os astronautas em perigo.

DUAS IMAGENS reveladoras da expectativa com que tem sido seguido o regresso da Apolo-13 á Terra, após o primeiro acidente interplanetário com naves espaciais: Mary Waise (a mulher do astronauta Waise) e Donald K. «Deke» Slayton, chefe do corpo de astronautas

DO LANÇAMENTO À AMARAGEM

HOUSTON, 17 — (R.) — Damos a seguir uma cronologia actualizada da crise que malogrou a missão Apolo-13. Os tempos vão referidos á hora legal portuguesa.

Ás 20 e 13 do dia 11 de Abril, a cápsula Apolo-13 sai de Cape Kennedy com destino á Lua. Minutos depois o motor central do segundo andar do foguete impulsor desligou-se antes do tempo provocando a entrada em funcionamento dos outros motores e, portanto, o consumo do combustível de reserva.

Ás 22 e 48 o terceiro andar do foguete impulsor libertou a cápsula da atracção terrestre, lançando-a a caminho da Lua.

14 de Abril, 4 e 3: A 33 869 milhas da Lua uma explosão no módulo de serviço corta a energia e o oxigénio no módulo de comando, onde se encontravam os três astronautas. Uma hora e 10 minutos depois, estes são forçados a retirar para o módulo lunar a fim de poderem utilizar as reservas de oxigénio, água e energia eléctrica. A decisão oficial para o cancelamento da emissão e regresso á Terra é dada ás 7 e 25 da manhã. Ás 8 e 44 a nave lunar põe em funcionamento um motor que a colocará numa órbita da Lua, primeiro passo para o regresso á Terra.

17 de Abril, 5 e 31: O motor é posto a funcionar pela terceira vez orientando a cápsula para um corredor que lhe proporcionará a entrada na atmosfera terrestre num ângulo favorável.

LOVELL, WAISE E SWIGERT, os três astronautas da Apolo-13, que após a anulação do seu desembarque na Lua devido a uma avaria na nave-mãe, estão de regresso á Terra em condições dramáticas, devendo amarar esta tarde no Pacífico

O ângulo mais baixo para uma reentrada em condições de segurança é de 5,9 graus. A Apolo-13 voa agora com um ângulo de 6,05 graus, explicou o director de voo Jerry Griffin, acrescentando que o melhor ângulo de reentrada oscila entre os 6,25 e os 6,75 graus.

Griffin fez notar que se não se realizasse esta manobra de correcção «a reentrada na atmosfera seria um bocado mais quente do que o normal».

É necessário conseguir um ângulo exacto de reentrada porque a fricção da nave com a atmosfera faz subir a temperatura a 2800 graus centígrados. Se o ângulo não for exacto o engenho

INICIADOS OS PREPARATIVOS

Entretanto, os astronautas, cheios de frio e fatigados, iniciaram, três horas mais cedo do que estava previsto, os preparativos finais para a manobra de reentrada na atmosfera.

A estação de «contrôle» autorizou-os a ligar desde já os sistemas eléctricos do módulo lunar que se encontravam desligados para poupar energia e encurtou em três horas o período destinado ao descanso, porque os tripulantes se queixavam de que não

(Continua na 11.ª página)

REFORMA GLOBAL DO ENSINO — PEDIU UM DEPUTADO

O GRANDE NUMERO de intervenções solicitadas sobre o aviso-prévio sobre a Universidade há três dias efectivado pelo deputado Miller Guerra, e a urgência do encerramento do debate sobre as Contas Publicas de 1968, obrigaram hoje a Assembleia Nacional a funcionar em dois períodos, de manhã e de tarde, ao terminar a antepenultima semana de trabalhos da actual sessão legislativa.

No seu «carnet», o primeiro-secretário da Assembleia, dr. João Bosco, registava esta manhã 17 inscrições de deputados para usar da palavra nos dois períodos, a maior dos quais (10) relativos ao aviso-prévio.

Assim, no primeiro período, aberto ás 11 horas, com a presença de 52 parlamentares, sob a presidência do eng.º Amaral Neto, usou da palavra, antes da Ordem do Dia, o Deputado Carlos Ivo, de Moçambique (sobre o Plano do Zambeze) e, na Ordem, sobre o aviso-prévio, os deputados Veiga de Macedo (do círculo de Aveiro), Eleutério de Aguiar (Funchal), Almeida Garrett (Porto), Joaquim Macedo (Porto) e Vítor Aguiar e Silva (Coimbra).

Por seu turno, para a sessão da tarde inscreveram-se, com o objectivo de falar antes da Ordem, o

(Continua na página central)

HOJE 40 PÁGS.—VISADO PELA CENSURA

DE ONTEM PARA HOJE

«SITUAÇÃO SOCIAL DA MULHER TÉCNICA E ENGENHEIRA»

Com uma mesa-redonda sobre a «Situação social da mulher técnica e engeiheira», prosseguiu a V Semana de Engenharia Químico-Industrial. A eng.ª D. Maria de Lurdes Pintassilgo, que actuou como moderadora, resumiu a situação actual da mulher, particularmente na Sociedade portuguesa, onde as escolhas no campo profissional são sobremaneira limitadas, em virtude das dificuldades de colocação.

As alunas de Engenharia Químico-Industrial, D. Maria da Conceição Bento e D. Isabel Correia, analisaram as causas da diferenciação profissional entre o homem e a mulher, facto permitido pela própria estrutura social, que relegou a mulher para segundo plano. A moderadora, afirmou, a dada altura, que era toda uma mentalidade que deveria ser modificada para que a situação se transformasse, nomeadamente a do empresário que atribui ao engenheiro um papel de capataz, julgando, por conseguinte, ser a mulher incapaz de exercer essas funções.

DAS CIÊNCIAS ACADEMIA

Na reunião da Classe de Ciências da Academia das Ciências de Lisboa, que decorreu sob a presidência do prof. Amorim Ferreira, o prof. Herculano de Carvalho apresentou uma comunicação sobre «A composição patiónica de algumas águas minerais portuguesas».

OITO FERIDOS NUM ACIDENTE

Ficaram feridas oito pessoas num choque entre uma furgoneta e uma «station», ocorrido na recta do Cabo, próximo da Estalagem do Gado Bravo. A furgoneta transportava mármore e era conduzida pelo seu proprietário, sr. José Maduxo, de Samora Correia. Conduzidos ao Hospital da Misericórdia de Vila Franca de Xira, os feridos foram ali tratados, ficando internado o sr. Francisco Luís Canadas, de 61 anos, casado; o sr. Rui Ferreira Soares, que seguia na furgoneta, recolheu ao Hspital de Santa Maria, em estado de coma. Os restantes seguiram para as respectivas residências.

COMANDANTE-CHEFE E COMANDANTE DA REGIÃO MILITAR DE ANGOLA

O general Sá Vianna Rebelo, ministro da Defesa Nacional e do Exército, ofereceu um almoço aos generais Costa Gomes e Oliveira e Sousa, novos comandante-chefe e comandante da Região Militar de Angola. Encontravam-se presentes, também, o secretário de Estado do Exército, o chefe do Estado-Maior general das Forças Armadas, o chefe e o vice-chefe do Estado-Maior do Exército e o ajudante-general; os secretários adjuntos da Defesa Nacional e o chefe do gabinete do ministro.

CUSPIDA DA AMBULÂNCIA

Em frente do Palácio Nacional de Queluz, uma viatura militar embateu com violência, numa ambulancia dos bombeiros voluntários locais, que seguia para a Maternidade Dr. Alfredo da Costa, transportando a sr.ª D Maria da Piedade Machado, casada, de 17 anos, em adiantado estado de gravidez, acompanhada pela mãe.

A ambulancia, que ficou totalmente destruída, foi atirada para uma distancia de 15 metros, tendo-se aberto a porta da retaguarda, ao mesmo tempo que era cuspida, agarrada á maca, a sr.. D. Maria da Piedade, que, além de contusões diversas, sofreu fractura da clavícula esquerda. Ficaram feridos, também, a mãe da senhora grávida e os dois bombeiros que seguiam na ambulancia O estado dos feridos não inspira cuidados; a sr.ª D. Maria da Piedade recolheu á maternidade Dr. Alfredo da Costa.

PROFISSÃO DE JORNALISTA: «GLORIOSA E HERÓICA»

O dr. Ramiro Valadão proferiu a conferência inaugural do ciclo de colóquios sobre « Imprensa no Mundo», promovido pelo Centro de Jornalismo da Mocidade Portuguesa. Encontrava-se presente, entre muitas outras individualidades, o secretário de Estado da Informação e Turismo, que presidiu á sessão inaugural do ciclo. No uso da palavra, o dr. Ramiro Valadão referiu nomeadamente, as raízes históricas do desejo de comunicar e informar, enumerou os diversos tipos de Imprensa e elogiou a profissão do jornalista: «gloriosa e heróica profissão.»

CONSELHO SUPERIOR DE FOMENTO ULTRAMARINO

Tomou posse do cargo de presidente interino do Conselho Superior de Fomento Ultramarino, no Ministério do Ultramar, o eng.º José Luís Abecasis, inspector-superior de Obras Publicas e Comunicações, vogal do Cnselho Ultramarino e presidente do Grupo de Trabalho do Limpopo. O eng.º José Luís Abecasis passa assim a desempenhar, em regime de interinidade, as funções que desempenhava o eng.º Arantes e Oliveira, actual governador-geral de Moçambique.

É ASSINADO AMANHÃ O NOVO CONTRATO DE TRABALHO DOS LITÓGRAFOS

É assinado amanhã ás 11 horas na sede do Grémio Nacional dos Industriais de Litografia e Rotogravura, um novo contrato colectivo de trabalho que vai regulamentar as relações entre profissionais da litografia e as respectivas entidades patronais.

A nova convenção de trabalho cujas negociações decorreram em quatro reuniões realizadas pelas partes interessadas, constitui um documento importante nas relações de trabalho no sector litográfico, pois além de consubstanciais aumentos da ordem dos trinta e cinco por cento concede, pela primeira vez nas Artes Gráficas, o pagamento do sétimo dia, férias que vão de 18 a 24 dias uteis mas com o pagamento do salário aos domingos intercalares, subsidio de férias de 50 por cento do salário do respectivo período, aumento automático dos salários, correspondente ao indice do custo de vida, terminado que seja o prazo de validade do actual contrato e enquanto decorrem as negociações para nova convenção colectiva e muitas outras inovações.

O novo contrato de trabalho é o resultado dos esforços e da compreensão dos dirigentes do Grémio dos Industriais de Litografia e Rotogravura e dos Sindicatos Nacionais que constituem a Federação Nacional dos Sindicatos dos Profissionais das Artes Gráficas.

Portugal participa na I Bienal do Livro em São Paulo

O fundador e há vinte anos, presidente da Bienal de São Paulo, dr. Francisco Matarazzo Sobrinho, reuniu-se com representantes dos órgãos de Informação a quem comunicou estar a ultimar a instalação do Museu Português de São Paulo, cuja inauguração prevê para breve

Informou, ainda, que será levada a cabo em Agosto próximo, naquela cidade brasileira, a I Bienal do Livro, em que Portugal participará com o patrocínio da Fundação Gulbenkian

Necrologia

FALECIMENTO

D. Glória Nunes de Barros

Faleceu a sr.ª D. Glória Nunes de Barros, de 87 anos, natural de Fornos de Algodres, mãe da sr.ª D. Laura de Barros Andrés e do sr. António Joaquim de Barros, e sogra do sr. dr. Amadeu Baptista Andrés e da sr.ª D. Cacilda Salgueiro de Barros.

O seu funeral, a cargo da Casa A. G. Magno, Ld.ª, da Avenida Almirante Reis, realiza-se amanhã, pelas 11 horas, da igreja de S. João de Deus, para cemitério a determinar.

FUNERAIS

Conde da Covilhã

Após missa de corpo presente, celebrada na Basílica da Estrela, efectuou-se esta manhã, ás 10 horas, o funeral do conde da Covilhã, dr. Julio Anahory do Quental Calheiros, seguindo para jazigo de família no cemitério do Prado do Repouso, no Porto, onde ás 15 e 30, foram rezados responsos. Centenas de pessoas de todas as categorias sociais estiveram naquele templo, durante a noite e esta manhã, até á saída do préstito funebre.

Membros do Governo, altas individualidades da vida nacional, das Letras e das Artes da actividade bancária, da industria e do comércio, representações das empresas dirigidas pelo extinto, de restaurantes típicos e casas de fado.

Entre as individualidades presentes contavam-se os ministros das Finanças e Economia e dos Negócios Estrangeiros, drs Dias Rosas e Rui Patrício, respectivamente; e o secretário de Estado da Informação e Turismo, dr. César Moreira Baptista; director-geral da Informação, dr Clemente Rogeiro; profs. Pinto Barbosa, governador do Banco de Portugal; Gonçalves de Proença, Paulo Cunha, Palma Carlos e Costa Leite (Lumbrales); almirantes Henrique Tenreiro e Sarmento Rodrigues; presidentes das Corporações, da Industria, do Comércio, respectivamente, dr. Augusto Sá Viana Rebelo e Manuel Silva e Sousa; drs. Cancela de Abreu, Tarujo de Almeida, Almeida Cotta, Veiga de Macedo, António Pedrosa Pires de Lima, António José Paisana e eng.º Saraiva e Sousa.

Ali estiveram igualmente, o dr. Ramiro Valadão, presidente do conselho de administração da R. T. P.; eng.ºs Manuel Bivar, director-técnico da E. N.; e Dinis Soares, vice-presidente da Camara Municipal de Lisboa; dr. Mário de Oliveira, do Banco de Angola; Eduardo Furtado, do B. Pinto e Sotto Mayor; Cupertino de Miranda, do Banco Português do Atlântico; Corrêa de Oliveira, do Banco Fonsecas e Burnay; drs. Almeida Conde, Bustorff Silva, Bráis Cabrita, Mário Gusmão Madeira, António Pitta, Rola Pereira, Mário Braga, Vasconcelos de Carvalho, nosso estimado colaborador, em seu nome e pelo Clube Filatélico de Portugal; arq.º Paulo Cunha, general Santos Costa e brigadeiro Dinis de Ayala; Julio Botelho Moniz, condes de Caria, de Castelo-Mendo, de Monsaraz, de Cabral, de Riba Tâmega e Bobone; D. António e D. João de Mascarenhas, etc.

A missa de corpop presente foi celebrada pelo rev.º Joaquim dos Santos Morgadinho, pároco da freguesia a que pertence a casa do extinto na Covilhã; e seguiram no préstito três auto-funebres cheios de ramos, palmas e coroas de flores.

SUFRÁGIOS

Menina Nídia da Conceição Viegas Paio

7.º ano de eterna saudade

Mandada celebrar por sua família é rezada amanhã, ás 19 e 15, na igreja do Campo Grande, missa pelo seu eterno descanso.

Daniel G. Rosa Duque

Comemorando o sexto aniversário do falecimento do sr. Daniel G. Rosa Duque, que foi regente agrícola da Junta Nacional do Vinho, sua viuva, sr.ª D. Alice Montez Rosa Duque, seus filhos e sobrinho, Mário Matos Rosa Duque mandam celebrar amanhã, ás 9 e 30, na igreja de S. Nicolau, missa sufragando a sua alma.

Sessão plenária do Conselho Ultramarino

Sob a presidência do sr. comandante Peixoto Correia prosseguiram, esta tarde, os trabalhos da sessão plenária regimental do Conselho Ultramarino, que se tem vindo a ocupar da revisão da divisão administrativa de Angola e de Moçambique, incluindo a criação de novos distritos em ambas as províncias.

Na sessão de hoje, além do vice-presidente do Conselho e do relator da sessão, dr. Elísio Vilaça, intervieram no debate os conselheiros drs. Gonçalo Mesquitela e Gomes Rascão, coronel Silvério Marques, drs. Pinto Furtado, Prazeres Pais, Silva Tavares e Armando Marques Guedes.

LÁ MINERAL
Em garrafas e a granel
LUSOSITE
Rua Armando Cardoso, 119
PORTO
TEL. 34637

Companhias Reunidas Gás e Electricidade

AVISO
AOS CONSUMIDORES

É aos domingos que podemos interromper a corrente em alguns locais onde se torna indispensável efectuar trabalhos de reparação e de ampliação da nossa rede de distribuição de energia eléctrica.

No próximo domingo, para esses trabalhos, estão designados os seguintes Sectores e Zonas:

2.º Sector — **Concelho de Lisboa:** Quinta de St.º António ao Bairro de Caselas e imediações. (Das 8 ás 12 h.).

3.º Sector — Trav. das Zebras á Cd.ª da Ajuda. (Das 8 ás 12 horas).

4.º Sector — Dua Domingos Tendeiro, Rua do Galvão, L.º do Figueiredo e imediações. (Das 8 ás 12 horas).

6.º Sector — Praça da Figueira entre as Ruas do Amparo e da Betesga. (Das 8 ás 12 horas).

10.º Sector — Estrada da Luz, entre o viaduto e vários arruamentos novos até á Rua do Seminário. (Das 8 ás 12 horas).

1.ª Zona — **Concelho de Oeiras: ALFRAGIDE:** Av.ª Conde S. Marçal, Rua João Pereira da Rosa, Rua Manuel Guimarães e imediações e B.º de Alfragide (parte). (Das 8 ás 15 horas).

2.ª Zona — **AMADORA:** Rua de Pangim, Rua Afonso de Noronha, Rua D. Dinis, Rua Centro Cultural e toda a zona vizinha do B.º da Reboleira. (Das 8 ás 15 horas).

3.ª Zona — **LEIAO/LICEIA** e B.º Auto Construção de Porto Salvo. (Das 8 ás 15 horas).

4.ª Zona — **Concelho de Cascais: ALCABIDECHE:** Cruz da Popa em Alcabideche (lado de Abuxarda). (Das 8 ás 15 horas).

5.ª Zona — Aldeia de Juso. (Das 8 ás 17 horas).

6.ª Zona — **ZAMBUJAL/RANA** e B.º Santo António. (Das 8 ás 15 horas).

7.ª Zona — Ribeira das Parreiras Talaide. (Das 8 ás 15 horas).

8.ª Zona — **Concelho de Sintra:** Algueirão Velho e imediações. (Das 8 ás 15 horas).

9.ª Zona — MACEIRA (Parte Sul). (Das 8 ás 15 horas).

10.ª Zona — **Concelho de Vila Franca: ALHANDRA/SOBRALINHO / CRUZ DAS ALMAS / ALVERCA / VERDELHA e linhas de A. T.** entre Alhandra e Verdelha. (Das 7 ás 14 horas).

Novo supermercado em Évora

ÉVORA, 17 — Abriu um novo supermercado nesta cidade. Situa-se na Praça Infante D. Henrique. O estabelecimento possui secções de talho, peixaria, mercearia e frutaria.

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

FIL
V SALÃO DE ANTIGUIDADES
ATÉ 26 DE ABRIL
FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA
HORÁRIO:
DIAS ÚTEIS, DAS 17 ÀS 24 HORAS
SÁBADOS E DOMINGOS, DAS 15 ÀS 24 HORAS
ENTRADA 5$00

Humphrey e Kennedy na mesma lista para as eleições presidenciais de 1972?

WASHINGTON — O antigo vice-presidente Hubert Humphrey está já a preparar a sua segunda tentativa para corrida á presidência dos Estados Unidos — as eleições de 1972—tendo preferido para companheiro de lista o senador Edward Kennedy.

Antes mesmo de ter anunciado a sua intenção de se apresentar ás eleições senatoriais no Minnesota, este Outono, Humphrey começou a preparar uma campanha, na qual o ultimo dos irmãos Kennedy pode representar um trunfo (se aceitar candidatar-se na mesma lista como vice-presidente) ou uma ameaça (caso resolva apresentar-se como candidato á presidência, numa lista concorrente).

Por JULES WITCOVER

(Exclusivo «The Los Angeles Times»- «D. L.»)

Embora alguns observadores continuem a entender que uma campanha Kennedy é de excluir, o certo é que os colaboradores de Humphrey são de opinião que Kennedy e Edmund Muskie, companheiros de lista de H. H. nas ultimas eleições, são os dois democratas que o antigo vice-presidente terá de vencer, nestes dois anos, para obter a nomeação do partido para as eleições presidenciais.

Esta opinião repousa na convicção de que Kennedy começou já a recompor-se das consequências do seu acidente de Julho passado e de que as hipóteses de uma candidatura do senador McGovern (Dakota do Sul) não passam de manobra de diversão dos partidários de Kennedy.

Humphrey pensa poder garantir o apoio de Edward Kennedy para a vice-presidência jogando no facto de ser essa a maneira ideal de o jovem senador ter novamente um papel político á escala nacional, capaz de o seduzir.

O senador do Massachusetts declarou em Julho passado que não se apresentaria como candidato á nomeação presidencial em 1972, e que, se fosse eleito para um segundo mandato completo pelo Massachusetts, no Senado, cumpriria esse mandato até ao fim. Desde então, a sua posição mantém-se imodificada.

Nesta estratégia, Humphrey deve ter em conta que o assento no Senado pelo Minnesota — deixado vago por Eugene McCarthy, seu adversário na Convenção Democrática de 1968 — tem uma importância capital, pois já chegou á conclusão de que as funções de professor no Minnesota são uma plataforma inadequada para um «regresso» político.

Preparar uma campanha presidencial com dois anos de avanço é um jogo muito arriscado, mas o simples facto de a preparar e de conferir um papel crucial a Kennedy, é indice da determinação com que o antigo vice-presidente pretende regressar á cena política e da sua convicção sobre idênticos propósitos da parte de Edward Kennedy.

Nota do dia

NÃO PERDER NADA

AMEAÇÁMOS ONTEM que voltaríamos a certo ponto referido de passagem mas para que não havia espaço nem tempo. Era ao dizer-se das necessidades, que talvez ao certo nem se saiba quais são, que neste País existam nas diversas especializações profissionais, «que nem todos hão-de ser doutores, mas todos hão-de ser precisos», dizíamos. E aí se acrescentava o propósito de voltar ao assunto, o que estamos a cumprir, pois ele bem nos parece da maior importância, tanto no que diz respeito às necessidades colectivas, como à própria valorização de pessoas algumas vezes contadas como náufragos no mar da vida.

Trata-se da recuperação de todos aqueles que, tendo chegado à Universidade, por qualquer razão decidiram ou foram forçados a interromper cursos e a dar outros rumos à vida. O que, como todos sabemos, acontece com alguma frequência por variadíssimas razões, a maior parte delas verdadeiramente respeitáveis, casos de família, situações imprevistas, pai que morre, negócio que fecha, casamento à vista, aí vai o curso, é preciso e às vezes inadiável é procurar emprego e ganhar dinheiro. O candidato, desta maneira em rotura com a Universidade, que habilitações vai exibir?

Acorda então para a realidade de ter oficialmente o sétimo ano do liceu, que hoje em dia, se escala das habilitações para concursos, anda ela por ela ao que talvez há 25 ou 30 anos se calculava o mínimo para as mesmas necessidades, ou seja a quarta classe do ensino primário. Esta «escalada» de exigências não é desgraça nenhuma, antes pelo contrário, é sinal de crescimento, mas não se ter em conta a passagem pela Universidade tem todo o colorido de um desperdício que não está de acordo com as nossas exigências que todos os dias ouvimos proclamar.

Do que se trata, então? Trata-se de promover que os cursos hoje ditos superiores sejam repartidos por graus ou secções. Quer dizer, a título de exemplo, um estudante de engenharia não faz o curso completo, mas faz metade, ou faz um terço, ou faz um grupo de cadeiras e tem de interromper. Parece razoável que esse trabalho, essa habilitação, esses conhecimentos lhe sejam contados de algum modo como credenciais para entrar na vida, atribuindo-se-lhe por isso, tanto quanto possível, um diploma e um título. Na hora das reformas, que chegou, isto tem que se pôr na mesa.

O que se diz dos engenheiros diz-se dos agrónomos, diz-se dos veterinários, dos médicos, como aliás se praticou já, em certa medida, com os juristas e neste momento, se pratica ainda com os cursos de Letras e de Farmácia. Será qualquer coisa, como ontem aqui se dizia, no género de meio médico, engenheiro auxiliar, técnico de contabilidade, o mesmo para todos os cursos onde isso seja possível. Fez uma parte do curso, apenas uma parte? É trabalho, é conhecimento, que precisam de ser aproveitados e valorizados. Não serve para tudo, mas serve com certeza para alguma coisa. São técnicos de primeiro grau, se quisermos, mas são úteis e necessários.

Na hora das reformas que parece ter chegado, julgamos que é uma situação a considerar, articulando o problema aqui posto com o do ensino nos institutos médios (industriais, comerciais e de regentes agrícolas), cujos programas se deverão conciliar com os das escolas superiores das mesmas matérias. E para começar vemos aqui a sugestão de duas hipóteses possíveis: ou extinguir esses institutos médios, substituindo-os pela frequência dos primeiros anos universitários, o que seria mau porque seria reduzir o pouco que temos, ou integrá-los na Universidade com o valor de um primeiro grau. São hipóteses de trabalho. Há-de haver outras • até outras razões. Mas o problema existe • aqui lhe damos expressão.

XIV FESTIVAL GULBENKIAN DE MÚSICA

● LISBOA ● 8 DE MAIO A 8 DE JUNHO ●

ESPECTÁCULOS DE ASSINATURA

SÉRIE A
GRANDE AUDITÓRIO ● COLISEU ● TIVOLI
MAIO: 8, 14, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28 e 30
JUNHO: 2, 3, 4, 5, 6 e 8
14 concertos sinfónicos, coral-sinfónicos e de música de câmara ● 2 espectáculos de ópera ● 3 espectáculos de bailado ● 1 sessão de jazz ● 1 espectáculo de música e dança japonesa

SÉRIE B
COLISEU
MAIO: 16, 18, 22, 23 e 28
JUNHO: 1, 5, 6 e 8
● 8 concertos sinfónicos e coral-sinfónicos: «Paixão Segundo São Lucas» de Penderecki, «Fidélio» de Beethoven, «Missa Solene» de Beethoven, Orquestras Sinfónicas de Filadélfia, da Haia, e da E. N., etc.
● 1 espectáculo de bailado: Nederlands Dans Theater

SÉRIE C
GRANDE AUDITÓRIO ● TIVOLI
MAIO: 15, 18, 19, 20, 22, 25, 27 e 29
JUNHO: 2 e 4
Audições integrais de BEETHOVEN
● Sonatas para piano, por **WILHELM KEMPFF**
● Sonatas para violino e piano, por **ZINO FRANCESCATTI** e **ROBERT CASADESUS**

SÉRIE D
SÉ CATEDRAL ● GRANDE AUDITÓRIO
MAIO: 13, 16 e 29
JUNHO: 6 e 7
CORO DE CRACÓVIA ● CORO DE CÂMARA GULBENKIAN ● GRUPO DE MÚSICA ANTIGA DE VIENA
Organista **JEAN GUILLON**

CALENDÁRIO DAS BILHETEIRAS (ABRIL)
Na Sede da Fundação Gulbenkian: Dias 17 e 18 — Novos assinantes das Séries A, C e D
Dias 20 e 21 — Novos assinantes das Séries C e D
No Coliseu dos Recreios: Dias 20, 21 e 22 — Novos assinantes da Série B
—— BILHETEIRAS ABERTAS DAS 13 ÀS 20 HORAS ——

Assinaturas da Série B, especiais para estudantes: GERAL — 65$00

—— Programas em distribuição na Fundação Gulbenkian ——

Espectáculos à tarde, e aos sábados e vésperas de feriado à noite: m. 6 anos ● Restantes espectáculos: m. 12 anos

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO
DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE MATERIAL
COMISSÃO DO PLANO DE AQUISIÇÕES DO EXÉRCITO
Concurso Público N.º 9/70 — PAE69
AVISO
Torna-se público que a DATA DA ABERTURA DAS PROPOSTAS — referentes ao CONCURSO PÚBLICO N.º 9/70-PAE69 — marcado para 22ABR70 foi adiada para 07MAI70, à hora já indicada.
Lisboa, 15 de Abril de 1970
O Presidente da COMPA/DSM,
LUIS BORGES RAMOS
Ten Cor Eng. SM

OPELLICAR
Kadett OLYMPIA REKORD COMMODORE
LICAR
AV. CASAL RIBEIRO, 48-A-LISBOA1

COZINHA VELHA
QUELUZ — TELEFONE 950232
Informamos os nossos Ex.mos Clientes que amanhã, sábado, dia 18, a nossa Sala «COZINHA VELHA» e o «TERRAÇO» se encontram reservados para um LANCHE DE CASAMENTO, servindo-se no entanto, na «SALA DE BANQUETES» os nossos habituais ALMOÇOS, CHÁS e JANTARES.
A DIRECÇÃO
Agradecemos que as reservas de mesas para os Jantares sejam feitas até ás 19 horas.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

«O COWBOY DA MEIA NOITE»

Dustin Hoffman (de «The Graduate») e Jon Voight numa cena do filme «O Cowboy da Meia-Noite», de que são protagonistas. Ambos estiveram nomeados para o «Oscar» de Melhor Actor, pela sua interpretação nesta película. Premiado com três «Oscars» da Academia de Hollywood, prémio O. C. I. C. no Festival de Berlim, vencedor de cinco «Oscars» da Academia Inglesa de Cinema, considerado o Melhor Filme do Ano pelos Estados Unidos e pela Inglaterra, o filme «O Cowboy da Meia-Noite», em exibição no Cinema São Jorge, é um espectáculo de invulgar classe que está a obter um sensacional e justificável êxito.

Festival da Canção Latina: de 18 a 27 de Julho no Estoril

A Federação Internacional das Organizações de Festivais (F.I.D.O.F.), com sede em Split, na Jugoslávia, acaba de divulgar a lista dos certames musicais que vão decorrer este ano.

No calendário de realizações figura Portugal; de 18 a 27 de Julho, está programado para o Estoril o Festival Internacional da Canção Latina.

Citam-se ainda as principais organizações mundiais e datas de realização:

- De 25 do corrente a 10 de Maio — Festival do Disco e da Canção (Paris).
- De 29 do corrente a 7 de Maio — Concurso Internacional «Rosa de Ouro» (Montreux).
- A 29 e 30 de Maio — Festival da Canção de Protesto (Belgrado) e Concurso Internacional de Novas Vozes (Roma).
- De 10 a 14 de Junho — Festival da «Pop-Music» (Strantchev, na Bulgária).
- De 17 a 21 de Junho — Festival Internacional de Jazz (Montreux); Festival de «Pop-Music Bratislava Lyra» (Bratislava) e Festival de Bandas Militares (Monaghon, na Irlanda).
- De 1 a 31 de Julho — «Il Cantagiro dell'Adriatico» (em diversas cidades italianas); Jogos de Bubrovnik e Festivais de Split.
- De 10 a 12 de Julho — «Olimpíada da Canção», em Atenas.
- De 18 a 27 de Julho — Festival Internacional de Folclore (Middelkerke, na Bélgica), Festival da Canção Francesa (em Spa, na Bélgica), Festival de Malta, Festival da Sicília (constando de Folk-music, Rock e Jazz, em Palermo), Festival da Canção Infantil (Sibenik, na Jugoslávia), Festival Internacional da Canção Latina (Estoril) e Festival de Baladas (em Sligo, na Irlanda).
- De 5 a 8 de Agosto — Festival de «Pop-Music» (Split).
- De 27 a 30 de Agosto — Festival de Spot (Polónia).
- De 28 a 30 de Agosto — Festival da Canção do Mar (em Vasto, Itália) e Festival «Musica nel Mondo» (Milão).
- Na primeira quinzena de Setembro — Festival «George Eresdu» (Bucareste), «Golden River Jazz Festival» (Kortrijk, na Bélgica) e Festival do Disco (Toronto, Canadá).
- De 3 a 6 de Outubro — «Sprinz Festival» (Camberra, Austrália), «Newport Jazz Festival» (Roterdão), «Jazz Jambree» (Varsóvia, Polónia), Festival Internacional da Canção (Rio de Janeiro) e Festival da Canção «Pop» (Acapulco, México).
- De 12 a 14 de Novembro — Festival de Skopje (Jugoslávia), «Munchner Jazztage» (Munique) e «The Japan Prize Festival» (Tóquio).
- De 18 a 20 de Dezembro — Festival da Canção Militar (Belgrado).

Paulo Renato e Isabel de Castro num filme francês

Juliette Mills, Paulo Renato e Isabel de Castro: eles vão estar juntos num filme de Carné

Os actores portugueses Paulo Renato e Isabel de Castro assinaram contrato para filmar sob a direcção do famoso realizador Marcel Carné.

As filmagens vão decorrer em Paris (nas duas ultimas semanas do próximo mês de Julho) e, alguns dias mais tarde, as equipas técnica e artística deslocam-se a Portugal, para trabalhos de «exteriores», provàvelmente no Algarve.

As conversações entre Paulo Renato, Isabel de Castro e os produtores efectuaram-se por intermédio do actor português Rui Gomes.

Uma das «estrelas» da película será Juliette Mills e aos intérpretes portugueses foi atribuida, na expressão do contrato, «os dois papéis mais destacados logo após os dos protagonistas».

Antes de partir para França, o actor Paulo Renato vai submeter-se a uma intervenção cirurgica no joelho direito, por sofrer de lesão meniscal.

Em ELVAS o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido na Agência de Publicações (Gil Cristóvão Gonçalves).

VASCO MORGADO APRESENTA

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa
(ADULTOS)

5.º MÊS
A FAZER RIR
HOJE, ÀS 21 E ÀS 23 HORAS
Domingo, «matinée» às 16 horas

FERNANDA BORSATTI
é a menina Tatiana, secretária para todo o serviço, na comédia

O VISON VOADOR
COM
RAUL SOLNADO
IO APOLONI, FERNANDA BORSATTI, YOLA, GEORGINA CORDEIRO, MARIA e ainda ARTUR SEMEDO, VASCO DE LIMA COUTO, DAVID SILVA, ROLANDO ALVES e a colaboração de MARIA PAULA
Dias 21 e 22 de Abril, às 18.30 h.
(Adultos)
● RECITAL ●
PATXI ANDION
com a colaboração de
Ruy Mingas e José Barata Moura
(Bilhetes à venda)
50% de desconto para estudantes

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos

Teatro TELEF. 717017
Maria Matos
10.ª SEMANA DE ÊXITO
DA
DIVERTIDÍSSIMA SÁTIRA
A RELÍQUIA
EÇA DE QUEIROZ
TODAS AS NOITES
ÀS 21.45 HORAS
Sábados e Domingos também às 16 h.
(Maiores de 17 anos)
Produção de IGREJAS CAEIRO
*
DOMINGO, ÀS 11 HORAS DA MANHÃ
6.º CONCERTO em DIÁLOGO
J. M. P. (6 anos)
SEGUNDA-FEIRA
DIA 21, ÀS 21.30 H.
RECITAL
P. RAMON CUÉ
«MI CRISTO ROTO DE CASA EN CASA»
com a colaboração de
D. Vicente da Câmara
a favor do
CENTRO SOCIAL DA MUSGUEIRA
(Bilhetes à venda)
(6 ANOS)

CAPITÓLIO
Telef. 320379
Às 21,45 horas
(Maiores de 17 anos)
E SÓ MAIS 9 DIAS
A CELESTINA
com AMÉLIA REY COLAÇO
Amanhã, às 16 horas
— Tarde a preços reduzidos
Domingo — Tarde dedicada a estudantes

ESTAB. MELODIA discos
PORTO
R. de Sta. Catarina, 360
R. de Sto. António, 35
LISBOA
R. do Carmo, 23
T. S. F. — TV — GIRA-DISCOS - ALTA FIDELIDADE

TEATRO TRINDADE
No dia 20 de Abril
Às 21.30
RECITAL PELO P. RAMÓN CUÉ
«Mi Cristo Roto de Casa em Casa» — 1.ª parte;
Fados por Vicente da Câmara
A favor do Centro Social da Musgueira
Bilhetes á venda (Maiores de 12 anos)

JOSÉ VIANA e DORA LEAL
no «Senhor Almeida e «Madame Almeida»

MARIA VITÓRIA
(ADULTOS)
UM ESPECTÁCULO DE GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO
Uma revista de Aníbal Nazaré e José Viana, com música de João Nobre e Carlos Dias
● HOJE, ÀS 20,45 E 23 HORAS ●
ENORME ÊXITO! A REVISTA QUE BATE TODOS OS «RECORDS» DA GARGALHADA!!!
● O PRATO DO DIA!...
A REVISTA PARA O SEU PALADAR!
O triunfo total de um esplêndido espectáculo, com:
● JOSÉ VIANA ● AIDA BAPTISTA ● BARROSO LOPES ● DORA REAL
● VICTOR MENDES — MARIANO FRANCO — CARLOS MIGUEL — DINA MARIA — CRISTINA CASSOLA e UM NUMEROSO GRUPO DE JOVENS ACTRIZES
De novo neste teatro
● ANITA GUERREIRO
No «compère»
● OCTÁVIO DE MATOS
e a grande atracção francesa
● SABRINA
● DOMINGO, «MATINÉE», ÀS 16 HORAS ●

UMA NOVA DISCOTECA EM CAMPO DE OURIQUE
Visite e compre os seus discos, na QUITALA.
Rua Francisco Metrass, 28 A * LISBOA

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO EDEN

TÍTULO — «A Última Cartada» («Le Dernier Sant»).

REALIZAÇÃO — Edouard Luntz, 1970 (França).

INTÉRPRETES — Maurice Ronet, Michel Bouquet, Cathy Rosier, Eric Penet, etc.

Depois de um período particularmente decepcionante da sua história, o Cinema Eden tem vindo lentamente a regenerar-se: após «Meias Pretas», de Christopher Morahan, apos «Mikael Kohlhaas, o Rebelde» de Volker Shlondorff (que tão injustamente *morreu* perante a indiferença do publico) eis que ali se estreia uma película particularmente importante de Edouard Luntz é um ci-tima Cartada». E para breve anuncia «O Urso e a Boneca», de Michel Deville que se prevê igualmente interessante. Evidentemente que esta reviravolta na programação irá criar vítimas. Uma delas foi «Mikael Kohlhaas». Esperemos que «A Ultima Cartada» tenha sorte diferente.

Edouard Luntz é um cineasta práticamente desconhecido em Portugal. Algumas curta-metragens passaram despercebidas e os dois filmes de fundo que antecederam a realização deste «Le Dernier Saut» («Les Coeurs Verts») e «Le Grabuge», mantêm-se inéditos, «Le Grabuge», aliás filmado no Brasil (de colaboração com o sociólogo e romancista Jean Duvignaud), não se estreou sequer em França, mercê de um «boicote» do produtor americano (Darril F. Zanuck) que «não gostou da película». Era portanto, com certa curiosidade que esperávamos a estreia desta «A Ultima Cartada». E a curiosidade não foi iludida.

«Le Dernier Saut», fala-nos de dois homens, sobreviventes e náufragos de uma sociedade em transformação: Maurice Ronet, um pára-quedista que veio da Indochina e da Argélia e regressa á cidade natal para surpreender a mulher (uma oriental transladada de Tonquim) e a assassinar e Michel Bouquet, comissário da polícia, inspector corrupto que havia sido colaboracionista em 44 e prolonga pela V Republica a sua viagem ao fim da noite.

Desta amizade algo viscosa e desagradável que se estabelece sobre um crime impune e o processo que através dele se desenvolve, extrai Edouard Luntz curiosas ilações sobre os mantedores da ordem na actual sociedade francesa, homens que simbolizam instituições e sistemas. Deste facto de autodefesa, que é também uma forma de sobrevivência perante o desprezo ou a indiferença da sociedade que os coloca á margem, retira Edouard Luntz o essencial da sua bela e vigorosa fita.

Luntz: «Tanto *Les Coeurs Verts* como *Le Grabuce* são para mim uma maneira de demolir a maneira de pensar burguesa.

Luntz, possuindo já todo o arsenal técnico que lhe permite dominar por completo a escrita cinematográfica, constroi um filme lento, de inegável sentido plástico, onde os «decors» têm uma força poderosa na descrição de ambientes. A sua narrativa compassada, atenta ao pormenor, vai adensando a personalidade das figuras em presença, traçando retratos vigorosos e complexos, fugidios e equívocos por vezes. Nomeadamente a personagem do comissário, demonstrada a importancia e o seu sadismo adormecido num ficheiro fotográfico para debate particular, é um modelo de rigor e uma interpretação apaixonante de Michel Bouquet, cuja presença física é já de si algo insidiosamente repugnante. Notável é o trabalho do actor, um dos mais admiráveis intérpretes de todo o cinema francês na actualidade.

«*A ultima cartada*» é pois (não sendo uma obra-prima), uma filme a não perder. Uma obra difícil que não foi concebida para agrados fáceis, mas que obriga á reflexão e á intervenção directa do espectador. A não perder, portanto...

LAURO ANTÓNIO

REVISÃO QUE OS HOMENS NÃO QUEREM ADIAR

Maria José Valério e Gerard Sotto (actualmente no elenco da «Tagide») vão gravar um «L. P.» com composições portuguesas, brasileiras e francesas. Gerard, que é autor de quatro das melodias que vai interpretar, inclui nesse disco músicas de Jacques Brel e Gilbert Bécaud. Por seu turno, as composições que Maria José Valério gravará pertencem a Frederico Valério, Martinho da Villa, João de Barros e Jair Rodrigues

• NO ROMA

TÍTULO — «A morte não tem sexo» («Showdown»).

REALIZAÇÃO — Massimo Dallamano.

INTÉRPRETES — John Mills, Luciana Palluzi, Robert Hoffmann, etc.

Uma co produção anglo germana-italiana. Em Eastmancolor, distribuição da Doper filme e para adultos. A acção decorre em Hamburgo, onde um agente da Polícia (John Mills) é encarregado de investigar uma série de crimes relacionados com a distribuição organizada de estupefacientes. A mulher do polícia (Luciana Palluzy), apesar de casada com o homem que a recuperou da senda do crime, nele continua envolvida. Entre o dever e o amor ferido, o polícia cumpre o dever. Morre. E os bandidos sofrem a justa punição.

Com este argumento aqui forçosamente resumido, o realizador despachou a fita. Sem pretensões e sem talento de espécie nenhuma. Como nada mais há a pedir, resta (e é este o dever do crítico perante os leitores) denunciar «A Morte não tem Sexo» como produto de uma política industrial que na alienação e no abastecimento do gosto da massa consumidora assenta as suas razões de exibir. Por enquanto e até ver.

V. S. T.

«OS LAGARTOS DA RUA FRESCA»

O grupo turístico «Os Lagartos da Rua Fresca» vai em excursão ao Porto, amanhã e depois. Boa viagem.

VIDA MUSICAL

Concerto da E. N.

É inteiramente dedicado a Mozart o concerto da Emissora Nacional, no Tivoli, amanhã, ás 18 e 30. Para a execução foi convidado a actuar, na dupla qualidade de maestro e solista, um dos mais autorizados intérpretes mozartianos — Fritz Rieger, que se tornou mundialmente conhecido como regente titular da famosa Orquestra Filarmónica de Munique, além de aparecer regularmente como maestro e convidado á frente das mais categorizadas orquestras europeias e americanas. Neste programa, Fritz Rieger tocará o concerto de piano K. 271 e iniciará a audição das três ultimas sinfonias de Mozart.

Concerto do Madrigal Renascentista na Fundação Gulbenkian

Amanha, ás 18 e 30, realiza-se no Auditório Dois da Fundação Gulbenkian um concerto pelo Madrigal Renascentista de Belo Horizonte, sob a direcção do maestro Isaac Karabtcherzky.

Do programa fazem parte obras de Josquin des Près, Cancioneiro de Upsala, Renascença Italiana, Francesa e Inglesa, Brahms, Hindemith e Villa-Lobos.

Mais um «Concerto em Diálogo»

No domingo, ás 11 horas, decorre, no Teatro Maria Matos, mais um concerto em diálogo da série Fonsecas & Burnay, promovido pela Juventude Musical Portuguesa.

«BONNIE E CLYDE» NO ABC-CINE CLUBE

No prosseguimento do ciclo «O Cinema Moderno» do ABC-Cineclube de Lisboa é exibido hoje, no cinema Lys, ás 18 e 40, o filme «Bonnie e Clyde».

Esta película é uma das que incorpora, com mais profundidade, a expressão da imagem «flash». Agradável visualmente, com um tema veridico, e uma unidade forma-conteudo realista, ela tem suscitado, no entanto, reparos que, em alguns casos, parecem muito reparáveis, dado quem os subscreveu. Para ela surgir, contribuíram os esforços de Warren Beatty (produtor e actor), Arthur Penn, realizador, Burnett Guffey operador.

ENTRE
NA VIDA
COM O
PÉ DIREITO!

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
onde cada um conta mais do que a sua conta

No passado dia 11, para comemorar o seu 83.º Aniversário e após Romagem efectuada ao Cemitério da Amadora, onde repousa o Saudoso Sócio Gerente e Grande Mestre — MANUEL DE SOUSA BRAGA, e Missa celebrada na Igreja da mesma Vila, por sua intenção e de todos os Colaboradores já falecidos, realizou-se um almoço de confraternização que decorreu em ambiente de sã camaradagem e que demonstrou uma vez mais o grande espírito de equipe que existe entre todos os que trabalham nesta Firma.

Depois do Sócio Gerente Sr. JOSÉ DOMINGOS DE SOUSA BRAGA ter dirigido algumas palavras a todos os presentes, procedeu à entrega de lembranças a cinco operários que completaram quarenta anos de serviço.

Móveis Sousa Braga

Rua Latino Coelho — VENDA NOVA

AMADORA

A CONTA GERAL DO ESTADO EM 1969

Foi divulgada, através da Direcção-Geral da Informação, a seguinte nota:

«1. Pelo Serviço competente do Ministério das Finanças, foi enviada para publicação no «Diário do Governo», a conta provisória de Janeiro a Dezembro de 1969.

Reserva o ministro das Finanças o relatório circunstanciado, para o volume da conta definitiva, a apresentar no prazo legal á Assembleia Nacional e ao Tribunal de Contas. Os dados serão mais actualizados e as justificações serão mais amplas por recair a observação em maior numero de elementos.

2. Na verdade, o ciclo legal de operações da Conta Geral do Estado resume-se, na sua organização, á exigência de ser publicada até 31 de Outubro do ano seguinte ao que respeita; no seu envio ao Tribunal de Contas para este formular parecer e definir os responsáveis pelas infracções; e na sua apresentação á Assembleia Nacional para efeitos de aprovação.

3. Não obstante as normas estabelecidas quanto á organização e publicação da Conta Geral do Estado, tem-se mantido a prática de elaborar o seu relatório antes do apuramento final das contas, isto é, quando se desterminam os numeros que hão-de figurar na «Conta provisória de Janeiro a Dezembro».

Como consequência, a conta provisória de Janeiro a Dezembro tem sido publicada no «Diário do Governo», acompanhada de um relatório elaborado em termos de fecho definitivo. A conta definitiva não é publicada no «Diário do Governo», mas, sim, em volume apropriado.

4. Desta prática, tem resultado a retenção das contas provisórias mensais da gerência em curso que ficam a aguardar a publicação da conta do ano anterior.

5. Entendeu-se que o regular conhecimento da execução do Orçamento Geral do Estado, não deveria ser prejudicado. O relatório que se elabora no fim de cada gerência, não acompanhará as contas provisórias de Janeiro a Dezembro de cada ano, mas fará parte da Conta, na sua expressão final e definitiva — portanto, da qual se publica, nos termos legais, até 31 de Outubro de cada ano.

6. Entretanto, chama-se a atenção para o resultado final da Conta Provisória de Janeiro a Dezembro de 1969 que foi enviada para o «Diário do Governo». Pode assim sintetizar-se (em milhares de contos):

Orçamento ordinário — Receitas, 24 630,3; despesas, 15 100,3; saldo +9520.

Orçamento extraordinário — Receitas, 4101; despesas, 12 610,1; saldos —8509,1.

Total — Receitas, 28 731,3; despesas, 27 720,4; saldos, +1010,9.

7. Convém esclarecer que o saldo da conta, no valor de 1010,9 milhares de contos, integra a provisão para a inscrição em 1970 de encargos que transitaram do ano de 1969, no valor de 986,2 milhares de contos.

Desta forma *o saldo real da conta de 1969 é de 24,7 milhares de contos.*

8. Salienta-se, ainda, que das despesas com a Defesa Nacional foi coberto pelo excesso das receitas ordinárias sobre as despesas da mesma natureza, o montante de 7120,9 milhares de contos.

A gerência de 1969 pode, assim, anunciar-se como satisfatória.»

MATOU O FILHO POR MOTIVOS FÚTEIS

VISEU, 17 — A pacata povoação de Margalos, da freguesia de Torredeita, foi alarmada com um crime de morte ontem ocorrido: António de Almeida, aposentado dos serviços das Obras Publicas, de 74 anos, casado, desfechou uma arma caçadeira sobre o seu próprio filho, Carlos António de Almeida, de 39 anos, casado, agricultor. Este andara todo o dia a trabalhar para o pai na sementeira da batata. Acabado o trabalho, dirigiu-se á casa paterna e aí se travaram de razões: António de Almeida era de opinião de que o filho não enterrara as ervas daninhas a suficiente profundidade, enquanto o filho teimava que era o bastante. A troca violenta de palavras terminou com o tiro certeiro da espingarda que António de Almeida fora buscar ao interior da casa.

A G. N. R. do posto de Torredeita tomou conta da ocorrência e entregará hoje o criminoso ao tribunal da comarca.

AUMENTO DE ORDENADOS PARA OS FUNCIONÁRIOS DA CÂMARA DE OEIRAS

OEIRAS, 17 — Por intermédio do Governo Civil de Lisboa foi recebida na Câmara Municipal de Oeiras a comunicação de um despacho do ministro do Interior autorizando o aumento de vencimentos, salários e ordenados dos funcionários camarários que ainda não tinham sido abrangidos pelo último aumento.

Parque de campismo

Foi superiormente autorizado o aumento das taxas de estacionamento no Parque de Campismo desta vila, durante os meses de Junho, Julho e Agosto.

Feira na Brandoa

Atendendo a reclamações do comércio da Brandoa contra a permanência de uma feira semanal realizada, aos domingos, em terrenos situados na entrada daquela localidade, a Câmara Municipal deliberou permitir a sua realização quinzenal, enquanto não forem criadas melhores condições de vida para as populações locais.

Taxas de construção

A Câmara Municipal depois de ouvido o parecer dos respectivos Serviços Técnicos e atendendo a reclamações sobre o preço de 100$00 por metro quadrado, para a construção de sacadas, resolveu baixar para 30$00 o preço dessas taxas.

Um subsídio para a União Desportiva de Algés

Atendendo aos meritórios serviços que á cultura popular e ao desporto amador tem realizado a União Desportiva de Algés, a Câmara Municipal, sob proposta do respectivo presidente, resolveu conceder aquela colectividade o subsidio de 50 000$00, destinado a obras de carácter urgente.

Colaboração da Câmara em provas internacionais de ténis

Levando em consideração que por iniciativa da Federação Portuguesa de Ténis se vão realizar no concelho de Oeiras, nos campos do Estádio Nacional, em Maio e Agosto do corrente ano, provas internacionais de ténis, respectivamente a disputa da Taça Davis e o Campeonato Internacional de Portugal daquela especialidade desportiva, a Câmara Municipal solicitada a dar o seu concurso, aquiesceu em fazê-lo mediante dois importantes subsídios.

Sindicato dos Profissionais de Propaganda Médica

No prosseguimento das actividades culturais do Sindicato Nacional dos Profissionais de Propaganda Médica, realiza-se, esta noite, pelas 21 e 30, na sua sede, Avenida Miguel Bombarda, 96, 1.º, dt.º, mais uma sessão subordinada ao tema «Sindicalismo 70», orientada pelos srs. Bidarra de Almeida, empregado de escritório, Gonçalves André, bancário, e por um delegado de Propaganda Médica.

Burroughs apresenta uma nova concepção tecnológica — **ELECTRONIC OFFICE COMPUTER — L-2000.** Técnica de hardware avançada — Novo conceito: Firmware — Software já disponível. Proporcionam: Alta produtividade. — Potente programação interna — Possibilidade de input/output de fita, cartão e edge punched card — Capacidade de «on line».

Peça já uma demonstração sem compromisso ao representante Burroughs

ROBINSON, BARDSLEY S.A.R.L.
LISBOA — Rua S. Sebastião da Pedreira, 122 — Tel. 56 02 60
PORTO — Rua do Rosário, 104 — Tel. 2 97 67
COIMBRA — Largo Mário Pais, 4, 1.º — Tel. 2 91 79

SUPA — COMPANHIA PORTUGUESA DE SUPERMERCADOS, S. A. R. L.

Supermercados Pão de Açúcar

1.º AUMENTO DE CAPITAL

Nos termos da deliberação da Assembleia Geral Extraordinária, realizada em 25 de Março de 1970, comunica-se que o capital desta Sociedade vai ser elevado de 3.000.000$00 para 9.000.000$00.

CONDIÇÕES DE SUBSCRIÇÃO

1.º — A subscrição encontra-se aberta de 1 a 9 de Maio p. f.

2.º — Nos termos do n.º 3 do art.º 4.º dos Estatutos, os actuais accionistas têm direito de preferência na proporção das acções que já possuirem.

3.º — O pagamento será efectuado nas condições que oportunamente forem comunicadas aos senhores Subscritores.

Lisboa, 1 de Abril de 1970

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

O sr. Robert Cointreau e esposa à sua chegada ao aeroporto de Lisboa

ENCONTRA-SE EM LISBOA O INDUSTRIAL FRANCÊS ROBERT COINTREAU

O industrial francês sr. Robert Cointreau encontra-se em Lisboa, acompanhado de sua esposa, para uma estada de oito dias que inclui uma visita ao Porto no começo da próxima semana.

No aeroporto, esteve a apresentar-lhe cumprimentos de boas-vindas, entre outras entidades, o sr. António A. Teixeira, representante em Portugal das marcas da sociedade Cointreau.

Numa das salas da aerogare, o sr. Robert Cointreau falou para os representantes dos órgãos da informação aos quais manifestou a sua satisfação por se encontrar no nosso País e referiu os motivos da viagem que se relaciona com a presença no mercado português da vasta gama de produtos dos mais prestigiosos da indústria francesa exportados para o mundo inteiro pela destilaria de Angers.

À noite, o conhecido industrial e sua esposa foram recebidos pelo embaixador de França que os obsequiou com um jantar íntimo.

Esta manhã, o sr. Robert Cointreau foi recebido pelo conselheiro comercial francês com o qual trocou impressões acerca de aspectos da economia portuguesa e da presença dos produtos franceses no nosso mercado.

O programa para hoje do industrial Robert Cointreau inclui, ainda, visitas ao agente de marcas sr. A. G. Cunha Ferreira e ao prof. Fernando Olavo Corrêa de Azevedo, representante em Portugal da União dos Fabricantes de Licores Franceses.

Às 19 horas, decorrerá, no Hotel Ritz, um «cocktail» Cointreau dedicado aos representantes dos órgãos da informação e para o qual foram convidados o embaixador de França, o conselheiro comercial daquela representação diplomática, o intendente-geral das Actividades Económicas e outras individualidades ligadas a organismos oficiais, indústria e comércio de bebidas, indústria hoteleira, etc.

Amanhã, o conhecido industrial francês visitará os principais estabelecimentos da indústria hoteleira da capital e almoçará no Guincho.

À noite, o seu representante em Portugal oferecer-lhe-á um jantar íntimo num conhecido restaurante típico.

O sr. Robert Cointreau parte, depois de amanhã, para o Porto, onde permanecerá até ao dia 21, reunindo-se, na segunda-feira, com os representantes dos órgãos de informação daquela cidade durante um «cocktail» que decorrerá no Hotel Infante de Sagres.

Na manhã desse mesmo dia, aquele industrial será obsequiado com um almoço oferecido pela Croft, cujas caves de vinho do Porto visitará a seguir. O regresso a Paris está previsto para a próxima quarta-feira.

Aceites quase todas as cláusulas do novo Contrato Colectivo dos Profissionais de Escritório das Indústrias Metalomecânicas

PORTO, 17 — Na sede do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito do Porto, efectuou-se uma reunião com o fim de dar conhecimento das negociações da proposta do Contrato Colectivo de Trabalho, apresentado oportunamente por aquele Sindicato ao respectivo Grémio, o qual vem beneficiar cerca de 83 por cento dos profissionais.

Presidiu o sr. Manuel Ferreira da Silva, que, depois de referir que o Contrato Colectivo de Trabalho para os Profissionais de Escritório das Indústrias metalúrgicas e metalomecânicas foi celebrado entre sete Grémios e vinte e um Sindicatos, afirmou: «A negociação deste Contrato Colectivo de Trabalho iniciou-se em 1 de Agosto de 1969 e terminou em 6 de Fevereiro do corrente ano. Entre as 103 cláusulas do contrato (incluíndo o Regulamento de Higiene) apenas onze não foram aceites pelas partes contratantes — Grémios e Sindicatos —, pelo que foi requerida a tentativa de conciliação á Corporação da Indústria, de harmonia com as disposições do Decreto-Lei n.º 49 212.

«Nos primeiros dias do corrente mês de Abril — afirmou — a tentativa de conciliação concretizou-se, numa demonstração de perfeita compreensão, que sempre existiu entre os Grémios e os Sindicatos».

O orador, depois de salientar a necessidade da defesa do conjunto, temperando, se necessário, as conveniência de cada um, prosseguiu «Embora a comissão encarregada da redacção definitiva do Contrato não tenha ainda terminado o seu trabalho, podemos fornecer já a tabela de vencimentos para todas as categorias, sujeita a possíveis e pequenas correcções por erro de cálculo, dado tratar-se de um trabalho feito fora do âmbito da comissão, embora com os elementos resultantes da conciliação.»

O sr. Manuel Ferreira da Silva passou, em seguida, a sintetizar algumas das regalias que o Contrato estabelece, dizendo: «São enumeradas as categorias em que os profissionais deverão ser classificados de harmonia com as suas funções. De futuro, os candidatos a empregados de escritório terão de possuir o Curso Geral de Comércio, o segundo ciclo do Liceu ou equivalente, com excepção dos cobradores, telefonistas, continuos, porteiros, guardas e paquetes, a quem são exigidas as habilitações mínimas da lei. Só a Comissão Corporativa, mediante certos condicionalismos, poderá alterar estas disposições».

Ainda quanto a outras regalias que o Contrato dispõe em defesa dos profissionais, o orador acrescentou as seguintes: «sA tranferência de uma empresa para outra, quando não se apliquem as regras correspondentes á cessação do Contrato de Trabalho com a primeira, na segunda ser-lhe-á contada para todos os efeitos a antiguidade desde a data de admissão na empresa anterior».

«Nas empresas com mais de 30 profissionais, é obrigatória a existência de um profissional com função de chefia acima de chefe de secção, e sempre que uma empresa tenha seis profissionais é obrigatória a existência de um chefe de secção, não podendo o número destes ser inferior a 5 por cento da totalidade dos profissionais de escritório existentes.

«Salvaguardados os casos especiais considerados por lei, os profissionais com mais de vinte anos de serviço numa mesma empresa não podem ser despedidos sem justa causa, o que constitui uma real protecção á velhice.»

«O período de férias é de 12 ou 18 dias úteis, conforme o profissional tenha menos ou mais de dez anos de serviço ou seja menor de 16 anos. No início das férias será concedido um subsídio de 25, 40 ou 50 por cento, da retribuição mensal, conforme tenha mais de três, mais de dez ou mais de 15 anos de serviço».

«Quando o custo de vida, traduzido através do índice de preços de retalho para a cidade de Lisboa, elaborado e publicado pelo Banco de Portugal (base: 1965) sofra um aumento igual ou superior a cinco por cento, dar-se-á início á revisão das retribuições mínimas nos termos das cláusulas do contrato».

«É criada a concessão de pensões de sobrevivência nos termos do regulamento especial do Regime de Pensões de Sobrevivência da Caixa Nacional de Pensões. Nenhum profissional poderá sofrer qualquer redução nas remunerações ou regalias que tenham usufruído anteriormente».

Quase a concluir, afirmou o orador: «Em actos deste género, que beneficiam muitos milhares de trabalhadores, há sempre um número limitado de pessoas a quem se deve o mérito de tão delicado quão difícil e esgotante trabalho. Seja-nos lícito solicitar á assembleia um voto de profundo e reconhecido agradecimento aos representantes do Sindicato de Lisboa, congénere deste, que, em representação da Federação do Sul, não se poupou a esforços para, com uma dedicação que não conheceu limites, ter alcançado um êxito que só quem, como eu, assistiu, na qualidade de representante da Federação do Norte, ao absorvente trabalho de negociar um Contrato com mais de 100 cláusulas, pode avaliar».

Foi, ainda, dada a conhecer a nova e extensa tabela de salários aprovada e a distribuição das respectivas zonas. Da 1.ª zona fazem parte os concelhos de Almada, Barreiro, Cascais, Lisboa, Loures, Oeiras, Seixal e Vila Franca de Xira; da 2.ª, Gondomar, Matosinhos, Porto, Vila Nova de Gaia e Vallongo; e da 3.ª, os restantes concelhos do País.

Companhia Nacional de Navegação

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada
Capital 250.000 contos

Sede — Rua do Comércio, 85 — LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

A pedido da Administração, convoco a Assembleia Geral Ordinária para o dia 20 de Maio p. f., pelas 15 horas na Associação Industrial Portuguesa — edifício da Feira Internacional de Lisboa — com a seguinte ordem do dia:

a) Discussão e votação do Relatório, Balanço e Contas do exercício de 1969;
b) Eleição de um membro do Conselho Fiscal;
c) Deliberar sobre a atribuição de pensão de reforma a um antigo membro do Conselho de Administração.

A esta Assembleia só poderão assistir os accionistas que estiverem nas condições estipuladas no art.º 21.º dos Estatutos.

Lisboa, 15 de Abril de 1970.

O presidente
da Mesa da Assembleia Geral
a) António Augusto da Serra Lopes

EXPO'70 — OSAKA

TUDO INCLUIDO
APENAS POR 31.750$00*
* TARIFA ECONÓMICA IT

VISITANDO AINDA BANGKOK • HONG-KONG • TÓKIO
VIAGENS A CRÉDITO - PAGAMENTOS ATÉ 12 MESES

SABENA
BELGIAN World AIRLINES

IATA

ALGUNS LUGARES DISPONIVEIS
PARA 20 DE JUNHO

QUEIRAM ENVIAR-ME FOLHETO DETALHADO
NOME _____
MORADA _____
O MEU AGENTE DE VIAGENS É _____
RECORTE E ENVIE PARA SABENA AV. DA LIBERDADE, 13, 1.º-D-LISBOA

DEBATIDO NA ASSEMBLEIA O PROBLEMA DAS CARREIRAS AÉREAS PARA O PORTO

(Continuação da 1.ª página)

deputado Linhares de Andrade do círculo da Horta (sobre pesca e Conservas), e, na Ordem do Dia, sobre as Contas, os deputados Pinto Bull (Guiné), Santos Almeida (Moçambique), João Lopes da Cruz (Moçambique) e Nunes Mexia (Évora) e, sobre o aviso-prévio, os deputados Nunes de Oliveira (Braga), Custódio Lopes (Moçambique), Moura Ramos (Leiria) e Casal Ribeiro (Lisboa).

Prevê-se que o debate acerca do aviso prévio sobre a Universidade seja encerrado com uma moção subscrita pelo deputado sante e por outros parlamentares, enunciando as grandes coordenadas para uma actualização do ensino universitário e reforma da instituição. No entanto, sabe-se que essa moção só será apresentada em determinadas condições, de qualquer modo no final dos trabalhos de hoje, que devem prolongar-se até muito tarde.

Antes da Ordem di Dia

O primeiro deputado a usar da palavra foi o arquitecto Carlos Ivo que falou do plano do apriveitamento do Vale do Zambeze, afirmando que a ocupação económica de Moçambique «é indispensável e, o que é mais, urgentíssima e inadiável» e contrariou a ideia de que o desenvolvimento pode esperar.

Por seu turno, o deputado Almeida e Sousa (Porto), inscrito á ultima hora para falar, referiu-se á necessidade de se rever o problema da carreira aérea de Lisboa para o Porto e vice-versa.

ELEUTÉRIO DE AGUIAR

Reforma global

No discurso que proferiu na ordem do dia, o deputado Eleutério de Aguiar saudou o prof. Miller Guerra, pelo seu aviso-prévio, e referiu-se á necessidade de se proceder a uma reforma global do Ensino, pensando, conjuntamente com a reforma da Universidade. «*na educação de base e na educação permanente*», e disse fazê-lo «*na convicção de que, para uma Universidade nova do tipo que preconiza o sr. deputado Miller Guerra, tem de haver um Liceu novo, uma Escola Técnica nova, um Ensino Primário novo, um Ensino Infantil oficializado e um Ensino Médio reorganizado, como, aliás, o Governo se propõe fazer.*»

Os dirigentes do «Diners Club» á chegada a Lisboa

DIRIGENTES DO «DINERS» DE VISITA A PORTUGAL

Encontram-se em Lisboa os srs. George Faunce III, Robert Pitt e Jonathan Boreham, respectivamente «chairman», presidente executivo e vice-presidente do Diners Club Internacional, acompanhados pelo sr. Frank J. Loeb, presidente do Diners Club da Alemanha.

Aguardados, no aeroporto da Portela, pelo presidente do conselho de administração do Diners Clube Português, sr. dr. Manuel José Homem de Mello (conde de Águeda), e pelo sr. dr. Nuno Fernandes Thomaz, director-geral, foram recebidos pelo secretário de Estado da Informação e Turismo, dr. César Moreira Baptista.

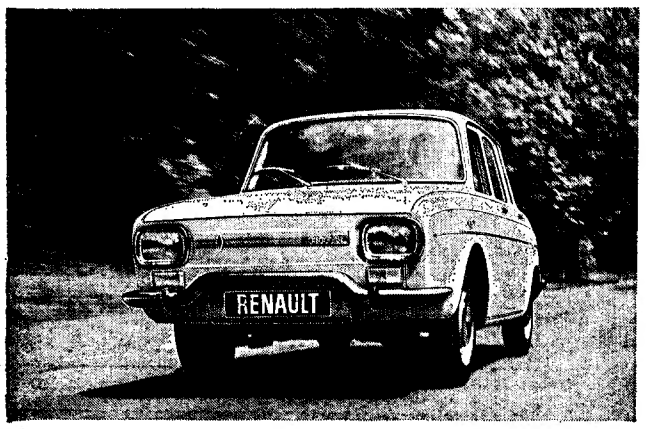
Após essa cerimónia, realizou-se em Cascais um almoço oferecido aos dirigentes visitantes pelo Diners Clube Português e pelo Banco do Alentejo.

O programa de hoje inclui sessões de trabalho no Diners Clube Português e, á noite, um jantar íntimo oferecido pelo sr. conde de Águeda, na sua residência.

Debate sobre a evolução da vida

SETÚBAL, 17 — Na passagem do aniversário da morte de Charles Darwin, o Círculo Cultural de Setubal promove amanhã, pelas 21 e 30, uma sessão durante a qual será abordada a *Evolução da Vida*. Após a projecção de filmes, realizar-se-á um debate orientado por Carlos Tavares da Silva.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO



Renault 10: um novo estilo na condução!

Porquê um novo estilo na condução? Porque o Renault 10 representa para si um novo valor com o seu actual motor de 1300 c. c. de cilindrada.

RENAULT
RENAULT CHEGOU E... ULTRAPASSOU

agente distrital
Mário Gonzaga Ribeiro
Rua General Sinel de Cordes, 15-C — Telef. 767167

CONDOLÊNCIAS PELA MORTE DO ENG. PAULO DE BARROS

Continuam a ser recebidos no «Diário de Lisboa» telegramas, vindos de todo o País, com manifestações de pesar pelo falecimento do sr. eng.º Paulo de Barros. Hoje registamos os enviados pela direcção do Grémio Nacional da Imprensa Diária; por D. Maria de Lourdes Modesto e pelo dr. Vasconcelos de Carvalho, nossos estimados colabradores; António Coelho e Belarte, agência de publicidade; João Martins e Impacto, agência de publicidade; Mário Silva Braga; pelos srs. Gilberto de Carvalho e António de Castro Pina, nossos dedicados correspondentes em Viseu e Montargil, respectivamente; pelo sr. Mário Matos Rosa Duque e pela direcção da Casa da Comédia.

FIM DE TARDE EM S. BENTO

★ *Com 98 deputados presentes á chamada, a Assembleia Nacional voltou ontem a debruçar-se com o maior interesse para os dois temas da ordem do dia: Contas publicas e aviso prévio sobre a reforma da Universidade. Sobre o primeiro falaram três deputados (Teixeira Pinto, Serras Pereira e Martins da Cruz) e sobre o segundo cinco (Homem de Melo, Salazar Leite, Sinclética Torres, Oliveira Ramos e Peres Claro). Oito ao todo, portanto.*

★ No período antes da ordem do dia apenas dois deputados estavam inscritos e falaram: Vasconcelos Guimarães e Jorge Correia. O primeiro sobre «O nivelamento dos três ramos das Forças Armadas» e o segundo sobre a «Situação do Liceu de Faro».

★ *A propósito do que chamou «desequilíbrio organico em que se encontra a Força Aérea em relação aos outros ramos das Forças Armadas», o deputado Vasconcelos Guimarães teceu várias considerações e lembrou factos, terminando por considerar premente e necessário «o enquadramento da Força Aérea em pé de igualdade com os outros ramos das Forças Armadas», sugerindo que se solucione a questão, ou criando três ministérios, ou três secretarias de Estado, ou outras soluções que acabem com as diferenças actuais entre os três ramos das Forças Armadas. Ou são todos ministérios, ou não é nenhum.*

★ O deputado Jorge Correia, como já fizera há três anos, defendeu a criação na cidade de Faro de institutos Industrial e Comercial, «como cupula natural de ampla cobertura da província por escolas técnicas. E a propósito da explosão escolar, acrescentou: «Salutar manifestação de vitalidade dum povo que ultrapassando a básica e antiga quarta classe, inunda as escolas técnicas, os liceus e os colégios por esse País fora, á procura da cultura que o guinde aos novos padrões de vida, impossíveis de atingir sem os conhecimentos específicos que animam todo um mundo de ciências e técnicas novas!»

★ *Ocupou-se ainda o deputado Jorge Correia das dificuldades do ensino liceal na província algarvia, particularmente a necessidade da criação de secções liceais em Loulé e Tavira e a insuficiência do edifício do liceu de Faro, construído para 800 alunos e já hoje com 1400. E terminou por referir o caso das regentes escolares, sem direito a reforma, sugerindo que, como solução de emergência, fiquem integradas na Previdência.*

★ Ao analisar as Contas Publicas de 1968, o deputado Teixeira Pinto, antigo ministro da Economia, prestou homenagem á memória do eng. Paulo de Barros — «homem ímpar e técnico do mais elevado nível» — e anunciou o seu propósito de apresentar em breve um aviso prévio sobre política económica no espaço português. Sobre o problema do investimento, afirmou: «Reside aqui um dos pontos cruciais de economia portuguesa de momento: o surto inflacionista por um lado, o abrandamento do crescimento por outro. A situação é complexa e difícil, pois as providências que atenuem a inflação podem travar ainda o pouco crescimento; as medidas que incentivem este podem acelerar o processo inflacionista. O país tem de fugir a este dilema mediante uma política gradualista em que os incentivos á produção têm de acompanhar as simples orientações de estímulo á procura e ao consumo». E acrescentou: «Aqui é fundamental uma política de salários que, se tem objectivos sociais, não pode ser desligada das consequências económicas. E se, por um lado, aumentos de salários são indispensáveis, as repercussões deses aumentos não podem ser desprezadas no plano económico. Por isso considera-se que os aumentos esporádicos, os aumentos não coordenados de salários, motivados por razões circunstanciais, podem vir a redundar em prejuízos para a economia, sem que isso signifique que não tenha de se desenvolver um grande problema dos assalariados no espaço português».

★ *Ainda sobre as contas publicas, o deputado Serras Pereira falou de desenvolvimento regional, particularmente no que se refere ao distrito de Santarém; e o deputado Martins da Cruz ocupou-se dos melhoramentos necessários á sobrevivência de grande parte dos aglomerados rurais do distrito de Coimbra. («É confrangedor que, situando-se o meu distrito no coração de Portugal, ainda, neste momento, existam freguesias sem luz eléctrica, sem estradas, sem assistência médica e, nalgumas faltando, até, água em boas condições de salubridade»).*

★ O deputado Homem de Melo abriu o debate de ontem sobre o aviso prévio do prof. Miller Guerra, lendo o seu desenvolvido trabalho com a desenvoltura que o caracteriza. E no final houve palmas, vindas da tribuna dos convidados. Advertiu o presidente:

— Nem os compreensíveis sentimentos familiares justificam que os assistentes se entreguem a manifestações (risos).

★ *A participação da deputada Sinclética Torres no debate sobre a reforma da Universidade destinou-se a informar a Assembleia «das estruturas em que assenta a nossa Universidade de Luanda, a qual como todos sabemos, é jovem e animada de um espírito renovador que evita os males de que enfermam as nossas Universidades seculares».*

★ Por sua vez, o deputado Oliveira Ramos, depois de homenagear o prof. Miller Guerra pela iniciativa do seu aviso prévio «sobre uma questão que tem, hoje em dia, particular acuidade, por força das dificuldades com que se debate a Universidade», afirmando a certa altura: «No fomento da corresponsabilidade e do espírito de serviço no mundo universitário tem, aliás, papel de singular importancia as actividades circum-escolares, polarizadas nas Associações Académicas. Isto não ignora quem por lá andou. Daí a oportunidade e pertinência de sugestões formuladas pelo prof. Miller Guerra acerca desta momentosa questão, com notórias incidências no plano da formação humanística, daí nós defendermos o revigoramento de Associações, congregando todos os alunos, na Universidade Nova»

O sr. Robert Cointreau presta «Diário de Lisb

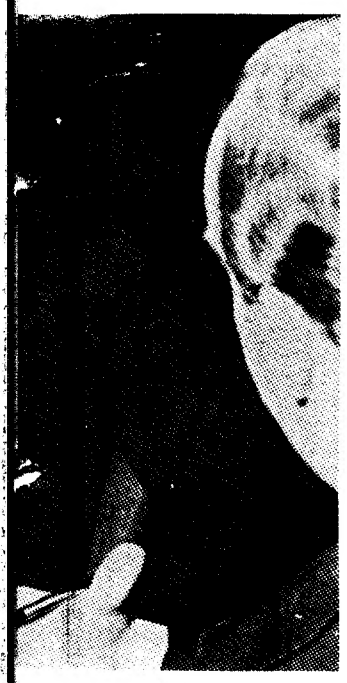
COINTREAU (RO... PARA PROMOVI...

Hoje, ao mordiscar, sonolento, a torrada do pequeno almoço, li, no jornal, que o sr. R... em L... realiz... que C... ser n... Li ... chegu... Cointr... e de ... nal, o... te be... famíli... Mais ... talada... do Lo... seus ... Edou... Cointr... lar, n... destil... co de... Os ... tilari... Quai ... da h... por u... compo... Pierre... É est... tra er... tabele... hotele...

A a... d... C...

Con... to, ve... to lit... rican... nand... o Joã... na su... blico.

Ent... Suple... Time... gran... uma ... artig... Roge... uma ... Fran... tica, ... terist... tor á... Sigrid... análi...



...u presta declarações ao ... de Lisboa»

Mais de 1 milhão e meio de contos custará a barragem de Alqueva visitada hoje pelo Chefe do Estado

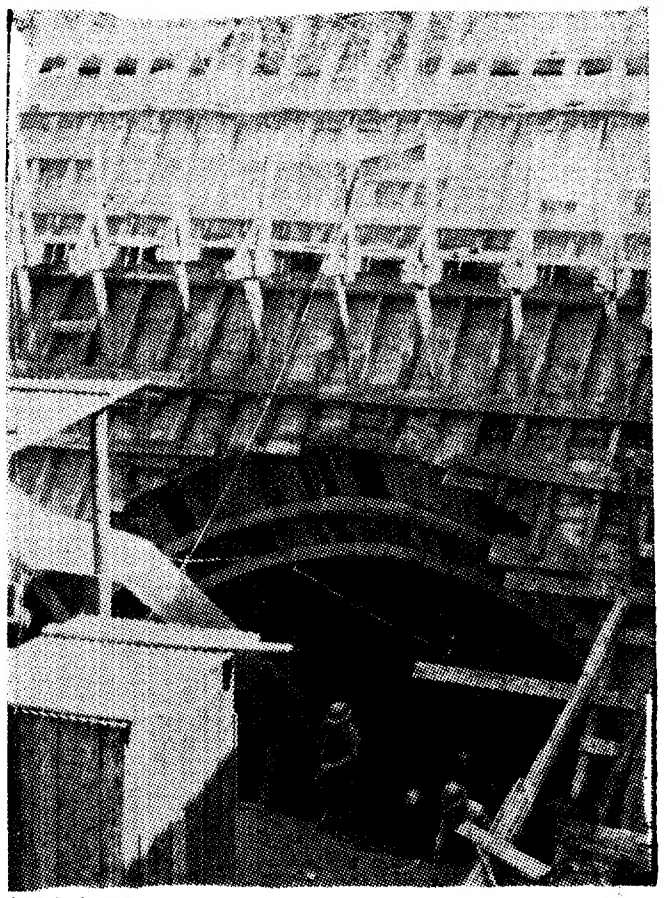
PORTEL, 17. — Continuando a visita que ontem iniciou ás obras da 2.ª fase do Plano de Rega do Alentejo, o sr. Presidente da Republica visitou, esta manhã, o local da barragem central de produção de energia e estação elevatória de Alqueva, no rio Guadiana.

O sr. almirante Américo Thomaz é acompanhado pelo seu ajudante de campo, tenente-coronel Soares da Cunha. A comitiva é integrada pelo ministro das Obras Publicas e Comunicações, eng.º Rui Sanches; secretários de Estado das Obras Publicas e da Africultura, respectivamente, engs Pinto Eliseu e Vasco Leónidas; chefe de gabinete do ministro das Obras Publicas, eng.º Alves Fernandes; eng.º-agrónomo António Pedro Peres de Quedros Costa, chefe da brigada agrícola do aproveitamento de Odivelas e presidente da direcção da Corporação Hortícola do Roxo; dr. Vítor Ruivo e eng.º Ramalho Fontes e outros altos funcionários dos departamentos da Agricultura e das Obras Publicas.

A futura barragem de Alqueva, no rio Guadiana, é a obra mais importante de todo o Plano de Rega do Alentejo que, sem ela, não poderia ser articulado. A barragem, com as respectivas centrais — uma para produção de energia e outra para bombagem — ficará a ser uma das grandes da Europa, estando o seu custo orçado em mais de um milhão e meio de contos.

O empreendimento suprimirá as faltas de água na região alentejana, para as áreas abrangidas pelo Plano — e justificará a construção do aproveitamento hidráulico da Rocha da Galé, no rio Guadiana, a jusante do Alqueva, próximo de Mértola.

Depois de construída a barragem do Alqueva, a água bombeada da respectiva albufeira irá alimentar o sistema de Odivelas. O projecto daquele primeiro empreendimento encontra-se concluído e em aprovação no Conselho Superior de Obras Publicas. Uma vez aprovado, será adjudicada a construção.



A galeria de derivação do aproveitamento hidroagrícola do Alto Sado, que foi visitada pelo sr. Presidente da Republica

(ROBERT) VISITA PORTUGAL (OVER COINTREAU (LICOR)

sr. Robert Cointreau estava em Lisboa. Foi então que realizei, pela primeira vez, que Cointreau também podia ser nome de pessoa.

Li mais algumas linhas e cheguei á conclusão que Cointreau é nome de família e de licor, ou antes, que, afinal, o «Cointreau» que a gente bebe é fabricado por uma família de nome Cointreau. Mais ainda: uma família, instalada em Angers, no Vale do Loire, onde, em 1894, os seus antepassados, os irmãos Edouard-Jean e Adolphe Cointreau resolveram instalar, na Rue Saint Laud, uma destilaria destinada ao fabrico de licor.

Os anos passaram e a destilaria transferiu-se para o Quai des Luisettes, onde ainda hoje funciona, dirigida por um «comité» de gerência, composto pelos srs. Max, Pierre e Robert Cointreau. É este último que se encontra entre nós, para visitar estabelecimentos da indústria hoteleira, acompanhado pelo sr. António A. Teixeira, seu representante no nosso País.

Com 49 anos, o sr. Robert Cointreau é presidente do «comité» regional dos conselheiros do comércio externo das regiões do Loire e, desde 1964, exerce as funções de conselheiro do comércio externo de França. Licenciado em direito pela Universidade de Paris, desempenha também o cargo de juiz do Tribunal do Comércio de Angers. A toda esta actividade, acrescenta-se ainda a de presidente do conselho departamental da Cruz Vermelha e de secretário-geral adjunto do Sindicat National des Fabricants de Liqueurs. Foi presidente do Rotary Club de Angers e «chairman» da Licensed Trade Association, de Edimburgo.

À noite, Cointreau encontra «Cointreau»

Robert Cointreau está em Lisboa, instalado num hotel

(Continua na 15.ª página)

A apresentação da edição americana de «O Trigo e o Joio» de Fernando Namora

Constituiu assinalado êxito, verdadeiro acontecimento literário, a edição americana do romance de Fernando Namora «O Trigo e o Joio» («Fields of Fate») na sua apresentação ao público.

Entre outros jornais, o Suplemento do «New York Times» dedica ao livro do grande romancista quase uma página inteira, num artigo assinado por W. G. Rogers e ilustrado com uma pintura alegórica de Francisco Sainz. Nessa crítica, compara-se as características da obra do escritor ás de Knut Hamsun e Sigrid Undset; e, após uma análise minuciosa do livro e dos seus aspectos mais importantes, diz o crítico: «Embora nenhum herói morra, embora, ocasionalmente, haja páginas de elevado humor, «O Trigo e o Joio», no seu sentido mais profundo, é quase uma tragédia. E mais do que um romance de encanto original, é um romance de memorável beleza».

RELÓGIOS

De todas as marcas, máxima garantia, preços de concorrência.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

Couto, L.da

PORTO

COM

TAKY

NÃO HÁ PROBLEMAS

PARA A MULHER

MODERNA

TAKY

O DEPILATÓRIO FRANCÊS

QUE ELIMINA OS PÊLOS

EM POUCOS MINUTOS

SEM DÓR

SEM IRRITAÇAO

PEÇA LITERATURA

Tenha o Mundo na mão
Mostre o cartão Diners Club
(com crédito ilimitado)

Abra uma nova dimensão no seu mundo. A fórmula mágica será a sua assinatura num cartão pequeno, como de visita. O "Abre-te Sésamo" em toda a parte, dentro ou fora do país. E toda a parte é o seu mundo (Lisboa, Nova Iorque ou Budapeste). Disponha de 200 000 estabelecimentos seleccionados de todos os géneros, 2000 dos quais em Portugal, fillados no Diners Club. A si recebem-no muito melhor.

Viaje como quiser para 141 países dos cinco continentes. Respeite-se, faça as suas compras, alugue automóveis, veja os melhores espectáculos. Marque sempre o seu lugar. Para isso existem escritórios do Diners Club nas cidades mais importantes — onde conseguir lugar é cada vez mais difícil.

Tudo isto porque possui um cartão do Diners Club, pessoal e intransmissível, com a sua assinatura. Uma assinatura que o liberta de viajar com dinheiro, de câmbios e transferências. Basta mostrá-lo e assinar as notas de despesa. Eis como se dá volta ao mundo sem dinheiro. E com crédito ilimitado.

No estrangeiro o Diners Club está ligado a diversos Bancos. Em Portugal conta com o apoio e a experiência do Banco do Alentejo que, além de todos os serviços bancários, lhe concede vantagens excepcionais: débito automático e modalidades especiais para pagamento. Consulte-o em qualquer das suas dependências. O Diners Club concede ainda aos Membros, Clientes do Banco, um seguro gratuito de acidentes pessoais.

Ao Diners Club Português, SARL. D.L.
Av. da República, 42-7.º LISBOA
Peço o envio do folheto explicativo sobre o Diners Club
Nome: _____
Morada: _____

DINERS CLUB
CONTA ABERTA EM TODO O MUNDO
BANCO DO ALENTEJO

Actualidade internacional

AMARAGEM DA APOLO-13

TRANSMISSÃO EM DIRECTO ATRAVÉS DA TELEVISÃO

HOUSTON, 17 — (F. P.) — Toda a América tem estado agarrada aos postos de Televisão e Rádio para seguir as ultimas fases do voo da Apolo-13. Desde segunda-feira, quando da avaria, que as três grandes estações da Televisão asseguram uma reportagem equase ininterrupta. O regresso da Apolo á Terra vai ser transmitido por intermédio de informações dadas directamente pelo centro espacial. Num helicóptero do «Iwo Jima» montou-se uma camara fotográfica O helicóptero seguirá o mais possível a amaragem e operações de recuperação da Apolo. No porta-helicopteros há de resto uma quantidade de máquinas fotográficas equipadas com teleobjectivas para fixarem o acontecimento. O «Iwo Jima» já se encontra na zona prevista para a amaragem ou seja a mil quilómetros sul-sudeste de Pago-Pago.

As televisões estrangeiras receberão em directo as imagens da amaragem e da recuperação dos três astronautas por intermédio de um satélite de comunicações que está por cima do Pacífico.

Todo o dia de ontem nas igrejas, templos e sinagogas dos Estados Unidos houve orações. A vereação de Los Angeles pediu que durante 30 segundos todas as sereias dos edifícios publicos funcionassem para celebrar o regresso de James Lovell, Fred Haise e John Swigert.

Entretanto, as esposas de Lovell e de Haise estiveram ontem em casa de Donald Slayton, chefe do corpo dos astronautas, onde almoçaram. Depois deixaram-se fotografar pelos jornalisas. Quanto aos pais de John Swigert, vieram de Denver, no Colorado, para Houston (Texas) a fim de se encontrarem com o seu filho no domingo, data em que os três astronautas são trazidos para o centro espacial.

CRONOLOGIA DA REENTRADA

HOUSTON, 17 — (R.) — É o seguinte o horário previsto para a reentrada da Apolo-13 na atmosfera e amaragem no Pacífico, embora ainda sujeito a correcções á ultima hora (tempos na hora de Lisboa).

12 e 23 — Verificação final da aparelhagem de bordo.

12 e 55 — Preparação do sistema de separação do módulo lunar.

13 e 53 — Ligeira correcção final da rota, se necessário.

14 e 27 — Separação do módulo de serviço avariado.

16 e 23 — Depois dos três astronautas passarem para a cabina de comando é fechada a escotilha de comunicação com o módulo lunar.

17 e 53 — O módulo lunar é ejectado.

18 e 53 — A Apolo-13 entra na atmosfera a 120 mil metros de altitude.

19 e 7 — Descida no Pacífico.

CALOROSA RECEPÇÃO NAS ILHAS SAMOAS

PAGO PAGO (Samoa), 17 — (R.) — Aguardam a chegada dos astronautas no sul do Pacífico dois navios de guerra, cinco helicópteros e seis aviões. Os três astronautas, que têm sido vítimas do frio devido á falta de aquecimento na nave avariada, terão uma calorosa recepção nas Samoas a que não faltarão as «morenas» bailarinas.

Quando os astronautas entrarem a bordo do porta-aviões «Iwo Jima», no final da pior crise do programa lunar norte-americano, a banda da Marinha encetará imediatamente os compassos da música «The age of Aquarius», uma das canções mais populares da peça musical hippie «Hair», e «2001: Odisseia no Espaço», da produção cinematográfica com este título.

Além do porta-aviões «Iwo Jima» de 18 000 toneladas, estará também á espera ás 19 e 7 o caça minas experimental «U. S. S. Hall», a cerca de 600 milhas a sudoeste da Samoa.

Quando a cápsula começar a descer, sairão cinco helicópteros do porta-aviões. Um deles levará um grupo de homens rãs para colocar o flutuador na cápsula e fazer os preparativos para a saída dos astronautas. Outro helicóptero transportará outra equipa de homens rãs para auxiliar a recuperação e transporte da cápsula e dos astronautas para o porta-aviões. Os restantes estarão de serviço ás comunicações e ás transmissões de Televisão.

COMUNICAÇÕES SUSPENSAS

LONDRES, 17. — (A. N. I.) — Os governos da Europa decidiram suspender hoje, parcialmente, as suas comunicações pela Rádio para evitarem o risco de interferências com a Apolo-13.

Um informador dos Correios ingleses anunciou que a Grã-Bretanha, a pedido da Embaixada dos Estados Unidos, tinha decidido suspender as transmissões em certas frequências até á amaragem da nave.

Papel fundamental do sextante

HOUSTON, 17 — (R.) — O sextante, um dos mais antigos métodos de navegação pelas estrelas, desempenha um papel fundamental na orientação dos astronautas da Apolo-13 para a sua descida a salvo no ponto predeterminado do Pacífico.

Normalmente a posição da nave é indicada automáticamente pelo computador de bordo, o qual tem estado desligado desde a avaria de segunda-feira no módulo de serviço.

Os astronautas vão hoje tentar pôlo a funcionar novamente mas para isso precisam primeiro de tirar o ponto pelas estrelas ou pelo sol e fornecer esses dados ao computador para que ele possa retomar as suas funções a partir daí.

A Apolo continua a aproximar-se da Terra dentro do estreito corredor invisível, que representa a única via segura de reentrada na atmosfera, mas a sua rota faz um ângulo demasiado baixo com a tangente no ponto de entrada.

Para evitar que a nave possa ressaltar nas camadas superiores da atmosfera e ser atirada novamente para o espaço onde se perderia, é necessário modificar ligeiramente o ângulo, pelo que ás 12 e 53 TMG os tripulantes farão funcionar durante 20 a 25 segundos pequenos motores a jacto para conseguirem a desejada correcção.

L. N. EFREMOV, nomeado, agora, primeiro vice-presidente da Comissão do Estado para a Ciência e Técnica da União Soviética

ANTHONY GREY — O JORNALISTA DO ANO DE 1969

LONDRES, 17 — (R.) — Anthony Grey, o correspondente da Reuter, que esteve preso durante 26 meses em Pequim, foi considerado hoje o jornalista do Ano de 1969, ao serem atribuídos os prémios nacionais de Imprensa da International Publishing Corporation.

Uma comunicação dizia que o correspondente da Reuter recebia a honraria pela coragem e dignidade com que enfrentou a sua longa provação.

Cinco gigantescos aviões participam na recuperação da cápsula

SUVA (Fiji), 17 — (R.) — Cinco gigantescos aviões americanos, cheios de equipamento de rádio e eléctrico, aterraram nesta ilha do Pacífico para a recuperação de emergência de hoje dos astronautas da Apolo-13.

O «focinho» cónico da nave lunar deverá amarar ás 19 e 7 de Lisboa no Pacífico a sueste de Samoa e a cerca de 1.720 quilómetros de Suva.

Quatro aviões KC-135, carregados com equipamento no valor de milhões de dólares, e um Starlifter C-141, transportando cerca de cem técnicos, aterraram ontem nesta cidade para transformarem Suva num dos centros da operação de recuperação.

Os ultimos boletins meteorológicos informam que o ciclone tropical «Helen» estaria muito a oeste da área-alvo, com 80 quilómetros de diâmetro, situada a 21 graus e 40 minutos latitude sul e a 165 graus e 23 minutos longitude oeste.

Um informador dos serviços meteorológicos disse que se esperava pouco vento na zona da amaragem e que qualquer ondulação do mar não seria suficientemente forte para causar preocupação.

Um quinto jacto KC-135, uma versão especial do Boeing-707, deve, segundo se espera, aterrar hoje em Suva.

Todos os seis aviões partirão mais tarde para a área de amaragem, a fim de seguirem a cápsula Apolo na sua trajectória através da atmosfera e para manterem a ligação pela Rádio entre a estação de «contrôle» terrestre e os astronautas.

ENREGELADOS

HOUSTON, 17. — (R.) — Aos astronautas da Apolo-13, enregelados devido á falta de aquecimento no módulo de comando da sua nave espacial avariada, foram prometidas a noite passada férias nas praias de Samoa, a fim de «descongelarem».

Numa conversa com a missão de «contrôle», foi perguntado ao piloto do módulo lunar, Fred Haise, se nevava ainda na cápsula de comando visto a falta de energia eléctrica ter obrigado os astronautas a desligarem o aquecimento.

«Não, não muito» — respondeu Haise. «As janelas encontram-se num estado lastimoso. Todas elas no módulo de comando estão cobertas com gotas de água».

«Deke (Donald Slayton, director das operações dos astronautas) diz que vocês podem passar algum tempo nas praias de Samoa para descongelarem, após esta friorenta experiência» — replicou a estação de «contrôle».

«Isso é formidável» — disse Haise.

OS VOOS APOLO VÃO PROSSEGUIR

HOUSTON, 17 — (F. P.) — Com o malogro da Apolo-13, a série de voos Apolos (12, 13, 14 e 15), devendo prolongar-se até Março de 1971, está interrompida mas segundo tudo leva a crer vai prosseguir. Desde já haverá um certo atraso para a Apolo-14, que devia partir em Outubro de 1970 com os seus cosmonautas. O sítio da alunagem é que está em duvida. O director Anthony Calio, da ciência e aplicações no centro espacial de Houston, entende que para Apolo-14 o local deve ser não o que estava previsto, Littrow, mas o Frau Mauro, que Apolo-13 não atingiu. Outros são de opinião que Littrow deve ser mantida porque oferece uma ocasião de estudar os famosos «mascões». Em todo o caso, estas discussões entre os cientistas americanos demonstram que os voos Apolo continuam a ser considerados como necessários, devendo prosseguir.

Por outro lado, o administrador adjunto da N.A.S.A., Julian Scheer, declarou que as economias recentes aplicadas na N.A.S.A. não tinham comprometido em nada a segurança da Apolo-13. Não obstante os cortes feitos nos créditos no programa espacial (reduzido de 3,78 biliões de dólares em 1970 para 3,33 biliões em 1971), não tinha havido qualquer omissão em preencher todas as exigências de verificação do material de Apolo-13. Recusando todas as insinuações de que certos riscos tinham sido aceites para economizar algumas centenas de horas de verificações, o dr. Julian Scheel afirmou: «A N.A.S.A. nunca teria procedido ao lançamento se não se tivesse considerado capaz de enviar os astronautas á Lua e trazê-los para Terra a são e salvos».

Museu em honra de Neil Armstrong

WAPAKONETA (Ohio), 17. — (F. P.) — Viola Armstrong, mãe do herói da Apolo-11, deu ontem a primeira pazada de terra num campo de Wapakoneta, onde vai ser levantado um museu em honra de Neil Armstrong. O museu custará um milhão de dólares a Wapakoneta, pequena cidade natal do primeiro homem que andou na Lua.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

FÉRIAS NO ALGARVE
AS MELHORES E MAIS ECONOMICAS
MOTEL «PRAIA VERDE»
Confortáveis Bungallows no pinhal frente à mais linda praia
Restaurante com requintada cozinha regional
Reservas: telefone 5004 de Vila Real de Santo António ou 326335 de Lisboa

popfado
Helder Martins (com x—77)
+Rueda e Ayres

PRÉDIO
MOSCAVIDE
Construção moderna, em cimento armado, composto de 4 pisos, 8 inq., hab. 3 div. soalhadas, casa de banho e hall. Alugados com rendas baixas. Bom rendimento.
Preço — 1.080.000$00.

A nação americana aprende a ver com novos olhos as viagens espaciais

WASHINGTON — (Por Howard Simons — Exclusivo «Diário de Lisboa»-«Washington Post») — *A atitude despreocupada da América para com os voos espaciais tripulados recebeu um golpe profundo na manhã do dia 14.*

O «bang» que reduziu a zero os projectos ambiciosos da «Apolo-13» abalou uma nação, que estava a ficar demasiado segura dos seus êxitos no espaço, quase entediada com essas viagens mecânicas a caminho da Lua.

Assim que se soube que os três astronautas estavam em perigo, em Terra toda a gente se sentiu solidária com os tripulantes da nave. Os três astronautas pareciam extremamente calmos, mas o mesmo não sucedia ao resto do Mundo.

A emissão iniciou-se com uma nota quase pueril — um dos astronautas teria sido contagiado de rubéola. O facto prestou-se a inevitáveis gracejos.

Pormenor talvez mais significativo: o interesse manifestado pelo voo era menos vivo, desta vez: menor número de jornalistas em Cape Kennedy e em Houston, maior escassez de artigos nos jornais. No dia do lançamento (sábado, 11) a «Apolo-13» não figurava na primeira página dos jornais americanos, que reservaram esse lugar para o conflito do presidente Nixon com o Senado a propósito das nomeações para o Supremo Tribunal. Que novidade podia haver depois de 22 voos espaciais tripulados americanos?

O próprio voo com o suplente Swigert foi descrito a princípio como «impecável».

Depois: «bang» — o interesse e a apreensão pelas coisas do espaço conheceram renovado acréscimo. Agora não se tratava mais de rotina. Três homens estavam em perigo de ficar absolutamente isolados no espaço (por estranha coincidência uma história semelhante era exibida nos cinemas de todo o país.)

À medida que a tensão ia crescendo, as questões inevitáveis iam-se levantando: voltariam eles á Terra? Poderiam eles voltar á Terra?

Neste momento não há qualquer meio de levar socorros a homens perdidos no espaço. Os astronautas sabem-no. Os que não fazem parte dos programas espaciais levarão mais tempo a compreendê-lo. Os problemas da «Apolo-13» reanimarão inevitàvelmente o debate sobre as possibilidades de socorro.

Fosse qual fosse o desenlace da viagem da «Apolo-13» uma coisa era certa — o misterioso «bang» ocorrido no espaço fará recuar provàvelmente os esforços empreendidos pelo Homem para conseguir vencer o seu horizonte imediato.

Mas há uma lição ainda mais directa: uma nação, imbuída do êxito dos seus empreendimentos, apaixonada por fotografias tiradas durante as viagens á Lua, ávida de divertimentos sempre renovados, hipnotizada por horas passadas a ver TV, descobre, de repente, que a sua confiança nos voos espaciais perfeitos era prematura.

Em 1962 já John Gleen dizia á nação: «Espero que tenhamos sempre a mesma confiança no programa espacial, mesmo que em certos momentos não nos encontremos nos mesmos píncaros de felicidade e de entusiasmo onde hoje nos vemos. Porque nem sempre será assim.»

A ironia da situação está no facto de ter sido um desastre em potência o que levou muitos americanos a olharem sob um novo ângulo o seu programa espacial. Para os homens directamente envolvidos na actividade espacial, esta viagem — como todas as outras — foi sempre considerada como uma travessia de um mar hostil, cheio de perigos (como todas as explorações de novos mundos).

Muitos dos que viviam os voos espaciais por pessoas interpostas subestimavam o perigo, talvez por se encontrarem sólidamente agarrados á Terra.

CONDECORADA UMA HEROINA DA RESISTÊNCIA — Jacqueline de le Roche Brochard-Pery recebeu, recentemente, das mãos do presidente Georges Pompidou, uma condecoração raramente atribuida a uma mulher: o colar de comendador da Legião de Honra. Jacqueline de la Roche tomou parte activa na luta clandestina em França, durante a segunda guerra mundial, e foi uma das principais obreiras do nucleo «Acção» integrado no grupo de Jean Moulin

Apolo-13: Último ajustamento da trajectória

(Continuação da 1.ª página)

conseguiam dormir com frio. Em actividade resistirão melhor ao frio

Os três homens apenas conseguiram dormir metade do tempo de está previsto devido ás condições de desconforto em que se encontram na exígua cabina do módulo lunar, onde mal se podem estender.

De resto a temperatura no módulo é de 12 graus centígrados, o que representa um frio perfeitamente suportável por homens em condições normais, mas para os astronautas vivendo em condições precárias há mais de três dias, esgotados pela falta de repouso e preocupados com o regresso, o frio parece ainda maior.

MAIS QUENTES

Os três homens deviam ter dormido seis horas antes de iniciarem os preparativos para a amaragem, mas quando tinha passado apenas metade do tempo Swigert comunicou para terra que se encontravam acordados e disse: «Estava muito frio e não conseguíamos dormir. Todos nós temos o mesmo problema».

Os controladores de voo decidiram, então, que não valia a pena insistir com eles para descansarem mais e deram autorização para fazerem funcionar os sistemas eléctricos de aquecimento e os motores de estabilização.

A aparelhagem de bordo tinha sido desligada para poupar a energia eléctrica das baterias, mas uma vez que faltam apenas oito horas para a descida não vale a pena continuar o racionamento á custa do conforto dos astronautas, porque a energia chega e sobra para o tempo que falta de viagem.

Pouco depois dos sistemas serem ligados, o comandante Lovell comunicou para terra: «Agora sim, já estamos quentes. Obrigadinho.»

POSIÇÃO

Entretanto, a posição da Apolo, ás 9 e 15 hora TMG, indicava que a nave estava a 104 971 quilómetros da Terra, aproximando-se a 8957 km/h.

CUSTO DA OPERAÇÃO DE RECOLHA

HOUSTON, 17 — (R.) — O custo da gigantesca operação de recolha dos astronautas da missão Apolo-13 foi avaliado hoje por observadores informados em 500 000 dólares (cerca de 14 560 contos).

O custo exacto de uma missão qualquer de recuperação é difícil de calcular visto que o departamento de Defesa não manda a conta á N.A.S.A. senão depois de concluída a operação.

A N.A.S.A. paga á Marinha as despesas com pessoal, as despesas de viagem de todos os funcionários relacionados com os diversos aspectos da operação, incluindo os serviços de Imprensa na missão de «contrôle», o combustível para os navios e aviões e ainda todos os extraordinários.

Quando a missão Apolo-13 esteve para ser adiada, devido á suspeita de que Ken Mattingly teria contraído rubéola, a N.A.S.A. calculou que o adiamento custaria cerca de 800 000 dólares (cerca de 23 300 contos). Porém, os funcionários da N.A.S.A. julgam que grande parte dessa verba poderia ser atribuida ás despesas de recolha.

MEIO MILHÃO DE DÓLARES PELO DIAMANTE NASSAK

NOVA YORK, 17 — (R.) — O diamante Nassak, uma das maiores e mais famosas pedras preciosas do Mundo, foi comprado ontem por meio milhão de dólares (14 570 contos) num leilão que se realizou nesta cidade.

As ofertas nas Park Bernet Galleries demoraram apenas três minutos e começaram ao preço de 200 000 dólares, subindo rápidamente em lanços de 25 000 dólares.

A gema, montada como um anel, foi comprada por Edward Hand, de 48 anos, Connecticut, que revelou que a adquirira para a sua colecção particular.

«Conservá-la-ei num cofre bancário e vê-la-ei no Natal e na Páscoa» — acrescentou.

O Nassak pertence á mesma categoria em excelência do famoso Olho de Idolo, de 70,20 quilates, do Krupp, de 33,19 quilates, e do Cartier, de 69,42 quilates, segundo um informador da Park Bernet.

O diamante Cartier estabeleceu um novo «record» mundial em leilões para o preço de uma unica peça de joalharia quando foi vendido em Outubro passado por 1 050 000 dólares aos joalheiros Cartier, que mais tarde venderam a gema ao actor Richard Burton por uma verba não revelada.

O Nassak estava originalmente cravado no olho de uma estátua hindu num templo numa caverna em Nassak, no nordeste de Bombaim. A pedra preciosa, que pesava então 90 quilates, foi roubada no século XVIII e apreendida pelos britânicos em 1818.

NOVOS ALUDES NOS ALPES

PLATEAU D'ASSY, 17 — (R.) — No local da avalanche de ontem em que morreram provàvelmente 72 pessoas, deram-se hoje quatro desprendimentos de neve que feriram 13 membros das equipas de socorro.

Foram recolhidos esta manhã os corpos de mais quatro adultos vítimas da avalanche de ontem. Eleva-se assim para 37 o numero de corpos encontrados, faltando ainda 35 pessoas. A esperança de as encontrar com vida é práticamente nula.

Receia-se que entre as vítimas haja 57 crianças de 4 a 14 anos.

CRIANÇAS PORTUGUESAS ENTRE AS VÍTIMAS?

As novas avalanches abateram-se sobre a encosta, quando as brigadas de socorro procuravam pessoas soterradas sob toneladas de terra e rochas que arrasaram o sanatório local, onde se encontravam crianças de várias nacionalidades. Havia entre elas portugueses, argelinos, italianos e franceses.

Este desastre foi o mais grave registado este ano após uma série de avalanches que nos Alpes já tinham causado a morte a uma centena de pessoas em Cal d'Isère, na França, Reckingen, na Suiça, e noutros pontos.

Até há poucos dias tinha nevado abundantemente nesta região e, em seguida, o tempo aqueceu e a neve começou a derreter-se, julgando-se que tenha sido esta a principal causa da avalanche.

Ian Paisley eleito deputado

BELFAST, 17 — (A. N. I.) — O rev. Ian Paisley, dirigente protestante, derrotou o seu adversário, o dr. Bolton Minford, do Partido Unionista, nas eleições para o Parlamento da Irlanda do Norte.

Paisley, que assentou a sua campanha eleitoral numa inflexível hostilidade contra a minoria católica, venceu por uma margem de 1203 votos.

Ao cair da noite, grupos afectos a Paisley percorreram as ruas das cidades e aldeias cantando hinos protestantes e proferindo o seu grito de guerra: «Rendição não».

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

✝

D. GLÓRIA NUNES DE BARROS

FALECEU

D. Laura de Barros Andrés, seu marido dr. Amadeu Baptista Andrés, António Joaquim de Barros, sua esposa Cacilda Salgueiro de Barros e mais família cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus Servido Chamar à Sua Divina Presença a sua muito querida e chorada mãe, sogra e parente e que o seu funeral se realiza amanhã dia 18, pelas 11 horas, da Igreja S. João de Deus, para o cemitério a determinar.

A. G. MAGNO LDA.
Avenida Almirante Reis, 129 - A
Telef. 51586

✝

ALBINO MOREIRA DA CUNHA

(PINTOR DE ARTE)

Missa do 7.º dia

Sua família, participa que amanhã, dia 18, pelas 17 horas, na Igreja de São José (Largo da Anunciada), será rezada missa de sufrágio, por intenção de sua alma, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a tão piedoso acto.

P. N. A. M.

AGÊNCIA SALGADO DA RUA DA ROSA
Tel. 324257

Na ERICEIRA o «DIARIO DE LISBOA» vende-se na Tabacaria Fino, P. da Republica, 3.

✝

MARIA HELENA DE ALMEIDA SÁ TEIXEIRA VIEGAS

Missa do 30.º dia e agradecimento

Delmira Almeida Sá Teixeira, Maria Amélia A. Sá Teixeira Alves Afonso e mais família, participam que amanhã, dia 18, pelas 18 horas será celebrada missa na capela do Hospital de Arroios (á Praça do Chile), agradecendo a quem se digne assistir a este piedoso acto e bem assim a todos que lhes manifestaram o seu pesar e que, por desconhecimento de moradas, não lhes é possível agradecer directamente.

O PORTUGUÊS NUMA VISÃO DE PERSPECTIVA EUROPEIA E NUM CONTEXTO MUNDIAL

Dois recentes discursos oficiais, de grande importância, transmitidos à Nação com o curto intervalo de cinco dias, vieram dar um estado candente a quanto se relaciona com as forças económicas nacionais.

Um deles produziu-o o Senhor Presidente do Conselho. Como sequência do enunciado que vinha sendo feito, por forma regular, de uma política de adaptação mais rápida às exigências prementes do País foram nele definidas, com a serenidade e a clareza próprias do Homem de Estado, as condições em que hão-de realizar-se as necessárias reformas. Estas, assentes na equidade, na justiça e no respeito do trabalho de cada um, serão bem-vindas pois assegurarão o renovamento sem o qual todo o corpo organizado se estiola.

O outro discurso, aliás primeiro na ordem cronológica, foi pronunciado em 16 de Fevereiro de 1970 pelo Senhor Secretário de Estado da Indústria e forneceu a indicação genérica das grandes linhas com que se pretende orientar de futuro, no domínio legal, a indústria portuguesa.

Obrigados por preceitos legais a elaborar periòdicamente um relatório de empresa, compreender-se-á que o fazemos este ano em moldes de mais larga projecção económica, com o pensamento em naturais inquietudes de accionistas industriais.

Ao fazê-lo adoptaremos trajectórias e âmbitos próprios, assim como procuraremos, insistentemente, não nos desviarmos do plano das exigências inerentes a uma apreciação de ideias e sistemas — plano no qual as pessoas nunca estão em causa.

Mesmo assim, alguns dos Senhores que nos ouvem virão a pensar, talvez, que toda a definição, mesmo de conceitos, envolve um risco, e que esta circunstância concorre para uma possível inutilidade de quaisquer trabalhos, ainda que, como este, sejam de índole marcadamente objectiva e profissional e não de debate polémico.

Em tais casos, porém, limitar-nos-emos a responder como Disraeli:

Para quê escrevi eu este livro? Para o ler.

I. PORTUGAL NA EUROPA

Se, sobre o sector mediterrânico da carta do Continente, desenharmos um grande rectângulo que tenha aproximadamente por lados o paralelo de Monção do Minho, a linha da costa oeste portuguesa, o paralelo de Sagres e a linha de separação euro-asiática, encontraremos nele inseridos, além de Portugal, a Espanha ao sul da corda industrial do Cantábrico e da Catalunha, a Sardenha, o Mezzo Giorno italiano e partes da Albânia, da Grécia, da Bulgária e da Turquia. Neste todo agrupam-se uma ilha e quatro verdadeiros esporões, orientados em direcção à barreira islâmica, formando a franja da massa compacta continental, mas desta em geral separados por grandes divisórias naturais.

Dir-se-á, como já foi afirmado, que condições absolutamente excepcionais das paragens em causa, onde as temperaturas médias se situam entre os 17 e os 23 graus, conjugaram-se tão intensamente para dar as mais elevadas expressões ao espírito do homem, que este, ali, vive para pensar e discutir, enquanto que ao Norte pensa e discute para viver.

É reconhecida, de facto, a existência de uma geografia humana de traços bem definidos, mostrando nos homens mediterrânicos um carácter propício à manifestação de actos individuais, de ideal e rasgo, e nos outros, do norte, a vocação fria para, em grupo, agirem com a eficiência inerente.

Sobreposta à geografia humana apontada, existe outra, económica, caracterizada por factores não favoráveis ao homem mediterrânico. Com efeito, é também ao norte dos limites naturais já referidos, que separam a Europa compacta da Europa recortada e marginal, que se encontram no hemisfério, numa faixa irregular de um grande arco de círculo, as suas regiões de maior fertilidade agrícola, entremeando com as das mais possantes jazidas de carvão, que foram o grande pólo de origem e de impulso da revolução industrial.

Acresce que o troço europeu do mencionado arco de círculo, plano e entrecortado por grandes rios que, em economia, não dividem, mas antes aproximam, é extremamente propício ao estabelecimento de intensas e poderosas correntes de trânsito, ao contrário do que sucede com a geografia meridional, acidentada e descontínua.

O exame sucinto dos factores humanos e das características naturais do meio permite ver quanto as oportunidades e bases de partida para o processo de desenvolvimento moderno foram semelhantes para os povos da orla mediterrânica europeia, e quão diferentes o foram entre estes e os outros povos habitando maiores latitudes. E também permite compreender e concluir que, se é indiscutível que o ritmo de crescimento económico de uma Nação depende de uma vontade esclarecida e colectiva, activada pelo estímulo contínuo e positivo das Administrações, também não resta dúvida de que a dificuldade de os povos mediterrânicos alcançarem o pelotão da dianteira — enquanto nas actuais estruturas políticas da nossa era industrial uns e outros mantiveram a corrida para níveis sempre mais ambiciosos de produção e consumo — não pode ser suprida pela simples natureza dos regimes políticos, da vontade dos governos e da capacidade dos industriais. Repare-se, a propósito, que no rectângulo geográfico atrás definido existem regimes políticos bem variados.

Portanto, lógico se afigura que, à margem de pequenas mutações de classificação, Portugal Europeu continue a pertencer ao grupo dos países econòmicamente menos favorecidos do Continente, à semelhança do que lá acontecia há um quarto de século, quando a Linha de Rumo constatou esta situação.

Certo que todos os países deste grupo obtiveram relevantes progressos nas suas economias.

No que concerne a Portugal, adoptemos, numa primeira aproximação, como já o fez a Linha de Rumo e temos visto repetir, as capitações da electricidade, do cimento, do aço, como índices de progresso, e constataremos, no período considerado, os seguintes aumentos:

	1938	*1968*	*% de aumento em cada década*
Electricidade	51 kWh	390 kWh	60; 200; 128
Cimento	36 kg	192 kg	68; 95; 64
Aço	20 kg	64 kg	5; 71; 78

A estes, acrescentaremos índices relativos aos elementos fertilizantes, por serem fundamentais na satisfação de necessidade primária do homem — a alimentação.

	1938	*1968*	*% de aumento em cada década*
Azoto (N)	1,3 kg	10,4 kg	37; 280; 54
Fósforo (P_2O_5)	5,3 kg	6,4 kg	7; 52; −26
Potássio (OK_2)	0,5 kg	2,1 kg	0; 100; 110

(1) Ver importância deste quadro na Nota final do texto.

É certo que nos faltam ainda importantes actividades — como as de materiais de síntese, automóveis, electrónica, computadores — que são hoje verdadeiros medidores de progresso das nações.

Porém, quanto à posição de Portugal, mais algumas considerações parecem oportunas, como vamos ver.

— Se tivermos em consideração que nem só os factores puramente materiais contam para o homem, merece registo a circunstância de, a par do aumento geral do nível de vida, ter crescido, com aceleração proporcional, nos últimos 30 anos, aquilo a que se vai chamando nostàlgicamente, por esse mundo fora, o inestimável bem-estar, o feliz modo de viver — factor igualmente indispensável ao harmonioso desenvolvimento da vida social.

Como adiante veremos, o rápido nivelamento dos dois grupos de países europeus considerados só poderia dar-se, dentro da presente era económica, pela via de uma união do continente. No entanto:

— *Se dispusermos de uma política que atraia o activo investimento privado e que considere com firmeza a criação das grandes indústrias motoras de progresso que ainda nos faltam, assistir-se-á, inexoràvelmente, à aceleração das nossas taxas médias de crescimento — do que há-de resultar atingirmos, em prazo adequado, os padrões de desenvolvimento que abrem o acesso à era pós-industrial.*

— Uma vez instalados neste período — que há-de ser caracterizado por uma diminuição da importância esmagadora que hoje assumem (entre todos os demais) os problemas de crescimento puramente material e, portanto, por uma valorização paralela dos factores de ordem humanística — disporemos então, nós, latinos, de trunfos valiosos para mais ràpidamente vencermos distâncias.

É sabido que existem no mundo outros casos de desfasamento persistente entre nações, ou grupos de nações, para além do que foi apontado.

Tomemos, por flagrante, o exemplo que nos oferecem a França e os Estados Unidos da América — a diferença de rendimento real entre o trabalhador activo de cada país tem-se-la mantido, ao longo da década de sessenta, segundo é admitido por determinadas estimativas, sensivelmente no desnível dos 41% de há 10 anos; ainda que não fosse assim, bastaria saber que em 1960 o trabalhador francês ganhava o mesmo que o americano em 1925; da mesma estimativa infere-se que o grau de escolarização, imputável em 10 unidades aos 41% mencionados, já não poderá, talvez, ser igualado pela França ao da América no presente século.

Encaradas as coisas por estes ângulos, parece não existirem razões para nos desanimarem.

Mas há mais

II. PORTUGAL NO MUNDO

Os grandes problemas postos às nações, como às empresas, encontram, por vezes, a mais fácil e adequada solução dentro de um quadro de objectivos, racional e corajosamente alargado.

Voltando ao rectângulo geográfico imaginado no princípio do capítulo anterior, e onde se inscreveram regiões pobres, vê-se figurarem entre elas determinadas zonas da Espanha e da Itália que escapam à classificação e ao grupo das nações pouco desenvolvidas, por virtude de haverem realizado, a tempo, uniões com áreas vizinhas de maiores recursos, formando, dessa maneira, conjuntos territoriais mais amplos, que deram origem a equilíbrios de riqueza.

Porém, todos estaremos de acordo que seria pouco prático que Portugal aguardasse a viabilidade de substituir, na Europa, as fronteiras étnicas por outras económicas, com vista a uma união do género da espanhola e da italiana, ou mesmo de tipo continental, para resolver convenientemente os seus problemas de escala.

Mas existem portugueses, em assinalada maioria, a avaliar pelos resultados do último escrutínio, que entendem que o nosso território europeu não é senão, com Angola e Moçambique, uma das grandes partes que, efectivamente, constituem Portugal. E, numa trajectória histórica, devem ter razão porque, possuindo os povos um sentido de subsistência e felicidade em projecção futura, vê-se que os homens de quinhentos trataram de iniciar uma arquitectura de integração com espaços distantes, uma vez que pressentiram estar-lhes vedado, por largos séculos, realizarem-na com os territórios vizinhos, ou com o próprio Continente, ao qual, aliás, acabaram por virar costas.

E não há dúvida de que as suas previsões revelam-se agora de alcance frutuoso, facultando uma relação de cooperação pelo aproveitamento, em comum, dos potenciais que uns possuem em riquezas naturais e de que outros dispõem em cultura.

Se é certo que os Territórios do Sul nos proporcionam importante acréscimo de recursos e de dimensões, é Lisboa, no entanto, que possui os benefícios essenciais de uma civilização superior e que está apta a difundi-los, pelas restantes parcelas, em condições de assimilação que ninguém mais poderia igualar e mediante processo mais acelerado do que o da própria expansão da raça branca.

Esta tese, que não nega, antes consubstancia, o axioma da continuada evolução política, na permanente mutação da vida, permite apresentar a realidade de uma Nação com acrescidas potencialidades, no preciso momento em que, por mais paradoxal que pareça, existem situações concretas no mundo a concorrer, singularmente, para o seu reforço.

Na verdade, as rotas de quinhentos dos descobridores portugueses e dos conquistadores espanhóis, readquiriram na actualidade uma importância transcendente. É por elas que se processam, por forma progressiva, os fluxos de enormíssimas quantidades de matérias-primas que constituem a base da subsistência económica do mundo ocidental.

Longe do poder comunista que domina uma enorme área das massas sólidas que no hemisfério boreal barram as ligações marítimas, têm as rotas mencionadas, hoje servidas por unidades transportadoras de enorme tonelagem, a possibilidade de alimentar, com continuidade e segurança, os grandes parques industriais do mundo livre, situados no Japão, na Europa do Oeste e nos E. S. A., a partir do carvão, do ferro e do petróleo de que dispõem, entre outras e por forma estratègicamente feliz, a Austrália, a África, o Brasil, a Venezuela e a Costa Norte do Alasca.

A nova estratégia do abastecimento do mundo livre há-de fatalmente atrair cada vez mais a atenção e o interesse pelos novos territórios fornecedores e também por aqueles que se encontram nos caminhos dos respectivos transportes.

Ora, Angola e Moçambique situar-se-ão necessàriamente, no número dos grandes beneficiários, não só por serem chamados a participar nos fornecimentos com as suas produções, mas também por facultarem o trânsito das mercadorias do centro da África Austral, drenadas por portos portugueses cujos serviços e apoio à navegação das grandes rotas serão igualmente de inestimável importância.

Portanto, e independentemente da crescente descentralização administrativa que, dentro da evolução política conjunta, irão adquirindo os territórios do Sul, impõe-se que se pratique *uma decidida política global,* firme e orientadora, mas nunca intervencionista em sentido socializado. Seria através dela que *encaminharíamos as diversas economias para objectivos comuns, criando a consequente unidade de força que, perante o mundo e perante nós próprios, libertaria definitivamente o País da pequena estatística e das algemas da modéstia mediterrânica. Simultâneamente, constituir-se-ia uma base substancial para negociação em termos desejáveis dos acordos económicos internacionais.*

III. ESTRATÉGIAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO

A intensa vocação pelas descobertas marítimas levou-nos, como já vimos, a virar costas à Europa, sucedendo que, cansados pela epopeia e forçados a prestar-lhe mais alguma atenção, tivéssemos de estabelecer com ela relações nem sempre de perfeita reciprocidade de interesses.

Porém, sendo agora indiscutível o interesse de prosseguirmos na senda da integração no Quadrante do Norte, até como condição indispensável da formação e acesso a capitais de saber que só a escala continental pode proporcionar, afigura-se imprescindível reforçar posições no Quadrante do Sul, cuja consistência será um trunfo de força contratual de primeira grandeza, nas negociações a continuar com a Europa. Esta, por forma directa, ou, se politicamente necessário, indirecta, terá que considerar o valor do todo nacional onde se situa.

Nestes termos, não será um dilema de escolha entre os nossos territórios de África ou a Europa que aos Portugueses se põe na presente encruzilhada histórica.

Lembramos que o problema, tal como para nós se encontra por agora equacionado, considera a simples e plena adesão a uma zona de livre troca e não, por enquanto, uma união política ou mesmo económica.

Passamos, em seguida, a apreciar uma e outra hipótese.

QUADRO LIVRE - CAMBISTA

Foram as nações mais desenvolvidas do globo, ao atingirem um determinado estado crítico de saturação económica, adentro fronteiras, que pregaram ao mundo restante que a salvação geral se encontrava na supressão recíproca das *barreiras que se opunham ao livre movimento e implantação dos negócios internacionais.*

Todavia, não se disse nessa altura que a condenada autarquia tinha constituído condição essencial, seguida firmemente e com rigor pelos novos campeões da liberdade, para se haverem erguido à situação de riqueza de que dispõem.

Nem tão-pouco se explicou que, dentro de um bem entendido sistema de reciprocidade e de equidade contratual, impunha-se que o acordo de liberalização fosse clausulado por tal forma que à eliminação imediata das barreiras do contratante altamente evoluído correspondesse a supressão progressiva das do contratante mais atrasado.

No entanto, só assim estariam criadas as condições de equidade, mediante as quais o completo desaparecimento das barreiras deste último se verificaria quando a sua economia apresentasse um grau de desenvolvimento comparável, ao menos, ao que possuía a daquele primeiro

(Continua na página seguinte)

O PORTUGUÊS NUMA VISÃO DE PERSPECTIVA EUROPEIA E NUM CONTEXTO MUNDIAL

(Continuação da pág anterior)

no momento da assinatura do acordo.

Com efeito, é de perguntar o que valeria a Portugal darem-lhe o Planeta para mercado, se não lhe fornecessem simultâneamente, para ele o poder aproveitar, o potencial de forças científica, técnica e financeira indispensáveis: — sobretudo, quando, em contrapartida, lhe seria exigido o seu próprio espaço para nele operarem, livre e imediatamente, os grandes negócios internacionais, que tenderiam, pela aquisição de património nacional, para a absorção dos negócios locais, para a desnacionalização das gentes e, consequentemente, para a condução dos nossos grandes territórios do Sul para órbitas de momento desconhecidas.

Nestas condições, e quando se proclama uma política baseada na defesa da nossa unidade, não parece natural que ela não encare, simultâneamente, a defesa interna contra a livre penetração e expansão de interesses internacionais *que tendem a realizar concentrações de potencial económico que deveriam antes obter-se por um sistema de fusões entre firmas portuguesas.*

Os negociadores da convenção de Estocolmo tiveram, avisadamente, a percepção do problema e criaram as defesas do conhecido anexo G. Porém, não só elas se estão revelando insuficientes em relação a muitas actividades de pequena e média dimensões, como também os efeitos do instrumento vêm a deteriorar-se progressivamente, como de resto, lhe foi logo de início marcado.

O remédio para este mal crescente teria de buscar-se, na negociação de novos regimes inspirados no Anexo G da Convenção de Estocolmo, complementados por uma lei da do tipo da do condicionamento industrial, embora de nome diferente e de âmbito mais restrito, garantindo, por fórmula não discriminatória, a *salvaguarda do património português.* Este deverá encontrar-se tanto quanto possível intacto no momento de uma integração europeia.

Também é evidente que os regimes referidos deveriam abranger todos os territórios portugueses e neles assentar, ao contrário do que, por muitas razões respeitáveis mas ultrapassadas numa visão de política global, acontece com o anexo G da Convenção de Estocolmo. De facto, além do mais, não se encontram hoje defendidas em África importantes actividades nascentes, quando o estão as respectivas concorrentes do território europeu, por vezes já centenárias.

Numa ocasião em que parecem existir tantas preocupações, acerca do poderio económico de empresários nacionais, manifestadas precisamente em relação àqueles que mais concorrem para o progresso geral, *seria incompreensível a cómoda posição de assistir com benevolência ao fenómeno da desnacionalização de actividades que, havendo custado enormes esforços de criação a portugueses, são minadas nas suas bases por uma concorrência internacional, sem possibilidade de resposta, e depois por ela adquiridas no seu comando e na sua propriedade.*

E atente-se em que do fenómeno, cuja tendência será de aumentar, não resultam, na generalidade, melhorias espectaculares nos investimentos e nas condições de trabalho. *Quase tudo se resume, no fim, à supressão da virulenta concorrência anterior, pela extensão a Portugal dos acordos de exploração e de vendas que, por imperativos de natureza, estão na base da finança e dos grandes negócios internacionais.*

Porque respeitamos, e acima de tudo admiramos, os homens inteligentes e capazes, não é contra eles que reclamamos, já que se limitam a tirar partido das circunstâncias reinantes entre nós. O que está errado é o pernicioso clamor que por vezes se instila na opinião pública a propósito da acção de uma dúzia de portugueses que, para não soçobrarem na sua própria terra, são forçados a redobrar de trabalho e a crescerem; e o erro é particularmente lamentável porque quando se trata de acções de forças internacionais, logo cessam, como por encanto, os ataques ao seu poderio económico. Contudo, tais forças actuam igualmente em Portugal e mergulham as respectivas raízes em empresas distantes cujas contas anuais fazem por vezes inveja ao orçamento do Estado Português.

Ninguém faz milagres em casa própria. Daí, a dar-se o caso de um empresário português sobressair um pouco da craveira geral — embora em resultado de um esforço tenaz e esclarecido de dezenas de anos, mediante o qual aproxima a dimensão do seu sector da média internacional, aliás contribuindo assim para a dimensão económica geral crescer também logo se proporciona falar da necessidade de aplicação de medidas restritivas, ainda que a qualidade e os preços dos produtos que fabrica enfrentem livremente a concorrência do exterior: — Isto quando não se pensa mesmo na sugestão de uma cláusula especial, que o atinja, em medidas relativas a abusos do poder económico.

Quando o gigantismo faz lei por toda a parte e quando está provado que o valor acrescentado por pessoa activa apresenta os máximos valores nos ramos tidos como menos concorrentes, logo se tem a percepção das causas que impelem à existência de um número crescente de grandes empresas nos países desenvolvidos. Ora, tendo Portugal que seguir na senda do imperativo industrial, será forçoso aceitar que às sociedades nacionais não se retirem as condições indispensáveis de mercado que lhes permitam caminhar para a dimensão média da empresa europeia, da qual se encontram afastadas.

Em puro realismo, estando em causa e em curso o problema da nossa adesão activa à economia de vastos espaços, não é doravante lícito encarar, seja em que circunstâncias e domínios for, a dimensão de determinada empresa ou grupo empresarial português que não seja pela medida de uma escala mínima internacional que, na ocorrência, poderá ser a mesma da EFTA.

Nestes termos, qualquer hipotética acção que deliberadamente visasse cortar o tamanho de sociedades nacionais, actuando em sectores onde operam mais de um grupo autónomo, concorreria, definitiva e inexoràvelmente, para atrasar o nosso alinhamento geral com os parceiros da EFTA e para a consequente redução do potencial português dentro do futuro espaço integrado.

Efectivamente, quando, como no caso exemplificativo dos cimentos, já se abateram todas as barreiras que se opunham ao seu livre movimento entre os países da EFTA e a indústria é explorada por três grupos independentes, não haveria lógica que resistisse, dentro da defesa que fosse dos melhores princípios, a qualquer tipo de medida que resultasse em tornar ainda mais acentuados os desfasamentos ora existentes.

Expliquemos:

Se, para dado produto, o espaço da livre movimentação e, consequentemente, da livre concorrência passou a ser o do âmbito da EFTA, mandam a lógica, a equidade e o interesse nacional que a dimensão ou estado de concentração de determinada sociedade portuguesa do ramo, seja apreciado, para todos os fins úteis, tomando por padrões a dimensão e o estado de concentração das maiores unidades congéneres daquela zona, contra as quais há que concorrer. Solução distinta, emergente de uma restrita comparação entre sociedades portuguesas, estaria desajustada ao âmbito do problema e seria de todo indefensável e nociva.

Assim, será certamente por esta ordem de razões que nos outros países da EFTA os governos não forçaram, com medidas arbitrárias por eles impostas, ou com acções sugeridas, a fragmentação de indústrias como a que referimos em simples exemplo, cujos expoentes de concentração empresarial atingem lá fora, não obstante a maior dimensão dos mercados próprios, graus que, na generalidade, não são inferiores aos dos parceiros portugueses.

Não sendo a indústria um fim, em si mesma, impõe-se que a sua eficiência dentro de Portugal tenda, permanentemente, para novos máximos, cuja medida nos será dada pela satisfação de normas exigentes de qualidade, a par do maior rendimento empresarial. Isto *conduz imediatamente ao problema da formação dos custos e estabelecimento dos preços médios de venda dos produtos.*

É evidente que entre duas empresas que explorem o mesmo ramo industrial, em dois países distintos, será aquela que dispuser de índices mais largos de economias de escala, de investimento produtivo mais barato e apurado, de melhor emprego dos recursos e de mais intensa utilização dos conhecimentos que obterá os menores preços de custo e, consequentemente, o maior rendimento empresarial.

Nestes termos, *a comparação a estabelecer entre os preços de venda de determinado produto português e os de outro idêntico estrangeiro, considerando o mesmo grau de qualidade, haverá necessàriamente de ponderar as diferenças entre os factores determinantes que se reportem a economia de escala, a eficiência das estruturas gerais, a custos dos investimentos, de carga fiscal, de matérias-primas, de combustíveis, de energia e de mão-de-obra, esta referida a uma mesma unidade de rendimento.*

Esta trabalhosa ponderação, em campo de estruturas de preços sempre diferentes, veio a tornar-se, de facto, indispensável, depois que a economia e até os próprios câmbios se tornaram sujeitos à interferência política e circunstancial dos governos.

Na discussão destas matérias surgem a cada passo argumentos que militam em favor de uma união integral europeia, como sendo a que seria capaz de restabelecer os equilíbrios entre as antigas economias, cuja estanquicidade não será eliminada pelos simples mecanismos de livre troca.

Mas, antes de tal união dentro da Europa, há que actuar, persistentemente, no sentido de Portugal estabelecer, *em termos globais, uma política de valorização dos seus recursos que lhe permita caminhar nas melhores condições para a internacionalização da sua economia.*

E, para que durante o longo processo a percorrer se evitem, na medida do possível, as desnecessárias absorções do património de Portugal, a desnacionalização da tradição portuguesa e o encaminhamento dos territórios do Sul para órbitas desconhecidas, forçoso é que tal política de valorização tenha bem em conta: *a protecção cuidada da pequena e da média empresa; o preenchimento dos espaços vazios relativamente às grandes indústrias geradoras de progresso que ainda nos faltam; a crescente difusão dos benefícios que a prosperidade das grandes empresas pode projectar de forma ímpar no vasto espaço nacional.*

Como já se disse, entre os factores determinantes de progresso industrial desempenha lugar destacado o grau de eficiência das estruturas gerais próprias do meio. Assim, parece imperioso que a evolução destas para novos níveis não se atrase em relação à das actividades directamente produtivas, ao mesmo tempo que quaisquer práticas administrativas deverão ter em conta este propósito.

Nesta ordem de ideias, referimos como exemplos de aspectos e problemas a considerar:

— os *fundos de compensação* alimentados com verbas que representam sobrepreços para algumas actividades e que, depois de arrecadadas, são distribuídas por outras sem qualquer relação com os interesses das primeiras;

— a execução da lei, no que respeita à *tributação selectiva*, nela prevista, dos lucros das sociedades, conforme estes se dirigem a reinvestimento ou constituição de reservas e dividendos; de outro modo penalizam-se os que reinvestem;

— a remuneração adequada dos *capitais que se mostrem interessados em correr riscos úteis ao fomento económico e social;* sendo o capital um factor da produção, a sua remuneração inadequada vicia os resultados económicos, confundindo a análise conjuntural;

— a *modernização harmoniosa do Código Civil e do Código Comercial*, por forma a que ao reforço de responsabilidade, de obrigação e de fiscalização corresponda a supressão de peias anacrónicas e entravadoras;

— a facilitação, na forma, da concessão pelo Estado de *financiamentos* de diversa natureza contemplados na Lei, de modo a que o respectivo contrato não seja sinónimo de subordinação ou de perda de independência;

— *os aspectos monopolizadores que possam tomar acções do Estado*, devendo evitar-se que se forme a imagem que por ele está sendo comprada a Nação.

As responsabilidades financeiras do Estado seriam aliviadas e com elas, correspondentemente, as dos contribuintes, ao libertarem-se os encargos correntes do Estado, do ónus inútil da continuada aquisição patrimonial;

— a efectivação da lei no tocante *à concessão de crédito a médio e longo prazos*, nos mesmos termos de facilidade com que nos países industrializados não só os respectivos cidadãos o obtêm, como até o conseguem algumas firmas portuguesas de ponta;

— a rápida *universalização da gama de operações da Banca privada*, a fim de que possa encontrar condições de economia e de escala adequadas às solicitações de uma clientela cada vez mais ampla e exigente.

Relativamente a este último problema, é oportuno dizer que se torna indispensável conceder à Banca privada poderes para realizar as grandes operações de financiamento industrial, como contrapartida dos encargos que ela é chamada a assumir, cada vez em maior escala, na prestação de serviços à comunidade, por natureza mal remunerados. A par da gestão moderna de grandes serviços, como, por exemplo, os de uma importante empreitada de obras públicas, terá a Banca de se preparar para fazer face, em condições pràticamente gratuitas, a serviços tão complexos e dispendiosos como virão a ser os de planificação e gerência de economias familiares.

Como aos Bancos do Estado, ou afins, também seria concedido a mesma universalização, não se poderia dizer que houvesse prejuízo para eles. Haveria, isso sim, uma enorme melhoria dos serviços bancários à disposição do público e da economia.

O novo regime contribuiria, por exemplo, para a modificação das actuais normas de garantia dos financiamentos industriais que chegam a requerer a mobilização, como hipoteca e penhor, de bens com valor de 100 para a concessão de empréstimos do valor de 10;

— a criação de um regime simplificado de hipoteca, visando as operações menos vultosas deste tipo;

— um aspecto importante, a juntar ainda aos que acabamos de referir, reside no que poderemos chamar garantia de completa reciprocidade de estabelecimento: — o Estado, ao admitir o princípio de uma entidade estrangeira poder instalar em Portugal determinada indústria concorrente, deverá facultar ao cidadão português, automàticamente, as possibilidades e autorizações — nomeadamente de exportação de capitais, de financiamento e de seguro de crédito — para ele se estabelecer no estrangeiro com indústria idêntica.

Da matéria exposta, que se considerou no âmbito declarado, da participação portuguesa em zona restrita de livre troca, ressaltam as insuficiências e os inconvenientes de diversa natureza de tal regime. Os aspectos são diferentes quando se encara uma união europeia, a realizar mais cedo ou mais tarde, como solução dos problemas que estão postos ao Continente.

E estão-nos em termos de irreversibilidade, na medida em que só um potencial conjunto e indiviso, permitirá à Europa e aos seus povos vir a rivalizar, como se impõe, com as hegemonias concorrentes da Rússia e da América.

Apreciemos, em análise sucinta, uma hipótese de

UNIÃO EUROPEIA

Se houvesse forças vivas exclusivamente económicas e se, perante um movimento de integração europeia e à margem de outras considerações, elas houvessem de decidir dos seus próprios destinos, admitimos que, estando em causa matéria tão delicada e tão sensível à desigualdade de factores e circunstâncias, o sentido da vida lhes impusesse, sem delongas, a escolha da integração por via rápida, como solução corajosa de um problema de espaços posto como irreversível.

Em tal caso, levantadas as comportas entre países, Portugal poderia, com a maré das energias estranhas de toda a ordem que invadiriam o seu espaço, caminhar ràpidamente para o nível médio europeu, no que respeita a ciência, técnica, organização e administração, bem como a economia, finanças, moeda e comunicações. E o movimento far-se-ia sentir também na instrução e na mentalidade.

E ao contrário do que sucederia num quadro livre cambista, a que atrás nos referimos, seria de admitir que:

a) ao estabelecimento de outros europeus no nosso País, por via da compra de fábricas, de herdades, de armazéns, corresponderia a possibilidade efectiva de os portugueses se estabelecerem em qualquer ponto da Europa, não havendo mais, para impedi-los de o fazerem, os desfasamentos de potenciais de acção e de legislação;

b) a alterações a um estatuto nacional corresponderiam compensações num estatuto europeu; haveria respeito da nossa tradição histórica mas alterações profundas nos meios e processos económicos;

c) a união esquissada, de que faríamos parte, vivificaria os nossos territórios do Sul pela seiva abundante e poderosa do que então seria talvez o agrupamento económico mais poderoso do Globo, a Europa Unida.

Porém, no âmbito a considerar, o problema não é só económico; e não cabe aqui discutir os outros importantes aspectos que o caracterizam. Interessa tão sòmente ter em conta, com realismo, que, não sendo o tipo de integração acabado de referir

(Continua na 21.ª página)

UM PRIVILÉGIO DAS INSTITUIÇÕES DE PREVIDÊNCIA

Urge revogar a lei que permite despedir os seus inquilinos

Como na dias afirmou o deputado Manuel Martins da Cruz na Assembleia Nacional, «*está a tomar foros de epidemia os despejos judiciais ou extra-judiciais que aquelas instituições (de Previdência) estão movendo ao abrigo das disposições legais que as regem*» e lhes permite, quando instaladas em edifícios próprios, despedir no fim do prazo de arrendamento qualquer dos inquilinos, se necesistarem da parte por eles ocupada para as suas instalações ou serviços.

A oportunidade da intervenção do deputado é sublinhada pela acção colectiva de despejo que a Caixa Sindical de Previdência dos Profissionais do Comércio faz correr em tribunal contra alguns dos seus inquilinos de um prédio á Alameda D. Afonso Henriques.

Para conseguir a acção de despejo, alega a referida Caixa a premente necessidade da área ocupada pelos inquilinos em vista a uma reorganização dos seus serviços com o mínimo de condições que permita um bom rendimento. Salienta ainda a utilidade de concentrar na sede todos os serviços que lhe dizem respeito e até agora têm estado dispersos com inconvenientes óbvios.

Os interesses da Caixa serão, por certo, de considerar, mas há também de ter em conta os interesses de seis famílias que ficam assim desalojadas das casas onde habitavam, quatro há vinte anos, um há 14 e outro há 12.

O que se passa com os inquilinos da Caixa Sindical de Previdência dos Profissionais do Comércio é só um exemplo do que está a acontecer nas relações das instituições de previdência, como senhorias, e os seus inquilinos

«Onde está a segurança do lar?» — perguntou o deputado Manuel Martins da Cruz na Assembleia Nacional. E prosseguiu: — «Quem acode ás numerosas famílias que estão sendo desalojadas por este injusto processo e que vêem de um momento para o outro a sua débil economia definhada?»

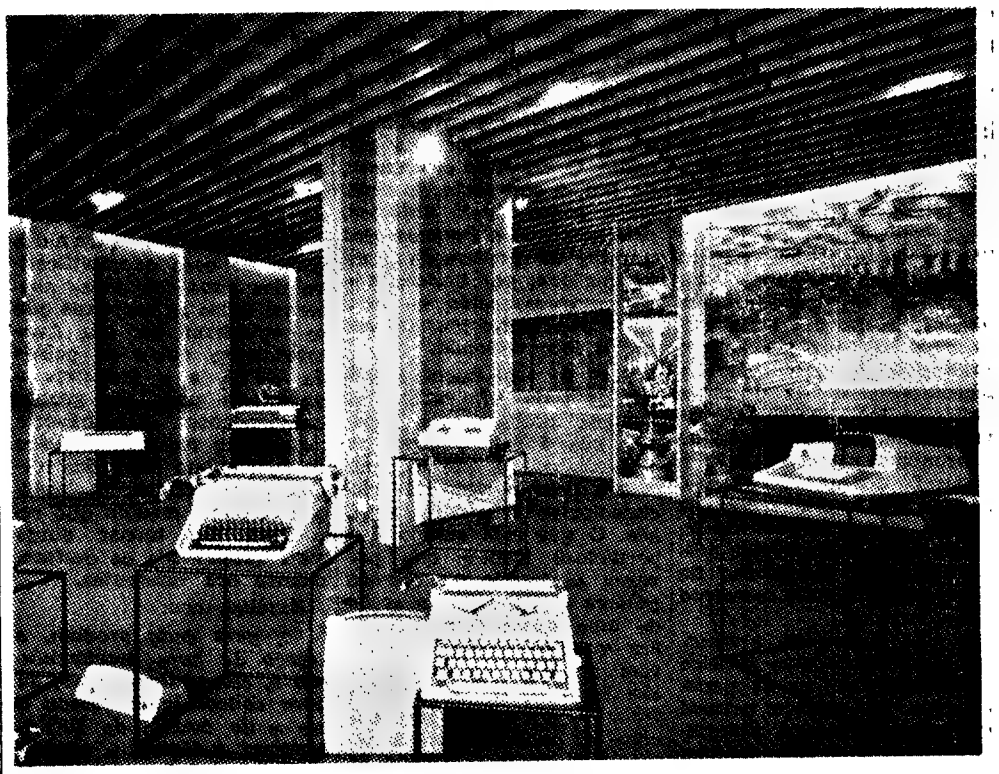
Quando os inquilinos da Caixa de Previdência dos Profissionais do Comércio alugaram os andares da Avenida Manuel da Maia fizeram-no pela melhor oferta e ninguém os avisou de que se tratava de «uma utilização temporária de habitação

Ainda o mesmo deputado chamou a atenção da Assembleia Nacional para o facto de o inquilino de qualquer prédio se não poder sentir seguro quanto á estabilidade do seu lar.

O deputado penguntava no fim do seu discurso porque não se aplicava o princípio geral do nosso sistema legislativo, que prevê uma indemnização ao inquilino que é despejado não por infracção ao contrato de arrendamento, mas por vontade ou interesse do senhorio, ás instituições em que um dos lemas é «Para cada família o seu lar»?

Claro que a indemnização não resolve totalmente o problema dos inquilinos desalojados, embora de certa maneira o facilite. Não há dúvida, porém, que é urgente rever e alterar o regime legal que permite ás instituições de Previdência despedir os inquilinos no fim do prazo de arrendamento, até por uma questão de incoerência aos seus próprios princípios. As Caixas de Previdência dispõem de dinheiro bastante, para poderem resolver os seus problemas de funcionamento, sem prejudicar quem quer que seja. E há pessoas que chegaram já a um estádio da sua vida que não têm possibilidades nem coragem de recomeçar nova arrancada. A situação traz muita gente sobressaltada e requer uma intervenção de quem de direito no sentido de se revogar a lei em causa e de trazer a paz a muitos espíritos cansados da ânsia e da angústia. Em resumo: um cutelo que convém suspender definitivamente.

MÁQUINAS MESSA COMERCIAL, LDA. INAUGURA UMA DELEGAÇÃO NO PORTO



Para servir todos os Ex^mos Clientes do Norte do País MÁQUINAS MESSA COMERCIAL, LDA., abriu uma Delegação no Porto, na Rua João das Regras, 101, cujas instalações foram agora inauguradas. Estas instalações dispõem de um atraente Salão de Exposições, amplas e bem equipadas Oficinas de Assistência Técnica, e Armazéns com existências permanentes de todos os produtos que comercializa. Para além de toda a gama de máquinas de escrever MESSA, produzidas por MESSA — MÁQUINAS DE ESCREVER, SARL, no importante complexo industrial de Mem Martins, MÁQUINAS MESSA COMERCIAL, LDA. é também a Representante, exclusiva para todo o mercado metropolitano, dos conhecidos equipamentos de escritório das marcas VICTOR, DEVELOP, ROTO, ETI, LIMOZICK, TAYLORIX e TORPEDO

VI RALI ÀS ANTAS

os campeões preferem

SACOR

CLASSIFICAÇÃO GERAL

1.º — Francisco Santos	— "FORD LOTUS"	3.º — Américo Nunes	— "PORSCHE 911 S"
2.º — Luís Netto	— "AUSTIN COOPER S"	4.º — A. César Torres	— "AUSTIN COOPER S"

5.º — Jorge Nascimento — "BMW - 2002"

Estes Concorrentes Usaram Exclusivamente Produtos SACOR

CIDLA Distribuidores Exclusivos dos Lubrificantes SACOR

Diário do Porto

Os objectivos da Associação o «Lar do Professor»

Na Escola Infante D. Henrique e sob a presidência do sr. prof. Valentim Malheiro, houve mais uma reunião de professores de vários graus do ensino, para tomarem conhecimento dos estatutos do «Lar do Professor». Dirigiu o sr dr. António Leitão dos Santos. Os referidos estatutos definem o «Lar do Professor» como uma associação com fins assistenciais, visando montar uma lavandaria, uma casa de repouso, uma cantina, um pensionato e uma policlínica, e ainda, um departamento para construção de apartamentos em regime de propriedade resolúvel.

Ainda não concluida a apreciação dos estatutos, haverá nova reunião no dia 22.

Conferência

O sr. Luís Clemente Ribeiro faz hoje, ás 21 e 30, na Assembleia de Campanhã, uma conferência subordinada ao tema: «Factores de enquadramento da música na problemática da produção».

Ordem dos Advogados

Hoje, às 21 e 30, na sede do Conselho Distrital da Ordem dos Advogados, no Palácio da Justiça, haverá a segunda sessão deste ano judicial do Instituto da Conferência.

Será orador o sr. dr. Mário Silva, que falará de «Hipoteca judicial» Valor da preferência por ela atribuida no caso de concordata ou acordo de credores».

Visita de estudo

Os alunos das cadeiras de Fiacção e Tecelagem dos 5.º e 6.º anos de Enganharia Mecânica da Universidade, acompanhados pelo assistente sr. eng. José Ferreira Neves visitaram, esta tarde, em São Mamede de Infesta, a Mecano-Textil.

Espectáculos para hoje

CINEMAS

SÃO JOÃO — ÀS 21 e 30: «A primeira noite» (17 anos)
COLISEU — Às 21 e 30: «Sanilhos conjugais» (17 anos).
RIVOL — As 21 e 30: «Os intocáveis» (17 anos)
TRINDADE — As 21 e 30: «Rendez-vous» (17 anos)
BATALHA — Às 2 e 30: «Perdidos no Espoço» (12 anos)
ESTUDIO — Às 21 e 30: «Muito obrigado, a todos!» (17 anos)
OLIMPIA — Às 2 e 30: «O vilão do Arizona» (17 anos)
AGUIA D'OURO — As 2 e 30: «Confidencialissimo» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 21: «Justa vingança» e «Espartaco e os escravos» (12 anos)
VALE FORMOSO — As 21 e 30: «Os Dez Mandamentos» (12 anos)
JULIO DINIS — As 2 e 30: «Divórcio á italiana» (17 anos)
NUN'ÁLVARES—Às 21 e 30: «Esquadrilha de ataque» (12 anos).

Amanhã

CINEMAS

SÃO JOÃO—Às 5 e 30: «A primeira noite» (17 anos)
COLISEU — Às 5 e 30: «Sanilhos conjugais» (17 anos)
RIVOL — As 5 e 30: «Os intocáveis» (17 anos)
TRINDADE — As 5 e 30: «Rendez-vous» (17 anos)
BATALHA — Às 5 e 5: «Perdidos no Espoço» (12 anos)
ESTUDIO — Às 5: «Muito obrigado, a todos!» (17 anos)
OLIMPIA — As 5 e 30: «A Rebolona» (17 anos)
AGUIA D'OURO — As 5 e 30: «O Vilão do Arizona» (17 anos)
CARLOS ALBERTO—Às 5: «Justa vingança» e «Espartaco e os escravos» (12 anos)
VALE FORMOSO — As 5 e 30: «Os Dez Mandamentos» (12 anos)
JULIO DINIS — As 5 e 30: «Divórcio á italiana» (17 anos)
NUN'ÁLVARES — Às 16: «Descalços no parque» (17 anos).

Farmácias de serviço esta noite (2.º turno)

ALBERTO FERREIRA, R da Estação, 00 (Tel 5302) ✲ **ANTUNES**, R do Bonjardim, 485 (T. 27936) ✲ **CAMPO ALEGRE**, Rua do Campo Alegre 28 (T 62245) ✲ **FÁTIMA**, R Oliveira Monteiro, 475 (Tel 65406) ✲ **FERREIRA DA SILVA**, R Mártires da Liberdade (Tel 24023) ✲ **MARQUES DE MENDONÇA**, R do Ameal, 25 (Tel 47126) ✲ **PEREIRO**, R do Preciosa, 35 (Tel 681027) ✲ **S. JERÓNIMO**, R. de Santos Pousada, 622 (Tel 54526) ✲ **S. LÁZARO**, Av. Rod de Freitas, 29 (Tel. 27043) ✲ **SARABANDO**, Largo dos Lóios, 36 (Tel 21701) ✲ **SAUDE**, Av dos Comb da Grande Guerra, 689 (Tel. 40576) ✲ **SOUSA SOARES**, R. de Santa Catarina, 14 (Tel 22145) ✲ **VITÓRIA**, R. de S. R. do Loureiro, 56 (Tel. 52225) ✲ **GONDARÉM**, Rua de Gondarém, 860 — Foz

Novo espectáculo pelo Teatro Experimental

A companhia do Teatro Experimental do Porto apresenta amanhã, ás 21 e 45, em antestreia, no Teatro António Pedro, a peça, em três actos, «Os Três Chapéus Altos», de Miguel Mihura. A encenação é de Edurisa (Filho) e o desenpenho está a cargo de Nita Mercedes, José Brás, Augusto Leal, Júlio Cardoso, José Pinto, Lídia de Sousa, Maria Emília, Isabel Pinheiro, ulhermina Richter, Elizabeth Mendes, César Teixeira, Carlos Bento, Fernando Filipe, Mário Oliveira e João Teles. O cenário é de Fernando Filipe.

DE COIMBRA

Segundos exercícios de frequência para os alunos voluntários da Faculdade de Direito

Os horários para os exames de frequência para os alunos voluntários da Faculdade de Direito são os seguintes:

1.º ANO — Romano, 1.ª chamada, dia 20; 2.ª chamada, dia 5 de Maio; Português — 1.ª, dia 21 e 2.ª 6 de Maio; Introdução — 1.ª, dia 22 e 2.ª, 7 de Maio; Constitucional — 1.ª, dia 23 e 2.ª, 8 de Maio.

2.º ANO — Teoria geral — 1.ª chamada, dia 24 e 2.ª, 11 de Maio; Administrativo — 1.ª, dia 25 e 2.ª, 12 de Maio; Economia — 1.ª, dia 27 e 2.ª, 13 de Maio; Corporativo — 1.ª dia 28 e 2.ª, 14 de Maio;

3.º ANO — Obrigações — 1.ª chamada, dia 20 de Abril e 2.ª, 5 de Maio; Ultramarino — 1.ª, dia 21 e 2.ª, 6 de Maio; Fiscal — 1.ª, dia 22 e 2.ª, 7 de Maio; Finanças — 1.ª, dia 23 e 2.ª, 8 de Maio.

4.º ANO — Comercial — 1.ª chamada, dia 24 de Abril e 2.ª dia 11 de Maio; Processo — 1.ª dia 25 e 2.ª dia 12 de Maio; Reais — 1.ª, dia 27 e 2.ª dia 13 de Maio; Sucessões — 1.ª, dia 28 e 2.ª dia 14 de Maio.

5.º ANO — Criminal — 1.ª chamada, dia 20 e 2.ª, 5 de Maio; Internacional Privado —1.ª, dia 21 e 2.ª, 6 de Maio; Processo Criminal — 1.ª, dia 22 e 2.ª, 7 de Maio.

Todas as provas começam ás 15 horas sendo facultativa em relação á 1.ª ou á 2.ª chamada

Estão dispensados dos exames de frequência os estudantes que se encontrem a prestar serviço militar obrigatório á data dos segundos exercícios de frequência (1.ª chamada).

Os alunos em regime voluntário estão dispensados das provas de frequência das disciplinas em que já tenham obtido aprovação na frequência no ano lectivo imediatamente anterior, ou seja, no ano lectivo de 1968-69. Assim, os alunos que em 1968-69 foram dispensados das provas de frequência por já terem obtido no ano e 1967-68, não podem ficar abrangidos pelos acima referidos e estão, portanto, obrigados a novas provas de frequência no corrente ano.

Solenidade religiosa

Em honra da fundadora da Comunidade das Servas de Maria (ministras dos enfermos), Santa Maria Soledade-Torres Acosta, recentemente canonizada por Paulo VI, cujo primeiro culto publico foi determinado pelo pontifice que seja celebrado hoje a amanhã, decorrem, nestes dias, na igreja de São Pedro, as seguintes cerimónias: hoje, ás 16 e 30, missa com pregação pelo rev. Mário Branco, O. F.; amanhã, ás 18 e 30 horas, missa concelebrada pelo prelado da diocese, D. Fr. Francisco Rendeiro, que fará a homilia, encerrando-se o tríduo com um «te deum» am acção de graças.

O grupo coral do Seminário do Sagrado Coração de Jesus, de Montes Claros, toma parte na cerimónia.

Espectáculos para hoje

CINEMAS

AVENIDA — Às 21 e 30: «Sublime tentação» (12 anos).

TIVOLI — Às 21 e 30: «A grande competição» (12 anos).

Farmácias de serviço

LUCIANO & MATOS — Rua da Sofia (Tel. 22147 e 22148).

HIGIENE — Rua Fernandes Tomaz (Tel. 22634).

MACHADO — Rua Bernardo de Albuquerque (Tel. 23767).

M. NAZARÉ — Av. João das Regras (Tel. 23033).

Bolsa de Lisboa

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

FUNDOS DO ESTADO	Tec	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%		512$	— 512$
Consolidado 4%		528$	— 528$
Consolidado 3 1/2%		620$	— 620$
Centenários 4%		1.500$	1.495$ 1.505$
Obrigs Tesouro 5%		1.000$	— 1.000$
Externo Série		640$	640$ —
Externo Série C		—	700$ —
Externo 3 Série		—	780$ 810$
Externo 3 Série C		800$	800$ 820$
Cauções 3 Série		—	170$ —
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%		—	— —
A P I 5% 56		—	— —
A P I 5% 58		—	— —
C P 4 1/2 65		—	910$ 925$
C P 5 1/2% 67		—	1.015$ —
C U F 6%		997$	995$ 998$
C U F 6% 68		1.005$	1.002$ 1.007$
Gás Elect 4% 48		—	825$ —
Gás Elect 4 1/2% 51		—	900$ —
Gás Elect 5% 52		—	890$ —
Gás Elect 5% 58		—	880$ —
Gás Elect 5% 59		—	880$ —
Gás Elect 5% 62		950$	945$ —
Gás Elect 5% 63		950$	945$ —
Gás Elect 5% 65		—	945$ —
Gás Elect 6% 67		—	1.011$ 1.015$
H E A Alentejo 5%		—	810$ —
H E Cávado 5%		1.015$	1.012$ 1.017$
H E Cávado 6%		—	805$ 815$
H E Douro 5%		1.012$	1.010$ —
H E Douro 6%		—	850$ —
H E Norte Port 5%		—	1.000$ 1.005$
H E S Estrela 6%		—	830$ —
H E Zêzere 5% 55		—	— —
H E Zêzere 5% 57		1.020$	1.015$ —
Lisnave 6%		900$	985$ 899$
Metropolitano 4%		—	998$ 1.000$
Metropolitano 5 3/4%		—	— —
Moçambique 5%		—	805$ —
Nac Electr 5%		—	810$ —
Nitratos 5%		—	810$ —
Nitratos 5% 60		885$	875$ —
Pertoquímico 5%		—	950$ —
Port Celul 5%		—	— —
Sacor 5% 54		—	— —
Sacor 5% 60		—	800$ —
Siderurgia 5% 2.º		—	— 815$
Siderurgia 5% 3.º		—	810$ —
Siderurgia 5% 4.º		—	800$ 850$
Sonefe 5%		—	950$ —
T A P 4%		—	— —
Termoelect Port 5%		—	84$ —
U E P 3 3/4%		—	84$ 86$
U E P 4%		—	— —
U E P 4 1/2%		—	81$ 83$
U E P 5%		—	— 810$
U E P 5% 60		—	810$ —
U E P 5% 63			
AÇÇÕES			
Bancos			
Agricultura		2.380$	2.380$ 2.400$
Alentejo		1.198$	1.199$ 1.200$
Angola		3.900$	3.850$ 3.950$
Burnay		—	— —
Créd. Predial		5.700$	5.700$ 5.750$
E Santo		—	22.600$ 22.750$
E. Santo n.		—	— —
Fonsecas S. p.		—	— —
Fomento		—	2.600$ 2.650$
L. & Açores p.		—	7.250$ 7.300$
L. & Açores n.		—	— —
P Atlântico p.		5.820$	5.810$ 5.830$
Portugal n		3.150$	3.100$ 3.170$
Portugal p.		—	4.250$ 4.300$
Totta Aliança		—	— 6.430$
Ultramarino n.		—	3.630$ 3.700$
Ultramarino p.		4.000$	3.980$ 4.040$
Seguros			
Alentejo		186$	180$ 186$
Douro		—	1.250$ —
Mundial		870$	860$ 870$
Sagres		—	1.350$ —
Tranquilidade		—	50.000$ —
Ultramarino		—	22.000$ —
Ultramarinos			
Açúcar de Angola		—	870$ —
Ag Cassequel		—	740$ 750$
Ag Incomati		—	— —
Ag Neves		—	420$ 450$
Ag S Tomé e Principe		—	— 330$
Borar		—	— 200$
Buzi		89$	88$5 89$
Cabinda		—	280$ 234$
Diamantes Angola		2.880$	2.876$ 2.885$
H. E. Revuê		—	— 800$

Ultramarinos	Tec	Compra	Venda
Ilha do Principe		—	— 900$
Moçambique		209$	208$ 210$
Sonefe n		475$	470$ —
Sonefe p		845$	480$ 485$
Zambézia		—	86$5 37$5
Diversos			
Adic		1.500$	1.480$ 1.500$
Cim Leiria		5.000$	4.900$ 4.100$
Cim Tejo		7.300$	1.200$ 1.400$
Sul Navegação		—	450$ 500$
U I P		1.520$	500$ 550$
Ind Allança		—	— —
Nac Navegação		4.650$	4.620$ 4.680$
Petroquímico		1.780$	780$ 1.790$
Port e Colónias		1.520$	515$ 1.550$
Port Celulose		—	— —
Port Pesca		1.050$	050$ 1.060$
Port Tabacos		750$	750$ 753$
Sacor		—	4.850$ 4.900$
Siderurgia Nac		—	2.170$ —
Sacel		—	3.420$ 3.450$
Tabacos de Portugal		—	.800$ 1.900$
Tabaqueira		1.000$	7.000$ 7.100$
U E Azote		865$	860$ 865$
Agua Elect e Gás			
Aguas Lisboa p		—	400$ —
Aguas Lisboa 34		—	400$ —
Aguas Lisboa 36		—	405$ 415$
C P Electricidade		1.307$	307$ 310$
Elect Beiras		1.770$	760$ 780$
Gás Electr		428$	427$5 428$5
H E Alto Alentejo		204$	204$ 205$
H E Cávado		—	— —
H E Douro		—	— —
H E Norte Portugal		315$	— 315$
H E S Estrela		—	1.750$ —
H E Zêzere		—	— —
Nac Electricidade		—	— —
Termoeléctr Port.		—	— —
U E P		—	200$ 204$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico		—	211$ 217$3
F I D E S		—	130$ 133$9

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez 69 100)

	9/4/70	15/4/70	16/4/70
GERAL	160,9	161,1	160,9
METROPOL.	150,9	150,8	150,7
ULTRAM.	234,3	237,0	235,3

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rands	37$00	39$00
América:		
— Dólares, de 1 e 2	28$15	28$65
— Dólares de 5 a 1000	28$15	28$65
Canadá:		
— Dólares de 1 e 2	26$10	26$60
— Dólares de 5 a 1000	26$40	26$90
Alemanha — Marco	7$70	8$00
Argentina — Peso	$06	$09
Austria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	4$80	6$80
Espanha — Peseta	$40,3	$41,8
Holanda — Florim	7$75	8$05
Inglaterra — Libra	68$30	70$30
Itália — Lira	$04,4	$04,7
Bélgica — Franco	$55	$58
França — Franco	4$90	5$30
Suiça — Franco	6$63	6$83
Marrocos — Dihran	4$80	5$40
Dinamarca — Coroa	3$65	3$95
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Ouro:		
Inglaterra—Libra (sabe	300$00	320$00
Inglaterra — 1/2 Libra	290$00	310$00
Ouro fino — Barra	34$50	36$50

J. BURNAY L.DA Notas estrangeiras Papéis de crédito Tel. 321273

COINTREAU PROMOVE COINTREAU

(Continuação da pág. central)

de luxo, evidentemente. Tem, na mão, um copo com um líquido incolor.

— «Cointreau»?

— Não. Água mineral.

—?...

— O meu primo Pierre bebe «Cointreau» a seguir a todas as refeições e em todas as oportunidades em que isso se proporciona. Por mim, costumo bebê-lo apenas depois do jantar, por ser um bom digestivo e porque é apropriado para ambientes onde se pretende um pouco de descontracção.

É curioso, porém, que um estudo de mercado efectuado pela nossa empresa, indicou que muitas pessoas tomam já «Cointreau» como aperitivo, com cubos de gelo.

— E o senhor?

— Eu? Como aperitivo, tomo vinho do Porto. É uma das minhas bebidas favoritas. Aliás, um dia, conversando com minha mulher, fomos ambos unânimes em que, se alguma vez tivéssemos de ir viver para uma ilha deserta, levaríamos connosco vinho do Porto e chá.

Em casa de ferreiro nem só espeto de pau

— Por falar em chá... Vende-se muito «Cointreau» nos bares?

— No meu país, vende-se.

— Porque o público o pede ou porque a sua empresa promove a marca entre os «barmen»?

— Pelos dois motivos. O «Cointreau» é bom para muitos «cocktails» e, além disso, largamente utilizado pelos pasteleiros, fabricantes de chocolate e confeiteiros que criam, todos os dias, especialidades à base de «Cointreau» que, devo dizer, sem qualquer intuito publicitário, são muito apreciadas.

— E, em sua casa, também tem?

— Como é evidente...

— Por ser o fabricante?

— Não. Porque gosto e porque o considero um dos melhores licores franceses, pelo seu gosto simples, directo, natural, que nunca cansa.

Diário de Lisboa
DL
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

A reforma do ensino particular foi pedida na assembleia geral do Sindicato Nacional dos Professores

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava em geral muito nublado e o vento era fraco ou moderado do quadrante Leste

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Régua e Fonte Boa, 30°; mínima: 7°,9

TEMPERATURAS DO AR, ÀS 9 HORAS — Coimbra, 18°; Faro, 21°; Funchal, 21°; Lisboa, 18°; Penhas Douradas, 17°; Portalegre 21°; Porto, 16°

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 19°,5; na água do mar: 15°.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Céu geralmente pouco nublado, vento fraco a moderado de Leste, possibilidade de trovoadas dispersas em especial nas regiões do Sul.

Amanhã
Nascer ás 6 e 58
Ocaso ás 20 e 15

Dia 21 Dia 28 Dia 5 Dia 13

MARÉS:

PRAIA-MAR — **Hoje:** 1 e 36 (3,4 m); 14 e 08 (3,4 m). **Dia 18:** 2 e 17 (3,6 m); 14 e 41 (3,6 m). **Dia 19:** 2 e 50 (3,7 m); 15 e 10 (3,7 m)
BAIXA-MAR — **Hoje:** 7 e 40 (1,5 m); 19 e 48 (1,6 m). **Dia 18:** 8 e 12 (1,3 m); 20 e 20 (1,3 m). **Dia 19:** 8 e 40 (1,1 m); 20 e 54 (1,2 m)

Cancelada a reunião do M. E. N. com a Universidade de Coimbra

O sr. ministro da Educação Nacional cancelou a reunião que havia convocado para hoje ás 15 e 30 com o reitor, professores e estudantes da Universidade de Coimbra.

1 Kg.
EM
BARRAS
DE
OURO
1.º prémio do concurso
VIGORMALTE
+ 9 VALIOSOS PREMIOS
entregue as senhas até 10 de Maio
Sorteio em 30 de Maio

Na sua ultima reunião, ontem á noite, para discutir o projecto de proposta de contrato colectivo, a Assembleia Geral do Sindicato Nacional dos Professores aprovou a nova tabela de vencimentos que o Sindicato irá propor ao Grémio dos Proprietários dos Estabelecimentos de Ensino Particular.

Durante a reunião do Sindicato dos Professores

O presidente da direcção, dr. Avellar Aguiar, antes de ler a proposta elaborada, deu um esclarecimento importante justificativo da tabela proposta.

Pedir o que é viável e não o que é justo

«Entendemos que as remunerações que propomos devem ser justificadas e isto porque elas são por tal modo baixas que poderão suscitar em muita gente, e até em professores, a ideia, em nada de acordo com o que pensamos, que essas remunerações são aquelas que reputamos como mínimas necessárias para o professor poder cumprir e bem a sua missão, além de, evidentemente, poder viver.

Condicionalismos

«Ao propor estas remunerações, estamos a ter em conta o seguinte condicionalismo, que não deve ser esquecido: Deve, de momento, pedir-se aquilo que os Estabelecimentos de Ensino Particular, em legítima situação de existência, possam pagar e não o que, por mais justo que seja e necessário se apresente, de modo algum pode ser pago; esta atitude, porém, envolve uma outra, consequente, que nos apressamos a tornar mais clara: sendo certo que não é legítimo esperar que o professor se tenha eternamente de conformar a um condicionalismo que força a um subpagamento do seu tão necessário e delicado trabalho, impõe-se que sejam por completo revistas as condições em que se desenvolve o Ensino Particular. Sabemos perfeitamente que, nas actuais condições em que se cursa esse ensino, não depende da vontade das entidades proprietárias das escolas, pagarem, seja quer suficientemente, os seus professores: o ensino clandestino prolifera, as diversas tributações apresentam-se como pesados encargos, uma ausência de garantias que seriam de desejar, tornam impraticáveis planificações em ordem á valorização de tudo quanto ao exercício dos Estabelecimentos se encontra ligado.
-!z-a-,

Revisão da estrutura

«Apelamos, pois, para uma completa revisão de toda a estrutura do Ensino Particular, revisão de que resulte a sua dignificação, a autenticidade da sua função como instituição de utilidade pública e, nesta medida, exigente do amparo do Estado, nomeadamente do amparo económico, muito longe, portanto, de ser uma sua fonte de receita monetária. Só essa revisão, em que se nos afigura necessária a activa comparticipação dos professores, poderá vir a permitir o estabelecimento de remunerações na linha do necessário e do justo, uma vez tendo em conta o que é auferido em outras profissões e ofícios.

«Nestas circunstâncias, uma vez que não desejamos ingressar na estéril situação que é a de pedir o justo, sabendo-se da real impossibilidade de sermos atendidos, antes se nos afigura mais construtivo propor o pagável, salvo demonstração em contrário, e pedir para se empreender um esforço sincero e enérgico para se construírem as condições em que só inconfessáveis interesses poderiam contrariar a aceitação de um quadro de autênticas remunerações de professores.»

Depois desta intervenção do dr. Aguiar — que provocou, mais tarde um unânime voto de louvor á direcção —, passou-se á discussão da tabela proposta, a qual, depois de algumas modificações, ficou assim aprovada: Para os professores do ensino primário e infantil com um máximo de 30 horas semanais 4480 escudos, quando em estabelecimentos da classe «A»; 4025 escudos nos estabelecimentos «B»; 3600 escudos, nos estabelecimentos da classe «C»; para horários num máximo de 15 horas 2400 escudos, 2260 escudos, 1950 escudos, respectivamente nos estabelecimentos «A», «B» e «C». Quanto aos professores do ensino secundário abandonou-se a fórmula do pagamento em horas semanais e propôs-se a adopção do vencimento mensal. Assim, e tendo por base um horário de 22 horas semanais (isto equivale a 88 horas por mês, se os meses tivessem todos apenas 28 dias), aos professores dos estabelecimentos da classe «A» cabem na proposta do sindicato 7700 escudos, aos dos estabelecimentos «B» 6930 escudos, e aos que exercem a profissão nos «C» 6380 escudos.

Foram ainda aprovadas cláusulas do projecto elaborado pela direcção especificando: que os professores não poderão ter mais de um «furo» por período de aulas quando tiverem um horário mensal até 22 horas semanais ou dois «furos» quando se exceder esse limite; e que o professor não pode ser obrigado a leccionar disciplinas para as quais não esteja oficialmente autorizado nem quaisquer outras que não tenha leccionado nos anos anteriores (esta disposição destina-se a evitar abusos que se cometem frequentemente, no dizer do presidente da direcção, sobretudo em colégios da província, «onde o professor de português até dá dança, se for preciso»).

Uma proposta da direcção no sentido de que a correcção dos exercícios escritos fosse também paga pela entidade patronal foi rejeitada unanimemente pela assembleia, após proposta de rejeição baseada em argumentos deontológicos. O autor da proposta de rejeição, dr. Cardoso, fez, no entanto, uma declaração para a acta após o voto se lhe ter mostrado favorável:

«A proposta que fiz de eliminação desta cláusula de modo nenhum exclui o apreço que me merece o espírito que inspirou a direcção ao propô-la.»

O último ponto da ordem dos trabalhos foi rápidamente resolvido com a aprovação unânime da assembleia de uma proposta autorizando a direcção a formar uma comissão que estude uma revisão dos estatutos do sindicato. Essa revisão será no sentido de dar maior representatividade á assembleia geral, tentando acabar com o sistema de delegados.

Antes de terminados os trabalhos, a assembleia manifestou o seu agradecimento á Imprensa pela cobertura das suas sessões através de uma salva de palmas.

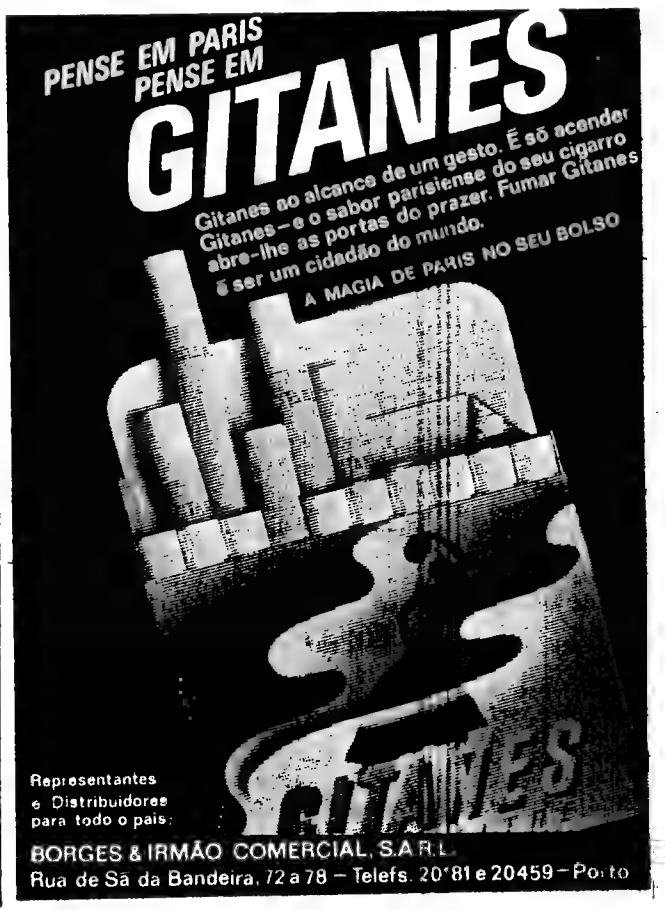
De vez em quando

A criança tem sete ou oito anos. Nasceu aparentemente bem, filha de um casal pobre, mas não indigente. Só agora — e por causa, como é fácil compreender — os pais deram pela anomalia. Levaram a criança ao hospital de D. Estefânia e os especialistas diagnosticaram: deficiência mental, que terá de ser corrigida em face das indicações fornecidas por um exame ao qual a doente deve ser submetida. Os pais são pobres, mas não indigentes. Dirigem-se ao Instituto onde o referido exame deve ser feito. Dizem-lhes para levar lá a criança daqui a um ano. E estão com muita sorte, pois não há muito tempo esses exames eram marcados com dois anos de antecedência. Há aqui qualquer coisa que me parece errada. Não acham?

V. D.

O Município de Loures vai pedir um empréstimo à C. G. D.

LOURES, 17 — Reuniu o Conselho Municipal, sob a presidência do presidente da Camara, sr. cap. José da Silva Baptista. Foi deliberado solicitar ao Governo autorização para o Município contrair na Caixa Geral de Depósitos um empréstimo de 24 mil contos destinado á construção do Mercado, do Cemitério de Pombais e á esquadra da P. S. P. de Odivelas, ao reforço dos empréstimos já concedidos para a construção do edifício para as repartições publicas e para o mercado de Loures e para as reconstruções dos estragos causados pelas inundações de 1967.



REUNIÃO DOS ESTUDANTES NO PORTO

Resoluções relacionadas com os problemas da Farmácia

PORTO, 17 — Na terceira sessão de trabalhos da importante reunião, á qual nos temos referido, dos alunos da Faculdade de Farmácia e que ali decorreram foram tratados os problemas fundamentais da profissão.

O primeiro trabalho apresentado, «A Farmácia de Oficina na Dinamarca e na Hungria», elaborado por Clara de Sá, deu uma panorâmica da farmácia de oficina naqueles dois países, onde essa actividade está modelarmente organizada. Na Dinamarca a farmácia é uma actividade privada sob um «contrôle» limitado do Estado; na Hungria, a farmácia de oficina é uma instituição de saúde publica, integrada no conjunto de serviços de saude, totalmente a cargo do Estado, mas sob o «contrôle» da profissão farmacêutica.

Na Dinamarca compete ao farmacêutico, exclusivamente, a preparação e dispensa de medicamentos; na Hungria, o farmacêutico dirige a produção e distribuição a todos os níveis, mas tende a ser considerado, sobretudo, como consultor do público e dos restantes profissionais do serviço de saúde. A sua actividade estende-se exclusivamente à prevenção de acidentes com produtos tóxicos na agricultura e nas actividades industriais. Em qualquer dos casos, as farmácias são estabelecimentos com dimensões consideráveis servidas por um pessoal numeroso e qualificado.

Nesse valioso trabalho, nota-se, ainda, a título de curiosidade, que na Hungria se exige ao pessoal auxiliar (ajudantes de farmácia) o curso completo dos liceus e dois anos de preparação teórico-prática.

Seguiu-se o trabalho do estudante de Coimbra, Adriano Barbosa, sobre «Relações interfarmacêuticas e organismos coordenadores».

Começou por assinalar o legado que nos foi deixado pelas gerações anteriores e salientou o que se espera de nós. Assim — disse aquele estudante —, a nível académico, há a necessidade da consciencialização e do conhecimento da situação da classe e da unidade dos estudantes.

Propôs a criação da U. N. E. F. (União Nacional dos Estudantes de Farmácia) e salientou algumas atribuições que lhe competiriam, a nível profissional. O referido estudante demonstrou que a debilidade da classe era uma consequência do egoísmo e do desinteresse dos profissionais. Em relação aos organismos coordenadores, pensa que se deve acentuar a necessidade de uma actividade sindicalista baseada em decisões tomadas em assembleias gerais. Assim, sugeriu a criação de uma Delegação do Sindicato Nacional dos Farmacêuticos de Coimbra.

● As conclusões aprovadas

Foi, por fim, aprovada a seguinte proposta de moção:

«Considerando que a saúde é primacial à vida nacional; considerando que o nosso País não possui uma cobertura sanitária eficaz e generalizada a todo o território, propôs-se:

«1.º — A integração do farmacêutico em grupos sanitários constituídos pelas diversas classes encarregadas da saúde pública (médicos, farmacêuticos,

(Continua na 28.ª página)

ora diga-nos...

— Ficou impressionado com a avaria da nave dos astronautas?

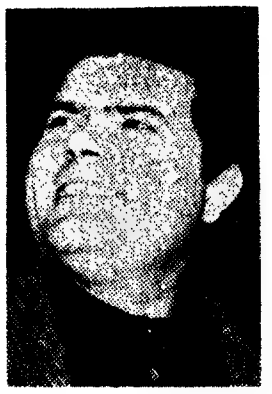
Depois das primeiras idas (e vindas) á Lua, as outras viagens que se lhe seguiram deixavam os inassombráveis mortais terrestres na mais perfeita indiferença que as coisas comuns normalmente nos despertam. Mas a avaria da Apolo-13, reabru o processo da ansiedade nos jornais e no Mundo. Voltará? Isso está na mão da sorte, que no imprevisível ninguém tem mão ainda.

● O sr. Eduardo Teixeira, caixeiro de praça, ficou impressionado:

— *Pela questão da vida dos homens. Ainda não há máquinas que prevejam todas as deficiências, ou então não fora assim, qualquer dia havia aí uma máquina de fazer crianças...*

● A sr.ª D. Maria Irene de Sousa, engenheira Química, declarou-nos:

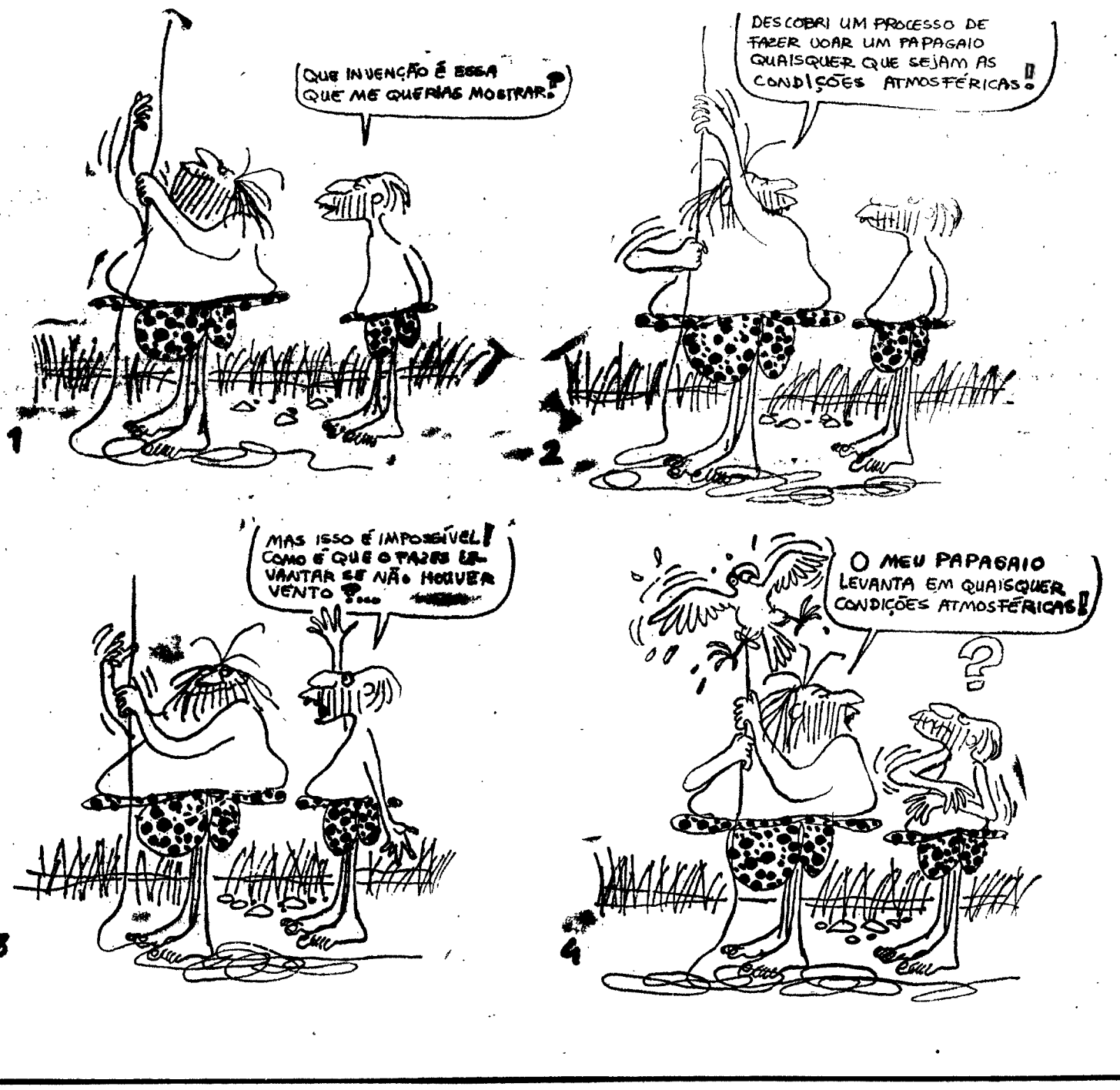
— *Tenho muita esperança que eles voltem para a terra. O meu pai, todavia, diz que eles estão arrumados.*



● O sr. Daniel David da Silva, empregado de leite, disse-nos:

— *Fiquei impressionado, claro. Basta que sejam seres humanos.*

koko



2.º caderno

Semana Luso-Hispano-Brasileira de Prevenção e Segurança

Realiza-se na próxima segunda-feira, 20, ás 10 e 30, na Sociedade de Geografia, a sessão inaugural da I Semana Luso-Hispano-Brasileira de Prevenção e Segurança.

A pasta dos Congressistas com a respectiva documentação pode ser obtida a partir das 14 horas de domingo, dia 19, na secretaria da Semana, na Escola Nacional de Saude Publica e de Medicina Tropical, Rua da Junqueira, 96. A referida secretaria encontra-se aberta das 14 ás 19 no dia 19 e das 9 ás 18, nos restantes dias.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

HOJE, À NOITE

ASSEMBLEIAS — Do Vizela para tratar de assuntos importantes para a vida do clube, ás 21 e 30.

— Da Associação Desportiva Sanjoanense, para tratar da reforma financeira, ás 21 e 30.

BASQUETEBOL — Taça de Portugal (feminino): Algés-Sporting, ás 21 e 30, em Algés.

— Campeonato Nacional da 2.ª Divisão: C.I.F.-Atlético, ás 22 e 30, na Ajuda; Algés-Técnico, ás 21, na Ajuda.

BILHAR — Campeonato de Lisboa de Pentatlo, na Associação dos Amadores de Lisboa, a partir das 21 horas.

HÓQUEI EM PATINS — Assembleia da Associação de Lisboa, para eleição de dirigentes, ás 21 e 30.

TÉNIS DE MESA — Campeonato de Lisboa de juniores — Série A: Paço de Arcos B-Benfica A, Acad. Amadora-Andorinha e Casa Pia-Rodrigues Cordeiro; série B: Paço de Arcos A-Intendente, Ateneu-Mirantense e Sporting-Academia Verdi; série C: Atlético do Cacém-Belenenses e Desportivo do Carmo-Centro Católico, nas mesas dos primeiros, ás 21 e 30.

Campeonato de Lisboa de senhoras: Centro Católico-G. I.P.A. e Ferroviário-Benfica, nas mesas dos primeiros, ás 21 e 30.

Campeonato de Seniores de Faro: S. Luís-Náutico, Louletano-Farense e Faro e Benfiquinha-Imortal, nas mesas dos primeiros, ás 22 horas.

VOLEIBOL — Campeonato de Lisboa de Seniores: Sintrense-Nacional de Ginástica, no Liceu de Oeiras, ás 21 e 30 horas.

URTAIN: 700 CONTOS POR UM COMBATE

CARACAS (ANI) — O pugilista espanhol José Manuel Ibar «Urtain», campeão europeu dos «pesados», defrontará, em fins de Maio, um pugilista venezuelano ou norte-americano, em Caracas, num combate exibição, com uma bolsa de 25 000 dólares.

Assembleia do F. C. Porto

APLAUDIDA A DIRECÇÃO

Na assembleia geral extraordinária do F. C. Porto, realizada, ontem à noite, no Pavilhão das Antas, foram tratados diversos assuntos de interesse para a colectividade, designadamente no que respeita a sua secção de futebol.

Vários associados fizeram uso da palavra para lamentar a carreira da equipa no Campeonato Nacional e, em resposta, o presidente da Direcção, sempre muito aplaudido, expôs sobre as diligências em curso tendentes ao encontro de soluções adequadas.

Na mesma reunião foi ainda deliberado suprimir a jóia na readmissão de associados e arquivar o processo do inquérito instaurado ao sócio sr. Nascimento Cordeiro em Novembro de 1966.

A assembleia vai a terminar já na madrugada de hoje, tendo-se registado inequívocas manifestações de fé clubista.

YAÚCA DEIXOU O SALGUEIROS

A partir de ontem o «europeu» Yauca deixou de ser jogador do Salgueiros. As duas partes rescindiram o contrato, amigàvelmente, tendo o jogador recebido 70 contos.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

BASQUETEBOL

O BENFICA EM LUANDA

Com partida ás 23 e 59, segue hoje com destino a Luanda a equipa do Benfica, campeã da Metrópole, afim de disputar a fase final do Campeonato Nacional, durante a próxima semana.

Conjuntamente, com os campeões de Moçambique e de Angola, sendo o Sporting Lourenço Marques o representante moçambicano, faltando ainda saber qual o apurado angolano.

A COMITIVA É A SEGUINTE:

Director — Ferreira Gomes
Seccionista — Júlio Sapeira
Massagista — Feijão
Treinador — Jay Griffin

JOGADORES

Joaquim Carlos — Natural de Lisboa, 27 anos de idade e 1,76 m de altura.

Clubes representados — Benfica, Sp. Caldas, Barreirense e Benfica, 17 vezes internacional.

José Alberto — Natural de Lisboa, 31 anos e 1,85 m de altura.

Clubes — Tabacos e Benfica, 18 vezes internacional.

Júlio Campos — Natural de Lisboa, 33 anos e 1,80m de altura.

Clubes representados — Combatentes e Benfica 9 vezes internacional.

Armando Simões — Natural de Lisboa, 27 anos e 1,78m de altura

Clubes representados — C. Ourique, Combatentes e Benfica, 1 vez internacional.

Artur Coelho — Natural de Gondomar, 27 anos e 1,90 de altura.

Clubes representados — F. C. Porto, Benfica Luanda, Ferroviário L. Marques e S. L. Benfica, 4 vezes internacional.

Luís Esteves — Natural de S. Tomé e Príncipe, 29 anos e 1,87 de altura.

Clubes representados — Marinhense e Benfica.

Abel Nascimento — Natural de Lisboa, 22 anos e 1,89 de altura.

Clubes representados — Santos e Benfica

Jay Griffin — Treinador-jogador — Natural Iwoa U. S. A., 24 anos e 1,85 de altura.

Clubes representados — COE College

Alvaro Faria — Natural de Lisboa, 24 anos e 1,77 de altura.

Clubes representados — Nacional, Sporting, Ateneu, Lisgás, Sp. Caldas e Benfica.

Mário Saldanha — Natural de Queluz, 24 anos e 1,77 de altura.

Clubes representados — Queluz, Sporting, Sp. Caldas, Sp. Beira e Benfica.

António Ramos — Natural de Lisboa, 23 anos e 1,86 de altura.

Clubes representados — Clf e Benfica.

Armindo Teixeira — Natural de Lisboa, 23 anos e 1,86 de altura.

Clubes representados — Benfica.

T. Z.

Sábado desportivo

ANDEBOL — Campeonato Nacional da II Divisão: Associação-Cristã (Universitário, 22 e 30), Espinho-Sanjoanense (Espinho, 22 h.), Cucujães-Santa Clara (Cucujães, 22 h.), Académico-C. D. U. P. (Académico, 22 h.), Francisco Holanda-Estrela e Vigorosa (Guimarães, 22 e 30).

— Campeonato Nacional da I Divisão: Porto-Sporting (Pav. Porto, 22 e 30), Belenenses-S.ª da Hora (Ajuda, 22 e 30), Beira Mar-Vitória (Ilhavo, 22 e 30), Campo de Ourique-Naval (Campo Ourique, 22 e 30), Almada-Comércio e Industria (Almada, 22 h.) e Passos Manuel-Benfica (Passos Manuel, 22 e 30).

ATLETISMO — Campeonatos regionais de iniciados e juvenis femininos, no Estádio Alfredo da Silva (Lavradio), ás 17 horas.

AUTOMOBILISMO — 6.º «Rallye» da Sociedade Geral.

BASQUETEBOL — «Taça de Portugal» (feminino): Lisgás-Luso (Universitário, 22 e 30), Ateneu-Olhanense (Ajuda, 21 e 30) e C. D. U. L.-Seixal (Universitário, 21).

— Campeonato Nacional da II Divisão: Lisgás-Luso (Ajuda, 22 e 30), Montijo-Farense (Montijo, 21 e 30), Ateneu-Olhanense (Ajuda, 22 e 30), C. D. U. L.-Seixal (Ajuda, 21 h.), «Os Olhanenses»-C. Quebradense (Olhão, 21 e 30), Casa dos Pescadores-Nacional (Portimão, 21 e 30), Fluvial-Olivais (Pav. G. Teles, 22 e 30), C. D. U. P.-Galitos (Pav. G. Teles, 21 h.), Sangalhos-Naval (Sangalhos, 21 h.), Gaia-Sanjoanense (Gaia, 22 e 30), Guifões-Figueirense (Gaia, 21 h.) • Esgueira-Leça (Aveiro, 21 e 30).

ESGRIMA — Campeonato Nacional de Florete (equipas), ás 15 h. na sala do Centro Espanhol.

FUTEBOL — Taça «Sado», 3.ª jornada: Odivelas-Atlético e Oriental-Alhandra, nos campos dos primeiros, ás 16 horas.

— Torneio dos Orgãos de Informação: Capital-Rádio Universidade (Arroios), Século-Novidades (Fut. Benfica), Jornal Comércio-Popular (Casa Pia), e Rádio Clube-R. T. P. (Olivais), ás 16 h.

GINÁSTICA — Sarau anual do Ginásio Clube Português, no Coliseu dos Recreios, ás 21 horas.

HIPISMO — Taça «General Kaulza de Arriaga», em Cascais.

TIRO A CHUMBO — Campeonato de Portugal (Fosso Olímpico), em Monsanto, a partir das 10 horas.

VOLEIBOL — Campeonato Nacional de Juniores: Braga-Benfica (Escola Técnica) e Vitória Guimarães-Lisboa Ginásio (Pav. Guimarães), ás 18 horas.

— Campeonato Regional de Seniores: Faculdade de Ciências-Lisboa Ginásio, no campo do primeiro, ás 19 e 30.

No Coliseu dos Recreios

Sarau do Ginásio Clube

Integrado nas comemorações do 95.º aniversário do Ginásio Clube Português, realiza-se, amanhã, no Coliseu dos Recreios, um sarau cujo programa é, só por si, significativo do interesse que rodeará o certame.

Entretanto, uma particularidade existe, credora, desde já, de realce especial: o Ginásio Clube, desejando simbolizar a união e a fraternidade que devem presidir às relações de organismos votados a uma causa comum, convidou os clubes seus congéneres a fazerem-se representar no sarau com um ginasta. A atitude, a merecer encómios, dispensa mais amplos comentários.

O sarau, dividido em duas partes, compreenderá os seguintes números:

I PARTE — Desfile dos ginastas participantes; ginástica infantil (4/6 anos, classe mista); ginástica infantil feminina (7/9 anos); iniciação à ginástica desportiva, masculina e feminina; paralelas e trave; «ballet»; halterofilismo; rítmica (senhoras, esquemas com arcos); saltos no tapete.

II PARTE — Barra fixa e cavalo com arções; judo e luta; «ballet»; jogo do pau; argolas e paralelas assimétricas; rítmica (senhoras, esquema livre); mesa alemã.

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o Concurso n.º 33 – 9.ª Época

Açores (Desportivo) — 121 121 X1X X121; Beira Baixa — 1X1 111 2X1 1111; Cavalgada do Ritmo — 11X 1X1 X11 X121; Comércio de Portimão — 111 112 221 1121; Correio dos Açores — 11X 1X1 2X1 112X; Correio do Vouga — 111 121 211 1121; Diário da Manhã — 112 1X1 211 1X11; O Distrito de Setúbal — 111 12X XX1 X121; Ecos do Desporto — 11X 121 2X1 X1X1; Ecos de Cacia — 111 121 211 1X11; Eu Sei Tudo — 11X 1X1 211 1121; Folha de Domingo — 11X 121 X11 X111; Gazeta do Sul — X21 121 XX1 1X21; Imagens Piedenses — 111 121 2X1 2121; O Jornal de Felgueiras — 12X 121 211 1121; Jornal do Fundão — 12X X12 X21 111X; Jornal da Lixa — 121 11X 211 2121; Linhas de Elvas — 11X 111 2XX 1121; Mundo Desportivo — 111 1X1 211 11X1; No Mundo do Desporto (RCA) — 1X1 121 X11 X121; Notícias de Chaves — 11X 121 XX1 2121; Notícias de Felgueiras (SD) — 11X 111 211 X211; Notícias de Felgueiras (Tot) — 111 1X1 XX1 111X; Notícias de Guimarães — 111 1XX 211 X121; Povo Algarvio — 121 121 221 1121; Rádio Altitude — 111 1X1 2X1 11X1; Rádio Sports — 111 111 2XX X1X1; Reconquista — 111 121 2X1 X121; Renovação — 1X2 1X1 211 1111; República — 121 12X 211 11X1; Auto Rádio — 121 1X1 X11 X121; Boletim Desportivo R. P. — 121 1X1 221 1121; Cantinho Ricardo Lemos — 11X XX1 XXX 11X1; O Comércio de Leixões (Desp) — 111 121 211 11X1; O Comércio de Leixões (DTUP) — 111 1X1 X11 X121; De Tudo Um Pouco — 1X1 121 XX1 1111; Às 10 Espere Por Nós — 1X2 1XX XXX 1112; Defesa de Espinho — 221 121 211 X111; Diário do Norte — 111 X11 1X1 1121; Diário de Coimbra — 12X 111 211 1111; Diário do Minho — 111 X1X 221 2121; Emissora Of. da Guiné Portuguesa — 1X2 12X 2XX 1X21; Dos Fracos Não Reza a História — 11X X21 X11 211X; Ideal Rádio — 111 121 211 1111; Jornal do Barreiro — 1XX 1X1 211 1XXX; Jornal de Notícias — 1X1 1X1 211 X111; Jornal do Sul (AD) — 111 1X2 111 1111; Jornal do Sul (TL) — 111 122 X1X 11X1; Jornal de Viseu — 111 1X1 112 XX11; Litoral — 1XX 1X1 211 2111; Momento do Totobola — 1X1 121 2X1 X121; Notícias do Douro — 121 1X1 X11 XX21; Notícias de Gouveia — 1X1 112 211 X111; A Ordem — 12X 1X1 211 X121; Póvoa de Lanhoso (CA) — 111 121 X11 11X1; Póvoa de Lanhoso (Desp) — 111 112 211 1111; Prog. Electro Mecânico — 111 121 22X 112X; A Rebeca — 111 1X1 211 X111; Rádio Oceano — 1X1 121 22X 2121; Repórter do Dia — 1X1 1X1 211 11X1; Repórter do Dia (Angola) — 111 1X1 211 1111; Sorriso da Hora do Almoço — 122 112 122 X111; O Templário — 11X 121 211 2111; Terra Alta — 111 12X 211 X121; A Voz do Domingo — 1X1 1X1 211 X111; Bondiazinho — 12X 11X 211 1111; Brado Africano — 12X 12X 22X X22X; Cidade 70 — 12X 11X 211 1X1X; Diário (Lourenço Marques) — 1X1 1XX 211 21X1; Domingo Alegre — 12X 11X 2XX 11X1; Notícias (Lourenço Marques) — 11X 121 X11 1XX1; Onda da Manhã — 111 X21 22X 2121; Passatempo — X1X 122 2XX 1112; Roteiro Sonoro — 11X 121 22X 11X1; Terceiro Programa — 12X 11X 211 1X1X; Vamos Jogar no Totobola — 1X1 121 211 X121; Semana Ilustrada — 111 12X 211 12X1; Angola Norte — 11X 12X 21X 2121; Comércio — 111 121 2X1 1111; Diário — 1XX 1X1 221 X121; Apostolado — 121 1XX 112 X111; A Nossa Chave — 11X 1X1 211 11X1; Norte Desportivo — 1X1 1X1 211 X121; Correio do Douro — 1X1 1X1 2X1 11XX; Prog. da Manhã TA — 12X 11X 111 121X; Almanaque — 111 X11 X21 2X1X; Música e Desporto — 1X1 X11 2X1 1121; Boletim Desportivo — 112 XX1 211 1211; Só Rádio — 111 111 211 X121; Colina Sagrada — 222 211 122 1212; Rádio Placard — 111 121 111 11X1; Rádio Placard RCP de LX — 111 1X1 111 1111; Rádio Placard ENR — 111 111 111 1121; Vamos à Bruxa (Adesivo) — 11X 121 2X1 X1X1; Vamos à Bruxa (D. Conchita) — 111 12X 22X 11X1; Resenha Desportiva — 1X1 111 211 X111; Prog. Sem Nome — 121 121 2XX 11X1; Rádio Clube do Norte — X11 121 221 X11X; Penalti — 1X1 1X1 21X 1111; A Lição do Menino Quim — 111 121 211 X111; Mosaico — 11X 111 211 X11X; Notícias d'Évora (VJT) — 1X1 1X1 21X 1121; Notícias d'Évora (VD) — 11X 121 XX1 21X1; Peça Que Não Maça — 11X 1X1 211 1111; Sporting — 111 121 221 X121; O Telégrafo — 121 1X1 X11 1X11; A Voz — 111 121 2XX 2121; A Voz de Palmela — 11X 121 211 122X; A Voz dos Ridículos — 111 121 211 111X; Diário de Lisboa — 111 1X1 2X1 X121; A Defesa — 111 1X1 2X1 1121; Correio de Coimbra — 11X 121 1X1 X121; A Voz Desportiva — 1X1 1XX 221 X121; O Comércio do Porto — 11X 1X1 XX1 111X; Passatempo — 111 121 211 11X1; Maria da Fonte (Desp) — 111 121 21X X111; Maria da Fonte (VP) — 1XX 111 X11 1XX1; Voz de Lamego — 111 121 211 1111; Diário do Sul — 111 12X 21X 1121; Jornal da Beira — 111 12X 2X1 1X11; Voz do Casa Pia — 111 1X1 211 11X1; Novidades — 12X 121 221 X121.

RESUMO

CONCURSO N.º 33

N.º	JOGOS	1	X	2	BOLAS 1	X	2 (a)
1.	Benfica-Varzim	117	3	2	10	1	1
2.	Guimarães-Porto	72	25	25	6	3	3
3.	Belenenses-Barreirense	77	38	7	7	4	1
4.	Académica-U. Tomar	112	9	1	10	1	1
5.	Cuf-Setubal	26	42	54	3	4	5
6.	Boavista-Braga	92	22	8	9	2	1
7.	Leixões-Sporting	11	24	87	1	2	9
8.	Sanjoanense-Tirsense	71	32	19	6	4	2
9.	A. Viseu-Espinho	96	22	4	9	2	1
10.	T. Novas-B. Mar	68	40	14	6	4	2
11.	Sintrense-Seixal	101	14	7	9	2	1
12.	Tramagal-Farense	48	26	48	5	2	5
13.	Montijo-Luso	102	17	3	9	2	1

E o prognóstico lógico será: 111 121 211 111 ou 2 1

(a) — Nos termos do Art.º 10.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

O C.I.F. e o basquetebol feminino

«A mulher portuguesa não possui condições morfológicas para a prática do basquetebol»

— afirmação de VÍTOR HUGO, treinador da equipa

Atingiu já grau de evidência a hegemonia da equipa feminina de basquetebol do C.I.F., principalmente no decorrer dos ultimos cinco anos.

Mas para sermos mais concisos sintetizemos o impressionante «palmarés» de regularidade da equipa «cifista».

Vejamos: cinco anos consecutivos campeãs regionais de Lisboa; cinco anos consecutivos campeãs da Zona Sul; cinco anos consecutivos na fase final do «Nacional» obtendo sempre o 2.º lugar.

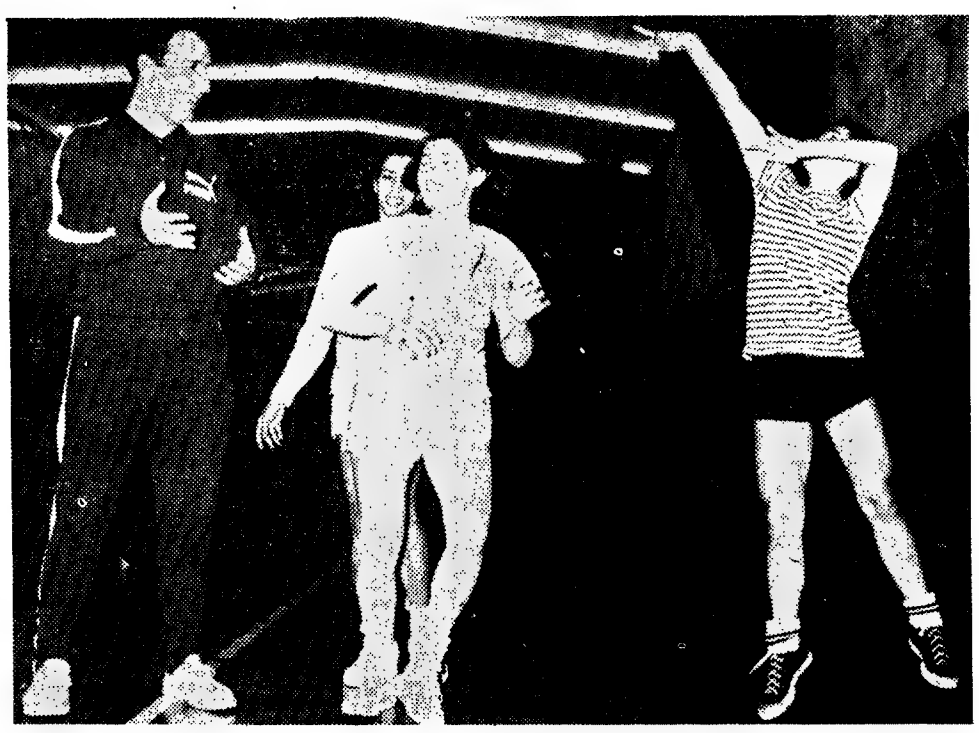
Apenas falta á excelente equipa um titulo nacional.

Abordámos o nosso camarada Vítor Hugo, treinador da equipa, para uma síntese de opiniões. Já na cabina, enquanto se submetia a um duche reparador, o reputado técnico foi-nos dizendo:

— O basquetebol feminino, embora, na sua expansão, se situe num plano inferior ao do masculino, sofre dos mesmos males deste.

Enumerando:

— No que respeita á orgânica; na falta de técnicos válidos com remunerações absolutamente compatíveis — pois os treinadores por «carolice» só têm boa vontade...; de locais adequados para a prática do basquetebol com material também adequado; de material didáctico... e tantas coisas mais.



Vítor Hugo dá instruções — e os resultados obtidos pelo C. I. F. são bem demonstrativos da receptividade dos seus pupilos

A razão dos bons resultados obtidos pela equipa está na boa colaboração que tenho tido.

Mais adiante, referindo-se ás prováveis razões dos bons resultados da sua equipa, Vítor Hugo revela:

— A falta de nível competitivo, principalmente ao nível regional, em virtude das demais equipas concorrentes pouco terem evoluído. No entanto, não quero deixar de frisar que a razão principal reside, quanto a mim, na colaboração que me tem sido dispensada por parte dos directores do C. I. F. Não têm faltado recintos cobertos para treinar nem o necessário material. Devo reconhecer que tudo isto tem tornado mais fácil o meu trabalho.

Depois:

— Outro motivo consiste na falta de treinadores, pois há, no Sul, equipas que possuem lotes de jogadoras capazes de evoluir. Posso citar-lhe, como exemplo, o Algés.

Académica — O adversário mais difícil na fase final do «Nacional».

— Quais as possibilidades do C. I. F. no campeonato deste ano?

— Sempre as mesmas. Vamos lutar para o título — um título que tem teimado em fugir-nos.

Prosseguindo:

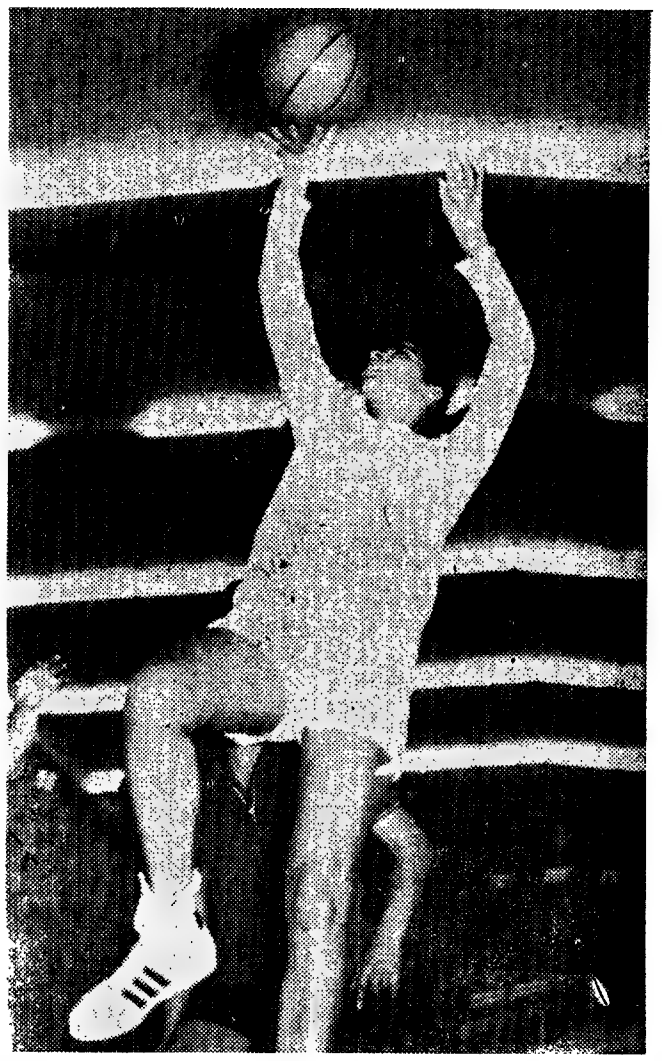
— Todos os anos há «sangrias» na equipa, devido a jogadoras que, por isto ou por aquilo, deixam de actuar, quase sempre quando estão a dar pleno rendimento.

— Há alguma equipa que receie especialmente?

— Respeito sempre todos os adversários; no entanto, penso que uma vez mais será a Académica o grande obstáculo: trata-se de um bom conjunto, sendo de salientar a grande influência que a sua jogadora Bié exerce na turma.

Uma opinião acerca do basquetebol feminino da zona Norte:

— Há, sem duvida, mais mais entusiasmo, mais entusiasmo, mais clubes, mais competição, mais tudo. Basta dizer que na II Divisão nortenha actuam oito equipas, contra sómente duas no Sul.



Encestar é sempre objectivo. Aprecie-se a beleza plástica da atitude numa tentativa de concretização

A mulher portuguesa não tem condições morfológicas para a prática do basquetebol.

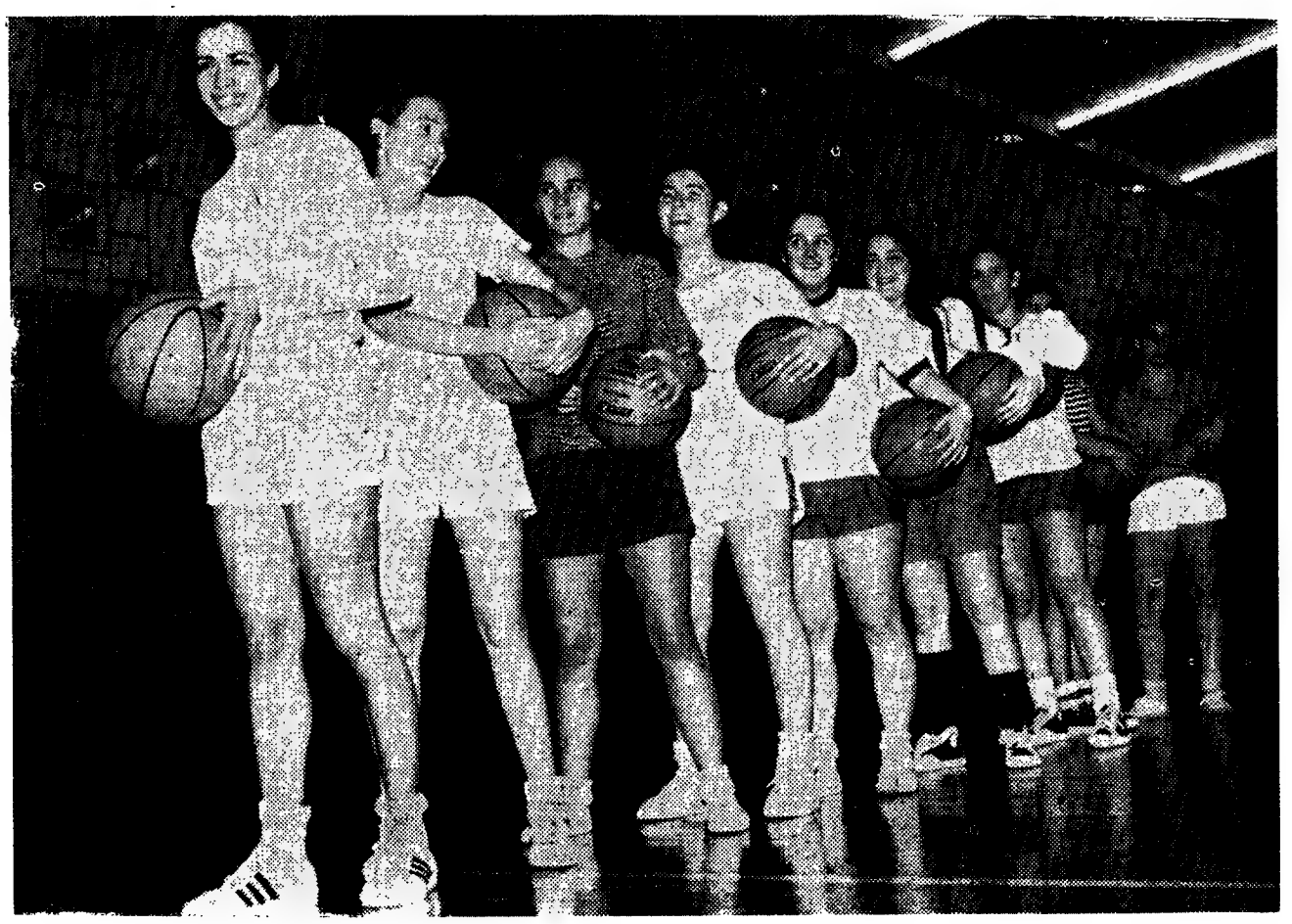
Sobre as nossas possibilidades internacionais, Vítor Hugo afirmou:

— No basquetebol feminino, bem como em todas as outras modalidades, o nosso nivel internacional está muito em baixo, devido a factores que são do conhecimento de todos.

Uma breve pausa — e logo:

— Falando do que respeita ao basquetebol feminino, direi que a mulher portuguesa não possui condições morfológicas para tal prática. No entanto, quero referir que, mediante condições de trabalho, pode evoluir bastante. Posso até citar-lhe o exemplo verificado no ultimo «Mundial», em que a Coreia do Sul com jogadoras de pequena estatura (1,76 m a mais alta) logrou ficar em segundo lugar, atrás da Russia, mas á frente da Checoslováquia — uma equipa que dispunha de jogadoras com dois metros de altura. Isto foi possível mercê de uma preparação atlética extraordinária através de processos adequados, visando contrabalançar a desvantagem da estatura.

T. Z.



Graciosidade e valor atlético são características das gentis basquetebolistas do Clube Internacional de Futebol

VOLEIBOL

VITÓRIA DO BENFICA EM DUAS «FRENTES»

A contar para a 16.ª jornada do Campeonato Regional de Voleibol em seniores, o Benfica venceu o Externato de Moscavide por 3-0 (15-5; 15-11; 15-13).

Sob a direcção de Oliveira Dias e Carlos Martins, as equipas apresentaram:

BENFICA — Artur Monteiro, João Nogueira, António Neves, José Barreiros, Moisés Nobre e Carlos Figueiredo.

MOSCAVIDE — Carlos Brilhante, Vítor Melo, Hélder Silva, Vítor Gomes, José Fernando, João Rui Vinho, Fernando Riças, Jorge Coelho e Carlos Félix.

Vitória justa da equipa mais credenciada após um encontro em que actuou abaixo das suas possibilidades.

Para a fase preliminar do Campeonato Nacional feminino, o Benfica venceu o CDUL por 3-1 (15-12; 15-8; 9-15; 15-2).

Sob a arbitragem de João Arouca, as equipas apresentaram:

BENFICA — Luísa Marques, Graça Ramos, Madalena Canha, Esperança Ramos, Margarida Leite, Teresa Fernandes, Maria José, Adelaide Canas e Leonor Santos.

CDUL — Luciana Durão, Conceição Posser, Luz Preto, Adelaide Patrício, Manuela Nunes, Fernanda Cota e Conceição Roriz.

Jogo de certo modo equilibrado, com excepção na ultima partida, em que o Benfica justificou a sua superioridade

LISBOA DIA E NOITE

Para a etiqueta «Alvorada» e cançonetista Diamantino acaba de gravar o seu primeiro disco comercial, que inclui as composições «Vou perguntar-te amanhã» (Nóbrega e Sousa-Jerónimo, Bragança), «Nada de nada» (J. Alberto Cunha-A. José), «Gostava de ser livre» (Manuel Viegas) e «Ânsia de ti» (J. A. Cunha-Joaquim Pessoa). Os acompanhamentos são da orquestra de Manuel Viegas. Ex-empregado da C. U. F., o jovem Diamantino frequentou o Centro de Preparação para Artistas de Rádio e esteve cerca de um ano contratado por Marques Vidal. Já pertence ao «cast» da E. N. e vai aparecer em breve, na TV, num «Estúdio C», ao lado de Maria José Valério e Natércia Maria

Teresa Paula Brito:

Disco importante

Teresa Paula Brito, uma das mais conscientes intérpretes de música ligeira, gravou recentemente um disco que bem pode considerar-se importante, onde interpreta melodias e poemas de José Afonso, respectivamente, «O Cavaleiro e o Anjo», «A balada do sino», «Vejam bem» e «A cidade», melodia de José Afonso com poema de José Carlos Ary dos Santos. Nestas interpretações, registadas em disco para a «R. R.», Teresa Paula Brito foi acompanhada por Carlos Meneses, Eugénio Pepe e Braga Santos.

TERESA PAULA BRITO

TECLA: Vozes novas para o fado

Tecla, a marca dirgida pelo maestro Jorge Costa Pinto, parece querer recomeçar a actividade no que se refere à gravação de fado. Mas Costa Pinto procura valores desconhecidos, com o objectivo de descobrir vozes novas para o fado.

ALEX E AS SUAS CANÇÕES

Tem um estilo perfeitamente pessoal. Talvez por isso, Alex provoca controvérsias com as suas interpretações. Agora gravou um disco para a «R. R.», onde, acompanhado pelo conjunto «Os Reactores», incluiu quatro canções de que é autor, nomeadamente: «Mon ami, mon père», «Pa-pa-pa-pa-pa», «Meia Praia» e «Poema ao Nada». O disco será posto á venda muito brevemente.

FAUSTO FERREIRA E JOSÉ GOMES EM DISCO

Fausto e José Gomes Ferreira ficam juntos num «L. P.» já gravado, a prensar, presentemente, na Holanda. Fausto, a nova revelação da Philips, interpretará melodias de que é autor e poemas de José Gomes Ferreira, com saliência para «Olá pastor que choras», já incluído num «45» e muito divulgado nos programas de rádio de maior audiência.

NOVO CONJUNTO DE MÚSICA PORTUGUESA

Um novo conjunto de música portuguesa está a actuar nos programas de variedades da E. N. Trata-se do «Trio Mondego», constituído por Fernando Mota, Armando Martins e Filipe Neves. No repertório do conjunto apenas melodias regionais. Gravaram já um disco para a «Alvorada» e prestaram provas para a R.T.P.

João Bastos:

Revelação «R. R.»

A direcção de «R. R.» (Armando Cortez, Francisco Nicholson e Eugénio Pepe) deposita grandes esperanças em João Bastos, que consideram grande revelação da etiqueta para onde gravou agora o primeiro disco, onde registou poemas e melodias de que é autor, nomeadamente: «Sonho Estranho», «Figura», «Olhar Sobre a Vida» e «Poema aos 17 anos». João Bastos interpreta uma nova forma de balada, com um cunho profundamente pessoal. Acompanham-no, em violas, João Manuel Aboim, Albano Portela e Carlos Bastos, primo do jovem que vai ser revelação — segundo nos asseguram.

O conjunto regional do «FOLCLORE»

Os bailados regionais apresentados no «Folclore» são acompanhados por um agrupamento especialmente constituído para o efeito e de que fazem parte Avelino Rodrigues e Fernando Silva (acordeonistas) e Campos Junior (saxofonistas e clarinetista), que se integram nos conjuntos coreográficos com os trajos das respectivas províncias.

RESTAURANTES — BARES

VARANDA DO CHANCELER
Largo do Chanceler, 7-A ✲ Telefs. 866286 - 871559.

LORD
Rua Victor Cordon, 14-A ✲ Telef 323098

BELCANTO
Largo de S. Carlos, 10 ✲ Telef 320607 - 8

SNOB
Rua de «O Século» 178 ✲ Telef. 33723

VIENA
Rua da Conceição da Glória, 5 ✲ Telef 321474

REX
Rua Nova da Trindade, 18 ✲ Telef 30114

BAIÚCA
R. da Barroca, 86—Telef. 34700

AMERICANO
Rua Bernardino Costa, 85 ✲ Telef 370704.

BRISTOL
Rua Jardim do Regedor, 7 ✲ Telef 35730.

TAVERNA IMPERIAL
Praça dos Restauradores, 16 ✲ Telef 368491.

BAR Z
Rua de S. Pedro de Alcantara, 57 ✲ Telef. 30760.

CARIOCA
Rua da Trindade, 32 ✲ Telef. 326565

NICE
Rua da Conceição da Glória, 9-A ✲ Telef 30068.

SANZALA
Av. Marechal Carmona, 2 — Campo Grande—Telef. 790177

ENCERRAM ÀS 2 HORAS DA MADRUGADA

«BOITES» E «DANCINGS»

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)
Conjunto Manuel Viegas ✲ Avenida Duque de Loulé 73 ✲ Telef 530171

AD LIB
Discos recebidos directamente de Inglaterra ✲ Rua Barata Salgueiro 28-A ✲ Telef 561717

ADAGGIO
Discos recebidos directamente de Inglaterra ✲ Rua Carlos Reis 51-A ✲ Telef 775695

TAMILA
Marão e s/ Conjunto ✲ Avenida Duque de Loulé 69 ✲ Telef 534117

GALERIA 48
Conjunto Hélder Reis ✲ Avenida da Liberdade 248-B ✲ Telef 48433

PORÃO DA NAU
Conjunto «The Beatnicks» ✲ R Pinheiro Chagas, 1-B ✲ Telef 510501 ✲ Encerra ao domingo

NINA
Conjunto Rocha Oliveira ✲ Rua Paiva de Andrada, 7-13 ✲ Telef 34059

TAGIDE
Conjunto José Pedro e «Os Duques» ✲ cons. mín 100$00 ✲ Largo da Biblioteca 18-22 ✲ aberto ao domingo

A LAREIRA
Discos ✲ Praça das Águas Livres, 8-10 ✲ Telef 589627

ARCHOTE-CLUB
Discos ✲ Rua D. Filipa de Vilhena, 6-D ✲ Telef. 49960.

MAXIME
Conjunto 6 Reacção e Maximiliano ✲ «Show» turístico e variedades internacionais ✲ Praça da Alegria, 58 — Telef. 55366.

POP CLUBE
Discos ✲ Avenida Estados Unidos da América, 129-A ✲ Telef 760903

MÓNACO
Rua Direita, 9-A — Caxias — Telef 2432339

CASINO DO ESTORIL
Jogo autorizado — Variedades internacionais — Telefs. 260729-260730-260731-263221-262365

RONDA
Av. Salvio — Monte Estoril — Telefs. 262443-260965

ESTONES
Discos ✲ Rua do Olival, 1 ✲ Telef 665651

POP-FADO
Conjunto Hélder Martins ✲ Rua Ferreira Lapa, 38-D ✲ Telef. 561949

GALO
Conjunto Eugénio Pepe ✲ Travessa do Salitre, 27 ✲ Telef. 366017

107
Conjunto Sequência 4, «ballets» de Mário Valejo, parelha espanhola Gloria Reys e Alfonso Liñares e Mari Barroso ✲ cons. mín 50$00 ✲ Rua da Madalena 107 ✲ Telef 387049

TOSCO
Conjunto Thó Bandeira e os Steemaers ✲ Rua Conde Redondo, 53-A ✲ Telef 531562.

CACO
Rua Camilo Castelo Branco, 23-A ✲ Telef 530892.

EL CID
Rua Bernardo Lima, 18-A ✲ Telef 560538.

COMODORO
Tobé e s/ conjunto ✲ Praça D. João da Câmara, 20 ✲ Telef. 34996

A CAVE
Conjunto Costa Pinto ✲ Avenida António Augusto Aguiar, 88 cave ✲ Telef 534433.

BICO DOURADO
Conjunto Fernando Sequeira c/ Alex ✲ Rua da Misericórdia, 12 ✲ Telef 362649

D QUIXOTE
Conjunto Alfredo de Sousa ✲ Rua da Trindade, 9 ✲ Telef. 327109.

ESTRIBO CLUBE
Casa St.ª Isabel ✲ Estrada de Birre ✲ Cascais ✲ Telef. 289273

FORTE VELHO
Poça — S. João do Estoril — Telef 261337

SNOBISSIMO
R Luis X. Palmeirim, 12 — Cascais — Telef. 282165

ESTRIBO CLUB
Casa St.ª Isabel — Est. de Birre — Cascais — Telef. 289273

ENCERRAM ÀS 5 HORAS DA MADRUGADA

BOM APETITE

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef 790211
JANTARES DANÇANTES AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
Maiores de 15 anos
PREMIADO PELO SNI

RESTAURANTE
TATU
Campo Grande, 80
Telef 76 51 88
AMANHÃ
FEIJOADA À BRASILEIRA
DOMINGO
ARROZ À VALENCIANA

ESTALAGEM E RESIDENCIAL
DE SANTA MARIA DA ARRÁBIDA
33 Quartos c/ casa de banho
RESTAURANTE
Telefone 228927 — Portinho da Arrábida

TONI DOS BIFES
AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA
DOMINGO
CABRITO CONSTIPADO
Av. Praia da Vitória, 50-E (Junto do Monumental)
Telef 536080

TARANTELA
RESTAURANTE ● SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 e 27
Telef 535203
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes
Lanches de Casamento

O FADO EM LISBOA

FOLCLORE
cantam: Arminda Vidal, Lídia Ribeiro, Américo Lima, Fernanda Guerra e Fernando Ribeiro; Os 3 de Portugal, António Chainho e José Maria Nóbrega, Julieta Brigue, Marina Rosa e corpo de baile dirigido por António Gonçalves, das 21 ás 28 horas ✲ cons. mín. 120$00 ✲ Taxas incluídas ✲ Rua Nova da Trindade, 22-A ✲ Telefs. 35007-323406 ✲ Encerra ao domingo.

LISBOA À NOITE
cantam: Fernanda Maria, Alice Maria e Manuel de Almeida. Tocam: Armandino Maia e Martinho da Assunção ✲ Cons. mín. 90$00 ✲ Rua das Gáveas, 69 ✲ Telefs.368557 - 362603 ✲ Encerra ao domingo.

TAVERNA DO EMBUÇADO
cantam: Teresa Silva Carvalho e Ana Rosmaninho, Vicente da Câmara, João Ferreira Rosa e João Braga. Tocam: Fontes Rocha, Carlos Gonçalves e Pedro Leal ✲ cons. mín. 90$00 ✲ Beco dos Cortumes, 10 ✲ Telef. 860816.

A KAVERNA
cantam: Beatriz da Conceição, Tristão da Silva, Tina Santos e «Os 3 de Portugal». Tocam: Armandino Maia e José Maria Carvalho ✲ cons. mín. 90$00 ✲ Travessa dos Fléis de Deus, 37 ✲ Telef. 35593.

TIMPANAS
cantam: Alcindo de Carvalho, Luís Braga, Benvinda Cruz e Odete Mendes. Tocam: Armando Ferreira e Torquato Lopes ✲ cons. mín. 61$50 (taxas incl.) ✲ Rua Gilberto Rola, 24 ✲ Telfs. 676655 - 67431.

ADEGA MACHADO
cantam: Ivete Pessoa, Fernanda Pinto, Maria Portugal, Suzana, João Quelrós, José Vilela e o «Trio Melodia» (José Luís, Jorge Martins e Mário Pinto). Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Tocam: António Proença e Américo Silva ✲ cons. mín. 60$00 ✲ Rua do Norte, 91 ✲ Telefs. 30095 - 328713 ✲ Encerra á segunda-feira.

O FAIA
cantam: Lucília do Carmo, Maria Albertina, Maria do Rosário e Maria Lisboa, Carlos do Carmo e Nuno de Aguiar. Tocam: Hílário dos Santos, Fernando Freitas e Orlando Silva ✲ cons. mín. 60$00 ✲ Rua da Barroca, 48 ✲ Telefs. 369897 - 321923 ✲ Encerra ao domingo.

A SEVERA
cantam: Maria do Espírito Santo, Florinda Maria, Cândida Ramos, Maria Amorim, Manuel Fernandes e José Amaro Tocam: Carvalhinho e Pais da Silva e ainda o conjunto «Aguarelas de Portugal» ✲ cons. mín. 50$00 ✲ Rua das Gáveas, 57 ✲ Telefs. 34006 ✲ Encerra á quinta-feira.

SOLAR DA HERMÍNIA
cantam: Hermínia Silva, Conceição Tavares, Zélia Maria, Judite Maria, Tristão da Silva Junior e Fernando Reis. Tocam: António Pacheco e Carlos Duarte ✲ cons. mín. 50$00 ✲ Largo Trindade Coelho, 10 ✲ Telef. 320164 ✲ Encerra ao domingo.

FRAGATA REAL
cantam: Celeste Rodrigues, Mariana Silva, Fernando Maurício e Francisco Martinho. Tocam: João Alberto e Manuel Martins ✲ cons. mín. 50$00 ✲ Travessa de S. Miguel, 22 ✲ Alfama ✲ Telef. 868552 ✲ Encerra ao domingo.

VIELA
cantam: Sérgio Natália dos Anjos, Fernando Manuel, Alfredo Duarte Jr. e Maria José Ramos. Tocam: Domingos Camarinha e Joaquim do Vale ✲ cons. mín. 50$00 ✲ Rua dos Taipas, 14 ✲ Telef. 327256.

A TIPOIA
cantam: Adelina Ramos, Quinita Gomes, Natalina Bizarro, Flora Pereira e Renato Mota. Tocam: Casimiro Ramos e Armando Silva ✲ Cons. mín. 50$00 ✲ Rua do Norte, 102 ✲ Telef. 33465.

PARREIRINHA DE ALFAMA
cantam: Natércia da Conceição, Lina Maria Alves e Natalina Duarte. Tocam: Manuel Mendes e Miguel Ramos ✲ Cons. mín. 40$00 ✲ Beco do Espírito Santo, 1 ✲ Telef. 868209.

LAR PORTUGUÊS
cantam: José Borges, Augusta Ermida, Cecília de Jesus e o conjunto típico «Cantares de Portugal» Tocam: António Bessa Fernando Reis ✲ cons. mín. 50$00 ✲ Rua da Barroca, 133 ✲ Telef. 369760.

SOLAR DO MINHO
cantam: Eduarda Maria, Artur dos Santos, Ana Madalena, Tina Ferreira, José Teixeira e Rossana Lima. Tocam: Hermenegildo Lopes e José Meneses ✲ cons. mín. 50$00 ✲ Rua do Vigário, 60 ✲ Alfama ✲ Telef. 866811.

O FORCADO
cantam: António Rocha, Isabel de Oliveira, Vivência Lima e Miguel Silva Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva ✲ cons. mín. 40$00 ✲ Rua da Rosa, 219 ✲ Telef. 368579.

MARCIA CONDESSA
cantam: Teresa Nunes, Dina Trindade, Raul Dias, António Reis e Norberto Martinho (convidado) Tocam: António Pessoa e Albertino Vilar ✲ cons. mín. 40$00 ✲ P. da Alegria, 38 ✲ Telef. 367093 ✲ Encerra á segunda-feira.

O ARABITA DE ALFAMA
cantam: Berta Cardoso, Julieta Reis, Filipe Duarte e Júlio Vieitas Tocam: Acácio Rocha e Amadeu Ram ✲ cons. mín. 40$00 ✲ Rua da Adiça, 19 ✲ Telef. 863451

MIL E UM
cantam: Moisés Campelos, Julieta Santos, Adriano Franco, Rosa de Jesus, José Barros e Nazaré Maria. Tocam: António Valentim e Joaquim Pinto ✲ Cons. mín. 40$00 ✲ Travessa da Espera, 38 ✲ Telef. 35464.

SOLAR DA MADRAGOA
cantam: César Morgado, Maria Amélia Proença, Maria de Lourdes e Lourinda Gonçalves. Tocam: Sales Correia e Agostinho Dias ✲ cons. mín. 30$00 (taxas incluídas) ✲ Rua das Trinas, 67 ✲ Telef. 669857 ✲ Encerra ao domingo.

JANSEN
cantam: Manuela Silva e José Batalha (como convidados) e o conjunto «Cantares de Portugal» Tocam: Ildefonso Frade e Nicolau Neves ✲ cons. mín. 30$00 ✲ Rua 1.º de Maio, 2 ✲ Telef. 640613.

TODOS OS RESTAURANTES TÍPICOS
ENCERRAM ÀS 3.30 HORAS DA MADRUGADA

O PORTUGUÊS NUMA VISÃO DE PERSPECTIVA EUROPEIA E NUM CONTEXTO MUNDIAL

(Continuação da 13.ª página)

o que está em causa, em prazo previsível, os lavradores e os comerciantes e os industriais, tendo de viver bem condições de igual competitividade, são levados, no simples quadro livre-cambista que se lhes apresenta, a pugnar pelas defesas que vejam indispensáveis.

Tendo embora traçado já o seu perfil em linhas gerais, interessa apontar o regime que mais conviria para que actividades e defesas melhor agissem e operassem. Porém, dada a índole deste trabalho, ater-nos-emos ao sector industrial e começaremos por um exame panorâmico do que em Portugal se poderá considerar a grande indústria.

IV. PADRÕES DE DIMENSÃO NA INDÚSTRIA PORTUGUESA

O saudoso eng.º Ferreira Dias, professor subsecretário de Estado do Comércio e Indústria, ministro da Economia, com a auréola e o prestígio de um nome ainda bem vivo, por ter sido o primeiro e mais brilhante farol político da causa da industrialização portuguesa do pós-guerra, escreveu na sua célebre Proposta de Fomento e Reorganização Industrial o seguinte:

«10. Podem servir para ilustrar as afirmações feitas acerca da reorganização industrial os elementos estatísticos constantes dos quadros I, II e III, obtidos por meio de inquérito sumário. No primeiro indicam-se as indústrias estabelecidas cuja concentração se considera satisfatória, dadas as condições gerais do meio; no segundo as que se consideram dispersas, mas que conseguem ainda satisfazer, no todo ou quase totalmente, as necessidades do País; no terceiro agrupam-se as fragmentadas e incapazes de impedir a importação, em quantidade apreciável, de artigos do seu fabrico».

Se às indústrias constantes do quadro I referido neste texto juntarmos umas poucas mais, entretanto lançadas, obteremos um panorama aproximado das mais importantes indústrias portuguesas que são regidas por regime jurídico normal.

Excluiremos da análise a efectuar as indústrias exploradas ao abrigo de legislação especial ou em regime de concessão, abrangendo a refinação de petróleos, siderurgia, fósforo, tabaco, navegação, caminhos de ferro, produção e distribuição de energia, etc.

A falta de outros elementos de classificação, mais recentes ou actualizados, elejamos como padrão de indústrias bem organizadas, o que quer dizer bem administradas e capazes de só por si enfrentarem a concorrência externa, as duas de maior projecção intersectorial que já constavam do quadro I da citada Proposta de Lei: a do Cimento, colocada à cabeça por preocupações certamente estranhas às de uma ordem alfabética, e a da Química dos fertilizantes, que o autor da Proposta de Fomento e Reorganização Industrial bem conhecia, inclusivamente por razões de actividade profissional.

Acresce que a escolha feita ainda tem a aconselhá-la a circunstância de, para efeitos de análise, não termos de meter foice em seara alheia: quanto à indústria do cimento, formámo-nos nela; no que respeita à química dos fertilizantes, já nela nos iniciámos há algum tempo como percursores da sua instalação nos nossos territórios de África, através da Química Geral, S. A. R. L.

Antes de passarmos à análise destas indústrias tomadas por padrão, interessa esclarecer que, sempre que ao longo deste trabalho nos referimos a indústrias nossas, temos em vista um certo denominador comum a todas elas, que frequentemente se filia na simples existência da mesma fonte de animação empresarial.

O investimento médio no sector da produção de adubos químicos, expresso em escudos por tonelada de capacidade de produção anual instalada e para unidades fabris com dimensão rentável, varia naturalmente com os tipos de produtos fabricados. No quadro I (no final do texto) encontram-se indicados os respectivos valores.

Na indústria cimenteira o valor médio dessa grandeza é de 1500 escudos.

Adoptando as unidades de investimento indicadas, chega-se à conclusão que os investimentos afectos às produções dos adubos considerados (que representam 98% da produção total) e de cimento, no ano de 1968, se computam em 1 750 000 contos e 2.700.000, respectivamente (vide quadro II).

Para além destes números, que permitem ajuizar da expressão dos investimentos existentes, há a salientar os que correspondem aos pedidos de novas capacidades de produção já deferidos. Assim: *o valor relativo ao novo investimento que está em curso na indústria dos cimentos é da ordem de dois e meio milhões de contos; no sector da produção de fertilizantes tais pedidos originam inverções que avaliamos em novecentos mil contos.*

Nesta matéria serão ainda de mencionar os requerimentos dirigidos ao Governo pelo Amoníaco Português, S. A. R. L., para o fabrico de adubos e pela Química Geral, S. A. R. L., para o fabrico de amoníaco na península de Setúbal, *empreendimentos em que estas sociedades se propõem investir, respectivamente, 1 300 000 contos e 600 000 contos.*

— No mesmo ano de 1968, o sector da química dos fertilizantes vendeu aproximadamente 660 000 toneladas dos adubos que estamos considerando, por cerca de 1 050 000 contos, donde se conclui que que a cada mil escudos facturados correspondem um investimento de 1670$00 e a venda de 630 kg de produtos (vide quadro III).

Por seu lado, a indústria cimenteira facturou, no ano em referência, a importância de 950 000 contos pela venda de 1 480 000 toneladas, pelo que a cada mil escudos facturados correspondem um investimento de 2810$00 e a venda de 1920 kg de cimento (vide quadro III).

— Continuando a referir-nos ao ano de 1968, podemos verificar pela análise do quadro IV, *que os preços do cimento e dos adubos de maior consumo em Portugal têm um valor médio que ombreia perfeitamente com os que se praticam noutros países.*

Através de acções de modernização e de incremento de eficiência, a indústria cimenteira tem conseguido absorver, mantendo constantes os seus preços de venda há perto de duas décadas, o impacto inflaccionista representado pelo aumento de custo de todos os serviços e produtos nacionais que por forma directa ou indirecta se repercutem no seu preço de custo.

Cremos que idênticamente se têm passado as coisas no sector da produção de adubos.

Tem ainda interesse referir a incidência dos preços de ambos os tipos de produtos no valor dos bens em cuja formação participam.

Não conhecemos tal incidência no caso dos adubos, excepto no que respeita ao pão, em que ela é de 7,13%, segundo fomos informados pelo Instituto Nacional do Pão.

A incidência do preço do cimento no custo da estrutura de um edifício normal em betão, excluindo os terrenos — que chegam a representar valor igual, e até superior, ao do edifício — e os acabamentos, varia entre 2,5% e 3%, segundo o LNEC.

Mas, como a estrutura de um prédio tem que assentar num terreno e ser ornada com acabamentos, *chega-se à conclusão de que o cimento, em geral, pesa na construção civil em 1 a 1,5 por cento do investimento total.*

— O grau de concentração no sector da produção de adubos químicos pode avaliar-se pela existência de quatro grupos empresariais — dos quais três são de comando particular — e de seis fábricas distribuídas por três distritos do nosso território europeu.

Por seu lado a indústria cimenteira é integrada por três grupos empresariais de comando particular, operando cinco fábricas dispersas por quatro distritos do mesmo território.

Deve, no entanto referir-se que se verifica uma total independência entre estes grupos, facto que não se observa em grande número de países europeus.

As cimenteiras procuram na dispersão fabril territorial, bem como no transporte rodoviário de porta a porta, a optimização dos preços nos mercados regionais e, por consequência, no mercado nacional que estes integram.

Quanto aos adubos o mercado não é homogéneo, antes sendo constituído por vários submercados relativamente bem definidos que resultam não só da selectividade do seu emprego, como também de preferência, ainda que por vezes subjectivas, dos consumidores, por determinados tipos de fertilizantes.

Esta circunstância permitiu uma relativa especialização no fabrico dos vários adubos químicos que entre nós se produzem, a qual, conjugada com a localização de cinco das seis fábricas existentes num círculo de cerca de 40 km de raio e com a existência de uma tarifa ferroviária única, permite a venda global por preço uniforme previsto na tabela oficial.

— *O grau de actualidade técnica da indústria cimenteira traduz-se pela concentração da grande maioria da capacidade de produção instalada em equipamentos de técnica e de dimensões internacionais, bem como de baixa idade média.*

As características apontadas tornar-se-ão ainda mais nítidas até fins de 1972, pois até essa data, a actual capacidade instalada, de cerca de 2 350 000 t/a, irá quase duplicar.

Dentro do sector da produção de adubos químicos e na parte que respeita à produção de amoníaco, invocamos aqui as considerações contidas nas contestações da Química Geral, S. A. R. L., às reclamações produzidas contra o seu pedido para instalar uma Unidade Petroquímica integrada no distrito de Setúbal. Quanto às restantes produções, cremos ter o respectivo equipamento bom grau de actualidade técnica, segundo a informação de que dispomos.

A avaliar pelos pedidos apresentados e já autorizados, que adicionarão mais 325 000 toneladas por ano à actual capacidade de produção de adubos, também se encontrará melhorado o respectivo grau de actualização técnica.

— Sendo sempre de enorme interesse apreciar os *efeitos dinamizadores das indústrias nas estruturas gerais e noutros sectores produtivos*, elaborámos, para proporcionar um juízo respectivo sem recorrer a longa exposição, o quadro V anexo, que resume tais efeitos nos casos em análise.

— *Em matéria de tratamento pautal, no âmbito da EFTA, regulamentado pelo Anexo G à respectiva Convenção, verifica-se que já é totalmente livre de direitos aduaneiros a importação de cimento.*

Encontra-se protegida por aquele Anexo G, ainda, a maioria dos adubos azotados, cujo consumo em 1968 representou 54% e 55% do consumo total e do correspondente valor, respectivamente.

— Em matéria de promoção comercial ela é apoiada, na indústria dos fertilizantes, por inúmeros e onerosos serviços do Estado que procuram fomentar, com o emprego de adubos, a produção agrícola; quanto à indústria dos cimentos, os encargos da promoção de vendas recai exclusivamente sobre as empresas produtoras.

A análise feita, ainda que sucinta e esquemática, dá ideia do valor e dos efeitos gerais das duas actividades a ela submetida. E constatando-se que, embora com certa vantagem para a indústria do cimento, existe entre ambas uma notável semelhança de valor sob diversos aspectos, não será possível, em boa consciência, classificar uma onde a outra não caiba. Por outro lado, escolhido, que foi um padrão, torna-se possível, por extensão da análise a outros sectores da actividade industrial determinar quais os que possuem méritos para se associarem aos daquele padrão e constituirem com ele o que neste momento poderemos considerar o grupo das grandes indústrias portuguesas não sujeitas a regime especial.

Estabelecido um critério de classificação industrial em função da dimensão das respectivas actividades sujeitas a legislação geral, estamos agora em melhores condições para nos ocuparmos dos regimes jurídicos que mais convirão á pequena, á média e á grande indústria.

V. ESCOLHA DE UM SISTEMA

Indústria em maioridade absoluta segundo a lógica da economia de mercado da Europa desenvolvida? Ou indústria em regime de tutela?

Sem pôr em causa certas regras impostas pelo interesse comum, nem a razão de ser de planeamentos orientadores ao nível nacional, qualquer forma de limitação ao livre desenvolvimento das capacidades individuais, reveladas ou em potência só pode encontrar legitimidade em períodos de excepção. É quando um estado de adversidade persistente põe em perigo a normal subsistência dos interesses de todos, que a Comunidade se vê forçada a conceder privilégios especiais àqueles que ainda se mostrem com as energias bastantes, para devidamente reforçadas, criarem os pólos de prosperidade aos quais se hão-de ir buscar depois os indispensáveis recursos para o restabelecimento geral.

A história do Mundo desenvolve-se numa alternância de períodos de privilégio e de igualdade, que vão surgindo ou morrendo segundo se apresentam úteis ou se tornam desnecessários a uma função de proveito comum.

Foi em seguimento do último período de crise da Nação que surgiu naturalmente, como medida indispensável, a sua lei de condicionamento.

Temo-nos batido com o vigor possível, através da faculdade que a lei do condicionamento industrial facultava às partes para, nos diferendos que as separavam, se poderem pronunciar, como é de uso fazer-se em qualquer justiça elementarmente estabelecida, foi regra que sempre seguimos; nunca termos contribuído por via contestatária, como é vulgar dizer-se, para deitar abaixo a Lei, é também pura verdade.

A GRANDE INDÚSTRIA

Contudo, numa atitude de homenagem à própria Lei, havíamos há muito reconhecido que no domínio da grande indústria, tendo ela esgotado as suas capacidades, havia cessado a sua razão de ser e, portanto, devia se eliminá-la.

Com efeito, a *subsistência inoportuna do regime especial haveria fatalmente de viciar as regras naturais do jogo económico, proporcionando a possibilidade de abusos, protegendo a ineficácia, refreando o espírito criador.*

Dentro da lógica de uma economia de mercado, que é base adoptada no nosso País não enxergamos outro meio de aferir o grau de competitividade de uma indústria nacional, com a sua maioridade já atingida, que não seja o do seu livre confronto com a indústria congénere europeia.

De facto, no caso da grande indústria, a que foram já facultadas as condições de protecção suficientes, ela deve ter adquirido o arcabouço com que há-de enfrentar validamente os apetites estranhos, tanto de concorrência comercial como de aquisição dos bens nacionais. E desde que, como referido atrás, o Estado conceda a essas indústrias o direito de reciprocidade de resposta no estrangeiro, não se vê risco especial de empresas como as das Cervejas, dos Pneus, dos Adubos, dos Cimentos, da Refinação do Petróleo, da Siderurgia, etc., virem a ser compradas pelos «trusts» estrangeiros concorrentes; mas se alguma delas o viesse a ser, isso só provaria que não tinha sido digna dos privilégios que lhe foram concedidos durante o tempo adequado.

Não se encontra, pois, legitimidade para que as grandes indústrias continuem indefinidamente sob a tutela protectora do Estado, o que se tornaria custosa á Comunidade.

O paternalismo é hoje universalmente contestado sendo a sua existência inconcebível para os homens e para as indústrias que como aqueles tenham atingido, mais ou menos aos 20 anos, a maioridade absoluta.

E não se diga que a lei do condicionamento continua a ser indispensável à criação das grandes indústrias geradoras de progresso que ainda nos faltam. Bastará atentar nos exemplos que nos oferecem as da Refinação dos Petróleos e da Siderurgia para verificarmos que o País dispõe de poderosos meios legais para facultar, à margem da lei do condicionamento, os amparos e os estímulos indispensáveis à criação e ao desenvolvimento inicial das mais importantes indústrias.

A tese que defendemos não é, aliás, senão favorável aos princípios, unânimemente aceites, de um engrenamento, em primeiro lugar, com as economias dos países da EFTA e, posteriormente, com as de toda a Europa.

E não se diga, que ao enunciá-la e defendê-la temos por móbil um fim egoísta.

Com efeito, estamos seguros de que, sem ou com o condicionamento industrial, a possibilidade de realizar novos e vastos programas depende exclusivamente do mérito específico destes. E esta convicção provém da circunstância de até hoje, nunca esta Companhia ou qualquer daquelas com quem mantemos estreita colaboração deixou, por culpa sua ou da lei em causa, de levar a efeito com êxito qualquer obra empreendida.

Nestes termos, não cremos que fosse agora a subsistência da lei em causa a impedir de realizar — e em simultâneidade — empreendimentos requeridos da mais actual e justificada importância para o futuro do País, como, por exemplo, os que passamos a citar:

— indústria do alumínio com uma capacidade de cerca de 100 000 ton/ano, a estabelecer à ilharga de Cabora-Bassa, em Moçambique;

— expansão da Siderurgia Nacional para níveis e

(Continua na página seguinte)

O PORTUGUÊS NUMA VISÃO DE PERSPECTIVA EUROPEIA E NUM CONTEXTO MUNDIAL

(Continuação da pág. anterior)

em termos que assegurem condições bem competitivas, quando em 1981 festejar os seus 20 anos de laboração;

- aproveitamento dos jazigos de ferro de Moncorvo, nas concessões adquiridas aos siderurgistas franceses, Schneider & Cie;
- a construção de um grande complexo petroquímico, incluindo uma refinaria com a capacidade de 5 milhões de ton/ano;
- o estabelecimento de um libero ou Europorto, no estuário do Tejo, que deverá vir, de futuro, a ser considerado, com a Baía de Sines, um único conjunto portuário, no que respeita à recepção, tratamento e distribuição internacional de minérios de ferro, carvões, coque, ramas petrolíferas — tudo conforme foi enunciado pela Siderurgia Nacional em exposição ao senhor ministro das Comunicações, de 27 de Outubro de 1965, e reiterado no requerimento da Química Geral, S. A. R. L., de 18 de Setembro de 1969.

Fora do âmbito do que designámos por grandes indústrias, entendíamos e entendemos, agora por maioria de razões, que um condicionamento industrial continua a ser peça indispensável para o activo desenvolvimento e útil estruturação de muitas indústrias portuguesas, que, embora de dimensão reduzida, são indispensáveis à existência de um forte tecido industrial a cobrir, com a maior rapidez possível, todo o espaço nacional.

E já vimos, com a amplitude bastante para nos dispensarmos agora de insistir, a importância que assume no actual processo de internacionalização da nossa economia a apropriada salvaguarda da integridade de tão importantes valores.

As teses que acabamos de defender têm pelo menos o mérito de não se afastarem muito de uma forte corrente de opinião do primeiro país industrial do Mundo, como vamos ilustrar com um pequeno episódio verídico.

— Há uns anos atrás, surgiu nos Estados Unidos da América do Norte uma grave polémica que opôs, na aviação civil, o Sindicato aos Patrões.

No decurso da disputa, que ia sendo longa, os homens do Sindicato vieram a sentir que o valor das suas reclamações se encontrava em situação de inferioridade relativamente ao valor das razões patronais. Responsabilizaram pelo facto, como é habitual, o respectivo presidente e decidiram recorrer ao mais poderoso chefe sindicalista do seu país, presidente de outro sindicato (ou dos Automóveis ou das Minas).

Este ouviu as solicitações e as razões do Sindicato do Pessoal da Aviação e prometeu dar uma resposta em certo prazo, aliás curto.

Chegado o dia para o novo encontro, o chefe sindicalista solicitado respondeu que ponderara bem a questão e decidira não se intrometer nela, porque, numa disputa entre o pessoal e os patrões da Aviação Civil, não estava em causa a defesa dos fracos contra a prepotência dos fortes; existia antes uma luta entre milionários e que, como tal, se entendessem entre si...

A moral desta verídica história vem em apoio da nossa tese que, entendendo dever-se manter um condicionamento industrial para pequenas e médias indústrias, condena abertamente a sua continuação á grande indústria.

A situação de consistência relativa a que dentro do País esta pôde, e em geral soube, guindar-se não justifica mais que continue vivendo dentro de um sistema de Estado-Providência.

Por outro lado, não se admite que os responsáveis por grandes indústrias careçam do entendimento necessário e dos conhecimentos bastantes para, sem tutela do Estado, não darem passos em falso.

Ao nível desses negócios vai, de resto, sendo inviável demonstrar teòricamente aos Governos, ainda que através de estudos complicadíssimos, a inteira razão de ser de muitas decisões industriais. Não se pode abstrair de que estas se alicerçam, em grande medida, no capital de experiência acumulado e nos dons subjectivos que diferenciam os homens quanto a aptidões para diversos tipos de concepção e de ramos de actividade.

A PUREZA DOS PRINCÍPIOS

A enunciada revisão do regime de vida das nossas actividades industriais marca, a nossa ver, a oportunidade política para também se definirem, com toda a clareza, os princípios gerais que hão-de ser a fonte das leis que, em cada território, regularão a defesa da indústria nacional.

Reputa-se, de facto, como necessidade imperiosa a definição das coordenadas de um tal sistema, que deverá ser tão simples quanto possível.

Não sabemos se á batalha agora em curso na Rússia dará a vitória aos liberais, ou áqueles que, atribuindo a causa de todos os insucessos económicos últimamente verificados às tendências liberalistas, pugnam pelo duro retrocesso a uma completa planificação central; mas não temos dúvidas de que as dificuldades económicas com que a Rússia se debate aconselham os povos da Europa Ocidental a não enveredarem pela senda do dirigismo.

Afastado, portanto, este tipo de solução, e libertos de amarras ideológicas, *devemo-nos orientar no sentido de um regresso á pureza dos princípios que informam o regime da livre iniciativa, como sendo o mais adequado para, em condições normais, permitir o melhor rendimento duma máquina económica.*

Mas o grande problema que se põe reside numa garantia de respeito dos princípios, sem a qual se correm os maiores riscos de tentações para a arbitrariedade e para os abusos, ou seja, para as piores manifestações da incapacidade de se administrar, de um órgão central toda a economia.

Por natureza, a vida dos negócios enfrenta uma contingência permanente; e para que os empresários possam agir segundo a regra definida por Fosch como a de «um constante apelo às circunstâncias», impõe-se, em contrapartida, que se lhes proporcione uma estrutura estável de princípios políticos que lhes sirva de indispensável apoio.

E não conhecemos sistema económico caracterizado por princípios mais claros, mais preciosos e mais estáveis do que o da livre iniciativa.

Mas há que não falsear as regras do jogo com deformações dos princípios.

Há quem advogue a adopção de concursos públicos a abrir pelo Estado para a realização de determinados empreendimentos de natureza industrial. Aqui está um exemplo bem característico do que tanto pode ser uma atitude de respeito pelos princípios consagrados, como de grave entorse dos mesmos.

Estaremos em presença da primeira hipótese se a iniciativa da concepção e do lançamento da ideia tiverem pertencido ao Estado; mas cairemos na segunda hipótese se porventura a concepção do novo empreendimento houver pertencido à iniciativa de um particular e o Estado, aproveitando-se da obrigatoriedade que impôs de ele préviamente lha formular e a explicitar, dela se apropria e decide de seguida vendê-la, pelo maior preço, através de concurso público.

Como é da mais elementar evidência, não só ter-se-ia, neste caso, atentado contra os princípios, como, complementarmente, havia-se falseado o jogo cujas regras impõem que se mantenha permanentemente aberto um livre concurso entre os industriais de um mesmo país, ou de uma mesma zona económica. Mas esse concurso é regido por bases naturais que devem ser imutáveis; e entre estas conta-se como fundamental a que atribui a propriedade de uma concepção ao respectivo autor, não lhe negando o direito de aproveitar o capital de avanço de que dispõe em relação aos seus concorrentes potenciais, para a transformar em realidade antes que qualquer outro.

Fomos longos.

E para o facto não encontramos outra desculpa que não seja havermos procurado contribuir, fundamentalmente, para o apaziguamento das vossas inquietudes.

Por outro lado, será a experiência por nós acumulada pela intensa intervenção e contacto com a realidade portuguesa, que legitimará a profundidade deste relatório.

Todavia e concluindo, pedimos aos Senhores que nos escutam que não nos imputem a ambição de havermos procurado a apresentação de um programa. É muito menos um contraprograma!

No apuramento final das contas resultou um lucro líquido de Esc. 6 110 604$30 depois de deduzidas, como é de uso, as reintegrações e amortizações e feitas as provisões julgadas convenientes, para o qual propomos a seguinte distribuição:

Fundo de Reserva	300 000$00
Dividendo	4 920 000$00
Conta Nova ...	890 604$30

Exprimimos ao Conselho Fiscal o nosso agradecimento pelo interesse que votou aos problemas da Companhia e pela valiosa colaboração que sempre nos dispensou.

Aos demais colaboradores da Companhia deixamos exarada a expressão do nosso reconhecimento pelo esforço e dedicação postos no desempenho das suas funções.

Relatório do Conselho de Administração do C. C. T. presente à Assembleia Geral Ordinária realizado em 8 de Abril de 1970.

(1) *A análise do quadro permite-nos ainda realçar o facto de as capitações dos grandes produtos industriais se expandirem fortemente com a instalação dos respectivos fabricos em Portugal.*

Com efeito:

a) é a partir do final da guerra que as produções de electricidade, do cimento e do azoto começam a ser objecto de importantes investimentos e daí o aumento espectacular das capitações;

b) o aço só começa a ser produzido em Portugal na década de 60 (com exclusão ainda da gama importantíssima dos produtos planos), o que está associado á reduzida progressão das capitações;

c) o fósforo, sob a forma de superfosfatos, é produzido em Portugal desde longa data, e daí não se ter verificado, de 1938 para cá, aumento substancial nas capitações; houve mesmo uma redução na última década, consequência do aumento de consumo de adubos azotados, em detrimento dos fosfatados.

d) o potássio tem pequena expressão.

QUADRO I

UNIDADES DE INVESTIMENTO NA PRODUÇÃO DE ADUBOS E DE CIMENTO PARA FÁBRICAS COM DIMENSÃO RENTÁVEL

(Fontes: Chimie et Industrie — Abril 1965
Annales des Mines — Novembro 1968)

U=$/TONELADA DE CAPACIDADE ANUAL INSTALADA (*)

ÁCIDO SULFÚRICO	1.000 (1)
	2.000 a 2.200 (2)
AMONÍACO	2.000
SUPERFOSFATOS	400
SULFATO DE AMÓNIO	600
NITRATO DE AMÓNIO	1.000
UREIA	2.000
ADUBOS COMPOSTOS	600 a 1.000 (3)
CIMENTO	1.500

(*) Números sob confirmação
(1) A partir de enxofre
(2) A partir de pirites
(3) Incluindo o fabrico de ácido fosfórico

NOTA: Os adubos considerados são, além dos compostos, os que constam das Tabelas de preços da CRPQF, excluindo o fosfato Thomas, a cianamida cálcica, o cloreto de potássio e o sulfato de potássio por serem inexpressivas as respectivas produções ou por tratar-se de adubos importados, e representam aproximadamente 98% da produção total e 95% da facturação global verificadas em 1968.

QUADRO II

INVESTIMENTO AFECTO À PRODUÇÃO METROPOLITANA DE CIMENTOS E DOS SEGUINTES ADUBOS EM 1968

(Fonte: CRPQF, ESTATÍSTICA INDUSTRIAL)

U=1.000 Escudos

ÁCIDO SULFÚRICO	660.000
AMONÍACO	360.000
SUPERFOSFATOS	118.000
SULFATO DE AMÓNIO	137.000
NITRATO DE AMÓNIO	235.000 (1)
UREIA	94.000
ADUBOS COMPOSTOS	149.000 (2)
TOTAL	1.753.000

CIMENTO	2.700.000

(1) — Considera as produções de sulfonitrato de amónio e de nitrato de cálcio que são obtidas nas mesmas instalações

(2) — Corresponde a uma unidade de investimento média de 800$00/tonelada

QUADRO III

1968 — TONELAGENS VENDIDAS FACTURAÇÕES

ÍNDICES TONELAGEM/FACTURAÇÃO
ÍNDICE INVESTIMENTO/FACTURAÇÃO

U=Ton., 1.000 Esc.

	Indústria dos cimentos	*Indústria química Sector da produção de adubos*
Tonelagens vendidas	1.840.000 (1)	660.000 (2)
Facturação	960.000 (1)	1.050.000 (2)
Tonelagem: facturação	1,92	0,63
Investimento: facturação	2,81 (3)	1,67 (3)

(1) — Inclui 200.000 toneladas vendidas a granel

(2) — Corresponde aos adubos considerados no quadro III, inclui embalagens e exclui transportes

(3) — Considerando os investimentos indicados nos quadros II e IV

O PORTUGUÊS NUMA VISÃO DE PERSPECTIVA EUROPEIA E NUM CONTEXTO MUNDIAL

QUADRO IV

COMPARAÇÃO DE PREÇOS INTERNOS COM OUTROS EXTERNOS

U=ESCUDOS/TON

INDÚSTRIA DOS CIMENTOS	
Preços médios, em 1968, para cimento nu colocado nas gares de destino em diversas cidades	
PAÍSES DA EFTA	
1. Lisboa-Rego (Cimento Tejo)	499,00
2. Copenhaga	493,00 (4)
3. Estocolmo	454,30
4. Helsínquia	475,00 (4)
5. Londres	474,50
6. Oslo	479,70
7. Reykjavik	630,80
8. Viena	544,00
9. Zurique	512,90
OUTROS PAÍSES	
10. Bona	558,50
11. Chicago	601,00 (4)
12. Montreal	547,00 (4)

INDÚSTRIA QUÍMICA SECTOR DA PRODUÇÃO DE ADUBOS			
Preços médios (1) em 1968, por 100 kg de elemento nutriente embalado e colocado na gare de destino para os adubos de maior consumo em Portugal			
PAÍSES DA EFTA	A	B	C
1. Portugal	861,30	864,20	551,00 (2)
2. Dinamarca	575,80 (3)	724,40 (3)	640,90 (3)
3. Suécia	768,50	762,70	611,90
4. Finlândia	948,30	—	635,10
5. Inglaterra	737,10 (3)	712,53 (3)	613,35 (3)
6. Noruega	—	911,40 (3)	602,10 (3)
7. Islândia	977,30	—	—
8. Austrália	768,50	603,10	—
9. Suíça	725,00	788,80	742,40
OUTROS PAÍSES			
10. Alemanha	794,60	788,80	696,00
11. EUA	835,20	701,80	672,80
12. Canadá	858,40	829,40	669,90

A — Sulfato de Amónio B — Nitrato de Amónio C — Superfosfato Simples

(1) — Segundo a FAO
(2) — Segundo a Tabela da CRPQF
(3) — Inclui os subsídios governamentais
(4) — O preço do transporte foi estimado.

QUADRO V

INFLUÊNCIAS NAS ESTRUTURAS GERAIS

(Fontes: Estatística Industrial 1969, Estatística do Comércio Externo)

INDÚSTRIA DO CIMENTO	*INDÚSTRIA QUÍMICA SECTOR DA PRODUÇÃO DE ADUBOS*
EM 1968:	EM 1968:
1. Explorou cerca de 3.500.000 toneladas anuais de matérias-primas nacionais com influência na indústria dos explosivos.	1. Adquire às empresas mineiras (1) nacionais importantes quantidades de pirites de que consumiu cerca de 250.000 toneladas e importou cerca de 300.000 toneladas de fosforites.
2. Consumiu perto de 240×10^6 kWh.	2. Consumiu perto de 230×10^6 kWh (2).
3. Expresso em termos de combustíveis líquidos foi de 265.000 t/ano, o consumo de combustíveis desta indústria.	3. Consumiu cerca de 145.000 (3) t/ano de combustíveis líquidos.
4. Entregou à indústria dos transportes cerca de 1.800.000 toneladas de carga.	4. Entregou à indústria dos Transportes cerca de 1.000.000 toneladas de carga.
5. A média mensal dos efectivos de pessoal fabril operário era de, aproximadamente, 2.030 operários a quem pagou cerca de 56.000 contos de salários.	5. A média mensal dos efectivos de pessoal fabril operário foi de, aproximadamente, 1.960 operários a quem pagou cerca de 47.500 contos de salários.
6. Entregou às indústrias metalomecânica e de fundição, nos últimos 5 anos, trabalho no valor de cerca de 400.000 contos.	6. De momento por nós desconhecidos.

(1) — Entre estas encontra-se a SAPEC também produtora de adubos e à CUF foi recentemente dada uma concessão mineira.
(2) — Dos quais 120×10^6 kWh na produção electrolítica de 9.600 t/a de amoníaco em vias de desaparecer.
(3) — Inclui a nafta usada como matéria-prima no fabrico do amoníaco.

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1969

ACTIVO

Caixa		679 439$60
Devedores e Credores		524 963 392$85
Stocks e Aprovisionamento		56 134 307$05
Papéis de Crédito		884 881 072$64
Edifícios	550 148$90	
Móveis e Utensílios	1 115 610$80	
Imobilizações	882 314 939$10	883 980 698$89
		2 350 638 911$03
Acções em Caução		56 000$00
Contas de Regularização		356 043 400$00
		356 099 400$00

Lisboa, 31 de Dezembro de 1969.

O CHEFE DA CONTABILIDADE
Domingos Gomes Barbosa

PASSIVO

Devedores e Credores	1 330 035 129$21	
Letras a Pagar	1 354 900$00	
Dividendos	300 234$70	1 331 690 263$91
Reserva de Reavaliação		355 051 232$44
Fundo de Flutuação de Valores	52 340 000$00	
Fundo de Amortização	555 995 583$29	
Diferencial de Taras	10 151 227$09	618 486 810$38
Capital	16 800 000$00	
Fundo de Reserva	22 500 000$00	39 300 000$00
Lucros e Perdas		6 110 604$30
		2 350 638 911$03
Credores por Acções em Caução		56 000$00
Contas de Regularização		356 043 400$00
		356 099 400$00

Luiz Ferreira Pinto Basto — Presidente

CONTA DE LUCROS E PERDAS

DÉBITO

Despesas Gerais	29 139 913$92
De acordo com o § único do Art.º 10.º e Art.º 13.º dos Estatutos	604 345$50
Lucro Líquido	6 110 604$30
	35 854 863$72

Lisboa, 31 de Dezembro de 1969.

O CHEFE DA CONTABILIDADE
Domingos Gomes Barbosa

CRÉDITO

Lucro líquido no exercício	35 854 863$72
	35 854 863$72

Luiz Ferreira Pinto Basto — Presidente

Propriedades

— VENDAS —

MORADIA

Vende-se entre Oeiras e Carcavelos, muito bem situada, a estrear, composta de r/chão e 1.º andar. Trata e mostra: F. Fernandes & Costa, Ld.ª, Av. Almirante Reis, 104 - 2.º, telefs. 53 61 11-2-3 — Lisboa.

PRÉDIOS
ANDARES
MORADIAS
TERRENOS

não compre sem consultar a

PREDIAL ROUXEL

Rua Rodrigues Sampaio, 69

Contacto
H. NUNES
PUBLICIDADE
Telef. 847260

PRÉDIO

(Junto á Av. Almirante Reis)

Antigo 12 inquilinos. Vende-se por 1.500 contos.

Trata o próprio. Resposta ao D. L. ao n.º 472.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

ANDARES

Em prédio novo com 5 casas assoalh., 2 hall, coz.ª, desp.ª, roup. e 3 casas de banho, no melhor local de Algés, mostram-se no local. Parque Anjos, Lote n.º 2. Frente ao Liceu e ao Jardim. Trata: F. Fernandes & Costa, Ld.ª.

Av. Almirante Reis, 104-2.º — T. 536111/2/3.

CASAS para alugar

Procure V. Ex.ª nos n/escritórios onde temos sempre variadíssimos andares e lojas para alugar em Lisboa e arredores. Não cobramos qualquer importância a título de comissão aos inquilinos.

Trata: SOC. CONST. INVICTA, Rua do Ouro, 292, 1.º — Telefs.: 30259-34755.

ANDARES

VENDEM-SE

Encosta do Restelo — os 2 únicos que restam em prédio (de construção e acabamentos o que há de melhor, lindas vistas sobre o Tejo, 5 c. assoalh. 2 c. de banho, cozinhas c/ exautores, caixilharia em alumínio, etc. Ver na Av. Ilha da Madeira, lote 5.

À Av. Roma — os 2 únicos que restam, em luxuoso prédio com os melhores acabamentos, tendo cada habit. 5 c. assoalh., cozinha, marquise, 2 c. de banho, roupeiros, etc. Ver na Av. Estados Unidos da América, n.º 25.

TRATA:

A LUSÁFRICA
Calçada do Carmo, 6
(Ângulo do Rossio)
Telefs. 32 45 24 - 36 80 80

PRÉDIO

CRUZ QUEBRADA

Construção moderna em cimento armado, composto de dois pisos, hab. de 3 div. soalhadas, cozinha, casa de banho, despensa e hall. Alugado, bom rendimento.

Preço — 550 000$00.

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rossio, 3-2.º — Telefones 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

Capitais

TEM CARRO?
TEM PRÉDIO?
ENTÃO TEM JÁ DINHEIRO
Ficando na mesma de sua propriedade
CONSULTE
ORCOSI
E FICARÁ SATISFEITO
R. 1.º DE DEZEMBRO, 45
Telefones 36 74 44 - 32 31 72

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se a venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Ido - Administradora Predial

COBRANÇAS DE RENDAS
CONTRATOS DE ARRENDAMENTO
DEPÓSITO E TRANSFERÊNCIAS DE RENDAS
DILIGÊNCIAS JUNTO DAS CÂMARAS MUNICIPAIS
FISCALIZAÇÃO DE OBRAS
OBTENÇÃO DE NOVOS INQUILINOS
PAGAMENTO DE CONTRIBUIÇÕES
Av. Defensores de Chaves, 53-1.º—Tel. 55 39 60, P. P. C., Lisboa

SE PRETENDE COMPRAR UM ANDAR:

COM GARANTIA DE CONSTRUÇÃO, FACILIDADES DE PAGAMENTO, PRONTA A HABITAR, OU A DAR RENDIMENTO
TEMOS:

Desde 175 c. — 4 soalhadas na Praceta D. Nuno Álvares Pereira, Lote D-1 — Cacém.
Desde 225 c. — 4 soalhadas, 1 arrecadação e terraço, Av. Infante D. Henrique, Lote 8 — Rio de Mouro.
Desde 230 c. — 2/3 soalhadas, Bairro Girassol, lote 24, perto Posto Polícia Viação, Benfica.
Desde 300 c. — 3/4 soalhadas, Travessa dos Arneiros, lote 6, Benfica.
245 c. — Loja c/ habitação no melhor local do Cacém e outros andares em Algés, Linda-a-Velha, Carnaxide, Oeiras, Paço de Arcos, Parede, Queluz, Damaia, etc.

LARANJO, ALEGRIA & GARCIA, LDA.
Mediador Oficial desde 1951
PRAÇA DA ALEGRIA, 58, 2.º, SALA E — LISBOA
TELEFS. 326718/327803/328567

Automóveis

VENDAS:

Automóveis e Furgonetas de diversas marcas e modelos. Não compre sem consultar. Floriano M. Coelho — R. António Pedro 40, cave. Tel. 44846.

Contacto
H. NUNES
Telef. 847260
PUBLICIDADE

Automóveis de Aluguer

C/ e s/ condutor. Av. Barbosa du Bocage, 1. Tel. 769848-761987

AUTOMÓVEIS s/ condutor. Mod. recentes, impecáveis. Consulte-nos: L. St. Bárbara, 5 - B. Telef. 534657.

ALUGUER:

SERVIÇOS DE NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 534657 — L. St.ª Bárbara, 5-B
- 49612 — Jomil Auto — Rua Ponta Delgada, 40-A-B
- 769848 — EUROCAR — Av. Barbosa du Bocage, 1.
- 42890 — Taxis Universo, Lda. — Av. República, 26
- 727654 — Auto Monumental do Areeiro, Lda. — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-E.
- 539169/539345—BRUNAUTO, Rua Joaquim Bonifácio, 10-A.
- 553033 — STAUL — Rua Soc. Farmacêutica, 30-A.
- 714391 — OLIVAUTO — Av. de Madrid, 16-B.

FÉRIAS EM SINES
HOTEL HABIMAR

Todos os aposentos c/ casa de banho privativa e telefone. Esmerado serviço de cozinha regional. Preços especiais até 30 de Junho. Faça já a sua reserva pelos telefones 51106 (Lisboa) ou 145 (Sines).

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

DIRECÇÃO-GERAL DE AERONÁUTICA CIVIL

CONCURSO PÚBLICO N.º 4/70

PARA ARREMATAÇÃO DA EMPREITADA DE «CONSTRUÇÃO DOS ACABAMENTOS DOS ANEXOS DOS HANGARES 5 E 6 DAS INSTALAÇÕES DE MANUTENÇÃO DA D. G. A. C., NO AEROPORTO DE LISBOA»

Depósito provisório: 43 431$80

Prazo de apresentação das propostas: 30 dias

Alvarás exigidos aos concorrentes:
I Categoria, ou 1.ª Subcategoria da I Categoria e classe correspondente ao valor da proposta

Locais de consulta do processo:
Sede: Avenida da Liberdade, n.º 193, em Lisboa; e Direcção do Serviço de Obras: no edifício 4 do Arruamento B do Aeroporto de Lisboa.

Local do acto público do concurso:
Sede: Avenida da Liberdade, n.º 193, em Lisboa.

Anuncia-se que se encontra aberto o concurso público acima identificado, sendo o prazo de apresentação das propostas contado a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário do Governo».

O acto público do concurso realizar-se-á pelas 10 horas no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo de trinta dias fixado neste anúncio.

Nos locais de consulta do processo, em todos os dias úteis e nas horas de expediente, podem os concorrentes solicitar cópias dos elementos patentes a concurso.

Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, em 14 de Abril de 1970

O ADJUNTO DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria Ferros — Rua de S. Julião, 64-66.

CARTONAGEIRAS

Precisam-se, trabalhando em casa.
R. Damasceno Monteiro, 57-3.º

CLARION

é o melhor auto-rádio japonês preferido pelos automobilistas de todo o Mundo. Com ele o seu automóvel é mais automóvel.
À venda em todos os bons estabelecimentos.

Sociedade «ESTORIL»

Serviço Especial para o Estádio Nacional
BENFICA-VARZIM em Futebol
19 de Abril de 1970

Partidas de Cais do Sodré, das 14-07 ás 15-43 h., e da estação do Estádio desde o fim do encontro.

Os comboios n.os 2226, 2228 e 2230, que partem de Cascais, respectivamente, ás 14-26, 14-56 e 15-26 têm paragem em Cruz Quebrada para desembarque de passageiros.

CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL

(1.ª DIVISÃO)

LEIXÕES-SPORTING

DOMINGO, 19 DE ABRIL

A C. P. organiza, em colaboração com o Sporting Club de Portugal, um comboio especial de Lisboa a Leixões, e volta, no dia 19 do corrente, por ocasião do desafio de futebol «Leixões-Sporting», ao preço de 140$00.

HORÁRIO

Partida de Lisboa (Rego) 6-14
Chegada a Leixões 11-30
Partida de Leixões 19-30
Chegada a Lisboa (Rego) 0-52

Bilhetes á venda na Sede do Sporting Club de Portugal e nas estações de Lisboa (Rossio), Lisboa (Santa Apolónia) e Lisboa (Rego).

REUNIÃO DE DIRIGENTES DA C. P.

A administração da C. P. promoveu, recentemente, mais uma reunião de administradores e pessoal superior ferroviário, para discussão de prementes assuntos de «management».

Traçaram as principais directrizes, nessa sessão de trabalhos, os administradores cor. Ferreira Valença, eng. Alfredo Garcia e dr. Sequeira Braga e o director do Departamento do Pessoal, dr. Correia Vicente. Os temas principais tratados, incidiram, particularmente, sobre a formação dos quadros do pessoal daquela Companhia.

VIVENDA

vende-se próximo Torres Vedras, trata Armando Pedro Lopes, Rua França Borges, 4 — telef. 808 ou 297, Torres Vedras.

Pequenos anúncios • Pequenos anúncios • Pequenos anúncios •

POSTA-RESTANTE

M. C. M. — Lisboa — A nossa leitora estranha, na sua carta, que a cançonetista francesa Simone Langlois não tenha sido entrevistada no ultimo «Curto-Circuito». E pergunta: Porquê?

J. M. S. — Lisboa — Brevemente, a nova série de «Tele-Ritmo» aparecerá com um naipe de bons artistas estrangeiros.

F. B. — Porto — António Mourão gravou, recentemente, um «Estúdio C» com sete das suas ultimas canções.

N. O. P. — Lisboa — Dirija-se á Divisão de Pessoal da R. T. P. Também ouvimos falar do concurso para locutores.

G. S. — Lisboa — «Evidentemente que o locutor (...) nunca tinha ouvido pronunciar o nome do ministro alemão e não quis saber qual a pronúncia correcta».

Também ouvimos, estimado leitor

EUROVISÃO: APOLO-13

Em ligação directa á rede da Eurovisão, a R.T.P. deve transmitir pelas 17 e 45 a reportagem da amaragem da Apolo-13 e da recolha dos astronautas.

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

Dr. Marcus Welby

Intitulado no original «Chenistry of Hope», o episódio da série «Dr. Marcus Welby» a transmitir esta noite conta mais um caso humano. A ciência tudo tenta para salvar mais uma vida em perigo. Problemas paralelos a um diagnóstico afligem a simpática figura do dr. Marcus Welby que, ajudado pelos seus colaboradores, os conseguem superar.

Robert Young, James Brolin e Elene Verdugo são os protagonistas e principais intérpretes desta série.

Robert Young um excelente actor de cinema que a TV foi buscar para criar a figura do dr. Marcus Welby

Barreira de Sombra

No início da nova época tauromáquica reaparece a rubrica «Barreira de Sombra», programa semanal dedicado a actualidade dos redondeis

Reportagens das mais recentes corridas, noticiário do País e do estrangeiro, apontamentos e crónicas preencherão «Barreira de Sombra» coordenada por Paulo Morais. Na sua edição de hoje, «Barreira de Sombra» é transmitida pelas 20 e 30.

CASEI COM UMA FEITICEIRA: O «Curto-Circuito» da tia Clara

Intitula-se «O curto-circuito da Tia Clara», o episódio da série «Casei com uma feiticeira», com Elizabeth Montgomery, Dick York e Agnes Modrhead.

«Quando a tia Clara fica a guardar o bebé do casal Stephens, tudo pode acontecer... e aconteceu mesmo.»

Bicentenário do nascimento de Beethoven

Pelas 22 e 5 é transmitido um concerto com o Octeto de Instrumentos de sopro de Beethoven, interpretado pela banda de musica da Guarda Nacional Republicana, sob a regência do maestro Silva Dionísio. O programa é integrado nas comemorações do Bicentenário do Nascimento de Beethoven.

Cartaz TV

Como habitualmente, ás sextas-feiras, Jorge Alves apresenta pelas 20 e 15, alguns dos programas da próxima semana. O teatro, a musica, série filmada, e os desenhos animados surgem em «Cartaz TV».

«A CIDADELA»

Em «Noite de Cinema» é exibido em repetição, o filme «A Cidadela» com o malogrado actor Robert Donat.

TV JUVENIL

Os Homens, os Livros e as Coisas

Pelas 19 e 45, Joaquim Manuel Magalhães, autor do programa «Os homens, os Livros e as Coisas», rubrica integrada no «TV Juvenil» fala sobre o surrealismo e sobre Rui Dins e renova seu convite de colaboração aos valores literários da nossa juventude.

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — Às 9: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: «Os Homens, os Livros e as Coisas»; 20 e 15: Cartaz TV; 20 e 30: Barreira de Sombra; 21: «Casei com uma Feiticeira»; 21 e 30 Telejornal; 22: Bi-centenário do nascimento de Beethoven; 22 e 30: Dr Marcus Welby; 28 e 35: Marcha do Mundo; 23 e 45: Meditação e Fecho.

II Programa — 21 e 30: Telejornal — Inclui o Boletim Meteorológico; 22: Noite de Cinema, «Lobos do Mar»; 23 e 30: Fecho

ESTORIL SIEMENS ESTORIL

AMANHÃ — I Programa — Às 14 e 56: Eurovisão — Rugby — França-Inglaterra; 16 e 30: Nós as mulheres; 17: Decoração; 17 e 20: TV Infantil; 17 e 50: Movimento e Saude; 18: Teledesporto; 18 e 30: Enciclopédia; 19: Série Juvenil; «Skyppy; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Nos bastidores da aventura; 20 e 10: «...E a vida continua...»; 20 e 30: «TV Mundo», Cosmopolis; 21 e 30: Telejornal; 22 e 30: Estudio C; 28: A Caminho do Oeste; 23 e 45: Marcha do Mundo; 23 e 55: Fecho

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22 e 30: Benny Goodman — Big Show; 28 e 35: Fecho.

TUDOR pilhas para iluminação

canal da crítica

«JOGO DA VIDA» — QUE SE HÁ-DE FAZER? É A VIDA...

Todo o serão de ontem se encheu a transbordar com mais um episódio intitulado, em inglês, «Dá-lhe até doer» e em português «A grande burla». Através do episódio ficámos a saber que na América (só na América?) há quem viva de alto estadão à custa da caridade. Dan Farrell,, jornalista do «Crime-Magazine» leva imenso tempo a demonstrar que um ladrão é ladrão mesmo, ladrão de pobres «que é a coisa mais vil que há». E é mesmo, seu Farrell. Marque lá dois tentos. Com certeza acabaria o seu trabalho mais cedo se não se metesse de permeio uma tal Mónica electrónica, meia zaranza, a quem o tio mete na ordem com umas «estampilhas» pedagógicas.

Tudo se passa, neste jogo, sem qualquer razão para sobressalto, para «suspense» ou para um apelo á inteligência. São os olhos do telespectador que estão comprometidos e mais nada: seguem mecanicamente as deambulações das personagens, em cenas que são, na maioria, verbo de encher.

A fita constituia um vago apelo ao desmascaramento dos tais negociantes da caridade, muito embora no próprio filme se insinue que não vale a pena, eles são muitos, proliferam como cogumelos: ora se organizam para ajudar «fundações de crianças desprivilegiadas», ora para criar «Ligas dos Trabalhadores Inválidos», ora para formar «Escolas Indias». Mas o vago intuito moralizante dilui-se na hora e meia de fita penosamente arrastada onde, perdidos na floresta de imagens desvalidas, cintilam algumas linhas de força das séries televisivas.

Assim, como é de regra, os advogados assumem um papel antipático. O de Grayson a procurar impedir a investigação; o das «Publicações Howard a entravar, com razões jurídicas, a acção do «aí seu valente!» Farrell.

Por outro lado, também não houve mulheres totalmente antipáticas. As mulheres possuem, nos Estados Unidos uma colossal força organizada e não é nada recomendável afrontar as suas iras.

Mónica, a electrónica, criminosa potencial, aparece, finalmente, como uma pobre rapariga que defende a família. Tudo faz — tudo, até á colocação de uma bomba no apartamento de Farrell — para vingar o tio perseguido pelo jornalista. Pobre rapariga, que tanto sofre por amor dos seus! E depois, que bonita! Enfim, tudo nela convida a compaixão, ao perdão. Coitadinha, bem merece ser perdoada...

Só um pormenor: o tal Grayson, explorador da caridade, que se abotoa com 250 milhões de dólares por ano, é preso e depois solto com uma fiança de 15 mil contos. É o que se chama uma justiça muito caritativa...

MÁRIO CASTRIM

Concurso da Grande Marcha Popular de Lisboa 1970

Terminou hoje, na Camara Municipal de Lisboa, o prazo para entrega dos trabalhos apresentados ao Concurso da Grande Marcha Popular de Lisboa 1970, musica e letra. Às composições classificadas nos três primeiros lugares serão atribuídos prémios, respectivamente, de 12 000, 8000 e 4000 escudos.

Rádio

AMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: O Grupo Coral «Colégio de Riba de Ave»; 16 e 30: Roteiro musical português; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr Marques Pereira; 18 e 05: No Mundo da Canção; 18 e 20: Portugal nos trópicos, por Mário Principe; 18 e 40: No mundo da canção; 19 e 45: Rádio rural — Musica, só musica; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Melodias por orquestras; 20 e 40: 2.º episódio do folhetim «Flor de Nazaré»; 21 e 05: Cançonetas portuguesas; 21 e 30: Novidades em discos, texto e selecção de Paulo Medeiros; 22 e 05: O homem e a sociedade, por António João Bispo; 22 e 30: Fados, por Alice Maria e Gabino Ferreira; 22 e 50: Musica ligeira; 23 e 05: Programa da noite; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16: Folclore do mundo; 16 e 15: O pianista Nikkita Magaloff — Los Requiebros (Granados); 16 e 25: Curiosidades musicais — Quinteto de Cordas em fá maior (Bruckner), pelo «Quarteto Amadeus»; 17 e 10: Musica de câmara de Schubert; 18: Musica portuguesa — Obras de Maria de Lourdes Martins; 19: Horizonte literário, por Amândio César; 19 e 15: O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Um nocturno de Fauré — N.º 6, em ré bemol maior, por Evelyne Crochet; 20 e 30: Musica de câmara; 21: Parte de um concerto pela Orquestra Sinfónica do Porto, dirigida pelo maestro, Ruy Coelho, 21 e 44: Musica de câmara; 22: Teatro do século XIX, pelo dr. Eurico Lisboa. Excertos da peça «Gabriliela», de Emile Augier; 22 e 40: Concerto em dó maior, para harpa e orquestra (Eichner). Harpa, Annie Challan e Orquestra Antiqua Musica de Paris, sob a direcção de Marcel Couraud; 22 e 58: Fecho.

Programa MF 2 — 94,3 mc/s — Às 28: A ópera em quatro actos «A Batalha de Lenhano» (Verdi); 1: Fecho.

Rádio Universidade — 451 m — 665 kc/s — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 15: Programa especial do XX aniversário de R. U.; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — As 6 e 04: Programa C D C; 18: Ela e o seu mundo, 18 e 21: Dois ritmos; 18 e 30: Lisboa a tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-jornal, 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 07: Europa musical; 20 e 30: Semana 5; 20 e 45: Em foco; 21 e 08: O Olavo fala consigo; 21 e 15: Musica tradicional e palestra religiosa; 21 e 32 Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 28 e 08: Garrido roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6e 02: Diário rural: 7: Talismã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C D C; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda sonora; 2 e 02: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 385,6 mc/s — 782 kc/s — Às 16 e 04: Programa C D C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Conjunto, 19 e 30: Estudio 64, 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 02: Orquestras; 21 e 15: Só-rádio; 21 e 45: Mensageiro do evangelho; 22 e 02: Primeiro plano, 22 e 15: Novos de alegria; 22 e 30: Carrocel-3; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 288,2 m — 1286 kc/s — As 16: Radioroma; 18: Conjuntos vocais; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Transmissão do extracção da lotaria da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa; 19 e 15: Musica seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando 21: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora e Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22. **Rádio Voz de Lisboa** — Das 17 ás 19 e 30 e das 22 ás 2 **Clube Radiofónico de Portugal** — **Das 12 ás 14 e 30 Rádio Graça** — Das 8 ás 10 e das 14 e 30 ás 17.

OITO MIL!

8.000 habitações, em terrenos já adquiridos, é o programa de construção para os próximos 5 anos

A Organização do género mais experiente: 14 anos de actividade prestigiosa e 4.000 clientes satisfeitos

de

j. pimenta, SARL

Seja o dono de um andar ou apartamento mobilado em Lisboa (Olivais), Amadora (Reboleira), Paço de Arcos (Espargal), Parede e Cascais (Pampilheira)

Informações e apartamentos em exposição:

LISBOA: Pr. Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telefs. 45843 - 47843
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telef. 952021/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telef. 833670
PAÇO DE ARCOS: Espargal — Telef. 2433511
CASCAIS: Rua Regimento Infantaria 19, n.º 30 — Telef. 282785

UMA CASA PARA QUALQUER CASO

«RATAS» DE 1901 A 1916 CONFRATERNIZAM

No próximo dia 2 de Maio realizar-se-á, no Colégio Militar, a segunda reunião dos veteranos — «ratas» — de 1901 a 1916, com o seguinte programa: ás 10 horas, concentração no Largo da Luz; ás 10 e 30, cumprimentos á direcção do Colégio Militar; ás 11, deposição de flores no monumento do Colégio Militar e no busto de Teixeira Rebelo; ás 11 e 30, missa por alma dos ex-alunos falecidos; ás 12, desfile do batalhão colegial; e ás 12 e 30, almoço, com a presença do comandante do batalhão e alguns sucessores dos ex-alunos presentes.

Aos ex-alunos dos cursos referidos que queiram comparecer, informamos que a inscrição faz-se na sede da Associação, na Calçada Marquês de Abrantes, 40, 1.º, dt.º ou pelo telefone 662021.

KONI

a chave da segurança

De um molho de chaves vulgares, destaca-se a mais importante.
KONI é realmente importante para si.
A sua segurança encontrou a chave certa.

Representante:
SOGERIM · SOCIEDADE GERAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.
Av. António Augusto de Aguiar, 23-ABC · Lisboa
Telef. 560156

Protesto do Governo contra uma versão acerca de Portugal numa publicação da O. N. U.

Foi tornada pública pela Secretaria de Estado da Informação e Turismo o texto de uma comunicação entregue pela Missão Permanente de Portugal na O. N. U. ao secretário-geral das Nações Unidas, e que é do seguinte teor:

1. Tenho instruções do meu Governo no sentido de chamar a atenção de V. Ex.ª para a publicação intitulada «A principle in torment — The United Nations and Portuguese Administered Territories», a qual foi recentemente dada a lume pela Repartição de Informação Pública, em nome das Nações Unidas. O Governo Português considera esta publicação como totalmente parcial e injustificada, na medida em que visa apresentar um relato tendencioso e desequilibrado quanto á posição portuguesa em face das Resoluções das Nações Unidas, além de conter várias inexactidões sobre pontos de facto. Não desejando, embora, importunar V. Ex.ª com uma análise pormenorizada de todos os erros e omissões graves que as verificam em quase todas as páginas da publicação, o meu Governo não pode deixar de referir, a título de exemplo, a tentativa para esconder a tomada pela força do Forte de S. João Baptista de Ajudá, levada a cabo pelo Daomé, bem assim o crime odioso da invasão e ocupação da Província Portuguesa de Goa, bem como de suas dependências, pela União Indiana. Tais actos foram reconhecidos pelo próprio Supremo Tribunal Indiano como «uma verdadeira anexação por conquista e subjugação» (cf. Setença do Supremo Tribunal Indiano, sobre o Recurso Criminal n.º 50, de 1968, 23 de Março de 1969). Embora a queixa de Portugal sobre a agressão indiana contra Goa e suas dependências fosse discutida no Conselho de Segurança, onde a Resolução maioritária veio a ser vedeta pela Rússia, e, ainda, permanece na Ordem do Dia daquele órgão das Nações Unidas, a publicação em referência não só omite estes factos como, por outro lado, tenta criar a falsa impressão de que os casos de Goa e suas dependências, bem como de S. João Baptista de Ajudá, foram solucionados por processo legítimo. Isto mesmo procura fazer-se na nota de fim de página, a págs. 23 mediante uma alusão ao parecer de certo Comité, como se este pudesse legitimar a usurpação de territórios portugueses por actos de agressão armada e justificar a omissão de todos os factos relevantes, em publicação distribuída por um órgão do Secretariado das Nações Unidas.

2. O Governo Português denuncia esta manobra tendente a ocultar actos de agressão evidente, não provocada e premeditada e lavra o seu mais enérgico protesto contra o modo pelo qual os casos de Goa e suas dependências assim como de S. João Baptista de Ajudá vêm tratados na publicação em referência, e, ainda, contra o tratamento parcial de toda a questão dos territórios portugueses.

3. A tal propósito, o Governo Português reporta-se á Carta n.º 5, dirigida a V. Ex.ª pela Missão Permanente de Portugal, em 13 de Janeiro de 1970, de que se junta cópia. Visto que a resposta recebida da Repartição de Informação Pública, com data de 26 de Janeiro de 1970, não pode considerar-se satisfatória, o Governo Português deseja que o conteúdo daquela Carta da Missão Permanente seja tido como inteiramente reafirmado, para todos os efeitos relevantes.

4. Muito agradeceria a V. Ex.ª o obséquio de providenciar no sentido de esta carta ser divulgada nos mesmos termos em que o foi a publicação nela referida. a) *Rui Patrício*, ministro dos Negócios Estrangeiros.

COMPUTADORES DIGITAIS

Integrada no ciclo de actividades culturais que a Comissão de Formação e Aperfeiçoamento do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores se propôs levar a efeito, o eng.º Arantes de Oliveira profere hoje, ás 21 e 30, uma conferência sobre «Princípios da utilização dos computadores digitais na Engenharia Civil», na sede daquele sindicato, na Rua Jardim do Regedor, 37-2.º.

FESTAS DE S. JOÃO BAPTISTA DE ALMADA

Classificações do concurso para o cartaz das Festas

Para conhecimento dos interessados se faz público que o Juri para classificação dos trabalhos apresentados ao concurso acima referido, constituído pelo eng.º Vasco Blanc Lupi, dr. José Avelino de Sousa Barros, pintores António Gonçalves da Cruz e Manoel Cargaleiro, pintoras Maria Emília Guimarães dos Santos e Raquel Zagallo e desenhador Armando Laruça, resolveu atribuir os prémios instituídos aos seguintes concorrentes:

1.º Prémio — Rui Sérgio Pires de Oliveira, de Almada
2.º Prémio — Fernando Cêpa dos Santos, da Amadora
3.º Prémio — João Mongiardim da Costa, de Lisboa

O prémio instituído para o concorrente de Almada não classificado nos três primeiros lugares foi atribuído a Adelino da Ascensão.

Almada, 15 de Abril de 1970

O PRESIDENTE DA COMISSÃO CENTRAL DAS FESTAS
a) eng.º Vasco Blanc Lupi

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

CARTAZ DOS CINEMAS

EDEN
(Adultos) Tel. 320768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
Maurice Ronet, Michel Bouquet e Cathy Rosler
A ÚLTIMA CARTADA
...na ultima jogada

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
As 15.15, 18.15 e 21.30
3.ª SEMANA
A vida e as experiências de uma mulher livre...
AS NOITES QUENTES DE LADY HAMILTON
de *Christian Jaque*
com *Michele Mercier, John Mills e Nadja Tiller.*
Technicolor — Panavision

ALVALADE
(Adultos) Tel. 763889
As 15.45 e 21.45
3.ª SEMANA
A vida e as experiências de uma mulher livre...
com **Michele Mercier e John Mill**
AS NOITES QUENTES DE LADY HAMILTON
de *Christian Jaque*
com *Michele Mercier, John Mills e Nadja Tiller.*
Technicolor — Panavision

POLITEAMA
(Adultos Tel. 326305
Hoje, ás 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
2.ª SEMANA TRIUNFAL
com o famoso idolo
CLINT EASTWOOD
A SOMBRA DA FORCA
A história de uma fera que trava o crime e o terror numa cidade bravia do «Far-West»
(Colorido de Luxe)

CASINO ESTORIL
As 17 e 21.30 (M 17 anos)
TEXAS, ADEUS
com **Franco Nero** e **José Suarez**

CHIADO TERRASSE
(M 17 anos) As 21 horas
MINUTO A MINUTO SEM RESPIRAR
MEU AMOR, MEU AMOR

TIVOLI
(M 17 anos) Tel. 50595
Às 3 da tarde (p. r.)
e 9.30 da noite
4 OSCARES DA ACADEMIA
Paul Newman, Robert Bedford e Katherine Ross em
DOIS HOMENS E UM DESTINO

ESTÚDIO 444
(M 17 anos) Tel. 779095
As 15.30 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
Um estranho encontro entre um homem frustrado e uma rapariga sem ilusões
COM A CORDA NA GARGANTA
com *Jean-Louis Trintignant e Eva Aulin.*
EASTMANCOLOR

AVIS
(M 12 anos) Tel. 47163
As 15.30, e 21.45
5.ª SEMANA
Uma mulher selvàticamente ultrajada!
ENCRUZILHADA PARA UMA FREIRA
c/ **Rosanna Schiaffino**
John Richardson
PANAVISION-COLOR
No programa: ANA MARIA LUCAS «Miss Portugal»
No complemento: «Modelos»

VOX
(Adultos) Tel. 720808
Às 15.15, 18.30 e 21.45
Joseph Losey apresenta
ELIZABETH TAYLOR e **RICHARD BURTON** no excepcional filme em panavision e technicolor
CHOQUE
(BOOM!)
Inspirado no famoso romance de **Tenessee Williams**

Junto á Av. de Roma

EUROPA
(Adultos) Tel. 661016
Às 21.30 — **ESTREIA**
Shelley Winters e **Stella Stevens** em
O QUARTO PRIVADO

Às 17 e 21.30 (M. 17 anos)
O QUARTO PRIVADO

MONUMENTAL
(M 12 anos) Tel. 555131
Às 15.15 e 21.30
Uma missão de socorro a três astronautas que não conseguem regressar á Terra
PERDIDOS NO ESPAÇO
com **Gregory Peck e David Janssen**

Hoje, ás 18.30 — (Adultos)
QUINZENA MESTRES DO CINEMA
O CABO DE GUERRA
com **Jean-Pierre Cassel**
Dia 20: «**Esplendor na Relva**»
(**Adultos**)

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
As 15.15 e 21.30
4.ª SEMANA
— 70 mm
Lee Marvin, Clint Eastwood e Jean Seberg
OS MARIDOS DE ELIZABETH

ESTÚDIO
(Adultos) Tel 555134
As 15.30, 18.30 e 21 45
3.ª SEMANA
A AVENTURA
com **Mónica Vitti, Gabriela Ferzetti e Lea Massari**

SÃO JORGE
As 15 15 18 1' e .. e 30
(M 17 anos)
3.ª SEMANA
«**Óscars**» para o melhor **filme do ano**
Melhor realizador
Melhor argumento
O COW-BOY DA MEIA-NOITE
com **Dustin Hottman**

MUNDIAL
(M 12 anos) Tel. 538743
As 18.30 e 21.45
5.ª E ÚLTIMA SEMANA!
Paul Newman, Joanne Woodward e Robert Wagner num dos mais românticos e empolgantes filmes da temporada!
A GRANDE COMPETIÇÃO
(**Panavision — Technicolor**)
O grande cartaz da Páscoa de 1970

METRO: **Estação Picoas**

ODEON
(Maiores 12 anos) Tel. 326283
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
3.º MÊS DE SENSAÇÃO
10.ª SEMANA
DE ENCHENTES
COM O FILME PORTUGUÊS
O DESTINO MARCA A HORA
com **Tony de Matos, Isabel de Castro, Anabela, Eugénio Salvador, Ivone Silva e Nicolau Breyner**

RESTELO
(Adultos) Tel. 610375
As 21.30
A mais divertida e maliciosa das situações conjugais...
DIVÓRCIO À ITALIANA

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 45933
As 21 horas
A MÃO ARMADA
NAO FAÇAS ONDAS

ROYAL
(Adultos) Tel. 865037
Às 21 horas
A PRIMEIRA NOITE
CAMARADA MINI-SAIA

LIZ
(M. 12 anos) *Tel. 48560*
As 21 horas
O espectacular filme
GUERRA E PAZ
(Austerlitz)

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
Às 15.30 e 21.45
A vida secreta de uma mulher no mundo proibido da droga!
A MORTE NÃO TEM SEXO
com **John Mills, Luciana Paluzzi e Robert Hoffmann**
EASTMANCOLOR

CONDES
As 14.15—16 30—18 45 e 21 45
Adultos
2.ª SEMANA
Em todas as famílias há um assunto tabu
A OVELHA RANHOSA
c/ VITTORIO GASSMAN

LIDO
(M. 17 anos) Tel. 937593
As 21.30
Mais do que um simples filme! Uma interpretação impecável de **Anthony Quinn e Anna Magnani**
O SEGREDO DA SANTA VITTÓRIA

popfado

BOÎTE (3 estrelas M 17)
RESTAURANTE
Preços normais até às 22 h.
BAR 17 às 21 h
Rua Ferreira Lapa, 38-D
Encerrados aos domingos

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

A B C — As 20 e 45 e ás 23: «Pega de caras» (17 anos)
VARIEDADES—Às 21 e 45: «Quando ela se despiu» (17 anos).
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «Celestina» (17 anos)
VILLARET — Às 21 e ás 23: «O vison voador» (17 anos).
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «A Forja» (17 anos)
MONUMENTAL—Às 21 e 45: «Pobre milionária» (17 anos)
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 as 23: «O prato do dia» (17 anos).
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «A Relíquia» (17 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — As 21: «O sina da cruz» (12 anos)
SALÃO LISBOA — Às 9: «Homens desesperados» (17 anos)
IDEAL — Às 21: «As Girls» (17 anos)
PROMOTORA — Às 21 e 30: «O caso Strange» (17 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «Os 300 espartanos» (12 anos)
MOSCAVIDE — Às 21: «Desejo perverso» (17 anos)
PARIS — As 21: «Lição particular»
LUMIAR — As 21: «A rapariga do pistola» (17 anos)
JARDIM — As 21: «Caçador de espiões» (17 anos)
S. BENTO... — As 21: «Os devassos» (17 anos)
CINEARTE — As 21: «Os vingadores» (12 anos)

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30. «Jeff» (12 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 17 e às 21 e 30. «Texas, adeus» (17 anos.
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30. «O Rebelde» (17 anos).

... de Sintra

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «Passaporte para a morte» (17 anos).

...da

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Juventude enamorada» (17 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — As 21 e 15: «Serafino» (12 anos)

«A GRANDE COMPETIÇÃO» — ÊXITO NO MUNDIAL

Num exclusivo da Sonoro Filmes, continua a exibir-se, em quarta semana triunfal, no Cinema Mundial, o espectacular e sugestivo filme em «panavision» e «technicolor» «A Grande Competição» («Winning»), com Paul Newman Joanne Woodward e Robert Walker nos principais papéis

«Winning» foca um problema de amor: o do corredor profissional que, na ansia de vencer todas as corridas de automóveis «Fórmula 1» se esquece de que tem em casa, á sua espera, a esposa...

A longa e traiçoeira pista de Indianopolis, o ruído dos motores em marcha vertiginosa e o publico em multidão tremendo de «suspense» durante os duros despiques desses ases do volante, servem de fundo a uma história de amor e de felicidade, contada com mão de mestre.

«A Grande Competição», que recebeu o elogio unanime da critica lisboeta, não é, portanto mais um vulgar cartaz cinematográfico. É, antes um dos mais belos e sugestivos filmes da temporada — um filme que prende a atenção do publico do primeiro ao ultimo minuto, que empolga, sem pausas, durante cerca de duas horas!

Por isso mesmo, não são de estranhar as sucessivas enchentes registados no Mundial, — testemunho iniludível do incondicional agrado obtido com este cartaz fora de série!

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno H

AJUDA — Lopes Ribeiro Rua do Cruzeiro, 77 (633288. ✽ **Boa Hora**, Rua dos Quartéis 25-27 (637777)
ALVALADE — **Alvalade**, Av do greio 8-A (712070) ✽ **Gasparinho**, R Dr Gama Barros 54-A (7 0465) ✽ **Ideal**, Av Almirante Gago Coutinho, 49-A (7 2803) ✽ **Paris**, R Reinaldo Ferreira, 5-A-B (ao Pote d'Água (710131)
ALCÂNTARA — **Lisbonense**, Rua Leão de Oliveira, 2-B (637020)
ANJOS — **Colonial**, R Forno do Tijolo, 40 (84 22) ✽ **São José**, R dos Anjos, 4 (50730,
ALTO DO PINA—**Nobel**, R Actor Vale 53 (842 52)
AREEIRO — **Vera Cruz**, P Afrânio Peixoto, 2-B (724941) ✽ **Onilde**, Avenida João XXI 3-A (726848)
ARROIOS — **Oriental de Lisboa** —Rua de Arroios, 215 (450791)
CAMPO DE OURIQUE — **Porfirio**, R Franc Metrass 59 (663349) ✽ **Ivone, Lda**, R Silva Carvalho, 232-C (650760)
CAMPOLIDE — **Central de Campolide**, R General Taborda, 7 (680304)
CARNIDE — **Leal de Matos**, Rua Neves Costa, 33-35, (780 81)
CONDE DE REDONDO — **Salutar**, R. C. Redondo, 9-A (5334 1)
ESTRELA e LAPA — **Paivas & Parente**, R. de Santo António à Estrela, 96-98 (665 96) ✽ **S. A. E. Silvas, Filhos**, Rua de S João da Mata, 74 (661010)
GRAÇA — **Arnali**, R. das Escolas Gerais, 88-A (863940)
LUMIAR — **Alameda**, A dos Linhas de Torres, 201-B (790942) ✽ **S. Tomé**, Est do Desvio, lote 12-C (790704)
MARVILA — **Marvila**, R Direita de Marvila, 25 (38 612)
AVENIDAS NOVAS — **Miranda**, C. Pequeno, 36-B-C (770776) ✽ **Sagres**, Av Luís Bivar, 69-71 (47213) ✽ **Cerdeira**, Av Duque de Avila, 32-C (43495) ✽ **Cosmos**, Av João Crisóstomo, 44-C (40592) ✽ **Universal**, Rua Actor Taborda, 5-7 ((44158)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — **Zita**, Praça das Casas Novas, Lote 66 (310172)
BAIRRO DA MADRE DE DEUS — **Romano**, Rua B-7, à Rua Marquês de Olhão, (383800).
BAIXA — **Centro Farmacêutico**, R. das Portas de St.º Antão, 88 (321211) ✽ **Unifa**, R do Vitória, 21 (323793)
BELÉM — **Ocidental**, R D. Jerónimo Osório, JPM, 3 (610256)
BENFICA — **Benfica**, Est de Benfica, 678-E (702532) ✽ **Sousa**, Est. Benfica, 429-431 (780027)
CAMPO GRANDE — **Neoterapia**, Campo Grande, 188 (774682).
MOURARIA — **Tavares**, R do Palma 94 (863350)
OLIVAIS (Sul) — **Higiene** — Rua Cidade Vila Cabral (ex-Rua 8, 4 (Lote 43 zona poente (3 0046) ✽ **São Paulo** — Rua 4 Lote 823 (á Estrada de Moscavide (Tel 310711)
PENHA DE FRANÇA — **Lionel**, R Morais Soares, 56-C (847708)
PICHELEIRA — **Marluz**, Calç da Picheleira 40-B-C (720709 e 728395)
REGO — **Prates & Mota**, Rua da Beneficiência, 9 (773728)
RESTELO — **Tanere** — Rua Rodrigo Reinel, 3-A (á encosta do Restelo—próximo das Moinhos) (6 814)
S. BENTO — **S Mamede**, R. da Esc Politécnica, 82-B (660280) ✽ **São Bento**, R dos Poiais de S Bento, 73 (679673)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — **Nova Luz**, R D. Domingos Jardo, 28-A (843439) ✽ **Martins, Lda.**, R Fernão de Magalhães, 33 (849448)
MOSCAVIDE — **Varela**, Av Moscavide

● Linha de Cascais

ALGÉS — **Branco** — Av. Comb G Guerra, 29 (Tel 212081)
CAXIAS — **Nova** — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel 242839).
PAÇO DE ARCOS — **Godinho da Silva** — Av Patrão Lopes 4 (Tel 2432039)
OEIRAS — **Central**, R João Teixeira Simões, 8 (Tel 2430058)
PAREDE — **Brandão** — Av. da Republica, 77-C (Tel 247 054)
ESTORIL — **S. João** — S João do Estoril (Tel 261186).
MONTE ESTORIL — **Lopes** — Rua Hangar, 3 (Tel 260008)
CASCAIS — **Marginal**, Av Marginal (Tel 280078) — **A. Costa** R Freitas Reis, 24-C (Telefone 280214).

● Linha de Sintra

AMADORA — **Dias** — Av. Marquês de Pombal, Lote 9 (Tel 934589); **Campos** — Rua Elias Garcia, 85 (T 930072); **Clebel** — R António Sardinha 43-D (Tel 938551)
DAMAIA — **Damaia** — P Alexandre Gusmão, 9-A (Tel 970523)
QUELUZ — **André** — Av Elias Garcia, 151 (Tel. 950043). **Queluz** — Av Miguel Bombarda 123-A (Tel. 951841)
CACÉM — **Central** — Rua Elias Garcia, 55 (Tel 2940034)
MEM MARTINS — **Quimia** — Est Mem Martins, 285 (T 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA — **Valentim** (Tel 980456)
SINTRA—**Marrazes**, Largo Afonso de Albuquerque (Telef. 980058).
VENDA NOVA — **Nova** — R **Elias** Garcia, 0 (Tel 933920)
COLARES — **Colares** — **Abreia** (Tel 99088

● Outra Banda

ALCOCHETE — **Gameiro** — L. António dos Santos Jorge 5 (Tel. 234 00)
ALHOS VEDROS — **Portugal** — Av da Bela Rosa 8 (Telefone 224250
ALMADA — **Castro Rodrigues** — R Capitão Leitão 21-A (Tel. 270016
BAIXA DA BANHEIRA — **Nova Fátima** — Est Nacional 221-B (Tel 2244
BARREIRO — **Normal** — Av. Alfredo da Silva 16 (T 2273085)
COVA DA PIEDADE — **Castro Rodrigues** — L 5 de Outubro, 62 (Tel 270 2
MOITA — **União Moitense**, Av. Dr Teofilo Braga (Tel 289025)
MONTIJO — **Moderno** — R. Bulhão Pato 60 (Tel 230156)
SESIMBRA — **Leão** Av Salazar (Tel 22947)
SETUBAL — **Marques** — R Arronches Junqueiro (Telef 22783); **Bonfim** — Av Rodrigues Manito (Tel 24558)
SEIXAL — **Saromenho** — R. Paiva Coelho 38 (Tel 22 8560)

SERVIÇOS URGENTES

AGUA GAS e ELECTRICIDADE — **Companhia das Aguas**, 36135 ✽ **Companhias Reunidas** 53701 ✽ **Gazcidla** 538821 ✽ **Gazcidal idem e feriados**, 382069.
SAUDE — **Cruz Vermelha**, 86584 ✽ **Enfermagem permanente** 766161 ✽ **Enfermagem de urgência** 43738 ✽ **Hospital de Santa Maria** 775171 ✽ **Hospital de S. Jose** 860131 ✽ **Sangue, oxigénio e soros**, 77116 e 771169 ✽ **Transfusões, soro e oxigénio**, 538524 ✽ **Centro de Intoxicações (informativo**, 767777 761176 e 763450.
POLICIA e G. N. R. — **Serviço de emergência**, 115 ✽ **Segurança Publica**, 866141 ✽ **Judiciária**, 535380 ✽ **Marítima**, 326456 ✽ **Internacional**, 362721 ✽ **Viação e Trânsito**, 42205 ✽ **G.N.R. (área rural)**. 36865
TRANSPORTES — **Aeroporto**, 72011 ✽ **Caminhos de ferro (C. P.)**, 869029 ✽ **Caminhos de ferro (Estoril)**, 861121 ✽ **Estação fluvial (T Paço)**, 325345 ✽ **Estação Marítima de Alcântara**, 663195 ✽ **Estação Marítima da Rocha**, 672445 ✽ **Estação fluvial (Belém)** 638511
BOMBEIROS — **Sapadores**, 32222, **Voluntários**, 538524.

Campeonato Nacional de Futebol
(1.ª DIVISÃO)

LEIXÕES-SPORTING

19 DE ABRIL DE 1970

A CP organiza, em colaboração com o Sporting Clube de Portugal, um COMBOIO ESPECIAL de Lisboa (Rego) a Leixões, e volta, no dia 19 de Abril, por ocasião do desafio de futebol acima indicado.

Preço por Passageiro:
140$00
IDA E VOLTA

HORÁRIO

IDA		VOLTA
6-14 P.	LISBOA (Rego)	C. 0-52
6-18 P.	Entrecampos	C. 0-49
6-22 P.	Areeiro	C. 0-45
6-28 P.	Braço de Prata	C. 0-40
6-34 P.	Moscavide	C. 0-35
7-00 P.	Vila Franca de Xira	C. 0-14
11-30 C.	LEIXÕES	P. 19-30

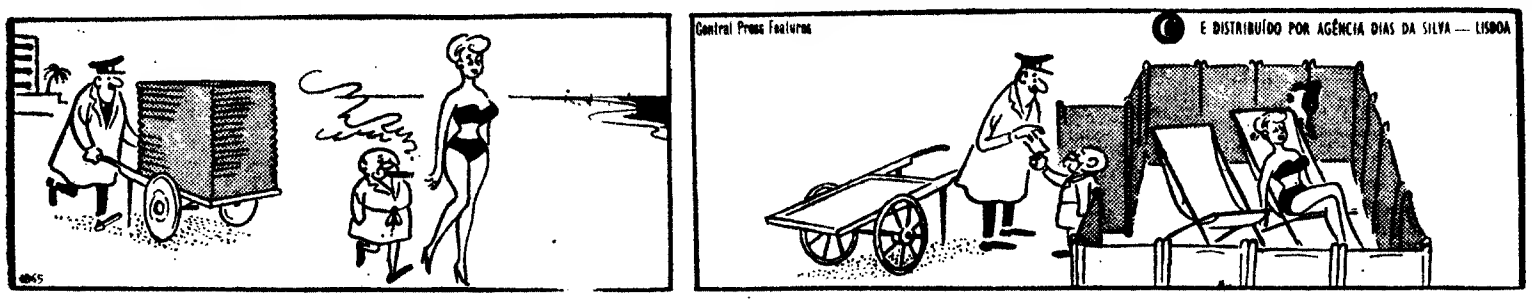
LOTAÇÃO LIMITADA

BILHETES À VENDA — Sede do Sporting Clube de Portugal (Rua do Passadiço, 86) Estações de Lisboa (Rossio), Lisboa (S.ta Apolónia) e Lisboa (Rego)

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



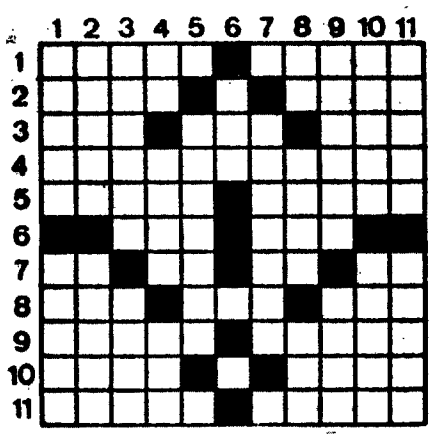
Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5508

HORIZONTAIS: 1 — Acometa. Espécie de cetim indiano. 2 — Régulo. Comprar garrotes de um ano para revender daí a dois anos para exportação (Bras.). 3 — Gosto muito de. Colorido. Barque (S. Tomé). 4 — Bailaríamos 5 — Baús. Transpirara. 6 — Mau cheiro. Acreditei. 7 — Post scriptum (abrev.). Viração. Em partes iguais. Ofereça. 8 — Pronome relativo (inv.*). Prefixo que designa ar. Igual. 9 — Cruéis. Suave. 10 — Clima. Artigo definido. Ave palmípede. 11 — Adicionar. Nafta.

VERTICAIS: 1 — Guarnecida de asas. Erras. 2 — Cidade de Portugal. Porcaria. 3 — Senta-se. Aquele que. 4 — Aqui. Investigação (Fág.). Membro de ave. 5 — Emparelharas. 6 — Preposição. 7 — Determinara. 8 — Pronome pessoal. Nome de mulher. Oceano. 9 — Aromatizal. Mendiga. 10 — Felino. Imitem. 11 — Freguesia do concelho de Guimarães. Fio de latão.



Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5507

HORIZONTAIS: 1 — Paga. Baraça. 2 — Ina. Cafar. 3 — Só. Coe. Lira. 4 — A. MORTE. Ado. 5 — Doer. Ais. 6 — Assas. Arão. 7 — Rei. Bolo. 8 — Cás. Moral. 9 Adão. NÃO. Si. 10 — Saída. Mac. 11 — ESPERA Coso.

VERTICAIS: 1 — Pisada. Case. 2 — Ano. Ossadas. 3 — Ga. Mês. Pias. 4 — Corar. Ode. 5 — Far. Sem. Ar. 6 — Eta. Ion. 7 — AC. Eia. Ras. 8 — Rol. Sabão. 9 — Atia. Rol. Mó. 10 — Cardeal. Sás. 11 — Arão. Oásico.

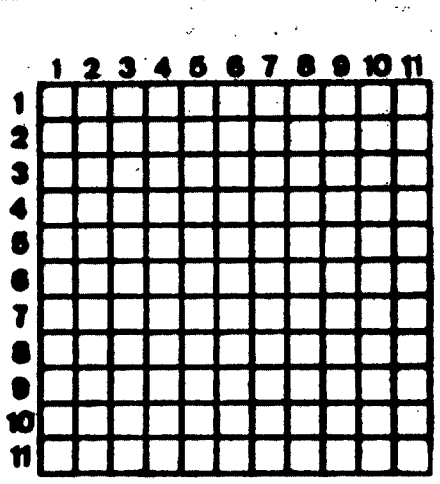
Provérbio: A MORTE NÃO ESPERA.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9351

HORIZONTAIS: 1 — Vila e concelho do distrito de Pantalegre. Dera mios. 2 — Transformariam. 3 — Governanta. Suspirós. Medida de superfície. 4 — Lê. Acautela. Prefixo de privação. 5 — Habitante de Troia. 6 — Textualmente. Reza. 7 — Nota musical. Líquidos gordurosos. Em o. 8 — Vaso para vinho entre os antigos. Para barlavento. Senhor em inglês. 9 — Cidade de Itália. Guarde segredo. 10 — Agrava. Dizei. 11 — Irmão de Moisés. Guarnecera de asas.

VERTICAIS: 1 — Enterra. Parvo. 2 — Lute contra uma força maior. Freguesia do concelho de Odemira. 3 — Membro de ave. Pronome pessoal. Rio da China. 4 — Porco. Qualquer porção de uma curva. Pedra de altar. 5 — Posto do Brasil. Nota musical. Preposição e artigo definido. 6 — Oito em romano. Gavinha. 7 — Puxe, injuriosamente os barbos a. O sono das crianças. Nota musical. 8 — Caminhar. Aniversário. Cabelos brancos. 9 — Camareira. Sufixo que designa estado. Divisão de uma casa. 10 — Invulgar, Tingir de anil. 11 — Afável. Limpa com areia.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9350

HORIZONTAIS: 1 — Gibraltar. 2 — Rã. Moem. Ora. 3 — Aço. Alagoal. 4 — Move. Açor. 5 — Demasia. Ar. 6 — Lês. Amo. 7 — Im. Miranda. 8 — Sari. Coro. 9 — Conram. Ras. 10 — Ira. Anãs. Rs. 11 — Demorados.

VERTICAIS: 1 — Eram. Lio. Id. 2 — Academ. Cré. 3 — Aves. Soam. 4 — Im. Em. Mar. 5 — Boa. Acirnar. 6 — Rolas. Riana. 7 — Amaciar. Mad. 8 — Goa. AC. Só. 9 — Toar. Ador. 10 — Ari. Amarar. 11 — Ro. Cró. Osso.

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

OFICINAS GERAIS DE FARDAMENTO E EQUIPAMENTO

SERVIÇOS DE CONTABILIDADE

VENDA EM HASTA PÚBLICA DE SUCATAS DIVERSAS

Torna-se público que vai proceder-se perante a Comissão de Compras deste Estabelecimento à venda de sucatas diversas num único lote e de acordo com o respectivo caderno de encargos, no dia 30 do corrente, com início às 15 horas no edifício destas Oficinas Gerais de Fardamento e Equipamento — Campo de Santa Clara.

As sucatas estão patentes aos interessados antes do acto público de venda todos os dias úteis das 10 às 12 e da 13 às 17.30 horas, a partir desta data, no edifício do Sector Industrial, sito no Largo Dr. Bernardino António Gomes.

As propostas a apresentar pelos interessados deverão dar entrada no Arquivo deste Estabelecimento até às 16 horas da véspera do dia do concurso.

Cada proposta formulada nos termos do Caderno de Encargos deve ser acompanhada da caução de 25 000$00 (VINTE CINCO MIL ESCUDOS).

A importância da caução é depositada na Tesouraria e à proposta será junto o respectivo recibo comprovativo.

O Caderno de Encargos será fornecido aos interessados nos Serviços de Contabilidade, dentro das horas normais de expediente.

Lisboa, 14 de Abril de 1970

O CHEFE DOS SERVIÇOS DE CONTABILIDADE,
Jorge da Ressurreição Vieira
Capitão

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa», na sua edição de 17 de Abril de 1940, publicava a seguinte notícia:

«**Vindo de Inglaterra chegou a Lisboa o notável geólogo Clive Mendelsohn, especialista de prospecção de petróleo. Este engenheiro, que tem descoberto em várias regiões do mundo, mas especialmente na Califórnia, vários lençóis de petróleo, já se encontrava em Portugal há cerca de dois anos a proceder a estudos minuciosos de geologia em certas áreas, tendo sido por sua indicação localizado o ponto para a primeira sondagem actualmente em curso na região de Torres Vedras.**

Problemas da Farmácia

(Continuação da 17.ª página)

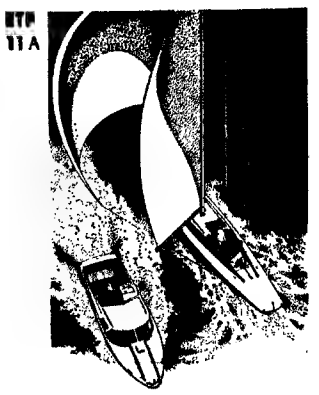
assistentes sociais, etc.) adestritos aos organismos administrativos locais, que se encarregariam de: a) medidas primárias de saneamento do meio; b) instrução e fiscalização de higiene numa política habitacional de saneamento; c) educação sanitária das populações; d) inspecção dos géneros alimentícios e indústria alimentar; e) acção de protecção e combate às doenças infecto-contagiosas; f) desenvolvimento de campanhas de imunização a nível nacional; g) prestação de primeiros socorros e canalização dos casos graves para os estabelecimentos hospitalares; h) recolha de dados estatísticos referentes à saúde (natalidade, mortalidade, doenças declaradas, etc.); i) prática de métodos auxiliares de diagnóstico.

«2.º — Revisão da remuneração do farmacêutico, tendo em vista a função iminentemente social que ele desempenharia incluído nestes grupos.

3.º — Que a reforma do ensino da Farmácia vise a preparação de um farmacêutico de oficina que possa desempenhar um tal papel».

«A França desconhecida»

Esta noite, pelas 21 e 30, o escritor e crítico de Arte Georges Pillemont pronuncia, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, uma conferência, ilustrada com diapo-



material náutico

GUINCHOS • ÂNCORAS
AGULHAS DE MAREAR
FARÓIS DE POSIÇÃO
BUZINAS • PROJECTORES
DETECTORES DE GASES
MATERIAL SANITÁRIO
VENTILADORES • ETC.

DAS REPRESENTADAS
DANFORTH • FRANCIS • SIMPSON • MARCHAL • TANNOY
NORSEMAN • ANCHOR • COMSTOCK • HOWARD • HAMRICH
NAUTALLOY • LASTER EXPORT

REPRESENTANTES
MENDES DE ALMEIDA, S.A.R.L.
ESCRITÓRIOS • ARMAZÉNS • OFICINAS • SALÃO DE VENDAS
AV. 24 DE JULHO, 54 A G — LISBOA — TELEF. 66 77 04 71

MESA REDONDA

Ciências humanas e opções ideológicas

MESA-REDONDA EM QUE TOMARAM PARTE VITORINO MAGALHÃES GODINHO, ÁLVARO MELLO E SOUSA E LUÍS SOCKZA, SENDO MODERADOR ÁLVARO MIRANDA SANTOS.

(NA PÁGINA CENTRAL)

A definição de uma política industrial

ÁLVARO SOARES

A nova linha de rumo da nossa política industrial está em fase de elaboração, notando-se já os grandes vectores que a enformam. Assim o secretário de Estado da Indústria fez acto de fé na *abertura* para uma liberdade concorrencial contra o proteccionismo do Estado, tantas vezes desvirtuado nos seus objectivos.

Assim, pelo voz dos dois responsáveis pelo Comércio e Industria, foram definidas as premissas básicas de saída do subdesenvolvimento industrial:

a) Assegurar condições de concorrência (secretário de Estado da Industria);
b) A futura protecção deve ser dada pelos resultados de gestão de cada empresa e não pelo Estado (secretário de Estado da Industria);
c) Política de Exportação. «Do seu sucesso dependerá, em grau decisivo, o sucesso da política de desenvolvimento industrial (sic. secretário de Estado do Comércio, 20-2-70). «Diria mesmo, da nossa capacidade de estarmos na Europa como povo económico e culturalmente europeu»;
d) Integração na Europa (secretário de Estado da Industria).

Temos visto o que se passa com as protecções a determinadas industrias, «para as colocar em condições de suportar a concorrência estrangeira, após um período mais longo de consolidação e uma eventual reorganização». Na verdade, o que tem sucedido normalmente é o estrangulamento das transformadoras seguintes, pois o protegido não tem que ter preocupações se o produto serve bem em preço, qualidade, serviço ou adaptabilidade ao mercado. A protecção assegura o rendimento certo e seguro.

A ausência de concorrência, levou até agora á prepotência, ao desprezo dos utilizadores, que na maior parte das vezes vegetam, sombriamente desanimados de progredirem. Sériamente ninguém poderá fazer crer que as condições mudaram e que as consequências dos proteccionismos nas transformadoras seguintes não são de considerar agora.

A protecção á metalomecanica espanhola no domínio de abastecimento de máquinas têxteis ao respectivo sector, teve como consequência um atraso pouco menos que irremediável á industria têxtil espanhola. Conhecemos um pouco aquele sector pelo que podemos afirmar que o seu parque de máquinas nacionais está completamente ultrapassado, e que a maioria das empresas não têm agora capacidade económico-financeira para o reequipamento.

Outro caso «brilhante» de protecção, também em Espanha, é o dos poliester. A protecção inicial foi dada por 8 anos, para «a colocar em condições de suportar a concorrência estrangeira». Passados esses 8 anos a protecção é renovada, pois a industria não tem capacidade de se manter só, sem protecção *A protecção traz maus hábitos*. Claro que quem paga é a têxtil espanhola. Como de costume, a transformadora seguinte é que fica com o encargo de resolver o problema, porque o protegido não tem motivos para progredir.

Estamos, pois, de acordo com os srs. secretários de Estado do Comércio e da Industria: *a protecção alfandegária não é forma de resolver problemas.*

Quanto ao aspecto da opção Europa, a situação parece ser bem clara no espírito de todos. As afirmações oficiais têm sido um vai-e-vem-europeu. No entanto, as premissas do arranque ao subdesenvolvimento industrial são claras no seu apontar. O desenvolvimento exige grandes mercados, isto é, espaços económicos suficientemente grandes que permitam a dimensão crítica da empresa, exige correntes de informação e trocas tecnológicas, exige cooperação técnica com mercados exigentes.

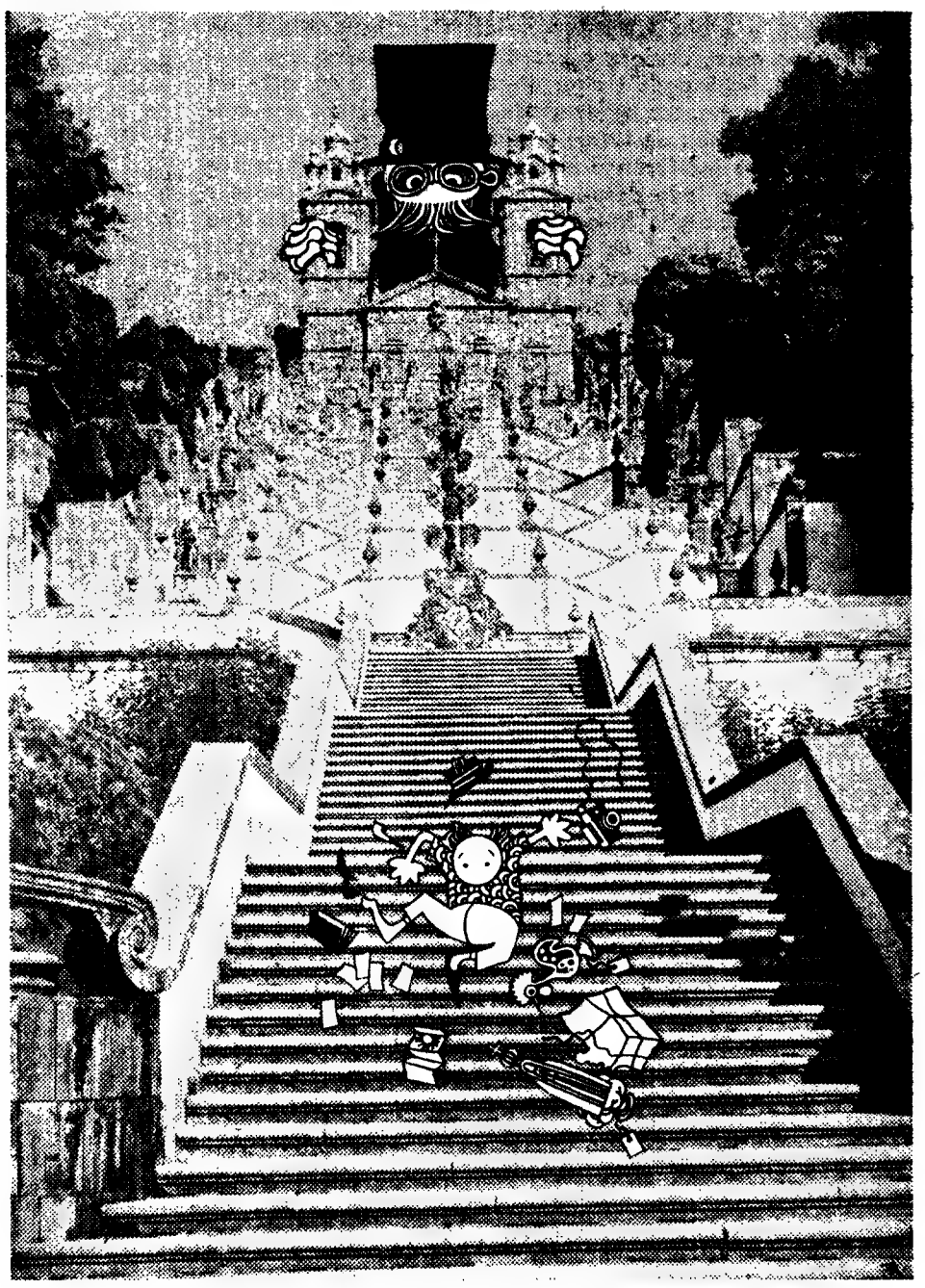
Bastam estas premissas para que irremediávelmente nos fique a certeza de que o nosso desenvolvimento industrial passa pela Europa e não por uma diminuta África Branca ou por hostis países ainda mais atrasados que nós próprios.

Parece que só por uma grande capacidade de nos iludirmos em relação a esta fatalidade se poderia apontar outro caminho.

Por outro lado, ainda se poderia tentar continuar como até agora. No entanto, a emigração em massa para a Europa diz-nos que ou nos desenvolvemos ou os Portugueses abandonam Portugal. Quer dizer que provàvelmente não é possível optar pela

Cont. na pág. 10

Portugal pitoresco (12)



O *FANTASMA DE CAMILO* — *Desenho de João Abel*

Um «Estatuto da Informação» e não uma Lei de Imprensa

— DEFENDE O DEPUTADO PINTO LEITE

Que tema goetaria de ver debatido ainda neeta sessão legislativa?

— Penso que o Governo deveria aproveitar o tempo que ainda nos resta para enviar às câmaras, a há tanto tempo prometida, e tão desejada, «Lei de Imprensa».

A introdução dum começo, de verdadeiro diálogo, inclusive sobre alguns problemas politicos fundamentais, é já um facto ao nível do Governo e da Assembleia Nacional.

Para que esse diálogo, que a meu ver, tem, duma forma geral, respeitado as regras da ponderação e da objectividade, seja alargado, torna-se necessário criar uma verdadeira opinião pública. Esta por sua vez requer uma Imprensa, melhor direi, órgãos de informação, conscientes, responsáveis, e de bom nível técnico.

Enquanto a actividade desses órgãos de informação não for regulada por disposições, adaptadas ao efectivo e real estádio de desenvolvimento social e político que o país nos últimos

Cont. na pág. 9

Velhice

«La Vieillesse», de Simone de Beauvoir, saiu há perto de dois meses, e é um êxito de livraria. Comentando o tema da sua última obra, declara a escritora numa recente entrevista: «Se a velhice pode trazer alguma coisa, é no caso do homem idoso se manter apaixonado, comprometido em empreendimentos, capaz de lutar, e ao mesmo tempo nutrindo-se de uma certa indiferença à morte ou à opinião, de coragem e de força ao lado de uma capacidade de compreender o conjunto da condição humana, que não possuem os que não atravessaram todas as etapas da vida: é mesmo uma verdade de La Palisse dizer-se que só um velho sabe verdadeiramente o que significa ser velho.»

ASSIM VAI O MUNDO

Sihanouk

Sihanouk, declinando a hospitalidade francesa: «O meu fim é a guerrilha no Camboja. Sou obrigado a apoiar-me aos chineses, como de Gaulle foi obrigado a apoiar-se nos ingleses em 1940».

Comércio

A balança do comércio externo francês foi excedentária no mês passado. A taxa aparente de cobertura das importações pelas exportações foi de 97 % contra 94 %, em Fevereiro, e 88 % em Janeiro. Ora, o equilíbrio das trocas foi atingido, segundo os processos de cálculo do serviço das alfândegas, próximo de uma taxa aparente de 93 %.

Este bom resultado deve-se, em grande parte, ao progresso notável das exportações.

«Os resultados são excelentes» — declarou Giscard d'Estaing, ministro das Finanças. «Demonstram que a nossa recuperação económica está no bom caminho. E constituem a melhor resposta, a dos factos e dos números, ás campanhas levantadas contra a economia francesa, seus esforços e capacidade».

Proibição

A obra de Carlos Marighela, «Pour la libération du Brésil», foi proibida de circular em França. A medida apresenta-se legal á face de uma lei anterior á guerra, que autoriza o Ministério do Interior a proibir, sem apresentar motivos, qualquer livro de autor estrangeiro.

Fàcilmente, porém, se percebe a motivação: o desenvolvimento, em crescendo, das relações económicas franco-brasileiras.

Uma outra medida poderia seguir-se: a expulsão de França dos exilados políticos brasileiros mais activos.

Anuncia-se que Giscard d'Estaing se deslocará ao Rio, no próximo Outubro.

Documentação

Criou-se na Europa (Paris) um Centro de Informação e Documentação da Juventude. Aberto á Juventude europeia, fornece respostas com o auxílio de um computador.

Constatou-se uma cristalização, desde já, de respostas em quatro grupos a informações escolares: profissionais, 50% das respostas; empregos temporários para estudantes, 20%; «loisirs» e desportos, 20%; férias e viagens, apenas 10 por cento.

É importante o interesse da juventude mundial pelo trabalho temporário noutros países.

Criticado?

Os jornais do Ocidente anunciaram que Kossyguine foi criticado no escalão superior da estrutura soviética, em consequência do fracasso da «reforma económica». Duas correntes se fariam sentir, que pugnam por novos métodos: os «liberais», exigindo a democratização do ensino, da informação, etc., e uma outra corrente, defendendo que a economia soviética pode restabelecer-se se utilizar o rigor dos computadores, conforme o exemplo da República Democrática Alemã.

O que há de verdade nestas notícias dos jornais franceses e ingleses?

Manifestações

Cem mil adversários da guerra do Vietnam, na maioria jovens, manifestaram-se nas ruas das várias cidades e nos recintos universitários.

Os manifestantes insurgiram-se em especial contra o financiamento popular da guerra. Boston (60 000 pessoas), Nova York (20 000) e Chicago (4000) foram as cidades-teatro das principais manifestações. Registaram-se incidentes nas Universidades da Califórnia, Berkeley, Pensilvânia e Detroit.

Cooperação

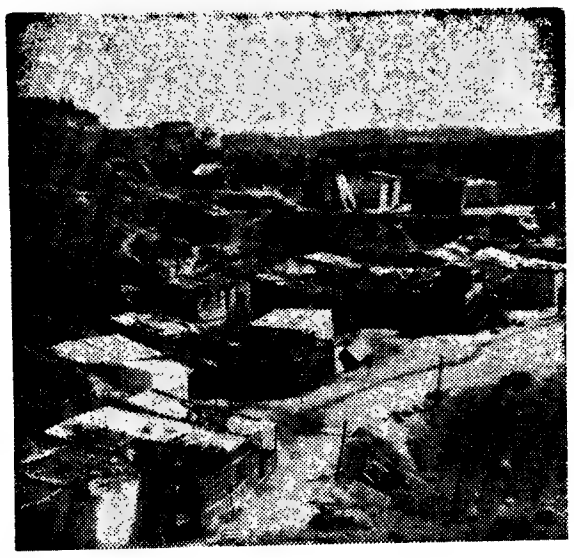
Em Abidjã, capital da Costa do Marfim, sob a presidência do ministro da Produção Animal, Dicoh Garba, decorreu a quinta sessão da Comissão do Rio Niger.

A comissão agrupa nove países: Camarões, Costa do Marfim, Daomé, Republica da Guiné, Alto Volta, Mali, Niger, Nigéria e Tchad. No programa da reunião em curso figuram o estudo das relações deste grupo de países com os serviços norte-americanos de auxílio ao estrangeiro e o estudo do relatório da navegabilidade do Niger efectuado por uma empresa holandesa.

Retirada

Cem mil soldados americanos retiraram até agora do Vietnam segundo informações oficiais.

ASSIM VAMOS NÓS



Barracas

Nas entrevistas concedidas ao «Diário de Notícias», por ocasião do centenário da vila, o presidente da Câmara Municipal de Cascais tratou o problema do mâhar (pelo menos!) de barracas do concelho.

Mariano de Carvalho responsabiliza o «arrastar de famílias para zonas inóspitas», os «próprios habitantes dessas zonas que não se aproveitam dos programas de venda de terrenos da Câmara a preços irrisórios».

O presidente da Câmara de Cascais, na análise do grave problema, recordou saber da existência de moradores de barracas com automóvel e televisão, e garantiu que «em certos casos se vive melhor numa barraca do que em habitações ditas económicas».

Poluição

Apesar de, industrialmente, termos arrancado com vários anos de atraso, fomos cometendo os erros há muito tempo denunciados. Não ouvimos, ou não quisemos ouvir (a propósito da Siderurgia, por exemplo) a advertência de médicos, do Instituto de Oncologia, de elementos mais conhecedores dos efeitos da industrialização nas zonas urbanas inglesas, americanas ou alemãs. E só agora, quando a N. A. T. O., o presidente Nixon e o concerto muito afinado das instituições americanas batalham (e ainda bem) contra a poluição, nós, devido aos nossos compromissos internacionais, resolvemos aderir.

Entretanto, os erros cometidos foram muitos.

Explicar a poluição urbana ou aquática pelo «desenvolvimento» industrial do País, é esquecer que, em 1940, 1950, ou 1960, «desenvolvimento industrial» não poderia significar (á luz dos conhecimentos então adquiridos) ainda poluição nas zonas urbanas.

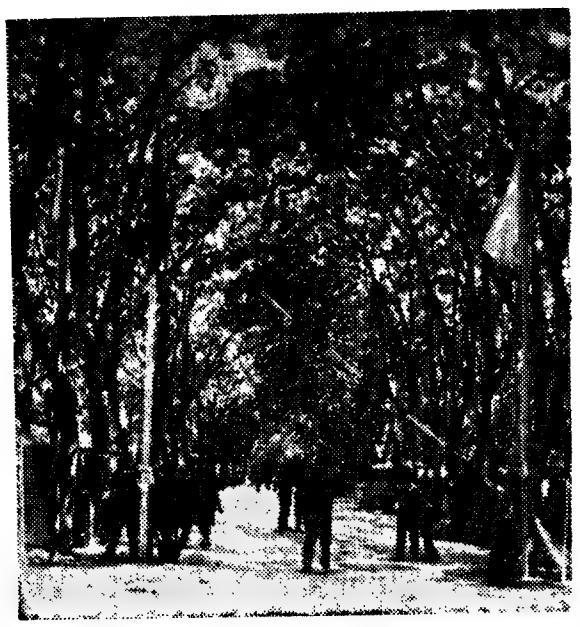
É por não termos levado em conta a grave experiências de diversos países industrializados que, em 1970, ainda se tem de afirmar, como a eng.ª Júlia Vilar: «O que é de lamentar é que a maior parte dos problemas levantados pela actividade industrial podiam, na generalidade, ser resolvidos tècnicamente, de uma forma satisfatória, desde que as empresas estivessem resolvidas a fazer os investimentos necessários e a legislação fosse inflexível, obrigando os industriais a pôr em prática medidas no sentido de protecção das populações e da Natureza em

Diferenças

A Corporação da Lavoura, surpreendida com o preço de 252$50 fixado pela Secretaria de Estado do Comércio para cada estre de madeira de eucalipto à porta das fábricas de celulose, resolveu procurar mercados externos, e, anuncia agora, concluiu um vultoso contrato com a celulose italiana. Preço contratado: 293$50. Deduzidos os encargos de exportação, o preço líquido, no cais de embarque, deve ser de 265$00 por estere, ou seja, mais 12$50 do que aquilo que a Secretaria de Estado fixou em favor dos industriais papeleiros nacionais. Estes, como é sabido, começaram por criar uma empresa própria, a Madeiper, que fixara unilateralmente preços a impor à Lavoura. De salientar, ainda, que o preço real que os italianos vão pagar por cada estere de madeira de eucalipto português é de 450$00 — e mesmo assim parece que não é mau negócio para eles...

No mesmo comunicado, a Corporação da Lavoura anuncia a criação de uma sociedade comercial mista para promover a comercialização das madeiras: a «Cofloresta», organizada com o apoio do Ministério da Economia.

Que é feito da Cooperativa das Beiras, que desde há meses solicita a aprovação dos seus estatutos?



O mutualismo que sobrevive

O mutualismo, em Portugal, passa por tempos difíceis. Após o entusiasmo romântico que rompeu das lutas liberais e entrou pela República, o movimento associativo dos socorros mútuos entrou em decadência, por várias ordens de factores: desinteresse, por um lado, tendência absorvente da Previdência geral, também.

As velhas colectividades mutualistas vão morrendo. Ante isso, contudo, tentam a fusão, de modo a poderem garantir certos privilégios, durante mais algum tempo, aos seus associados mais antigos, sempre gente humilde.

Algumas, porém, resistem: aquelas que puderam e souberam adaptar-se às novas condições, ultrapassá-las, até.

De ambos os exemplos damos notícia.

Eficiência e segurança na A. S. M. E. C. L.

Neste breve inquérito á problemática actual do mutualismo, na zona de Lisboa, referimo-nos especialmente a uma instituição modelar no que respeita á prestação de serviços médico-cirúrgicos aos seus associados: a Associação de Socorros Mútuos dos Empregados no Comércio de Lisboa, com sede própria no velho palácio de S. Cristóvão, onde concentra todos os serviços.

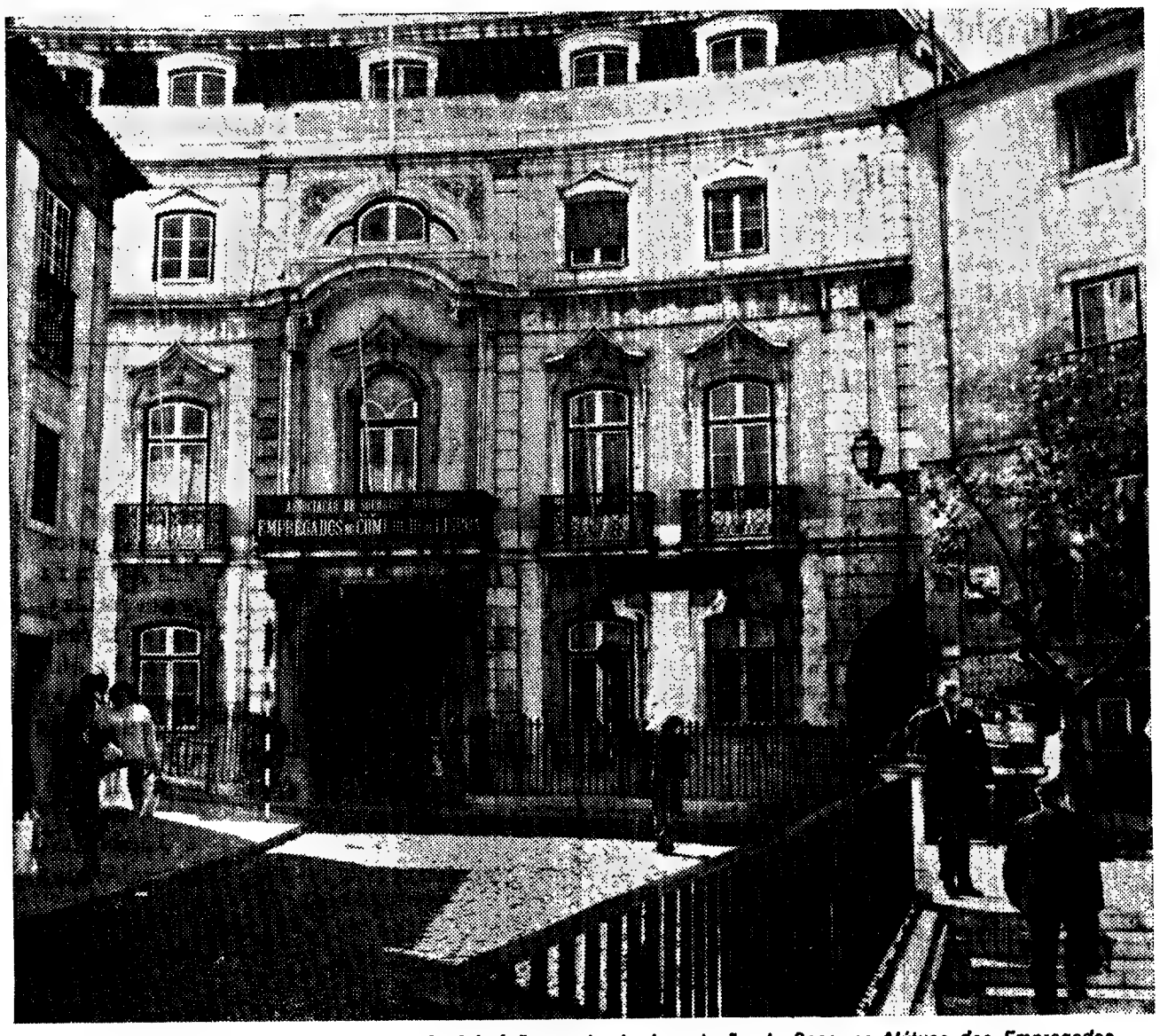
Na luta pela sobrevivência perante o alargamento necessário da Previdência oficial e, também, face ao desinteresse progressivo das novas gerações pelo mutualismo, a A.S.M.E.C.L. é um caso muito sério de eficiência e gestão: os seus trunfos consubstanciam-se na eficiência dos serviços, na actualização, no ambiente, até num conceito muito avançado do modo de prestar assistência a milhares de pessoas sem lhes dar a impressão de beneficiarem de um serviço despersonalizado e automático: a Associação tudo faz para que o associado se sinta realmente «em sua casa», para que o mesmo prefira a sua clínica: porque os serviços são melhores, porque são eficientes, porque são agradáveis. Em suma: porque o magnífico centro hospitalar da Associação tem podido progredir e actualizar-se de maneira a ser, de há dezenas de anos para cá, dos melhores do País.

Uma «cidade» movimentada

Perto de uma centena de médicos e cirurgiões de todas as especialidades preenchem o quadro clínico da Associação. O quadro do pessoal auxiliar e administrativo é composto por 140 funcionários. Os corpos gerentes, eleitos anualmente e nunca podendo exercer as suas funções durante mais de três anos, são constituídos por seis membros da Assembleia Geral, 3 do Conselho Fiscal e 7 na Direcção. Os seus serviços são absolutamente gratuitos, apesar da tarefa pesada que lhes incumbe. A Associação tem, neste momento, cerca de 40 mil associados, efectivos e familiares. A progressão média do número de novos sócios é de 1100, anualmente. Ou melhor: o saldo entre os que saem e os que entram.

«É quase o mesmo que

Cont. na pág. 4



Entrada para o pátio do palácio de S. Cristóvão, sede da Associação de Socorros Mútuos dos Empregados no Comércio de Lisboa

Aliança Mutualista: sessenta por cento dos sócios têm mais de 65 anos

A «morte» de uma Associação de Socorros Mútuos

— Perguntam o que devemos fazer ao material da Associação de S. Pedro!

— Entreguem-no a uma agência de leilões.

— E a casa? Pode ter uma renda barata!

— Deixem de pagar a renda.

— Trago ao menos um relógio! Tenho trazido de todas um relógio (há vários na sala) e temos uma boa colecção!

(Diálogo na morte duma Associação de Socorros Mutuos).

MORTE=FUSÃO

Antes de correr, cada associação de socorros mutuos, funde-se com outra. Os sócios continuam, assim, a ter direito a assistência médica e medicamentosa e a subsídio de funeral. Os responsáveis da Associação Mutua Tumulo da Outra aproveitam alguns bens, mas a maioria é leiloada.

Os relógios (o relógio da Mutualidade O «Futuro», o relógio da «União Mutual», o relógio da S. Pedro) são o unico símbolo duma actividade ás vezes secular. Onde estarão os ecos das vozes das assembleias disputadas, as crises, os sacrifícios duns poucos por todos os do bairro ou todos «os da classe», nucleos vivos, ainda há trinta anos, de uma grande solidariedade?

— Aquele relógio veio da «Mutualidade «O Futuro». Aqueles são os retratos dos velhos fundadores da Associação que originou a «Aliança».

A IDADE DOS SÓCIOS

Mas a Aliança também vai em breve morrer. Fruto da fusão de muitas associações tem na idade dos seus sócios o símbolo da sua decrepitude.

Há trinta anos, a Aliança tinha um prédio de três andares, mais de mil contos de «capital e Reservas», enfermarias, sala de operações, 12 médicos de medicina geral, uma equipa de cirurgia (4 médicos), uma policlínica, uma médica parteira, nove profissionais a escolher pelos sócios e quatro postos médicos pela cidade.

Há trinta anos concediam-se pensões por reforma, subsídios por doença, subsídios por funeral, medicamentos e assistência médica, tudo por pouco dinheiro mesmo para a época.

Hoje, o subsídio de funeral, predomina, a associação vive num dos andares do «seu prédio» e a idade dos sócios anuncia a sua própria morte.

Como se distribuem por idades e sexos os actuais associados da «Aliança Mutualista»?

Em 31 de Dezembro de 1967 a distribuição etária e por sexos dos associados fornecia-nos elementos muito significativos:

1 — Seiscentos e cinquenta sócios em oitocentos e sessenta (aproximadamente 77 por cento) eram mulheres.

2 — Quinhentos e catorze sócios (59 por cento do total) tinham mais de 65 anos de idade, sendo 405 femininos.

3 — Apenas 10 sócios em 869 tinham menos de 20 anos.

4 — A população associativa com mais de 65 anos ou feminina atingia aproximadamente os noventa por cento.

Um dos indicadores do acentuar do processo é a importancia decisiva do subsídio do funeral. Em 31-12-69, dos 769 sócios inscritos 650 estavam inscritos para a concessão exclusiva do subsídio do funeral.

Outro indicador, o numero de sócios falecidos por ano ajuda-nos a ter uma ideia mais completa.

a) De 1965 para 1969 morreram (55+41+35+ +42+41) associados.

b) Os 204 sócios falecidos no período representavam mais de 20 por cento da população associativa de 1969.

Cont. na pág. 4

Eficiência e segurança

Cont. da pág. 3

gerir uma cidade» — disse-nos um dos elementos dos corpos directivos. «São quarenta mil pessoas em movimento constante, em contacto quase diário com a Associação. Essa uma das razões da nossa estabilidade. Os sócios, e não só eles: o pessoal médico e administrativo «agarram-se» a isto, esta é a nossa casa, a casa do associado. Associação de socorros mútuos que somos, procuramos servir sempre melhor».

A A.S.M.E.C.L. basta-se, economicamente, a si própria. Desde a compra do velho palácio de S. Cristóvão, em 1913, a colectividade tem sabido e podido actualizar-se, construir novos edifícios, criar novos serviços, melhorar as instalações, mercê de uma administração segurissima que é o melhor penhor de continuidade e sobrevivência. Nesta altura, a dois anos do primeiro centenário, uma preocupação básica: a construção, para breve, de um novo bloco para extensão dos serviços clínicos, em continuação do edifício actual. Esse novo edifício permitirá a criação de novos serviços, a ampliação dos actuais, que estão nos projectos da direcção, bem como a criação de gabinetes médicos e a aquisição de aparelhagem moderna para todos os serviços. Neste momento, e para lá da qualidade e eficiência da Maternidade da Associação, esta dispõe do serviço de radiografia mais avançado que existe em Portugal, e está em vias de concluir a instalação de modernos blocos operatórios e de esterilização. De resto, a secção de cirurgia é, desde há muito, das mais completas.

Balanço

Fundada em 1872 — 12 de Abril — por um pequeno grupo de jovens associados dissidentes de outro grande baluarte do mutualismo do País — a congénere Associação de Socorros Mútuos dos Empregados de Comércio e Indústria — a A.S.M.E.C.L. marcou, ao longo da sua existência, posição significativa na luta pelo mutualismo como factor de harmonia social enquanto não surgiu a Previdência oficial. Sabendo adaptar-se a todas as circunstâncias, esta instituição pôde apresentar, em 1969, este relatório resumido dos serviços prestados, em que os números dizem muito: internamentos, 550 na secção de cirurgia, 156 na de medicina, 638 na Maternidade, onde se verificaram 611 partos. Na Policlínica foram prestadas 148 144 consultas; ao domicílio, 8365. Foram feitos 20 297 tratamentos por agentes físicos; e 44 486 nos dispensários. Como serviços diversos (parto psicoprofilático, análises, radiografias, electrocardiogramas, etc.) verificaram-se 42 974 tratamentos ou consultas.

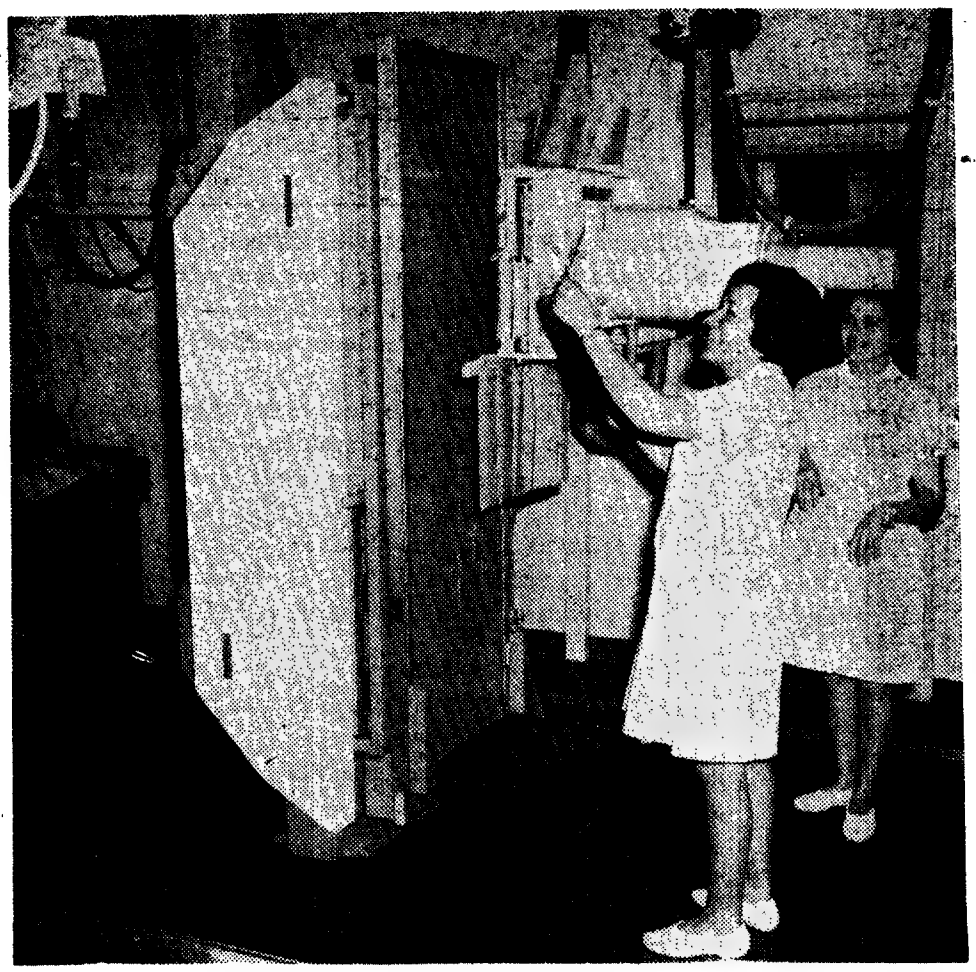
Associação de classe

Com um património valioso e um capital disponível largamente superior a uma dezena de milhar de contos, a Associação de Socorros Mútuos dos Empregados de Comércio é uma instituição estável, apesar de viver dos rendimentos próprios: quotização e serviços prestados remunerados (sómente os internamentos, dado que tudo o resto é práticamente gratuito). A ampliação das instalações e a actualização constante do material técnico fazem-se firme e seguramente, sem sobressaltos, com capital existente.

Nesta altura, a Associação tem um problema a resolver: o aumento de salário a todo o pessoal, salário que agora está desactualizado em relação ao que acontece nos hospitais. Para isso, foi aprovado em assembleia geral um aumento de 5 escudos na quotização, a reverter inteiramente para aquele fim. Falta a aprovação superior.

A principal característica da Associação é pertencer, exclusivamente, aos profissionais do comércio, patrões e empregados. Tem associados com mais de 50 anos nessa qualidade, e temnos com poucos dias de vida: normalmente, as crianças nascidas na Maternidade aumentam o número considerável dos sócios familiares.

Muitos dos sócios são igualmente associados de outras colectividades similares, casos da Associação do Comércio e Indústria e dos Inválidos do Comércio. E quase todos os sócios efectivos são igualmente beneficiários da Previdência geral,



Serviço de radioscopia da A. S. M. E. C. L., o mais moderno do País

o que não impede que prefiram os serviços da Associação. Por isso mesmo, e sempre que possível, há uma espécie de complementarização, na medida em que, por reflexo, é a A.S.M.E.C.L. a prestar serviços que a Previdência paga: internamentos, operações cirúrgicas, etc.

Em resumo, podemos dizer que, pela quantidade de pessoas assistidas, pela eficiência e qualidade dos seus serviços, pelo ambiente próprio, o velho palácio de S. Cristóvão é uma das primeiras casas de saúde de Lisboa e do País, uma instituição modelar, um exemplo frisante de como é possível fazer coisas importantes neste sector desde que não se transforme a saúde pública num objecto comerciável e altamente comerciado.

No tempo que passa, é muito importante que instituições semelhantes sobrevivam, e podem fazê-lo desde que tenham sabido adquirir a força que a A.S.M.E.C.L. adquiriu — que possam sobreviver com independência. Não podem constituir solução, é evidente. Essa pertence ao esquema geral da Previdência. Mas são um complemento modelar, uma prova frisante de como, com uma pequena quotização mensal e voluntária, é possível fazer aquilo que grandes contributos monetários não têm conseguido.

SINDICATO NACIONAL DOS EMPREGADOS BANCÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Ao abrigo do n.º 1.º do artigo 22.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral para reunir, em sessão extraordinária, no dia 18 do corrente, às 21 horas, no Pavilhão dos Desportos do Sport Lisboa e Benfica, Estádio da Luz, com a seguinte ordem de trabalhos:

REVISÃO DO CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO

Nos termos do § único do artigo 19.º dos Estatutos, a Assembleia só poderá funcionar à hora marcada com a presença de, pelo menos, um quarto dos sócios do Sindicato, funcionando meia hora depois com qualquer número de sócios.

De acordo com o determinado no artigo 20.º dos Estatutos, só podem tomar parte na reunião da Assembleia Geral os sócios com mais de doze meses de inscrição, ou seja, até ao n.º 14 369, inclusive.

Lisboa, 16 de Abril de 1970.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

a) **José de Andrade Soares**

JBL LANSING
O melhor altifalante americano.
Consulte os PROFISSIONAIS DO SOM
VALENTIM DE CARVALHO
COMÉRCIO E INDÚSTRIA, S A R L
RUA NOVA DO ALMADA, 95 • 97 LISBOA
No norte: VADECA — R. de S.to António, 210 — PORTO

DINERS CLUB PORTUGUÊS
em colaboração com o
BANCO DO ALENTEJO
Um crédito sempre aberto para todas as suas despesas

A «morte» de uma Associação

Cont. da pág. 3

27 ANOS DE ACTIVIDADE

Vinte sete anos de actividade decrescente, caracterizaram a «Aliança Mutualista». Em três sectores (medicamentos, pensões de reforma e subsídios de funeral) encontramos, apesar de tudo, verbas significativas:

	Contos
Medicamentos	6274
P. de reforma	510
Subs. funeral	803

Durante o ano de 1969 foram concedidos 117 000$00 de medicamentos, muito menos, que o valor médio anual 232 000$00. Se levarmos em conta a elevação do custo de medicamentos de 1942 para 1969 compreendemos o pouco significado dos medicamentos concedidos em 1969, em relação com os períodos áureos. Quanto ao subsídio de reforma atingiu, em 1969, a verba de 32 000$00.

PORQUÊ?

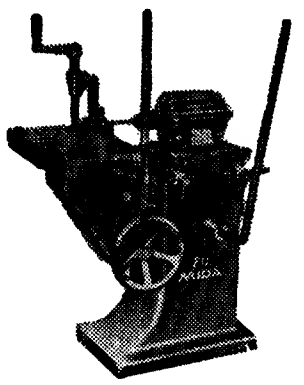
Como se explica o declínio destes movimentos? Um elemento responsável declarou-nos:

— As Caixas de Previdência são a única solução! Isto é um remendo que morrerá, mais tarde ou mais cedo».

As Caixas de Previdência fizeram realmente entrar em declínio a Mútual Mas porquê? Em 1942 e anos seguintes o nível de serviço de associações era superior ás Caixas ainda a germinarem.

A crise (comissões-administrativas, exigências específicas) das Associações não é independente das Caixas. Mas não nos surgem muito claras que tenha sido inferior o nível dos serviços médicos, das Associações de Socorros Mútuos que esteja na origem da crise. Porque de 1942 a 1950, os Serviços da «Aliança Mutualista», um exemplo entre outros, não era inferior a muitos postos médicos, nossos conhecidos, pertencentes ás Caixas de Previdência, neste ano de 1970.

«MIDA»



FURADOR POR BROCA
MODELO — FU

UMA FABRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MÁQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

Fábrica: — TROFA Tel 94923/4/5

FILIAL EM LISBOA:
AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. 44147)

Papel: abrir as portas da exportação

No último relatório e contas da SOCEL — Sociedade Industrial de Celuloses, verifica-se que a empresa referida teve um lucro de exercício, em 1969, de 21 480 910$99. Desse lucro, acrescido de uma verba não distribuída no ano anterior, resultou uma remuneração de 20 000 contos aos accionistas, ou seja, um dividendo de 8 por cento.

No relatório, o conselho de administração da Socel acentua que o mercado internacional de pastas acusou em 1969 um excesso de procura relativamente à produção, com a consequente alta das respectivas cotações, facto que se reflectiu favoràvelmente na rentabilidade da nossa indústria. Em contrapartida, a mesma administração lamenta que, sobretudo no 2.º semestre de 1969, a escassez de madeiras — sobretudo eucalipto — obrigasse as «actuais empresas produtoras de pastas a uma anormal competição nas compras de madeiras», o que gravou o futuro florestal pelo cortes antecipados que provocou, «ao mesmo tempo que fez elevar os custos das madeiras para valores jamais atingidos e que nenhumas circunstâncias económicas normais poderiam justificar.»

Esta a razão por que os grupos fabricantes de pasta de papel resolveram fundar a Madeiper — que iniciou a sua actividade fixando unilateralmente os preços da matéria-prima que a lavoura lhes havia de fornecer — aliás muito abaixo das tais cotações internacionais que tanto beneficiaram a indústria.

Objectivamente, a posição dos industriais papeleiros portugueses é clara e inequívoca: a competição e excessos de procura, ao nível internacional, convém-lhes, enquanto a mesma competição e excesso de procura, ao nível interno, não lhes convém mesmo nada.

Para arbitrar o conflito de interesses, parece-nos bem que só há uma solução: abrir também aos nossos pobres agro-silvicultores as portas da exportação.

SINDICATO NACIONAL DOS COMERCIALISTAS

(Organismo profissional dos Licenciados em Ciências Económicas e Financeiras)

Sede — **Rua Rodrigo da Fonseca, 76, 1.º Dirt.º**
LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

Nos termos dos nosos Estatutos, do despacho ministerial de 8 de Janeiro de 1948, comunicado pela Circular N.º 62/46 do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência e da nossa redacção do Art.º 15.º do Decreto-Lei N.º 23 050, dada pelo Decreto-Lei N.º 49 058, de 14 de Junho de 1969, é convocada a sua reunião para o dia 21 de Abril próximo, pelas 21 horas, na nossa sede, para:

ELEIÇÃO DOS CORPOS GERENTES PARA O TRIÉNIO 1970/1972

Se à hora indicada não estiver presente o número legal de sócios, a Assembleia Geral reunirá, meia hora depois, com qualquer número, nos termos da parte final do n.º 20.º dos Estatutos.

Lisboa, 19 de Março de 1970

Pel'O VICE-PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL,

em exercício

a) **Rui Pires Branco**
Secretário

DEGRADAÇÃO PROGRESSIVA DO MEIO NATURAL (CONCLUSÃO)

Salvaguarda e valorização das terras abandonadas

LEONEL FADIGAS

Por um fenómeno irreversível ligado á industrialização e á introdução de novas técnicas e da máquina na actividade agrícola, bem como á concentração urbana que caracteriza os países industrializados, o abandono das terras agrícolas ou de pastoreio toma um aspecto acelerado nos países do mundo ocidental. Mas, por razões diversas, melhor, diferentes das atrás apontadas. nos países, ou regiões (caso da Itália), menos desenvolvidos assiste-se a um êxodo rural paralelo, o que á primeira vista poderá parecer paradoxal, dado que estes países ainda não conseguiram, na maioria dos casos, assegurar a satisfação plena das suas necessidades alimentares.

Passando ao de cima das imperiosas razões económicas e sociológicas que induzem a este movimento migratório, importa ver algumas consequências do fenómeno, dadas as repercussões sociopolíticas que daí advém. E isto não só porque o abandono das terras agrícolas ou florestais constitui um empobrecimento e arrasta graves desequilíbrios socioeconómicos mas também porque estes espaços oferecem ao homem uma gama de possibilidades preciosas.

A curto termo poderão ser utilizadas como áreas naturais de descanso e recreio dos aglomerados urbanos em que o espaço livre disponível é cada vez menor, como zonas de turismo, portanto, aonde a caça e a pesca desempenharão papel fundamental.

Explosão turística

A médio e longo termo poderão ser (deverão ser) utilizadas para ajudar a satisfazer as necessidades que crescem á medida que se eleva o nível de vida e o crescimento demográfico (carne, madeiras, etc.). Isto é, devem constituir como que reservas, a manter em bom estado biológico, susceptíveis de tomar parte na produção de alimentos se disso houver necessidade. Mas a sua utilização futura no campo da produção de matérias-primas no campo agro-florestal, não deverá eliminar, pelo contrário deverá integrar, a sua vocação e utilização recreativa. Pensa-se até que deverá ser obrigação da colectividade, para ajudar a manter um mínimo de actividade económica e um mínimo de densidade populacional nestas terras, remunerar os agricultores que mantenham a actividade agrícola nestas áreas, cobrindo esta remuneração o «deficit» que eles eventualmente tenham para se manter como agricultores, evitando, assim, o aumento do êxodo rural e a desertificação do território.

Nas regiões turísticas o numero e a duração das estadias aumentaram, desde a ultima Guerra, a uma taxa de cerca de 10% anuais. Em muitos locais, até aí desconhecidos, houve uma autêntica explosão turística. Razão deste facto, entre outras, está a impossibilidade de os parques e jardins citadinos substituirem uma estadia no seio da natureza.

A agricultura e a silvicultura, graças á sua judiciosa utilização do meio natural, legaram-nos depois de séculos de utilização intensa, um ambiente natural rico de possibilidades de regeneração física e psicológica do homem citadino. Seria, pois, perigoso, para utilizar uma linguagem moderada, deixar ao abandono áreas que. a faltar-lhe o tratamento cuidado do agricultor, depressa regressariam ao estado «selvagem», tornando muito difícil a sua eventual reutilização com fins de produção de bens agrícolas ou florestais.

É urgente reflectir sobre os problemas postos pela conservação e reactivação das terras que o êxodo tornou «disponíveis». É preciso insistir na necessidade de uma planificação, feita a tempo, de todas as tentativas de revalorização das terras abandonadas, ou em vias de o ser, em áreas importantes. Tanto ou mais que as zonas urbanas ou industriais, ou até mesmo as terras cultivadas, as regiões desorganizadas clamam por que se estabeleçam planos flexíveis, a partir de estudos técnicos, económicos e sociológicos profundos, e integrando todos os problemas postos pela protecção e a reutilização destas terras. Evitando tanto quanto possível as soluções uniformes, estes planos deverão visar á diversificação das paisagens e procurarão a complementaridade dos recursos (sem ignorar os riscos da incompatibilidade de certas actividades). Esta exigência é fundamentalmente justificada pela necessidade imperiosa de se manter, neste espaço assim reorganizado, um mínimo de população activa capaz de assegurar a sua manutenção de maneira durável. A população que ficar nestas terras deverá ficar em condições económicas e sociais equivalentes ás das populações urbanas, já que estes planos deverão, tanto ou mais que a valorização das terras e dos ambientes, ter como finalidade a valorização dos homens. Não se deverá pretender, pelo simples facto de se saber da necessidade que as populações urbanas têm destes espaços naturais, condicionar tudo ás suas exigências. Todo o acto político deve visar a dignificação do homem; o acto político que é, na sua essência, esta revalorização e salvaguarda das terras abandonadas não deve esquecer isso Seria criminoso estar a planear toda esta actividade para depois utilizar os agricultores e os camponeses como quem utiliza elefantes no Jardim Zoológico.

A implantação de industrias nas zonas onde isso seja possível e desejado deverá ter em conta que a sua densidade não poderá ultrapassar certos limites para que se mantenham tanto quanto possível intactas a paisagem natural, a calma e o potencial de beleza e de bem-estar que o meio natural oferece. Daqui se vê que nem todas as soluções consideradas mais «rentáveis» poderão satisfazer; aos técnicos, tanto quanto aos políticos, deverá nortear a actuação e a escolha de soluções o bem estar não só presente mas futuro das populações indistintamente urbanas ou rurais.

Um esforço altamente rentável

Mas esta actuação terá um entrave que mais claramente se evidenciará quando se começar a actuar: são as estruturas fundiárias das terras há muitas gerações consagradas á subsistência da família rural. Se não se dispuser de meios legislativos e práticos de resolver esta dificuldade, os poderes publicos não deverão ter ilusões acerca das possibilidades reais de pôr em acção um plano de salvaguarda e valorização das terras em questão. E as gerações futuras julgar-nos-ão por isso.

Quaisquer que sejam os encargos financeiros iniciais e as dificuldades da empresa, o problema posto pela extensão rápida das terras abandonadas deve ser abordado com determinação. E no nosso País, onde a emigração começa a levantar problemas de sobrevivência de algumas zonas, será altura de se começar a ter isto em consideração. Um tal esforço, altamente rentável para o futuro da sociedade, constitui (deverá constituir) além disso um dos objectivos de uma coerente política agrícola e de ordenamento de território.

Ciências humanas e opçõe

Publicamos hoje a segunda da série de mesas-redondas realizadas no Instituto Superior de Psicologia Aplicada. O tema em debate foi «Ciências Humanas e opções ideológicas». Como moderador interveio o padre Álvaro Miranda Santos, professor naquele Instituto.

Luís Soczka, da direcção do Centro Nacional de Cultura e redactor do jornal universitário «Encontro», o historiador e sociólogo prof. dr. Vitorino Magalhães Godinho e o professor do I. S. P. A. dr. Álvaro de Mello e Sousa tomaram parte nos debates.

Os extractos ora publicados incluem respostas, e algumas das intervenções, de assistentes que enchiam literalmente a sala.

O debate centrou-se na discussão da possível influência das opções ideológicas na investigação das Ciências Humanas em Portugal.

MIRANDA SANTOS (Moderador) — O Tema de hoje (As Ciências Humanas e as Opções Ideológicas) é de importância fundamental para o nosso caso, porque me parece que, muitos de nós, vamos compreender a preocupação do Instituto na formação de práticos ou teóricos da Psicologia. Para pôr uma ordem, vamos ouvir a comunicação do dr. Magalhães Godinho no campo histórico, depois o dr. Mello e Sousa na parte sociológica e económica e, finalmente, o contributo de um aluno do Instituto. Posteriormente tentaremos abrir o diálogo à assembleia. Talvez fosse operacional haver, se possível ou se necessário, um diálogo entre os próprios membros da mesa para aprofundar inicialmente alguns pontos de dúvida.

MAGALHÃES GODINHO — Não venho trazer-vos certezas nem respostas prefabricadas. Queria convosco examinar algumas quantas dúvidas que se põem em certo momento, em qualquer carreira de investigador, e que devem também pôr-se àqueles que pretendem iniciar a carreira de investigador ou de técnico nas Ciências Humanas. Portugal lançou as suas caravelas a descobrir o mundo e na altura os teóricos portugueses souberam enfrentar e resolver alguns dos problemas fundamentais que se punham à humanidade. Mas depois recusámos essa humanidade moderna para que -maquinista e pré-industrial.

De uma maneira geral pode dizer-se que o ensino nas nossas Universidades estava ultrapassado em mais de um século. Que nem sequer a história, a história que se ensinava e procurava fazer, correspondia ao que se tinha feito na primeira metade do século XIX. Que a nossa economia nem académica chegava a ser, pois não passava de compendial, como de resto a nossa matemática e quase todas as outras ciências. Pensava-se que devia haver uma medicina portuguesa. Nestas condições, vemos bem que um determinado ambiente político, social e económico pode ser perfeitamente incompatível com uma atitude científica.

O que é basilarmente uma atitude científica? É uma atitude de crítica metódica, de dúvida constante e permanente que põe tudo em causa, que não aceita qualquer espécie de absoluto; isto é, que problematiza toda a realidade e tudo quanto ao homem se põe. Não se trata só de problematizar, trata-se, depois, de refantasiar as hipóteses explicativas, e de as submeter, ou à demonstração matemática, ou à verificação experimental. Assim a ciência é um permanente diálogo porque já a posição do problema é uma invenção que surge em determinadas condições e o que se pretende é estabelecer relações constantes, válidas para qualquer homem: a ciência é a universalização do ponto de vista, é alguma coisa de universalmente total. Só existe ciência na medida em que alcançamos a validade universal, isto é, a ciência é independente das condições sociais, políticas e culturais porque a ciência tende a libertar-se de todos esses condicionalismos sociais, políticos e culturais. Na verdade, podemos supor técnicas ao serviço de fins específicos, mas, se essas técnicas forem eficazes tanto podem ser utilizadas por uns, como podem ser utilizadas por outros. Eu insisto neste ponto porque, por um triste privilégio da idade, me lembro de muita coisa inteiramente esquecida, incluindo os discursos de Mussolini que, na sua primeira fase, já fascista, são uma análise marxista das condições da Itália e das possibilidades de um movimento fascista. Uma teoria económico-sociológica pode ser elaborada ao serviço de uma classe ou de um grupo e pode ser posta ao serviço de outras classes ou de outro grupo e isto precisamente porque, na medida em que realizamos um esforço científico, tendemos a ultrapassar o que é válido para A, B ou C, para chegar àquilo que é válido tanto para A como para B ou para C e só nessa medida a ciência é eficaz.

A eficácia não significa que ela esteja necessàriamente ao serviço de uma bandeira, de um partido, de uma classe ou de um grupo. Essa classe utilizou uma linha que é universalmente válida. Um exemplo: o neocapitalismo é uma resposta adequada à crise do capitalismo industrial e financeiro utilizando, precisamente, a ferramenta marxista de análise e decisão. Evidentemente que a burguesia no poder fomentou uma economia política, especialmente no final do século XIX, académica, que escamoteava alguns dos problemas fundamentais: a redução do económico ao psicológico era um erro de método fundamental.

A preocupação pelo equilíbrio, traduzia precisamente essa ânsia de tornar absoluta a estrutura económica então vigente, quando essa estrutura, como todas as estruturas, têm uma história que é relativa. A própria burguesia, o próprio grande capital, tiveram de pôr de parte essa economia académica, no momento em que enfrentaram dificuldades sérias e procuraram resolvê-las. O que aconteceu, por paradoxal que isso nos pareça, mas tem uma explicação na dialéctica profunda da história da humanidade, desde o século XIX aos nossos dias, é que as classes ameaçadas fizeram desenvolver ciências humanas eficazes e as classes que reivindicavam a construção do futuro ficaram ancilosadas em fórmulas, numa escolástica-documentário de repetições constantes das citações que acabavam por ser vazias de conteúdo. Na sociedade moderna, o grande capital não gerou apenas o mundo assalariado que o contrapõe e o nega: esta estrutura global, extremamente complexa em que vivemos, gerou grupos que tendem a uma posição relativamente independente. Um exemplo é a escolha de um professor para a Universidade de Paris: havia três candidatos possíveis e eu encontrei-me por acaso em casa de quem tinha que fazer essa escolha. Sabendo que eu conhecia os candidatos perguntou-me:

— Por qual deles você opta?

— Incontestàvelmente, fulano — respondi eu.

Há possibilidade em determinados meios de uma escolha isenta de pressões do poder, quer do poder político, quer do poder nobre. Cria-se uma determinada atmosfera cultural, um conjunto de interesses que levam a porem-se os problemas de maneira a não servirem nem ao poder público, nem ao poder económico. Não se pode confundir opção ideológica com adesão a uma escolástica, a um receituário.

Eu estou convencido de que dadas as condições da sociedade actual, a civilização portuguesa, para se manter, tem que utilizar as ciências humanas em seu proveito.

Necessitamos de um pensamento vivo do neocapitalismo, tão ousado e inovador, como foi o pensamento de Marx no século XIX ou de tantos outros pensadores. Não interessa nada irmos buscar citações em vez de argumentos, não interessa repetir fórmulas e receitas, sejam lá de quem forem, em vez de sermos nós a enfrentarmos directamente os problemas. Nós temos que ir fabricando as noções operatórias, as relações constantes que vamos verificando e notificando, porque aí surge, de facto, a tendência fundamental das ciências humanas. Aliás, nessa linha que vai entroncar em Marx, que é a de uma ligação entre a análise estrutural e a análise histórica, nada é absoluto; nós vamos criando as noções e as respostas, vamo-las ampliando e não apenas justapondo umas às outras. Nas ciências humanas a realidade está em permanente desvio. Se queremos dedicar-nos às ciências humanas temos que optar por recusarmos servir interesses minoritários, servir apenas determinados privilégios ou pôr a nossa capacidade de investigação e de actuação ao serviço exclusivo de uns tantos. As ciências humanas podem ser ameaçadas de esclerose. Ora, o que é importante é que saibamos traçar um rumo que é o da criação da mentalidade científica e de todas as condições, sociais, económicas e políticas que permitam essa mentalidade científica. Para mim, da mentalidade científica sairá a sociedade humanista do futuro.

ÁLVARO MELLO E SOUSA — Vou focar este tema dentro duma perspectiva sociológica. Ciências Humanas, Sociologia e Opções Ideológicas. A finalidade da minha intervenção neste colóquio é pôr em destaque o papel da ideologia nas opções ideológicas contemporâneas. Para concretizar esta finalidade vou fazer uma opção, opção esta que não é ideológica, mas uma reflexão metodológica sobre a sociologia em geral e sobre as opções ideológicas em particular. É uma tendência da conservação duma certa objectividade e dum certo rigor científico que, desculpem-me, é menos polémica, talvez menos propagandística, mas que não deixa de ser científica. Começo por optar por dois princípios. O primeiro é que a sociologia e opções ideológicas significa opções ideológicas por causa da sociologia, mas significa, também, sociologia apesar das opções ideológicas.

O segundo é uma contraposição entre aquilo que na realidade social é implacàvelmente sociologia e aquilo que os homens percebem, aquilo que os homens formulam, aquilo que homens reformulam, aquilo que os homens interpretam, aquilo que os homens propõem instrumental ou ingènuamente, aquilo que os homens julgam ou pensam ser ou mesmo querem que essa realidade social seja.

As questões centrais podem muito fàcilmente reportar-se aos seguintes factores: em primeiro lugar uma questão que preocupa muito hoje a sociologia contemporânea é a realização da sociologia e a sua integração num quadro geral da instauração moderna da ciência. Uma segunda questão, um segundo factor, que afecta ainda a sociologia contemporânea são as tentativas de síntese das concepções científicas e antropológicas do homem. A vocação da sociologia é tentar tratar racionalmente os irracionalismos sociais. Nestes aspectos teríamos o velho problema das sínteses da consciência e o processo de integração da sociologia, numa teoria geral da sociedade e a necessidade de ultrapassar aquela sociologia dos sistemas sem história.

Num 3.º aspecto vamos directamente no problema das sociologias alienadas e da alienação do homem. Vamos directamente ao problema de que a sociologia deve servir ou não deve servir para a criação de condições sociais mais humanas. Vamos cair nas sociologias, que tanta voga têm nos tempos que correm, que são as sociologias de tipos ideais, que não tomam o homem como ser real, as sociologias que se transformam simples-

Vitorino Magalhães Godinho

ões ideológicas

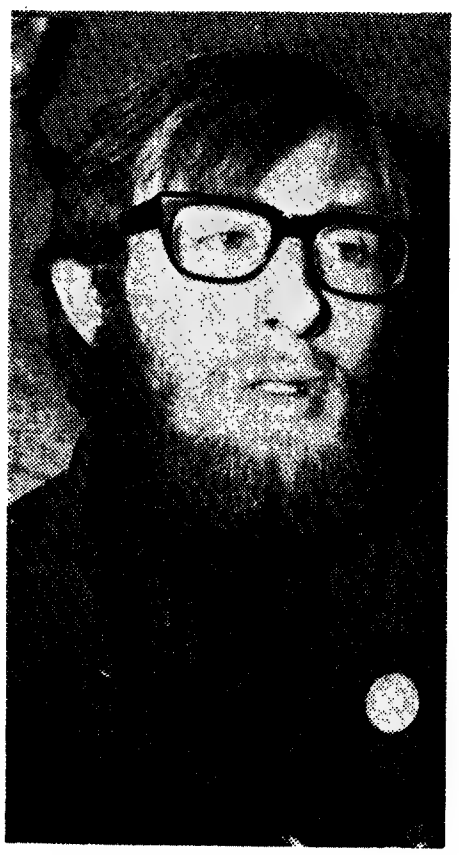
mente em críticas das críticas. Neste aspecto nós poliamos alinhar, por exemplo, como críticas das críticas, a sociologia do homem de massa de Ortega y Gasset, a sociologia como crítica do homem consumidor, o ponto de vista do extracondicionamento de David Riosmann.

Num quarto aspecto deste primeiro princípio que lhes apontei, é o fulcro próprio das sociologias e das opções ideológicas. Alain Touraine, volto a dizer, disse que a tarefa da sociologia era a de contribuir para o tratamento racional dos irracionalismos: a análise da racionalidade e irracionalidade do pensamento e da acção do homem. Estes vão-se converter no nosso tempo como os problemas científicos mais complexos, problemas científicos tão complexos que para a resolução deles nós, mais uma vez, temos que contrapor sociologia a opções ideológicas. O segundo princípio, que lhes apontei, parece-me um princípio de muito mais fácil acesso. Ele reporta-se directamente à relação entre sociologia e ideologia. Nós sabemos que sociologia contemporânea tem-se autonomizado em relação a visões extracientíficas da realidade social Neste segundo princípio teríamos que ver, pelo menos, três aspectos. 1.º aspecto: Qual o papel do sociólogo investigador de factos perante as ideologias? O sociólogo investigador de factos é um homem que luta por não fazer opção ideológica; é um homem, que deve saber distinguir muito bem, que só deve e só pode explicar os dados por aquilo que é dado. Mas, ao lado deste sociólogo investigador de factos, estão as próprias ideologias.

Esse sociólogo animado de espírito científico, até que ponto, é que ele aceita ou não aceita, as ideologias? O sociólogo e a própria sociologia, de qualquer modo, são influenciados pelas ideologias sociais presentes. O sociólogo, como investigador, pode ter preferência, pela análise de certos problemas que afectam uma situação social concreta e não outras. Aqui, mesmo no trabalho rigorosamente científico, já existe uma influência de uma ideologia sobre a própria sociologia. Num segundo aspecto, a influência das ideologias, pode dar-se anteriormente a todo o trabalho de investigação sociológica.

Os colóquios são úteis na sociedade contemporânea e, mais ainda, na sociedade portuguesa, na medida em que é possível apor e contrapor certas ideologias. É através do colóquio, é através do diálogo que servindo várias ideologias ou utilizando mesmo os mais diferentes discursos do método que cada uma das ideologias em presença pode libertar as suas próprias contradições internas. Se olharmos um pouco para a história da própria sociologia, vemos que a sociologia apareceu, e por isso foi chamada ciência de oposição da sociedade por uma necessidade de fazer crítica à própria sociedade. Ao aparecer como crítica à própria sociedade, a sociologia, ou este tipo de aparecimento da sociologia, pode contrapor-se aquele outro que diz que ela aparece dentro duma divisão natural e normal do trabalho científico. Esta concepção de sociologia como ciência de oposição significa que deve entender-se que se está perante uma situação em que o interesse da história social, realmente vivida pelos homens, e o de ciência, devem sempre chegar a um acordo. E agora sim, fiz uma opção ideológica. A sociologia nunca poderá deixar de considerar a emancipação do homem e o fortalecimento da dignidade humana como seu objectivo principal. Por esta causa, onde quer que estes valores estejam ameaçados, ela converte-se num instrumento de crítica de oposição e ela deve sê-lo, mas não no sentido duma destruição radical de toda a ordenação social. Estou certo, ao fazer opções ideológicas em relação à sociologia, que a dialética dos tempos que correm constrói-se dia-a-dia, minuto a minuto, pelos esforços daqueles que ainda acerditam, aqui e agora, que o mundo ainda é aperfeiçoável. Talvez o ponto omega de Teillhard de Cardin seja o encontro não metafísico que a humanidade tem marcado com o futuro. Este futuro, vejam bem, desgraçadamente, não sabemos se se afasta, por muito que os mecanicistas da história tenitem convencer-nos que o progresso é uma fruta que irremediàvelmente haverá de amadurecer com a passagem do tempo. Futuro que também não sabemos se ele se aproxima como é nosso desejo. Em qualquer caso, aqui está o nosso presente, a nossa realidade de homens vivos que pensam, que investigam, que actuam, que sofrem essa realidade objecto e objectividade operativa com uma decidida, ordenada e científica vontade de transformação social. Sociologia e opções ideológicas.. finalmente para mim, significam isto: o mundo de hoje pode, e deve ser, descrito aos homens de hoje (vocação da sociologia) mas apresentemo-lo com uma condição (opção ideológica) que lhes descreva o mundo que pode e deve ser transformado.

LUÍS SOCZKA — Quando combinámos este colóquio, não deixou de haver gente que se interrogou quanto à oportunidade de nos reunirmos aqui para tratarmos este tema. Se algumas dúvidas ainda restassem, o interesse que as pessoas demonstraram pelo sentido daquilo que será a nossa intervenção prática como factores de humanização do espaço humano à nossa volta seria tranquilizante. Hoje, teremos oportunidade de debater a coisa mais em profundidade e peço desculpa por começar por ler um texto de um cientista que toma uma atitude que pretende ser, teòricamente, de neutralidade ideológica. É de Claude Faucheux que, num colóquio em 1962, em Roiamon, disse o seguinte: «No tocante ao problema político, não ignoro que alguns quereriam fazer de um psicólogo um agitador e um revolucionário. Sòmente não concebo que a minha missão



Luís Sockza

seja fazer revoluções ou transformar a sociedade. Transformar a sociedade é a missão dos homens nela implicados na medida em que é uma tarefa que lhes compete. As nossas sociedades modernas estão em evolução, em perpétua mudança. O psicossociólogo não tem que proceder a opções para a sua sociedade. Pelo contrário, poderá, da mesma forma, contribuir para que as transformações se operem de uma forma tanto mais desejável quanto maior for a sua intencional mentalidade. Claro, cada qual tem os seus valores e preferências, aspirações e desejos, que não domina por completo, mas penso que é nesta direcção que se deve esforçar por agir: pôr entre parênteses os seus próprios valores, estar o mais possível disponível para facilitar as transformações, as evoluções e as própria compreensão do real, a fim de fornecer àqueles que procuram ajudar uma maior lucidez face ao que pretendam empreender, e perante as próprias consequências da sua acção. A psicossociologia é essencialmente política, o que não quer dizer que o psicossociólogo tenha que fazer qualquer revolução. A revolução é um dos aspectos da realidade social. O psicossociólogo é certamente um agente de mudança, mas não tem que optar contra o sentido dessa mudança.» Farei agora uma breve exposição muito sumária daquilo que penso que tem sido o sentido de actuação dos cientistas sociais nesta fase de reorganização do capitalismo no Ocidente, e portanto o programa de sociologia burguesa dita de acção social. Ela pretende, entre outras coisas, a reconciliação das classes trabalhadoras com as formas de relações sociais na sociedade capitalista; portanto, uma integração do mundo trabalhador que, na fase oitocentista do capitalismo, constituía um universo económica e culturalmente alheado do mundo burguês; p r o g r a m a que pretende essa integração do mundo trabalhador nas escalas de valor, nos padrões de cultura do mundo burguês e nos padrões de comportamento. Temos como exemplo típico desta sociologia ocidental o caso de Talcoh Parsons, cujo processo foi já feito por Write Mills e que um sociólogo polaco (Bauman) definiu como **conservadorismo codificado.** Pois a esta sociologia burguesa, sobretudo a sociologia americana, não se pode negar que desempenhe um papel importante no esforço de organização do sistema. Está intimamente ligada à planificação de trabalho dos órgãos administrativos, quer dos órgãos administrativos de empresa, quer estaduais, a tal ponto que um sociólogo soviético apelidou esta sociologia de **sociologia instrumental.** E vou ler um quadro que demonstra realmente até que ponto há um compromisso das ciências sociais nos Estados Unidos com a ideologia dominante. São as fontes de investimento (em milhões de dólares) na investigação e na aplicação em ciências sociais: o Governo americano despende anualmente 55 milhões de dólares para as ciências sociais.

A compra de técnicos e cientistas sociais é fundamental para a organização e manutenção do sistema (como disse agora o prof. Magalhães Godinho) e os sociólogos e psicossociólogos vão-se transformando, cada vez mais, em burocráticos funcionários ao serviço do Estado e da indústria capitalista. Foi neste sentido que Maurice Duverger pôde escrever que a maioria dos novos métodos nas ciências sociais foram elaborados nos Estados Unidos «onde, em certa escala, são utilizados não apenas como um processo de investigação, mas como meio de melhoramento das relações sociais, o que implica o pressuposto que estas relações são boas dentro de uma estrutura geral e que bastam alguns retoques aqui e ali...» Cita, por exemplo, o caso de nos Estados Unidos haver empresas que contratam psiquiatras para as relações humanas nas empresas. E não podemos admirar-nos portanto quando aparece um senhor König, um dos principais nomes de uma certa sociologia alemã, que define a sociologia como **«um processo de autodomesticação social da Humanidade»** (sic), ou então o senhor Mitze, que nos aparece a explicar que a situação proletária não resulta duma situação económica mas de um desequilíbrio psíquico doentio, e que «a consciência proletária é estranha às raparigas sãs e bonitas das camadas inferiores pois cada jovem espera ascender socialmente graças às suas vantagens físicas» (sic). Parece-me portanto mais que fundamentada a crítica a que um Barin procede quando escreve que «ao insistir no facto de que os vícios do capitalismo são curáveis através de qualquer tipo de modificações e de adaptações, o social-psicologismo está absolutamente integrado no espírito de acção, tão do gosto de acção dos representantes de «big business».

Acabo aqui esta intervenção e ponho as seguintes questões: podem ou não as ciências humanas ultrapassar os seus vícios de origem e as suas corrupções

Álvaro Mello e Sousa

funcionais para se tornarem caminho de promoção dos homens e libertação do mundo trabalhador?

MIRANDA SANTOS — Talvez tenham sobressaído três problemas fundamentais. Em primeiro lugar o problema da ciência pròpriamente dita. O segundo seria até que medida uma problemática questiológica é consentânea com uma problemática axiológica? Em síntese, talvez pudessemos perguntar se as opções ideológicas existem, se serão indispensáveis ou inevitáveis. Numa outra hipótese poderíamos ainda perguntar: as opções ideológicas serão inevitáveis ou indispensáveis enquanto normas ou simplesmente enquanto indicativos? Serão indispensáveis ou inevitáveis no caminhar em busca da verdade ou serão indispensáveis e inevitáveis na conclusão sobre a verdade? Parece-me que estas interrogações sintetizam a problemática aqui referida

CARLOS MACEDO — Vou ser muito breve, aproveitando apenas do que disse o dr. Magalhães Godinho algo que me parece ter bastante valor: o aspecto da oposição juventude — «determinadas idades»; ou a juventude ter determinadas características mais próprias de um estilo que pensa excessivamente na idade e menos na totalidade, o que não parece muito certo.

Um outro aspecto que nos mostra que a realidade segue caminhos muito mais complexos dos que nos podemos esquematizar superficialmente e que talvez contribuíssem para esclarecer ou para ajudar um esclarecimento dos colegas de Psicologia aqui presentes foi à bocado realçado por aqueles dados que o Luís Soczka deu e que demonstram quanto uma classe trabalha, com intencionalidade para pôr o acento tónico em determinadas opções científicas e caminhos da investigação.

MAGALHÃES GODINHO — De uma maneira geral os cientistas estão à esquerda. Morreu ainda há pouco um homem a quem devemos prestar homenagem: Bertrand Russel. Foi uma vida de combate integral do princípio ao fim. Tinha começado por ser um dos grandes criadores da lógica matemática moderna, essa lógica tão denegrida como exercício formal de uma burguesia decadente e que veio a estar na origem dos ordenadores tão eficazes. Isto mostra que a realidade segue caminhos muito complexos e que nós não podemos esquematizar a sociedade em divisões extremamente simples.

Organização dos inquilinos na periferia de Lisboa

A abertura, em Almada, da sede (provisória) da secção local da Associação de Inquilinos Lisbonenses é um facto novo na história da Associação. Um ano depois das alterações estatutárias que previram a organização de comissões de inquilinos (em bairros e outros concelhos), Almada tem a sua sede.

Podemos prever, sem o perigo de nos enganar, que noutras zonas se criarão em breve comissões ou se instituirão secções locais. Na Amadora, Benfica, Algés, Barreiro ou Vila Franca de Xira.

Porquê?

Como se explica uma tal confiança na prospecção? Porque a luta contra as «rendas de casa» por parte dos trabalhadores mal remunerados, sente-se prioritàriamente nos arredores de Lisboa. É ali (Benfica, Amadora, Algés, Almada, Moscavide, Paço de Arcos, Vila Franca de Xira) que as rendas sobem constantemente, criando dificuldades crescentes aos casais de trabalhadores jovens, obrigados a viver, a maioria das vezes, a algumas horas dos locais de trabalho ou em bairros de lata.

A via legal da luta (Criação de Secções da Associação ou Comissão Promotora de Assaciação Concelhia de Inquilinos) virá necessàriamente a ser utilizada. Já foi preconizada, de resto, em 1968, pelo dr. Rogério Martins (Criação das Associações de Consumidores).

Núcleos

Ao passar, por aqui e por ali, ao falar com amigos em Vila Franca, Amadora ou Barreiro, ao «prospeccionar» o nosso bairro ou em conversa com operários que vivem no bairro de lata no Lumiar, encontrámos nucleos interessados numa acção legal. Fala-se em destruir o carácter burocrático e centralista das associações actualmente existentes, saindo do campo meramente jurídico, para a conquista de novos meios de luta: organização de delegações (100 munícipes do bairro de lata do Lumiar vão apresentar um abaixo-assinado ao presidente da Camara) para exposição dos problemas aos Municípios, no pedido de medidas económicas e políticas objectivas, para pressionar os órgãos de protecção aos proprietários.

As comissões de inquilinos (organizadas ou a organizar) em cada bairro surgem como um elemento novo, a dinamizar as secções locais da Associação de Inquilinos e a exigirem, em cada caso concreto, que se atendam os seus problemas.

J. J. L.

«CINEVOZ — PUBLICIDADE E ESTUDOS DE MERCADOS, S. A. R. L.»

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 30 de Março findo, lavrada de fls. 60 v.° a 77 do livro de notas para escrituras diversas n.° E-66, do 12.° Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do Notário Lic. Manuel da Silva Jordão Curado, todos os sócios entre quem ficou a existir a sociedade comercial por quotas «CINEVOZ — SOCIEDADE PORTUGUESA DE FONOVISÃO, LIMITADA», com sede em Lisboa, deliberaram transformá-la em sociedade anónima de responsabilidade limitada, passando a regular-se pelos seguintes Estatutos:

CAPÍTULO PRIMEIRO

DENOMINAÇÃO, SEDE, OBJECTO E DURAÇÃO

ARTIGO PRIMEIRO — A Cinevoz — Sociedade Portuguesa de Fonovisão, Limitada, constituída por escritura de cinco de Julho de mil novecentos e sessenta e sete, é pela presente escritura transformada em sociedade anónima de responsabilidade limitada com duração por tempo indeterminado, e adopta a denominação de «CINEVOZ — PUBLICIDADE E ESTUDOS DE MERCADOS, S. A. R. L.», passando a reger-se pelos presentes estatutos.

ARTIGO SEGUNDO — A sede da sociedade continua a ser em Lisboa e os seus escritórios na Rua Rosa Araújo, número trinta e quatro, primeiro, quinto e sexto andares, freguesia de São Mamede, da mesma cidade, podendo o Conselho de Administração mudar a sede social e instalar delegações e outras formas de representação onde e quando achar conveniente.

ARTIGO TERCEIRO — A sociedade tem por objecto a exploração de todas as actividades relativas a publicidade, propaganda, promoção de vendas e estudos de mercado, bem como as referentes a máquinas automáticas de projecção de filmes de diversão e publicitários, ou ainda quaisquer outras actividades não proibidas por lei.

CAPÍTULO SEGUNDO

DO CAPITAL SOCIAL

ARTIGO QUARTO — O capital social é de três milhões de escudos, integralmente realizado nos diversos valores do activo da sociedade transformada, dividido em acções de mil escudos cada uma, podendo haver títulos de uma, cinco, dez ou mais acções cada.

PARÁGRAFO ÚNICO — Qualquer aumento de capital depende de deliberação da Assembleia Geral, nos termos da lei e dos presentes estatutos.

ARTIGO QUINTO — Todas as acções serão nominativas.

PARÁGRAFO PRIMEIRO — Os títulos representativos das acções, todos devidamente numerados, serão assinados por dois Administradores, um dos quais poderá assinar de chancela.

PARÁGRAFO SEGUNDO — Em cada título de acções deverá ter impresso o texto dos artigos sétimo, oitavo, nono, décimo e décimo primeiro.

ARTIGO SEXTO — Se o capital vier a ser aumentado, na subscrição das novas acções representativas de capital, em dinheiro, terão preferência os accionistas, devendo a Assembleiaa Geral que deliberar o aumento, determinar as condições, restrições e prazos a que ficará sujeito o exercício do direito de preferência, do que se fará prévia publicação e comunicação por carta registada aos accionistas.

ARTIGO SÉTIMO — Na venda, cedência ou transmissão de acções, exceptuada a que tenha lugar a favor dos herdeiros legitimos, a Sociedade terá sempre o direito de preferência.

PARÁGRAFO PRIMEIRO — As acções próprias, enquanto na posse da Sociedade, não dão direito a voto, e não contarão para a determinação do «quorum».

PARÁGRAFO SEGUNDO — A colocação, venda ou transmissão das acções adquiridas por exercício do direito referido no corpo do artigo, será feita nos termos que forem deliberados em Assembleia Geral.

ARTIGO OITAVO — O accionista que pretenda alienar as acções terá de facultar á Sociedade o exercício do citado direito de preferência, avisando-a, por carta registada, com aviso de recepção, das condições oferecidas.

PARÁGRAFO ÚNICO — A falta de deliberação do Conselho de Administração no prazo de dez dias, a contar da recepção do aviso, será entendida como renúncia da Sociedade ao seu direito de preferência.

ARTIGO NONO — Nos casos de transmissão de acções não resultante de venda ou quando o accionista não tiver facultado á Sociedade o exercício do citado direito de preferência, poderá esta exercê-lo no prazo de dez dias, a partir da data em que lhe seja solicitado o averbamento da transmissão.

PARÁGRAFO ÚNICO — A falta de deliberação do Conselho de Administração dentro do prazo que ficou referido no corpo do artigo será entendida como renúncia da Sociedade ao seu direito de preferência.

ARTIGO DÉCIMO — Quando a Sociedade não pretenda exercer o direito que lhe é reconhecido no artigo sétimo, passa esse direito para os accionistas e deverá ser exercido pela forma seguinte:

Um — No prazo de dez dias a contar da renúncia da Sociedade ao seu direito, deverá esta avisar os accionistas, em carta registada e com aviso de recepção, das condições oferecidas para a transmissão das acções;

Dois — Os accionistas que pretendam exercer o seu direito de preferência deverão comunicá-lo á Sociedade no prazo de dez dias a contar da data do aviso de recepção;

Três — Se mais de um accionista desejar exercer o direito de preferência, as acções alienadas serão rateadas na proporção do número de acções pertencentes a cada preferente;

Quatro — Nos cinco dias seguintes ao termo do prazo referido no número dois, a Sociedade avisará o accionista que pretende alienar as acções, dos nomes e moradas daqueles que hajam comunicado querer exercer o seu direito de preferência;

Cinco — O averbamento a favor dos adquirentes será feito á face de documento que o autorize, emitido pelo Conselho de Administração:

ARTIGO DÉCIMO PRIMEIRO — A falta de cumprimento no prescrito nos artigos sétimo a décimo e respectivos parágrafos provoca a nulidade da transmissão ou venda das acções não oferecidas á Sociedade e, depois, aos accionistas.

CAPÍTULO TERCEIRO

DOS CONSELHOS DE ADMINISTRAÇÃO E FISCAL

ARTIGO DÉCIMO SEGUNDO — A «Cinevoz» é administrada e representada por um Conselho de Administração composto de cinco accionistas, eleitos pela Assembleia Geral de três em três ano e que poderão ser sempre reeleitos.

PARÁGRAFO ÚNICO — O Conselho de Administração escolherá um presidente, designado pelo próprio Conselho, com voto de qualidade.

ARTIGO DÉCIMO TERCEIRO — A Assembleia Geral elegerá, juntamente com os Administradores efectivos, três Administradores substitutos, igualmente reelegíveis, os quais poderão ser chamados pelo Conselho de Administração a suprir as faltas dos efectivos nas suas ausências ou impedimentos.

PARÁGRAFO ÚNICO — Na falta de administrador substituto o Conselho de Administração terá poderes para, se o entender necessário, preencher até á reunião da primeira assembleia geral ordinária, a vaga existente.

ARTIGO DÉCIMO QUARTO —Nenhum administrador poderá tomar posse sem depositar no cofre da sociedade vinte acções liberadas, averbadas á sociedade em garantia do mandato e livres de quaisquer ónus ou encargos. — Este depósito só poderá ser levantado seis meses depois de aprovadas as contas da gerência a que serviu de garantia.

ARTIGO DÉCIMO QUINTO — O Conselho de Administração reunirá pelo menos uma vez por mês, e, além, disso, todas as vezes que for convocado pelo seu presidente ou o Conselho Fiscal solicite a sua aconvocação. — Para poder válidamente deliberar é indispensável a presença pessoal e efectiva da maioria dos administradores existentes.

PARÁFRAFO PRIMEIRO — Consideram-se regularmente convocados os administradores: quando compareçam á reunião; quando tenham delegado noutro administrador a sua representação: quando tenham assistido á reunião anterior, se nela tiver sido fixado o dia da nova reunião: quando se tenha dado aviso por forma préviamente acordada: quando a reunião se realize no dia normalmente estabelecido.

PARÁGRAFO SEGUNDO — Sem prejuízo da obrigatória presença pessoal e efectiva da maioria dos administradores existentes, determinada no corpo deste artigo, podem os administradores ausentes fazer-se representar nas reuniões de conselho por outro colega, mediante procuração, por carta ou telegrama, ou enviar o seu voto por escrito.

ARTIGO DÉCIMO SEXTO — O Conselho de Administração terá, para gerir a Sociedade, os mais amplos poderes, limitados sómente pelas leis em vigor e pelos presentes Estatutos.

PARÁGRAFO PRIMEIRO — É vedado ao Conselho de Administração obrigar a sociedade em abonações, fianças e actos semelhantes.

PARÁGRAFO SEGUNDO — A representação da Sociedade em juízo e fora dele, a gerência dos negócios correntes, a admissão e exoneração de empregados e outorga em contratos de trabalho, a constituição e revogação de mandatos gerais ou especiais, a assinatura de transacções judiciais e extra-judiciais, de desistências e confissões de acções, a celebração de compromissos, aceitação de concordatas ou acordos com devedores da Sociedade e a concessão de moratórias são mais especificamente confiadas a uma comissão executiva á qual o Conselho de Administração pode dar delegações de poderes e será composta de três membros do Conselho de Administração escolhidos por este, um dos quais, se de outro modo não for deliberado, será o Presidente do Conselho de Administração que, nesse caso, presidirá também a essa Comissão.

PARÁGRAFO TERCEIRO — A Comissão Executiva reunir-se-á pelo menos uma vez por semana, e além disso sempre que o seu Presidente o julgue necessário.

PARÁGRAFO QUARTO—Se o entender conveniente, poderá a Comissão Executiva constituir um ou mais mandatários com os poderes que lhes forem atribuídos.

ARTIGO DÉCIMO SÉTIMO —A sociedade fica obrigada pela assinatura de dois administradores, um dos quais terá de ser o Presidente do Conselho de Administração ou um dos Vogais da Comissão Executiva, ou só pela assinatura do ou dos mandatários, no âmbito dos poderes que lhes tenham sido conferidos por procuração.

ARTIGO DÉCIMO OITAVO — O Conselho Fiscal, cujas atribuições são as legais, é composto de três membros efectivos e um suplente eleitos de três em três anos, e que poderão ser sempre reeleitos.

PARÁGRAFO PRIMEIRO — Verificada qualquer vaga no Conselho Fiscal, esta será preenchida nos termos da Lei.

PARÁGRAFO SEGUNDO — Antes de tomar posse, cada membro do Conselho Fiscal depositará no cofre da sociedade cinco acções liberadas, averbadas á sociedade em garantia do mandato, e livres de quaisquer ónus ou encargos. — Este depósito só poderá ser levantado seis meses depois de aprovadas as contas da gerência a que serviu de garantia.

ARTIGO DÉCIMO NONO — O Conselho Fiscal reunirá pelo menos uma vez por mês e sempre que o seu Presidente o convocar, quer por iniciativa própria quer a pedido de qualquer dos restantes membros do Conselho de Administração.

ARTIGO VIGÉSIMO — Os Conselhos de Administração e Fiscal poderão reunir conjuntamente sempre que qualquer deles o solicite.

PARÁGRAFO ÚNICO — Das reuniões dos Conselhos e das reuniões conjuntas serão sempre lavradas actas que se consideram válidas desde que assinadas pela maioria dos presentes.

ARTIGO VIGÉSIMO PRIMEIRO — As retribuições dos Administradores e dos membros do Conselho Fiscal, livres para eles de todos os impostos e encargos, salvo disposição legal em contrário, serão fixadas ou alteradas por uma comissão especial de três accionistas, eleitos, para tanto, em qualquer Assembleia Geral, e manter-se-ão enquanto não forem modificadas por nova comissão composta e eleita pela mesma forma.

CAPÍTULO QUARTO

DA ASSEMBLEIA GERAL

ARTIGO VIGÉSIMO SEGUNDO — O exercício do direito de voto depende do averbamento de cinquenta ou mais acções, devendo os averbamentos estar feitos de modo que entre eles e o dia designado para a primeira reunião da assembleia medeie intervalo não inferior a dez dias.

PARÁGRAFO PRIMEIRO — A Mesa da Assembleia será constituída por um presidente e dois secretários, eleitos de três em três anos.

PARÁGRAFO SEGUNDO — Qualquer accionista com voto pode fazer-se representar na Assembleia Geral por outro accionista com voto, mediante procuração escrita de qualquer dos modos estabelecidos na lei ou simples carta endereçada ao Presidente da Mesa que poderá exigir o reconhecimento da assinatura e contendo poderes sem restrições para discutir e votar como entender. As procurações e cartas deverão ser enviadas sob registo postal ao presidente da Assembleia Geral até ao ultimo dia util anterior ao dia designado para a reunião.

ARTIGO VIGÉSIMO TERCEIRO — A Assembleia Geral terá uma reunião ordinária em cada ano, que deverá realizar-se dentro dos primeiros três meses.

ARTIGO VIGÉSIMO QUARTO — A assembleia pode constituir-se e funcionar em primeira convocação logo que se acharem presentes ou representados, possuidores de, pelo menos, metade do capital social.

PARÁGRAFO ÚNICO — Quando a Assembleia não puder concluir os seus trabalhos numa sessão, o dia, hora e local para a nova sessão serão designados pelo presidente ou por ocasião de se interromper a Assembleia ou por anuncio publicado num jornal de Lisboa, pelo menos cinco dias antes da sessão anunciada.

ARTIGO VIGÉSIMO QUINTO — Cada cinco acções dão direito a um voto, salvas as restrições legais.

ARTIGO VIGÉSIMO SEXTO — Devem ser tomadas por três quartos, pelo menos, dos votos dos accionistas presentes ou representados:

UM — As deliberações sobre dissolução da Sociedade e sobre toda e qualquer alteração ou modificação dos Estatutos.

DOIS—As deliberações acerca da distribuição ou aplicação de lucros anuais por forma diferente da prevista no artigo vigésimo oitavo.

ARTIGO VIGÉSIMO SÉTIMO — De todas as reuniões se lavrará acta, que será discutida e votada, sempre que possível, na própria sessão, e devidamente assinada pela Mesa.

CAPÍTULO QUINTO

INVENTÁRIO, BALANÇO E CONTAS

ARTIGO VIGÉSIMO OITAVO — Os lucros anuais, depois de deduzidas todas as despesas gerais, encargos sociais e amortizações, determinadas pelo Conselho de Administração, terão a aplicação seguinte:

UM — Cinco por cento, pelo menos, para reserva legal, até que esta atinja e conserve, pelo menos a quinta parte do capital.

DOIS — Do excedente, serão aplicados, para primeiro dividendo aos accionistas, seis por cento do valor nominal das acções, ou se aquele excedente o não permitir, uma percentagem que lhe seja proporcionalmente inferior.

TRÊS—Dez por cento do saldo restante se, cumprido o disposto no numero anterior, algum existir, para os Conselhos de Administração e Fiscal.

QUATRO — O remanescente para reforço de dividendo aos accionistas, ou para outra aplicação que a Assembleia Geral resolver.

ARTIGO VIGÉSIMO NONO — Em cada ano, o Conselho de Administração atribuirá ao pessoal em condições a definir pelo mesmo Conselho e além de outras que resolva atribuir, uma gratificação de exercício pelo menos igual á verba referida no numero três do artigo anterior.

CAPÍTULO SEXTO

DA DISSOLUÇÃO E LIQUIDAÇÃO DA SOCIEDADE

ARTIGO TRIGÉSIMO — A presente sociedade dissolve-se nos casos e termos legais, competindo ao Conselho de Administração proceder á liquidação social com os poderes e autorizações referidos no artigo cento e trinta e quatro do Código Comercial, seu parágrafo primeiro e parte final do parágrafo segundo, se o contrário não tiver sido determinado pela Assembleia Geral.

CAPÍTULO SÉTIMO

DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS

ARTIGO TRIGÉSIMO PRIMEIRO — Podem os cargos de administradores, membros do Conselho Fiscal e presidente da Assembleia Geral ser desempenhados por sociedades ou outras pessoas colectivas que sejam accionistas, as quais serão representadas, quanto ao exercício das referidas funções, por quem as represente de direito ou seja expressamente designado para esse efeito.

Está conforme. Lisboa, três de Abril de mil novecentos e setenta.

O Ajudante,

Teodora de Jesus da Costa Rodrigues Gomes Segurado

Porquê um colóquio sobre «Epistemologia das Ciências do Homem»?

De 20 a 28 do corrente, vai realizar-se, no Instituto Superior Técnico, um Colóquio sobre «Epistemologia das Ciências do Homem», organizado pelo Centro de Estudos de Cibernética, daquele Instituto, pelo Grupo de Estudos de Linguística Teórica e pelo Gabinete de Estudos Arqueológicos.

Convencidos da importância desta realização de jovens, perguntámos a um dos seus promotores, José António Meireles, do Grupo de Estudos de Linguística Teórica:

— Porquê a realização deste Colóquio?

— *A resposta poderá ser antes de mais a seguinte: cada uma das equipas de investigação que o promovem estabeleceu, em relação às outras, um tipo de comunicação que assenta numa reflexão epistemológica interna, única capaz de assegurar uma interdisciplinaridade. Esse trabalho interdisciplinar, ligado, como dissemos, a um estudo dos fundamentos de cada ciência, levou-as a definir um conjunto de áreas problemáticas comuns, como sejam, por exemplo, problemas de simulação e construção de modelos e, em particular, linguagens formais e inteligência artificial (teoria da aprendizagem, modelos de processos cognitivos). Embora essas áreas se circunscrevam mais directamente a um âmbito cibernético, a sua adequação aos problemas específicos da pesquisa linguística e paleoantropológica tem sido objecto de um trabalho de elaboração teórica do G. E. A. e G. E. L. T.*

Tendo em conta os vontos de vista referidos, impôs-se aos membros de tais equipas a necessidade de um debate amplo que tornasse possivel situar a sua pesquisa epistemológica no seio de outras epistemologias, parecendo ser essa a via mais efectiva, repetimos, da comunicação interdisciplinar.

Através da dinâmica suscitada nessa comunicação, pareceu, ainda que seria possivel a realização de uma reflexão teórica postulando a criação das instituições de ensino, pesquisa e divulgação adequadas ao modo como se concebe a produção do saber científico e epistemológico.

— Quem são os Centros promotores?

— *O Grupo de Estudos de Linguística Teórica foi criado, em Fevereiro de 1970, pelas professoras assistentes da Faculdade de Letras de Lisboa, dr.as Maria Helena Mira Mateus, Maria Emília Ricardo Marques e pelos estudantes dessa Faculdade, Maria Isabel Faria, Eduardo Paiva Raposo e eu próprio.*

Trabalhando, actualmente, numa das salas do Centro de Estudos Filológicos, propõe-se o G. E. L. T., entre os seus objectivos principais, levar a cabo uma reflexão sobre o estatuto científico e epistemológico da linguística, produzir investigação em teoria das gramáticas generativas transformacionais e, a médio prazo, estudar a utilização dos modelos de simulação para a teoria psicolinguística.

Do primeiro dos objectivos enunciados resulta a comunicação colectiva a ser apresentada ao Colóquio.

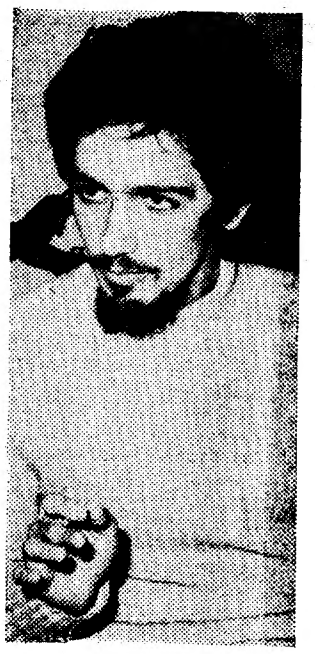
O Centro de Estudos de Cibernética foi criado em 1968, por um grupo de alunos do Instituto Superior Técnico, e funciona numa sala-laboratório do pavilhão de máquinas daquele Instituto. Os seus pontos de interesse orientam-se, sobretudo, para o estudo da «Inteligência Artificial», do qual decorre a comunicação que dois dos seus membros apresentarão no Colóquio.

Das suas realizações constam a promoção de um Colóquio anterior com carácter interdisciplinar (Introdução aos Autómatos Finitos e Infinitos: Aplicações), a publicação de artigos na revista «Técnica», e a recente apresentação de dois trabalhos numa Exposição Científica para a Juventude, na Alemanha.

De entre os seus contactos com outras instituições científicas há que salientar as ligações que tem mantido com o Laboratório de Neurofisiologia do Centro de Estudos Egas Moniz.

O Gabinete de Estudos Arqueológicos foi fundado em Maio de 1968, por Luís Vasco S. de Oliveira, Vítor Oliveira Jorge e Luís Simões Gomes, estudantes da Secção de História da Faculdade de Letras de Lisboa, e possui, presentemente, uma equipa composta por onze elementos, entre eles o dr. Eduardo da Cunha Serrão, presidente da Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa. Esta equipa elaborou um programa de pesquisa que, num primeiro momento, tem um âmbito arqueológico (recolha, descrição e classificação de artefactos) e, num segundo momento, se integra, em particular, no estudo da paleoantropologia cultural mas, também, no da tecnologia, por um lado, e, por outro, no da história das técnicas e pré-história. A um terceiro nível, a sua actividade de pesquisa procurará articular metodológica e epistemològicamente os domínios referidos no contexto das ciências psicossociológicas.

Em particular, e ao primeiro nível referido, visa-se a construção de tipologias de instrumentos líticos recorrendo a modelos linguísticos e aos métodos da classificação automática. Neste sentido, um dos seus membros (V. O. J.) deslocou-se, em Abril de 1969, a Marselha, para estar presente no Colóquio sobre «Aplicação de



José António Meireles

Calculadores em Arqueologia, problemas semiológicos e matemáticos». Esta actividade especifica irá permitindo um apuramento de modelos cibernéticos utilizáveis em pesquisa paleoantropológica e uma melhor explicitação do seu papel adentro de uma semiologia geral, temas que serão abordados numa comunicação a apresentar ao Colóquio.

Um «Estatuto da Informação»

Cont. da pág. 1

tempos claramente demonstrou ter atingido, não poderá haver ilusões sobre as possibilidades de efectivação desse diálogo a nível nacional.

E sem diálogo não haverá participação, e sem participação não poderão ser devidamente aproveitados todos os valores indispensáveis ao progresso do País.

Portanto, em vez duma «Lei de Imprensa» deseja-se um verdadeiro «Estatuto da Informação» no qual será indispensável incluir uma série de disposições bem estruturadas que impeçam a monopolização da Imprensa, da Rádio e da Televisão por «grupos de pressão» de carácter político e económico. Devo confessar que, neste momento, me preocupa vivamente o interesse que grande número dos jornais metropolitanos e ultramarinos estão a merecer por parte de certas entidades. Se é certo que tal facto representa a constatação de que a opinião pública já começa a desempenhar um papel em Portugal, e a convicção de que este será alargado num próximo futuro, poderá, contudo, ser também indicativo, duma tentativa para um perigoso manuseamento da sua formação.

Tal como a liberalização do condicionamento industrial deve vir acompanhada de leis conducentes a garantir a liberdade de concorrência, também a liberalização do condicionamento dos meios de informação se deveria precaver contra os perigos da sua monopolização.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS TÉCNICO-ESPECIAIS

BATALHÃO DE SAPADORES BOMBEIROS

CONCURSO DE ADMISSÃO PARA SAPADOR BOMBEIRO RECRUTA

Para conhecimento se anuncia que está aberto concurso de admissão para sapador bombeiro recruta do Batalhão de Sapadores Bombeiros da Câmara Municipal de Lisboa, até ao dia 3 de Maio de 1970, inclusive.

Os sapadores bombeiros recrutas terão o vencimento mensal ilíquido de 2 000$00 durante o período de oito meses (instrução de recrutas) e de 2 400$00 após esse período, tendo ainda direito a fardamento e alojamento.

Os interessados devem dirigir-se à Secretaria do Batalhão de Sapadores Bombeiros, Avenida de Dom Carlos I, em Lisboa, onde se prestam todos os esclarecimentos, respeitantes ao presente concurso.

Paços do Concelho de Lisboa, 6 de Abril de 1970.

O PRESIDENTE

Mais nacionalizações

O Governo peruano decidiu nacionalizar o comércio dos minerais e reservar para o Estado a refinação do cobre. O tratamento de outros minerais poderá ser autorizado a empresas particulares desde que o Governo não decida instalar novas refinarias. A produção anual da refinaria de cobre prevista atingirá 100 000 toneladas.

EM VISEU

1ª Campanha de Assistência Eléctrica Total !

GRÁTIS

DE 13 a 25 DE ABRIL - DAS 9 às 24 HORAS

AUTOSIL

FILIAL de VISEU

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 204

A definição de uma política industrial

Cont. da pág. 1

Europa ou não, pois, como as coisas estão, os Portugueses vão á procura da Europa onde ela estiver Evidentemente que se a encontrarem aqui, em Portugal, não irão para a Espanha, França, etc.

Julgamos que a política industrial definida e conducente á fuga ao subdesenvolvimento comporta claramente as observações e comentários feitos. Se na verdade a política definida pelos responsáveis das Secretarias de Estado da Industria e do Comércio com o beneplácito do Governo corresponde a uma intenção real, é lícito esperar que as actuações correntes da Administração se integrem nesta linha.

Não acreditamos que se trate de mero jogo de palavras, em virtude do nosso destino estar mesmo numa encruzilhada, de que não haverá regresso possível se houver erro de direcção. O pensamento expresso nos discursos dos secretários de Estado da Indutria e do Comércio é de molde a criar optimismo nos empresários que encaram a sua actividade como uma profissão honesta e de decisiva importancia social e não como habilidoso manejar de favores e compromissos

A indústria têxtil à luz das directrizes definidas

Afirmou o sr. secretário de Estado da Industria que, entre as industrias convenientes para Portugal, estariam indicadas as industrias de alta tecnologia e muita mão-de-obra, além de outras. Não foi dito pelo secretário de Estado que no critério de escolha se deveria também introduzir a maior ou menor dependência em relação ao exterior, ou seja, o critério de maior independência. Ninguém negará o acerto deste critério eminentemente defensivo da independência nacional. Convém que os sectores industriais conservem a maior independência em relação aos grupos estrangeiros, ou, por outras palavras, a política industrial deve ter em particular atenção que os centros de decisão não se desloquem pouco a pouco para o estrangeiro. O grau de independência de um país é concretamente afectado de cada vez que um centro de decisão económico deixa de estar em território nacional. E isto é extremamente fácil de suceder nos casos de dependência tecnológica de uma unica entidade: a concessão, por exemplo, de uma protecção pautal a uma empresa instalada em Portugal, mas dominada na tecnologia por um grupo estranho.

Pois uma vantagem da industria têxtil é que não é susceptivel de monopólio tecnológico.

Existem no Mundo vários construtores de maquinaria, nos quais estão localizados os principais centros de investigação tecnológica. Esta investigação está sempre disponível para o industrial têxtil, que não é concorrente dos construtores de máquinas Existe um «naipe» de possibilidades de escolha em preços e soluções tecnológicas. Não existe uma dependência em relação a um unico fornecedor, existindo, pelo contrário, uma grande liberdade, tornando o sector responsável por ele próprio.

O sector será o que forem os seus empresários, nas suas capacidades de gestão e detecção de oportunidades, e a organização dos meios convenientes de exploração.

A par da aquisição de maquinaria, existe ainda á disposição do empresário todo o «know-how» do construtor, sendo frequente o estágio de operários, técnicos e engenheiros nos centros de instrução do fornecedor. Assim, compra-se a máquina juntamente com o treino do pessoal, existindo na verdade, já hoje, um grande intercâmbio de experiências vividas por uns e outros interessados no progresso técnico — fornecedor e cliente.

A indústria têxtil evoluiu ràpidamente na última década, sendo hoje de tecnologia muito avançada, por força da automação sucessiva. Continuando com muita mão-de-obra necessária, ela requer hoje 25% da requerida há 12 anos. Podemos afirmar que o progresso foi geral em todos os grandes sectores têxteis, sabendo-se que há 12 anos um posto de trabalho custava 600 contos em média, que em 1963 custava 1800 contos, para se situar hoje em cerca de 2500 contos. É uma indústria de tecnologia avançada, a têxtil moderna, e que, apesar de tudo, requer muita mão-de-obra. Enquadra-se rigorosamente na definição do secretário de Estado da Indústria.

Verificamos pois que a menos que a façam depender de um único fornecedor de maquinaria, a indústria têxtil reúne características especialmente adequadas de forma a poder-se assentar nela um dos pilares do desenvolvimento industrial.

Vejamos agora o condicionalismo em que a têxtil vive ou a política que a serve, quanto a equipamento.

A maquinaria evoluída que dá acesso á tecnologia actualizada é sujeita a direitos de importação, sob o falacioso argumento de que a metalomecânica portuguesa também é capaz de construir. Não se duvide da capacidade de copiar, mas, aqui, o decisivo é estar na senda do progresso técnico que brota da investigação organizada. Onde está a investigação na metalomecânica portuguesa? Tanto quanto sabemos, até há bem pouco tempo não havia sequer técnicos têxteis trabalhando na metalomecânica.

É insensato opor direitos aduaneiros á entrada de maquinaria evoluída que arrasta consigo o progresso tecnológico, com a agravante neste caso da metalomecânica portuguesa não ter tradições no sector têxtil.

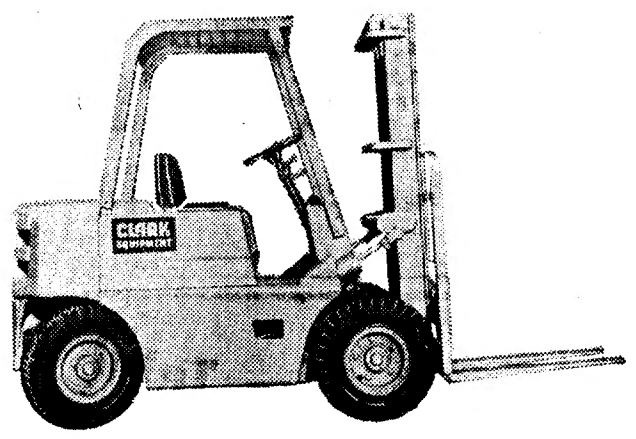
Há muitas formas de imprimir dinamismo a um sector, sendo evidente que o menos indicado é fazê-lo á custa de outro sector. No caso vertente, supor que se vai desenvolver a metalomecânica á custa da têxtil é pelo menos ignorar o que sejam as leis da expansão no mundo de hoje.

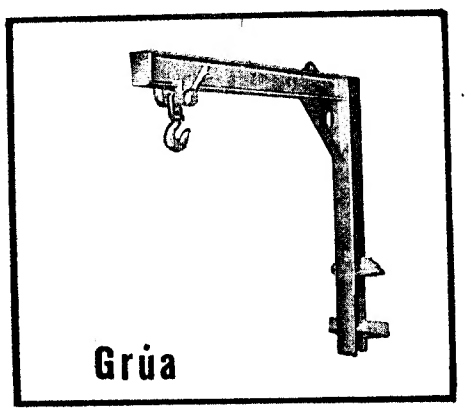
O mundo económico actual exige os grandes espaços que permitem as grandes empresas. É isto ou a vida de pastores. Alguém será sèriamente capaz de imaginar uma empresa metalomecânica portuguesa que se considere internacionalmente progressiva no ramo da tecnologia têxtil? Uma empresa capaz de operar na Europa? Aquilo que sucederá será o parasitismo junto da têxtil portuguesa, até que esta fique definitivamente na mediocridade, sugada e manietada á mediocridade do parceiro que lhe impuseram.

Dir-se-á, em contrapartida, que o panorama é idêntico na têxtil? Também só a ignorância dos factos poderá levar a uma afirmação destas. Existem actualmente empresas têxteis bem conhecidas internacionalmente, com mercado assegurado e sobretudo com tecnologia a par dos seus pares europeus. Tem-se julgado a têxtil portuguesa pelas empresas decadentes do sector e desconhece-se as que operam olhos com olhos no mercado internacional. Ignoram-se dramáticamente as poucas empresas que entre todos os sectores já firmados internacionalmente, representam muitas centenas de milhares de contos de exportação. Ignora-se a audácia, a gestão corajosa, as estruturas montadas para o futuro, os homens que infatigávelmente batem os quatro cantos da Europa. São conhecidos, têm créditos firmados, prestígio e seriedade reconhecidos.

Quer-se imprimir dinamismo á metalomecânica? Julga-se possível que ela promova uma quota-parte do desenvolvimento industrial? Porque não? Pois estude-se, mas estude-se e não se confabule, quais as produções susceptíveis de serem comercializadas num mercado pelo menos alargado á Europa, e que estejam dentro das possibilidades das empresas do sector. É evidente que são de rejeitar produções cuja tecnologia evolui rápidamente por força de investigação não ao seu alcance, pois o mercado está em constante fuga para a frente.

TEM PROBLEMAS
DE MOVIMENTAÇÃO
E ARMAZENAGEM?
utilize a
nossa experiência



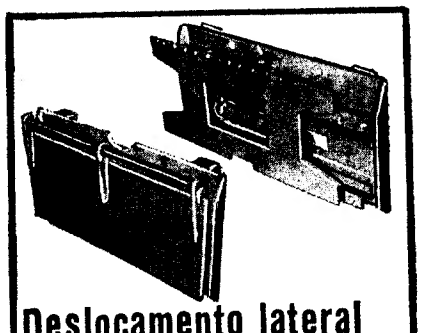

Grúa

Pinças para bidons

Pinças
para caixas de cartão

Pinças
para tijolos

Pinças
para rolos de papel


Deslocamento lateral

ROMAR
UMA ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO DA INDÚSTRIA
LISBOA
R. DA BOA VISTA, 83-1.º-D.
TELEFS. 672161/2/3/4/5
LUANDA
L. MARQUES
PORTO
R. DE SÁ DA BANDEIRA, 589
TELEFS. 25871-32205
EXPONHA-NOS O SEU PROBLEMA
O NOSSO GABINETE TÉCNICO ENCONTRARÁ A SOLUÇÃO ADEQUADA

Processos invulgares

Sindicalistas franceses estão a usar uma forma de protesto pouco vulgar como reivindicação profissional: a greve da fome.

Há dias, vinte agentes da autoridade levaram à força, para o hospital de Nantes-Bouguenais três membros da C. F. D. T. que já iam no seu 21.º dia de greve pela manutenção da pré-reforma aos 60 anos, na Sud-Aviation.

Um comunicado do Sindicato, publicado logo após, dizia: «O prefeito fez-se cúmplice do patronato, porque falar de socorros a alguém em perigo quando se deixa atirar à rua trabalhadores portugueses ou viver, em casas insalubres, operários norte-africanos, soa falso».

Caixeiros: equiparação do trabalho feminino

JOSÉ JOÃO LOURO — Para entrarmos na discussão do contrato colectivo de trabalho, convinha fazer a síntese dos pontos que os caixeiros consideram como reivindicação mínima. Os comerciantes, neste debate, poderiam debruçar-se sobre aquilo em que não estejam de acordo.

JOSÉ MALAQUIAS PINELA — Em relação ao Contrato Colectivo de Trabalho, a comissão a que eu pertenço, e que foi eleita por um numeroso grupo de caixeiros, pretende aquelas reivindicações já defendidas em entrevista dada ao «Diário de Lisboa», onde foi definido o seguintes programa:

1.º — Horário com semana de 44 horas, sem compensação; 2.º — Revisão dos vencimentos, com o trabalho das mulheres equiparado em categorias e ordenados; 3.º — Subsídios de férias; 4.º — Pagamento obrigatório do 13.º mês; 5.º — Manutenção das regalias quando haja mudança de entidade patronal; 6.º — Definição de categorias quanto a tempo de permanência na mesma casa e respectivas diuturnidades; 7.º, Reforma dos estatutos do Sindicato, com vista a uma maior e mais útil colaboração entre a direcção e as secções, que passarão a ser representadas, cada uma, por um vice-presidente, e passarão a ter autonomia.

J. J. L. — Já vimos a questão da «semana das quarenta e quatro horas». Podia agora abordar o problema dos salários femininos e das categorias...

JOSÉ MALAQUIAS PINELA — Uma vez que os Contratos Colectivos em vigor estão ultrapassados, e dado que existem milhares de mulheres na profissão exercendo o mesmo trabalho dos homens, entendemos que elas devem estar em condições idênticas. Naturalmente, se um patrão tiver empregados e empregadas da mesma categoria, ele pagará o mesmo ordenado. Mas o patrão, ao admitir uma empregada não lhe dá uma categoria idêntica. Raras são as empregadas com a categoria de 1.º caixeiro ou de 2.º, e, no entanto, não há dúvida nenhuma, elas desenvolvem uma actividade tão importante, ou superior, a alguns elementos que ganham mais. Levantamos, também, um problema que é importante. Entendemos que as férias, o tempo de férias, é insuficiente. Nós conhecemos por acaso, eu digo outra vez por acaso, porque a classe não tem conhecimento disso através do sindicato, que foram entregues a determinadas firmas projectos de contratações colectivas desconhecidas do pessoal dessas firmas, onde se prevêem 12 dias de férias até dois anos de trabalho, 18 dias de férias dos 2 aos 5 anos e 26 dias de férias daí para a frente. Ora nós estamos de acordo, e quando digo nós, falo em nome dos caixeiros ouvidos, estamos de acordo, neste aspecto, com o Sindicato. Aqui ele veio ao encontro de uma aspiração da classe. Portanto, o problema de férias é isso. Agora a questão de definição de categorias, que eu coloco, também, como problema importante: há necessidade de estipular num futuro Contrato Colectivo de Trabalho o tempo que um empregado permanece numa categoria. E isto porque um caixeiro não pode ficar toda a vida terceiro, segundo ou primeiro caixeiro. Tem que haver uma limitação de tempo dentro da mesma categoria, a fim de esse empregado poder ser promovido por força de lei, embora, evidentemente, possa acontecer que muitos patrões até lhes dêem grandes aumentos. Em relação á definição de categorias, há uma coisa que é sentida pelos caixeiros: quando um empregado muda de casa, perde as regalias do tempo de férias. Por exemplo, eu sou um profissional, trabalho no comércio, se estou 7 ou 8 anos numa firma e se mudar para outra, volto ao princípio e passo a ter 6 dias de férias, isto pelo Contrato Colectivo que está em vigor. Nós devíamos manter essas regalias e o Sindicato devia lutar por elas, seja qual for a direcção, seja a que está ou a que possa para lá ir. Há um outro aspecto que eu ainda não tinha focado, mas de que já tínhamos falado em várias reuniões, e que é o direito á reforma. Um empregado tem direito á reforma completa (75 anos) quando tem uma idade em que, pràticamente, já não vive. Eu entendo que para qualquer empregado de balcão a reforma devia vir por inteiro, com o vencimento por inteiro, aos 55 anos. Temos, também, as pensões de sobrevivência, mas aí eu peço um esclarecimento á senhora e ao senhor do Sindicato aqui presentes: Quem é que vai pagar essas pensões de sobrevivência? Qual é a entidade de onde vem esse dinheiro? Nós estamos de acordo em que esse problema seja estudado; simplesmente, parece-me que as questões principais são aquelas que eu citei. Temos aqui também no nosso projecto o pagamento obrigatório do 13.º mês assim como o subsídio de férias. Nós não temos férias. O patrão não nos dá férias porque o trabalho faz-se na mesma com os outros empregados que trabalham por nós. Logo, essas férias não nos são pagas. O patrão deve pagar um subsídio de férias.

ANTÓNIO MARQUES BRAZ — Acerca das declarações do sr. Pinela, há alguns pontos que vão levantar problemas, pelo menos a mim. «Limitação do tempo em cada categoria», diz o sr. Pinela. Devia ser limitado esse tempo porque há indivíduos que quase nascem e morrem segundos caixeiros. Não concordo muito, porque há indivíduos que vão para uma empresa e não se esforçam para sairem de moços. Na empresa que eu dirijo assim acontece. Indivíduos há, que tanto sabiam em 1940 como sabem hoje. Ora esses homens por via da regra já seriam pelo menos primeiros caixeiros, mas não querem passar de moços. Segundo caso: conservar as regalias mudando de empresa. Senhor Pinela, em teoria é bom. Mas, se viesse cá um empregado que estivesse noutra casa já com 20 anos de serviço, eu ia admiti-lo com as mesmas regalias? Não. Não admitia. Nós também temos que nos defender. Embora, em abono da verdade, eu diga: fui 25 anos empregado comercial, defendo a classe, gosto muito de ver os meus empregados contentes.

Pensão de sobrevivência: Acho muito bem que se lhes dêem garantias como antiga direcção do sindicato o tinha feito.

Agora a definição dos caixeiros: os caixeiros estão definidos. Se um caixeiro não é promovido porque o quadro de densidade da entidade patronal está cheio, tem as diuturnidades. Se houver um quadro de acesso, tem sempre de ser promovido. Pode entrar para lá como marçano e pode atingir uma posição como hoje atingi na casa onde estou: entrei como marçaninho com 16 anos, hoje sou o chefe de compras. Tive sempre a promoção porque o quadro de densidade dos C. C. T. o permite. Tempo de férias: pediu-se, realmente, o tempo de férias há pouco referido. Diz o sr. Pinela que ninguém conhecia os contratos. Ninguém sabia porque não quiseram. Aquela senhora que ali está foi cinco vezes a uma casa convidar os empregados para vir fazer o seu Contrato Colectivo de Trabalho. Todos se negaram. Qual é a direcção do sindicato que pode fazer uma coisa assim? Trabalhar com esses empregados, com colegas assim? Foi essa senhora convidar, por 3 vezes, empregados da firma Eduardo Martins para virem fazer o contrato, e eles não quiseram, não aceitaram. Quem é que não se interessava. Era o sindicato que não os interessava ou eram eles que não se interessavam? Como tudo o que se passa dentro de um sindicato é segredo, para não prejudicar os colegas foram 5 empregados do Grandella, o sr. não me pergunte quem porque eu não lhe digo, nem eu, nem nenhum funcionário do sindicato. Aquilo é segredo profissional. Se um empregado do sindicato, quando um sócio faz queixa, participa á entidade patronal, é imediatamente despedido. Assim se processa dentro de um sindicato. Reforma: a reforma não é com o sindicato. É tudo com a Caixa de Previdência dos Profissionais de Comércio e Abono de Família. Não temos nada a ver com isso. Pensão de sobrevivência: quem paga a pensão de sobrevivência? Dois por cento a entidade patronal, sobre o ordenado do empregado, e 1 por cento o próprio empregado. Esse dinheiro vai para a Caixa de Pensão e Sobrevivência, a qual pagará os benefícios.

Décimo terceiro mês: foi pedido em todos os Contratos Colectivos de Trabalho. Subsídio de Férias: foi pedido pelo sindicato. Como vê, afinal a direcção do sindicato fez tudo. Queria pedir um esclarecimento. Eu não sei se esta senhora e se o sr. Pinela têm filhos! Tem três filhos? Então eu não sei o que deva dizer, sr. Pinela. Uma pessoa que tem filhos, eu sou pai também, uma pessoa que tem filhos e sobrepõe aos seus filhos, a semana das 44 horas, custa muito. Eu sobreponho a todos os meus prazeres uma filha que tenho. A minha maior satisfação era o sr. Henrique Santos Leitão, como presidente do Grémio dos Tecidos, dizer-me amanhã, no projecto ou na contraproposta, que me dava a pensão de sobrevivência. Prezo muito o meu domingo, prezo muito o meu domingo de bola, mas acima disso tudo tenho a minha filha. Eu hoje, se morrer, não sei o que será da minha filha e da minha mulher. É uma preocupação que tenho, mas se me derem a pensão de sobrevivência, ela, pelo menos, terá dinheiro para comprar um pão por dia ou para alugar um quarto para viver. É isso, sr. Pinela, que eu gostaria que visse. A comissão, á frente, devia olhar pelos filhos e só depois pelos prazeres dos homens (fim de semana, férias).

HENRIQUE SANTOS LEITÃO — A título pessoal, devo informar que nunca deixei de dar aos meus empregados um mês de gratificação, porque, quando fui empregado, recordo-me perfeitamente do desgosto que tinha, como chefe da casa, o desgosto que todos tinham quando chegavam ao fim do ano e não havia gratificação. Jurei a mim próprio que nunca deixaria de o fazer. Quanto á pensão de sobrevivência, ouvi esclarecimentos que me agradaram, os quais vou comunicar aos meus colegas de direcção.

JOSÉ JOÃO LOURO — Em relação aos problemas específicos da mulher e, principalmente, quanto á questão da equivalência do valor do trabalho entre as mulheres e os homens, as senhoras querem tomar alguma posição? Há aqui uma questão não esclarecida. De facto em princípio deve haver equivalência de salários, mas a realidade mostra que o processo de ascensão feminina na escala de salários não é equivalente á do homem. Isto é, se formos estudar a posição masculina e feminina nas categorias superiores encontraremos decerto mais homens que mulheres. Onde estarão as causas?

LEOPOLDINA CORADO — Claro que a situação é diferente. Julgo que a primeira condição para a equivalência é a normalização do número máximo de anos de serviço numa categoria, tanto para o homem como para a mulher. Para nós, mulheres, além do subsídio de férias (trabalho há muitos anos e nunca tive, realmente, férias), temos necessidade que se levem em conta as condições especiais em que vivemos. Temos necessidade absoluta de jardins infantis para que a mulher que trabalha tenha onde deixar os seus filhos. Com a contribuição do patronato, desde que a empresa o justifique, deviam ser criados jardins-escolas. Outro ponto é o despedimento. A partir de certa idade a mulher caixeira é despedida sem justa causa com muita frequência. Como as indemnizações são baixas e o patronato quer empregadas jovens, isso acontece com muita frequência. Este assunto devia ser estudado atentamente pelo sindicato.

CONCLUÍMOS neste número a mesa-redonda com caixeiros e comerciantes de Lisboa. Os factores estranhos á nossa vontade que determinaram a sua publicação, no período pós-eleitoral, alteraram o valor do debate. José Malaquias Pinela passou de representante da Comissão Distrital de Caixeiros a presidente da direcção do Sindicato, e Leopoldina Corado a suplente da direcção. José João Soares da Silva deixou de ser dirigente sindical (aquando do debate era tesoureiro da direcção).

A limitação do número de anos de serviço em cada categoria e a equivalência real de salários femininos e masculinos foram os temas mais debatidos.

Presentes, como comerciantes, Henrique dos Santos Leitão, presidente da direcção do Grémio de Tecidos e António Marques Brás. Como caixeiros, Maria de Lourdes Perez, membro da direcção cessante, e Luís Vera Ferreira, presidente da nova mesa da assembleia geral. Interveio como moderador José João Louro.

Integração económica: a resposta

Como era de esperar, o chefe de fila dos reformistas económicos da Assembleia Nacional, dr. Pinto Leite, respondeu ao embaixador Franco Nogueira, como já havia respondido, anteriormente, ao prof. Teixeira Pinto. Em termos políticos, porém, a polémica opõe a facção conservadora á facção reformista, os títeres de uma complexa noção de globalidade do território português aos adeptos dé uma abertura geral à Europa como condição de sobrevivência do todo. A este memo problema, de resto, nos referimos no número anterior de «Mesa-Redonda».

Este foi, a par da discussão generalizada do aviso prévio sobre Universidades tradicionais e sociedade moderna, efectivado pelo deputado Miller Guerra, o tema dominante de uma semana de trabalhos particularmente vigorosa na Câmara Legislativa. Em qualquer dos problemas, assistimos à discussão de posições opostas e fundamentais na presente encruzilhada. Assistimos como que a uma exclamação permanente de «o rei vai nu»: e questões intocáveis e quase inabordáveis, fora de círculos técnicos e fechados, tempos atrás, são agora discutidos e debatidos de frente, a tal ponto que apetece aparafrasear Pinto Leite: «Mudam os tempos, mudam as vontades».

TRATADO QUE VEM DE LONGE...

Detenhamo-nos, por agora, na querela económica. Franco Nogueira tinha-se insurgido contra os sonhos de uma integração europeia e ibérica, considerando a primeira como um imenso mito e a segunda como improcedente dada a disparidade de possibilidades. O Governo, na terça-feira, respondeu lembrando o Tratado Peninsular, que já vem de longe e que nunca foi denunciado pelo ex-ministro dos Negócios Estrangeiros, como tal. No fundo, a cooperação económica ibérica é apresentada como irreversível. Por sua vez, também o deputado Pinto Leite lembrou em profusão tomadas de posição anteriores, tanto de Franco Nogueira como de Teixeira Pinto, tomadas de posição essas que não parecem estar muito de acordo com atitudes recentes dos mesmos.

O deputado Pinto Leite afirmou: «tal como o sr. Presidente do Conselho, não sou daqueles que pensam que a Metrópole não pudesse subsistir sem o Ultramar», e declarou aderir aos quatro pontos expressos publicamente pelo Chefe do Governo: consolidação das sociedades multirraciais, autonomia progressiva do Governo das províncias, participação crescente das populações nas estruturas políticas e administrativas, fomento dos territórios com ampla abertura à iniciativa, à técnica e ao capital de todos os países sob a única condição «de se proporem valorizar a terra e a gente, e não explorá-las». Ainda em relação à posição do Ultramar na abertura à Europa, Pinto Leite referenciou detalhadamente, citando o prof. Teixeira Pinto, a dependência política, administrativa e económica daquele em relação à Metrópole, para justificar que esta age como centro polarizador por excelência e deve, portanto, manter-se actualizada e integrada nos grandes movimentos económicos que se avizinham, sob pena de inanição. Não prevê progressos separados, mas conjuntos. Como centro vital que é, uma Metrópole europeia atrasada pode comprometer o progresso de todo o território. De resto, lembrou, a entrada de Portugal metropolitano para a Associação Europeia de Comércio livre (E. F. T. A.) foi uma consequência do reconhecimento dessa inevitabilidade. Historiou o processo, a opinião da Câmara Corporativa e da Assembleia Nacional de há dez anos atrás. «E caso curioso, ninguém considerou tal atitude por parte do Governo, como indicativa de menosprezo, nem de esquecimento da unidade política da nação portuguesa» — comentou o deputado Pinto Leite.

«A INTEGRAÇÃO EUROPEIA NÃO É UM MITO»

Agarrando-se à História, Pinto Leite negou as ideias de que não somos um país europeu. Disse que foi, precisamente, quando fomos um país autênticamente europeu, nos séculos XV e XVI, que afirmámos todo o génio de nação autêntica e pluricontinental. «A decadência inicia-se justamente quando Portugal se começa a isolar da Europa, quando as relações com a Flandres enfraquecem, quando o intercâmbio universitário com a Franca desaparece, quando com petulância pensamos que nos podemos abastecer a nós próprios com capitais. Quando deixamos substituir as nossas relações com o os outros povos, o espírito aberto e universal, por um espírito marialvista, que despreza tudo quanto ignora». Negou também que falte ao povo português «suficiente individualidade e tipicidade para sobreviver a um conflito de que saiamos derrotados» e garantiu que «a integracão económica europeia não é um mito», mas sim uma realidade em véspera de plena afirmação.

Fundamentalmente, a resposta do deputado Pinto Leite reafirma ,que «como somos uma grande nação, mas não somos uma grande potência», o desenvolvimento parcelar da Metrópole e global do espaço português não pode ser feito sem a íntima colaboração com as nações altamente industrializadas do bloco ocidental, e que, portanto, «não podemos deixar de cada vez nos abrirmos mais, sem complexos provincianos, a uma cooperação internacional que nos permita participar activamente na nova civilização dos computadores, da biologia molecular, da pesquisa e aproveitamento das riquezas do fundo dos mares, da energia nuclear, da aeronáutica, conquistando para todas as nossas populações condições de vida mais desafogadas e mais justas, uma cultura mais vasta e generalizada, um aperfeiçoamento moral de acordo com os programas da civilização técnica».

Falando da Universidade, o deputado Pinto Machado afirmou: «Passou a hora de pensar-se na Reforma da Unidade. Chegou a hora da reforma. Chegou a nossa hora». Por sua vez, Pinto Leite disse: «Os tempos do nacionalismo económico são passados». Chegou também a hora dos tecnocratas, dos anti-«isolocratas»? Parece que sim. Os ventos são favoráveis — os da história e os nossos. Contudo, os receios de ordem política são grandes e, talvez, poderosos. Apesar de toda a discussão se integrar dentro de um mesmo esquema político-administrativo, há oposições reais. A «caça ás bruxas» é campanha prevista, «como desejada» pelos novos econo-políticos da «elite» liberal que está com Marcello Caetano. Pela sua parte, Pinto Leite aconselha o respectivos pregadores da «caça ás bruxas» a que «vão armar as suas ratoeiras para outras bandas».

A nova face da United Fruit

Falou-se da Guatemala e logo veio à baila a United Fruit, responsável da queda do Governo progressista do coronel Arbenz, em 1954. Mas a United Fruit dessa época não é a mesma de hoje, convém esclarecer.

O *trust* saiu do episódio de 1954 de tal forma odiado na América Latina que o Governo norte-americano (atingido indirectamente pelo desprestígio da United Fruit) a pressionou, agitando para o efeito as leis *anti-trust*, no sentido da Companhia se tornar mais *discreta* na América Latina. E em 1958, convergindo as pressões do Governo americano com os prejuízos causados pelos furacões nas culturas (20 milhões de dólares) e pela doença das bananas, resultante de uma utilização desregrada dos adubos químicos, a United Fruit aceitou vender os interesses que possuia nos caminhos-de-ferro guatemaltecos e renunciar ás actividades anexas. (V. Claude Julllian, *L'Empire Americain*). Do mesmo passo deixa de ditar directamente directrizes políticas aos Governos da América Central, ficando disso encarregado apenas o Governo dos Estados Unidos. E um *management* mais dinâmico contribui outrotanto para modificar a face da Companhia: 1960 — compra à Costa Rica uma fábrica de óleo de palma, 1966 — adquire nos Estados Unidos a firma J. Hungerford Smith & Co. e uma das suas filiais de armazéns, 1967 — compra uma fábrica de creme gelado, com o que arranja uma nova saída para o creme de banana, nos últimos anos adquire hoteis e moteis quer na América do Norte quer na Europa.

Assim, diversificando as suas actividades económicas e a sua área geográfica, a Companhia deixou de aparecer como «o monstro dominador da vida económica e política da América Central». O seu poder tornou-se menos visível, e no entanto unido: as suas acções davam em 1960 (ano em que começou a metamorfose) 0,25 dólares, em 1967 dão 3,06 dólares.

Neste mesmo ano de 1967 35 % das bananas consumidas na Europa são da United Fruit, o que representa uma séria concorrência à produção dos países africanos ligados ao Mercado Comum.

Golda Meir

Nasser

DEPOIS DO «CASO GOLDMANN»

Outra imagem de Nasser?

«Nunca, desde a guerra dos seis dias, o Governo de «união nacional» em Israel foi contestado, como hoje, a propósito do «caso Goldmann». O veto oposto pela equipa da sr.ª Meir a uma eventual viagem ao Cairo do presidente do Congresso Judaico Mundial suscitou sentimentos que vão da incompreensão á indignação. E, se confiarmos numa sondagem organizada pelo diário israelita «Haaretz», conhecido pela sua seriedade, 63% da população seria hostil á decisão governamental.

Mesmo que esta proporção se revelasse exagerada, o fenómeno não deixa de ser significativo. O Ministério representa, segundo a aritmética parlamentar, cerca de 90% do eleitorado. Graças á guerra, e ao sentimento de insegurança que, contràriamente á expectativa geral, a vitória militar não permitiu vencer, o país entrara num estado de conformismo que não deixava de espantar muitos observadores. É significativo que a principal censura que Abba Eban dirigiu ao dr. Goldmann seja precisamente um «não-conformismo» que o desqualificaria para se avistar com o presidente Nasser, mesmo a título privado.

Se julgarmos pelas reacções de uma boa parte da Imprensa, de três formações políticas e de importantes fracções de outros partidos, incluindo os da coligação, os argumentos invocados tanto por Eban como por Golda Meir não foram julgados convincentes. Porque terão dramatizado o projecto de viagem do dr. Goldmann submetendo-o ao exame do Conselho de Ministros, antes de aceitar que a notícia fosse divulgada? Ora, o homem de Estado judeu não tinha pedido para ser investido de uma missão oficial. Como a deslocação de cidadãos israelitas a países inimigos é considerada delito passível de prisão, o dr. Goldmann ter-se-ia contentado com um salvo-conduto do primeiro-ministro. Quer as suas conversações com o presidente Nasser, «a título privado», fossem, ou não, coroadas de êxito, o presidente do Congresso judaico mundial teria sido o primeiro cidadão israelita a visitar livremente uma capital árabe, a primeira, também, a ser recebida por um chefe de Estado árabe. Um tal acontecimento, sem dúvida, teria aberto uma brecha no muro da suspeita, de chauvinismo e de ódio que uma guerra de vinte anos erigiu entre Israel e os países árabes.

A despeito, contudo, do fracasso do projecto, é um facto que, apesar dos requisitórios e das campanhas de denegrimento lançadas contra o dr. Goldmann, uma parte apreciável da opinião pública israelita já não manifesta a desconfiança sistemática a respeito do presidente Nasser, que era, e continua a ser, a regra de ouro dos dirigentes israelitas. É certo que o Rais modificou sensìvelmente o seu comportamento desde a guerra dos seis dias. É certo, igualmente, que as suas recentes declarações — nomeadamente as que prestou ao «Le Monde» de 19 de Fevereiro último, alguns dias antes de evocar com o marechal Tito a eventualidade de um encontro com o presidente Goldmann — denotavam certa vontade de conseguir uma solução pacífica, mesmo se esta continuasse, nos seus termos, inaceitável para o Governo de Golda Meir.

Contudo, para os israelitas, um gesto concreto — tal um convite dirigido ao presidente do Congresso Judaico Mundial — tem muito mais valor que entrevistas concedidas a jornalistas estrangeiros. Pela primeira vez, possìvelmente, muitos cidadãos do Estado judaico entreviram a esperança de que o debate não poria já em causa o seu direito à existência e passaria para um contencioso político e territorial a ser liquidado por etapas sucessivas.

O facto é que a opinião israelita começa a cansar-se de uma guerra interminável e interroga-se sobre uma política que, desde há vinte anos, não deu quaisquer frutos. Em todo o caso, o Governo de Jerusalém não pode já hoje fazer prevalecer as suas reacções para se recusar a explorar as vias que levam à paz e que, ensina a experiência, são, pelo menos no princípio, estreitas e sinuosas.

(Exclusivo «Le Monde»-«Diário de Lisboa»)

DL MESA REDONDA

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» — 17 DE ABRIL DE 1970 — N.º 41